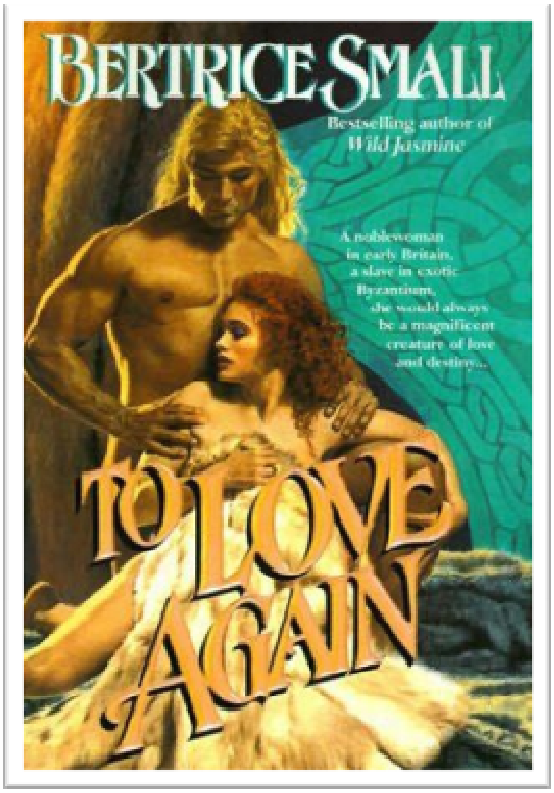


Bertrice Small

Nas mãos do Destino

Na Inglaterra do século V não há mais lei que a força… Cailin sabe por experiência própria. Sendo quase uma menina, escapa milagrosamente de uma sangrenta matança em que morre toda sua família. Órfã e sem todos os bens familiares, conhece o Wulf, um saxão atraente e enérgico que a ajuda a refazer sua vida. Mas Cailin parece condenada à fatalidade: quando está dando a luz a seu primeiro filho, alguém administra um poderoso sonífero e a vende para um traficante de escravos. Entretanto, o destino ainda não deu a última palavra.

Disp em Esp: *MR*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Lory Lei*
Revisão Final: *Denise Souza*
Formatação: *Greicy*
TWKliek

Comentário da Revisora Lory Lei: Eu particularmente, adorei a história. Foge completamente do convencional.

É um pouco hot, mas sem ser vulgar.

Se você espera um livro tipo "florzinha" (virgem que se casa aos 18, 28, 38 ou 48) esquece!

Eu adorei a mocinha, ela é literalmente a mocinha e o mocinho de si mesma. Na minha humilde opinião, a história não teve mocinho. Até o fim do livro eu não sabia quem era o mocinho... rs. A mocinha se virou como pode para sobreviver, as várias tragédias de sua vida (af! e foram tantas). Ela passou por várias fases, foi, mocinha linda, rica, mimada, esposa virgem, escrava, atriz pornô da antiguidade, amante de homem casado, etc etc.

Ela não teve um mocinho valente cavalheiro montado em seu cavalo branco, pardo, preto, roxo ou amarelo, para lhe salvar.

Não gostei do Wolf (não sei dizer se ele foi o mocinho), achei ele um fraco, apagado, não sei se por culpa da escritora ou dele mesmo. Leiam e tirem suas próprias conclusões.

Torci e me apaixonei pelo Aspar.

Resumo: Adorei!

Comentário da Revisora Denise Souza: Concordo com a Lory, a mocinha foi seu próprio mocinho. Ela fez o tinha que fazer para sobreviver, e não ficou esperando seu “príncipe” vir salvá-la. Também adorei o Aspar.

PRÓLOGO

Bretanha, 404-406.

O guerreiro celta, da tribo dos catuvellaunios[1], jazia de bruços no barro sobre a terra fumegante. Seu corpo nu e maltratado estava pintado de uma viva cor azul. Ao redor jazia outros milhares de homens como ele, mortos ou agonizantes, enquanto os legionários romanos avançavam metodicamente pelo campo de batalha dando o golpe de misericórdia a quão desafortunados ainda se aferravam à vida. Ouvia as chamadas das aves carniceiras e um estremecimento percorreu seu corpo.

Perto dali um grupo de oficiais romanos observava. Voltando ligeiramente a cabeça, olhou-os com os olhos entrecerrados e, para seu assombro, reconheceu ao próprio imperador. Com grande sigilo, o guerreiro aproximou uma mão de seu dardo. Devagar, fechou os dedos em torno de sua haste e sentiu a reconfortante familiaridade da suave madeira cinza. Quase não respirava,

[1] *Os Catuvellaunis substituíram os Trinovantes como o reino mais poderoso a sudeste da Britânia, tomando a antiga capital Trinovantiana de Camulodunum (Colchester), e iniciaram uma política de pressões para os seus vizinhos os Atrébates, dirigidos pelos descendentes do antigo aliado e posterior inimigo de Júlio César.*

mas não importava: naquelas circunstâncias respirar doía muito.

Com um esforço sobre-humano ficou em pé e, uivando como um demônio, lançou sua arma diretamente ao imperador romano, esgotando com isso até o último pingo de força que restava. Para sua decepção, um jovem e alto tribuno que se achava no grupo reagiu mais velozmente do que teria acreditado possível e se colocou frente ao imperador, recebendo seu dardo no joelho.

O guerreiro catuvellaunio não teve tempo de admirar o valor do jovem. Já estava morto; um segundo tribuno que tinha dado um salto à frente em defesa do imperador o tinha decapitado. Sua cabeça, com seu longo cabelo ensanguentado e emaranhado, rodou pelo chão até os pés do imperador.

Claudius baixou o olhar e suspirou profundamente. Viu que a cabeça pertencia a um dos guardas pessoais do chefe catuvellaunio. Fixou-se no menino quando os catuvellaunios foram falar de paz apesar de estarem reunindo a traição suas forças em uma tentativa de expulsar os romanos da Britania. O jovem tinha uma marca de nascimento pequena, mas muito clara na maçã do rosto esquerdo. Claudius, fisicamente deteriorado, era rápido em observar aos que tinham alguma marca de qualquer classe. Meneou a cabeça com ar triste. Não gostava da guerra. Tantas vidas como a desse jovem desperdiçadas. Os homens jovens lutavam na guerra, mas eram os anciões como ele mesmo que a planejavam.

Afastou da cabeça tais pensamentos e prestou atenção agora ao tribuno que o havia salvado de uma morte segura.

—Como esta? — perguntou o imperador ao cirurgião ajoelhado junto ao jovem, que tentava estancar o sangue que emanava em abundância.

—Viverá — foi à lacônica resposta — mas não poderá voltar a ser soldado, César. O dardo, pela graça dos deuses, não cortou a artéria. Mas estilhaçou a rótula e prejudicou os tendões. O menino andará com uma notável claudicação o resto de seus dias.

Claudius fez um gesto de assentimento e perguntou ao jovem ferido:

—Como se chama tribuno?

—Flavius Druso, César.

—Somos parentes, então? — perguntou o imperador, já que seu nome era Claudius Druso Nerón.

—Distantes, César.

—Quem é seu pai?

—Tito Druso, César, e meu irmão também é Tito.

—Sim — disse o imperador, pensativo. — Seu pai está no senado. É um homem justo, que eu recorde.

—Sim ele é, César.

—É o tribuno laticlávio[2] da Décima Quarta — observou o imperador, notando-se pelo

[2] *O Tribuno laticlávio (em latim Tribunus laticlavius) era um subchefe da legião romana, eleito entre os membros jovens do senado, durante o Alto Império Romano. Tinha como superior o legado da Legião (Legatus Legionis).*

uniforme do jovem. —Temo que agora tenha que retornar pra casa, Flavius Druso.

—Sim, César — respondeu o jovem com submissão, mas Claudius captou algo mais que simples decepção em sua voz.

—Não quer ir pra casa? — perguntou — Não há nenhuma mulher esperando ansiosa sua volta? Quanto tempo faz que esta na Décima Quarta, Flavius Druso?

—Quase três anos, César. Esperava fazer carreira no exército. Sou o menor dos quatro filhos do Tito Druso. Meu irmão mais velho, naturalmente, seguirá os passos de nosso papai; e Gayo e Lucius são magistrados. Com outro magistrado na família Druso, acusariam-nos de monopólio. - terminou Flavius Druso com um leve sorriso.

Logo fez uma careta de dor e ficou lívido quando extraíram o dardo de sua perna.

Claudius quase gemeu por simpatia com a dor do jovem. Embora o segundo no comando de sua legião, ser tribuno laticlávio era realmente um posto de honra. Havia seis tribunos em cada legião, e cinco deles estavam acostumados a ser veteranos na batalha. O laticlávio sempre era um jovem de uma família nobre, enviado para passar dois ou três anos na tropa para se formar, ou para se afastar de problemas ou de más companhias. Normalmente, ao final deste período, o tribuno laticlávio retornava a casa com um cargo de magistrado e uma esposa rica. O imperador se voltou para o chefe legionário:

—É um bom soldado, Aulus Augusto?

Este assentiu.

—O melhor, César. Chegou a nós como quase todos, verde e ignorante, mas a diferença dos outros aos que tive que adestrar em minha carreira, Flavius Druso mostrou muito interesse por aprender. Tinha que seguir até que um de meus outros tribunos se retirasse dentro de um ano. Depois, minha intenção era promovê-lo. —Dirigiu o olhar ao jovem, pálido por causa da ferida. —É uma pena, César. É um bom oficial, mas não posso ter um tribuno coxo, verdade? —na realidade não foi uma pergunta.

Claudius sentiu vontade de perguntar a Aulus Augusto o que tinha a ver a forma de andar de um homem com sua capacidade para tomar sabias decisões militares, mas se conteve. Toda sua vida tinha sido um bobo por causa de sua claudicação e gagueira. Tinham-no considerado inapto para tudo, inclusive em sua própria família. Mas quando seu temível sobrinho Calígula tinha sido assassinado e deposto, a tropa tinha pedido que governasse Roma. Claudius era mais consciente que a maioria do que esperava a Flavius Druso. O preconceito sempre era difícil de superar.

—Será recompensado por me haver salvado a vida. — disse com firmeza.

—Só cumpri com meu dever, César! — protestou o jovem tribuno.

—E ao fazê-lo arruinou sua carreira militar. — replicou o imperador. —O que será de ti quando retornar a casa? Não terá nada, já que é o filho caçula. Ao salvar minha vida, em certo sentido perdeu a tua, Flavius Druso. Não seria digno da nobre tradição dos César permitir tal coisa. Ofereço-te uma de duas possibilidades. Pensa-o bem antes de escolher. Retornar a Roma com honra, onde te concederei uma esposa nobre e uma pensão vitalícia. Ou ficar na Britania. Darei-te terras em propriedade e fixarei uma quantidade de dinheiro para que possa construir um lar.

Flavius Druso pensou por um longo momento. Se retornasse a Roma, esposa nobre ou não,

veria-se obrigado a viver na casa de seu papai, que um dia seria a casa de seu irmão mais velho. Sua pensão provavelmente não seria suficiente para comprar uma casa. A esposa nobre seria alguma filha menor com pouco capital próprio. Como dotaria suas filhas ou daria um futuro aos filhos? Entretanto, se permanecia na Britania, teria suas próprias terras. Não estaria sujeito a ninguém. Fundaria um novo ramo de sua família, e trabalhando com esforço se converteria em um homem rico por direito próprio.

—Ficarei na Britania, César. — disse, consciente de tomar a decisão correta.

—E assim, — disse Tito Druso de Corinio a seus filhos no verão do ano 406 — é como chegou nossa família a esta terra faz trezentos e sessenta e dois anos. O primeiro Flavius Druso ainda vivia quando a rainha Bodicea se rebelou contra Roma. Embora a cidade de Corinio, atualmente Cirencester, onde se tinha estabelecido, não sofreu as consequências da revolta, compreendeu que possivelmente nossa família estaria melhor se realizava alianças com as tribos celtas locais em lugar de sair em busca de esposas romanas. Assim que seus filhos se casaram com mulheres da tribo dobunia, e os filhos e filhas que chegaram depois se casaram com celtas e bretões romanos até o dia de hoje.

—E agora Roma abandona Britania. — disse Julia, a esposa do Tito.

—Boa viagem! — exclamou seu marido — Roma está acabada. Mas os romanos não têm a sensatez de dar-se conta disso. Em outro tempo Roma foi um grande e nobre império que governou o mundo. Hoje em dia é corrupta e venal. Inclusive os Césares não são o que foram. Os Julianos se extinguiram faz tempo, e em seu lugar vieram uma sucessão de soldados-imperadores, cada um deles apoiado por uma série de legiões diferentes. Vocês, meninos, sabem que em sua curta vida o império se dividiu, separando-se da Britania e Galia, e logo voltou a se unir. Agora existe um império ainda mais oriental, em um lugar chamado Bizâncio. Será melhor que os bretões se desfaçam dos romanos de uma vez e tracemos nossos próprios destinos. Se não o fizermos, os saxões que vêm do norte da Galia e da Renania a nossa costa do sudeste entrarão no país e nos dominarão.

Os jovens sorriram. Seu papai sempre estava predizendo feitos tristes.

—OH, Tito — disse sua esposa — os saxões não são mais que camponeses. Nós somos muito civilizados para nos deixar vencer por eles.

—Muito civilizados, sim. — coincidiu ele —Possivelmente por isso temo pela Britania. — Agarrou a seu filho menor Gayo, que tinha estado jogando em silêncio no chão. —Quando um povo se volta tão civilizado que não teme aos bárbaros que tem às portas é quando o perigo resulta maior. Temo que o pequeno Gayo e seus filhos seja os que viverão as consequências de nossa insensatez.

CAPÍTULO 1

Cailin
Britania, 452-454

—OH, Gayo, como pudeste! —exclamou irritada Kyna Benigna a seu marido. Era uma mulher alta e formosa, de pura ascendência celta. Levava seu escuro cabelo ruivo penteado em uma série de complicadas tranças em torno da cabeça. —Não posso acreditar que tenha enviado alguém a Roma para procurar marido para a Cailin. Ficará furiosa contigo quando descobrir.

A larga e suave túnica de lã amarela da Kyna Benigna oscilava com elegância enquanto a mulher passeava pela estadia.

—Já é hora de que se case — se defendeu Gayo Druso Corinio — e aqui não parece haver ninguém que lhe convenha.

—Cailin fará quatorze anos mês que vem, Gayo. — recordou sua esposa. —Não estamos na época dos Julianos, quando as meninas se casavam assim que começava os ciclos lunares. E quanto a não encontrar a nenhum jovem que lhe convenha, não me surpreende. Adora sua filha e ela adora você. Manteve-a tão protegida que realmente não teve ocasião de conhecer jovens que possam lhe convir. E embora o fizesse, nenhum seria do agrado de seu querido papai. Cailin tem que relacionar-se como uma garota normal, e já verá como encontra ao homem de seus sonhos.

—Isso agora é impossível e sabe. — repôs Gayo Druso Corinio. —Vivemos em um mundo perigoso Kyna. Quando foi a última vez que atrevemos a pela estrada de Corinio? Há bandidos por toda parte. Só permanecendo em nossas terras estamos relativamente a salvo. Além disso, a cidade não é o que era. Acredito que se alguém quer comprá-la, venderei nossa casa. Não vivemos ali desde nosso primeiro ano de casados, e esteve fechada desde que meus pais morreram faz três anos.

—Possivelmente tenha razão, Gayo. Sim, acredito que deveríamos vender a casa. Quem quer que se case com Cailin algum dia, ela quererá seguir vivendo aqui, no campo. Nunca gostou da cidade. Agora me diga quem é este jovem que virá de Roma. Ficará na Britania ou quererá retornar a sua pátria? Pensou nisso, meu esposo?

—É um filho caçula de nossa família de Roma, querida.

Kyna Benigna voltou a menear a cabeça.

—Sua família não esteve em Roma nos dois últimos séculos, Gayo. Aceito que os dois ramos da família nunca perderam contato, mas suas relações sempre foram por questões de negócios, não do tipo pessoal. Não sabemos nada dessa gente a quem quer entregar nossa filha, Gayo. Como pode sequer pensar em uma coisa assim? Cailin não gostará, asseguro isso. Não a convencerá.

—O ramo romano de nossa família sempre nos tratou honrosamente, Kyna. — disse Gayo. —É gente de bom caráter. Decidi dar a esse filho caçula uma oportunidade porque, igual ao filho mais novo que era meu antepassado, tem mais a ganhar ficando na Britania que retornando a Roma. Cailin receberá como dote a casa da colina e suas terras para que possa seguir perto de nós. Resultará bem. Fiz o que devia Kyna, me acredite. — concluiu.

—Como se chama esse jovem? —perguntou ela, não muito segura de que seu marido tivesse razão.

—Quinto Druso — respondeu ele. —É o filho mais novo de meu primo Manius Druso, chefe

da família Druso em Roma. Manius teve quatro filhos e duas filhas com sua primeira esposa. Este menino é um dos dois filhos e a filha que teve com sua segunda esposa. Conforme escreveu Manius, sua mãe o adora, mas está disposta a deixá-lo partir porque aqui na Britania será um homem respeitado com terras de sua propriedade.

—E se Cailin não gostar dele? —perguntou Kyna Benigna. —Não pensou nisso, verdade? Não se ofenderão seus primos de Roma se devolver seu filho depois de havê-lo enviado aqui com tantas esperanças?

—Claro que Cailin gostará dele. —insistiu Gayo, possivelmente com mais segurança da que sentia.

—Não permitirei que a obrigue a casar-se com alguém que não a agrade. — declarou Kyna Benigna com convicção.

Gayo Druso de Corinio recordou de repente por que se apaixonou pela filha de um chefe dobunio em lugar de escolher a outra garota de uma família bretã romana. Kyna era tão forte como formosa, e sua filha era como ela.

—Se verdadeiramente não pode ser feliz com ele, Kyna, não obrigarei Cailin a se casar. -prometeu. —Sabe que a adoro. Se Quinto a desagradar, darei ao moço algumas terras e buscarei uma esposa adequada. Seguirá estando melhor do que estaria em Roma com sua família. Satisfeita agora? —Sorriu a sua esposa.

—Sim — murmurou ela com voz suave.

Que sorriso mais encantador tinha, pensou ele, recordando a primeira vez que a tinha visto. Ela tinha quatorze anos, a idade de Cailin. Ele tinha ido com seu papai à aldeia do pai dela para fazer permute com os finos broches que sua gente confeccionava. Ela se apaixonou imediatamente. Logo se inteirou de que era um viúvo sem filhos e ao parecer sem pressa por voltar a casar-se. Seu papai, entretanto, ansiava que seu filho voltasse a tomar mulher.

Gayo Druso de Corinio era o último de uma longa família de bretões romanos. Seu irmão mais velho Flavius tinha morrido na Galia com as legiões quando tinha dezoito anos. Sua irmã Drusilla havia falecido de parto aos dezesseis anos. Sua primeira esposa tinha morrido depois de meia dúzia de abortos espontâneos.

Kyna, a filha de Berikos, sabia que tinha encontrado ao único homem com quem poderia ser feliz. Descaradamente, dispôs-se a conquistá-lo. Para sua surpresa, custou pouco. Gayo Druso de Corinio era tão apaixonado como ela mesma. Sua primeira esposa o tinha aborrecido, assim como todas as mulheres e garotas solteiras a quem tinha tentado atrair depois da trágica morte da Albinia. Uma vez que Kyna conseguiu que se fixasse nela, ele apenas não podia deixar de olhá-la.

Era uma jovem alta e magra como um galho, mas seus jovens seios firmes e turgentes prometiam delícias que nem sequer se atrevia a imaginar. Provocava-o em silêncio com seus olhos azul safira e fazendo movimentos bruscos com sua longa cabeleira ruiva, paquerando maliciosamente com ele até que Gayo Druso de Corinio não pôde suportá-lo mais. Desejava-a como jamais tinha desejado nada em sua vida, e isso disse ao papai da Kyna.

Kyna era formosa, forte, sã e inteligente. O sangue de ambos mesclados não faria mais que fortalecer sua família. Tito Druso de Corinio se sentiu aliviado e encantado.

Berikos, chefe dos dobunios da colina, não.

—Jamais mesclamos nosso sangue com o dos romanos como têm feito outras tribos. - disse com ar triste. —Te venderei o que quiser Tito Druso Corinio, mas não minha filha a seu filho como esposa. —Seus olhos azuis eram frios como pedra.

—Sou tão bretão como você. — replicou Tito indignado. —Minha família leva três séculos vivendo nesta terra. Nosso sangue se mesclou com a dos catuvellaunios e os icenios, igual a sua família mesclou seu sangue com o destas e outras tribos.

—Mas jamais com os romanos. — foi a teimosa resposta.

—As legiões partiram faz muito tempo, Berikos. Agora vivemos como um só povo. Deixa que meu filho Gayo tenha a sua filha Kyna por esposa. Ela o quer tanto como ele a ela.

—É certo isso? —espetou Berikos a sua filha, com o comprido bigode tremendo. Ela era a menina de seus olhos. Sua traição a sua gloriosa herança resultava dolorosa.

—Assim é. —respondeu ela desafiante. —Gayo Druso de Corinio será meu marido ou não será ninguém.

—Muito bem —grunhiu Berikos— mas tem que saber que se toma a esse homem por companheiro, fará-o sem minha bênção. Jamais voltarei a por meus olhos sobre você. Será como se tivesse morrido. — declarou com aspereza, esperando que suas palavras intimidassem a jovem e a fizesse mudar de ideia.

—Que assim seja papai. — repôs Kyna com igual firmeza.

Aquele dia abandonou sua aldeia dobunia e jamais olhou pra trás. Embora sentisse falta da liberdade de sua aldeia na colina, seus parentes eram bons e amáveis com ela. Julia, sua sogra, insistiu sensatamente em que as bodas se atrasassem seis meses para que Kyna aprendesse maneiras mais civilizados. Logo, um ano depois do matrimônio, ela e Gayo deixaram a casa do Corinio e se mudaram a uma vila familiar a uns vinte e quatro quilômetros da cidade. Ainda não tinha ficado grávida, e acreditaram que a paz do campo ajudaria ao jovem casal em suas tentativas. Quando Kyna tinha dezessete anos nasceram seus gêmeos, Tito e Flavius. Cailin chegou dois anos mais tarde. Depois não houve mais filhos, mas Kyna e Gayo não se importavam. Os três com que os deuses os benzeram eram sãos, fortes, formosos e inteligentes, iguais a sua mamãe.

Berikos, entretanto, jamais tinha perdoado Kyna por seu matrimônio. Mandou uma mensagem quando nasceram seus filhos e outra mensagem quando nasceu Cailin, mas, tal como tinha prometido, o chefe dobunio se comportou como se sua filha não existisse. A mamãe da Kyna, pelo contrário, veio depois do nascimento de Cailin e anunciou que ficaria com sua filha e genro. Chamava-se Brenna e era a terceira esposa de Berikos. Kyna era sua única filha.

—Ele não me necessita. Tem às outras. —se justificou Brenna.

De modo que ficou com eles, apreciando possivelmente ainda mais que sua filha as maneiras civilizados dos bretões romanizados.

A vila onde agora vivia Brenna com sua filha, genro e netos era pequena, mas confortável. Sua entrada porticada com quatro colunas de mármore brancas era impressionante e contrastava com o bonito átrio informal ao que conduzia. Estava decorado com rosas de Damasco que tinham uma temporada de floração mais prolongada que a maioria, devido a sua colocação abrigada. No

centro havia um pequeno lago no que cresciam nenúfares e viviam pequenos peixes de cores durante todo o ano. A vila dispunha de cinco dormitórios, uma biblioteca para Gayo Druso, uma cozinha e uma sala de jantar redonda com belas paredes de gesso decoradas com pinturas das aventuras dos deuses entre os mortais.

O melhor da casa, para a Brenna, eram os banhos com ladrilhos e o sistema de aquecimento que esquentava a vila nos dias úmidos e frios. Depois da entrada a casa não possuía nada grandioso, estava construída principalmente com madeira e o telhado era de telhas vermelhas, mas era uma casa cálida e acolhedora e todos viviam felizes.

Eram uma família unida, e Kyna só lamentava que seus parentes políticos insistissem em permanecer em Corinio. Gostava do barulho da cidade, e Tito ocupava seu lugar no conselho. Para eles a vida na vila era aborrecida. À medida que transcorreram os anos, e as viagens por rodovia se foram fazendo mais perigosos, suas visitas se fizeram menos frequentes.

Embora nem Kyna nem seu marido recordassem os dias em que as legiões povoavam sua pátria, mantendo as quatro províncias da Britania e seus caminhos inviolados, os mais velhos sim recordavam. Julia lamentava a partida das legiões, pois sem elas a autoridade civil fora das cidades era difícil de manter. Uma petição à Roma vários anos depois da retirada tinha recebido uma lacônica resposta por parte do imperador: os bretões teriam que defender-se sozinhos. Roma tinha seus próprios problemas.

E de repente, três anos atrás, Gayo e Kyna receberam a mensagem de que Julia se achava doente. Gayo reuniu a um grupo de homens armados e se apressou a viajar para Corinio. Sua mãe morreu no dia seguinte após sua chegada. Para sua surpresa e profundo pesar, seu pai, incapaz de fazer frente à perda da esposa que o tinha acompanhado durante quase toda sua vida adulta, adoeceu e faleceu menos de uma semana depois. Gayo assistiu a seu enterro. Depois retornou para casa e a família se uniu ainda mais.

Agora Kyna Benigna deixou a seu marido com suas coisas e se apressou a reunir-se com sua mãe. Brenna se encontrava no jardim transplantando mudas jovens ao quente chão primaveril.

—Gayo enviou uma mensagem a sua família em Roma para procurar um marido para Cailin. — disse Kyna sem preâmbulos.

Brenna ficou lentamente de pé, limpando o pó de sua túnica azul. Era uma versão mais anciã de sua filha, mas suas tranças prematuramente brancas contrastavam com seus brilhantes olhos azuis.

—O que, em nome dos deuses, deu nele para cometer semelhante tolice? —disse. —Cailin não aceitará nenhum marido que ela não tenha escolhido. Surpreende-me que Gayo possa ser tão tolo. Conversou com você antes, Kyna?

Kyna riu com tristeza.

—Gayo quase nunca me consulta quando tem intenção de fazer algo que sabe que eu não aprovarei, mamãe.

Brenna sacudiu a cabeça.

—Assim são os homens. — exclamou —Depois, as mulheres têm que reparar o dano que eles têm feito e limpar a desordem. Os homens, eu temo, são piores que meninos. Os meninos

não sabem fazer melhor. Os homens sim, e mesmo assim atuam a sua maneira. Para quando se espera a este "noivo"?

Kyna levou uma mão à boca.

—A notícia me inquietou tanto que esqueci perguntar. Suponho que será logo, do contrário não haveria dito nada. Dentro de poucas semanas é o aniversário de Cailin. Possivelmente Quinto Druso chegue para então. Acredito que Gayo esteve ocupando-se desta perfídia no verão passado. Conhece o nome do jovem e inclusive sua história. —Seus olhos azuis cintilaram de contrariedade. —Em realidade, estou começando a suspeitar que esta intriga foi tramada já faz algum tempo.

—Temos que dizer a Cailin — disse Brenna. —Deve conhecer as maquinações de seu papai. Sei que Gayo não a obrigará a casar-se com esse Quinto se não quiser. Não é sua maneira de atuar, Kyna. Não é mais que um homem.

—Certamente, — admitiu Kyna — prometeu que se Cailin rechaçar Quinto Druso, encontrará outra esposa e lhe dará algumas terras. Mesmo assim, mamãe, pergunto-me se esses romanos aceitarão com agrado que seu filho se case com outra garota quando prometeu que o fará com nossa filha. Não conhecemos muitas garotas jovens cujas famílias possam igualar ou nem sequer aproximar-se do dote de Cailin. Os tempos são muito duros, mamãe. Só a prudência de meu marido permitiu a Cailin as vantagens de ser uma rica herdeira.

Brenna agarrou as mãos de sua filha e deu uns tapinhas de consolo.

—Não busquemos dificuldades, nem as vejamos onde ainda não existem. — disse com prudência. —Possivelmente esse Quinto Druso será o marido perfeito para o Cailin.

—Marido? O que é isso de um marido, vovó?

As duas mulheres estremeceram de culpa e, voltando-se, se viram cara a cara com o principal objeto de sua discussão, uma jovenzinha alta e magra, de grandes olhos cor violeta e uma rebelde cabeleira encaracolada castanho-avermelhada.

—Mamãe? Vovó? Quem é Quinto Druso? — perguntou Cailin. —Não quero que escolham meu marido; e tampouco estou preparada para me casar.

—Nesse caso será melhor que diga isso a seu papai, minha filha. — repôs Kyna sem rodeios. Embora a preocupava abordar este problema com Cailin, não era mulher que andasse com rodeios. Era melhor falar claro, ainda mais em uma situação delicada como aquela. —Seu pai enviou a procurar um possível marido para ti em Roma. Acredita que é hora de que se case. O jovem se chama Quinto Druso, e suponho que chegará a qualquer momento.

—Pois não vou casar-me com esse Quinto Druso. — disse Cailin com firmeza —Como pôde fazer papai uma coisa assim? Por que devo me casar antes que Flavius e Tito, ou é que também mandou buscar esposas para meus irmãos? Se for assim, descobrirá que eles não têm mais vontade de casar do que eu.

Brenna riu.

—É mais celta que romana, minha menina. — disse sorrindo. —Não se preocupe por Quinto Druso. Seu papai diz que se você não gostar não se casará com ele; mas possivelmente resulte ser o homem de seus sonhos, Cailin. Tudo é possível.

—Não concebo por que papai acredita que necessito de um marido. —grunhiu Cailin—É

muito ridículo inclusive pensar. Prefiro ficar em casa com minha família. Se me casar, terei que me ocupar de uma casa e ter filhos. Não estou preparada para tudo isso. Dá-me pouca liberdade para fazer as coisas que realmente encontro interessante porque sou muito jovem, e de repente sou bastante velha para me casar. É absurdo! A pobre Antonia Porcio se casou faz dois anos, quando só tinha quatorze. E olhem agora! Tem dois filhos, está gorda e sempre parece cansada. Isso crê papai que me fará feliz? E o marido da Antonia... bom. Ouvi dizer que levou a uma escrava egípcia muito bonita à cama. Isso não me acontecerá, garanto. Quando chegar o momento, escolherei o meu marido e ele não se separará de meu lado... ou o matarei!

—Cailin! —repreendeu-a Kyna. —Onde ouviu essa intriga luxuriosa a respeito da Antonia Porcio? Surpreende-me que a repita.

—OH, mamãe, todo mundo sabe. Antonia se queixa de seu marido a cada momento. Sente-se explorada, e possivelmente esta certa, embora acredite que é por sua culpa. A última vez que a vi, nas Saturnálias[3], foi incapaz de deixar de falar de todas suas aflições. Reteve-me em um rincão durante quase uma hora, falando sem parar. Tudo é culpa de seu pai. Escolheu seu marido. Como se gabava então! Adorava alardear diante das outras garotas quando nos encontrávamos nos festivais. Sexto Escipión era tão bonito, alardeava. Mais bonito que nenhum marido que jamais pudesse ter. E também era rico. Mais rico que nenhum marido que jamais pudesse ter. Pelos deuses, quanto drama! E ainda o faz, temo, mas agora canta outra canção. Bom, em meu caso não será assim! Eu escolherei meu marido, e será um homem com caráter e honra.

Brenna assentiu.

—Então escolherá sabiamente quando chegar o momento, minha menina.

—Como eu escolhi. — interveio Kyna com voz suave, e as outras mulheres assentiram sorrindo.

Quando de noite se reuniram para jantar, Cailin brincou com seu pai.

—Me disseram que mandou buscar em Roma um presente de aniversário muito especial para mim, papai.

Seus grandes olhos exibiam uma faísca de humor. Tinha tido toda à tarde para acalmar-se. Agora parecia divertido que seu pai acreditasse que estava preparada para se casar. Só fazia uns meses que tinham começado seus ciclos lunares.

Gayo Druso corou nervoso e olhou para sua filha.

—Não está zangada?

O gênio forte de Cailin às vezes o intimidava. Seu sangue celta era mais veemente que o de seus irmãos.

—Não estou preparada para o matrimônio. — declarou Cailin, olhando seu pai nos olhos.

—Matrimônio? Cailin? —perguntou seu irmão Flavius, e se pôs a rir.

—Que os deuses tenham piedade do pobre homem. — acrescentou seu gêmeo, Tito. — Quem será oferecido em sacrifício ante o altar?

---

[3] *As saturnálias eram uma antiga festividade da religião romana dedicada ao templo de Saturno e à mítica Idade de Ouro. Era celebrada todos os 17 de Dezembro.*

—É de Roma — informou Cailin. —Um tal Quinto Druso. Acredito que acompanha às donzelas escolhidas para ser suas esposas, queridos irmãos. Celebraremos um casamento triplo. Isso economizará uma fortuna a nossos pais, com os tempos difíceis que correm. Bom, como disse mamãe que se chamavam as noivas? Augusta e Octavia? Não, acredito que Horacia e Lavinia.

Os dois jovens de dezesseis anos empalideceram e não perceberam que se tratava de uma brincadeira até que toda a família irrompeu em risadas. Suas expressões de alívio foram cômicas.

—Vê, papai? —disse Cailin. —A ideia de que alguém escolha a suas esposas é horrenda para meus irmãos. Para mim é ainda mais. Não há forma de impedir que Quinto Druso venha? Sua viagem não servirá para nada. Não me casarei com ele.

—Quinto Druso chegará em dois dias. —anunciou Gayo com desconforto.

—Dois dias! —exclamou Kyna olhando indignada a seu marido. —Não me avisa de que esse jovem vai vir para casa até dois dias antes de sua chegada? OH, Gayo! Isso é intolerável. Todos os criados são necessários nos campos para as plantações da primavera. Não tenho tempo para me preparar para receber a um convidado que vem de Roma.

Olhou furiosa a seu marido.

—É da família. — replicou Gayo fracamente. —Além disso, nossa casa sempre está impecável, Kyna. Bem sabe.

—Terá que limpar e arejar a câmara de convidados. Faz meses que não se utiliza. Os ratos sempre se instalam ali quando está fechada. A cama necessita um colchão novo. O velho está cheio de caroços. Sabe quanto tempo leva para fazer um colchão novo, Gayo? Não, claro que não sabe!

—Que durma sobre o colchão velho, mamãe. — opinou Cailin —Partirá antes se estiver incômodo.

—Não partirá. — replicou Gayo Druso, recuperando a compostura e a dignidade como cabeça de família —Prometi a seu pai que Quinto terá um futuro na Britania. Em Roma não há nada para ele. Meu primo Manius me rogou que encontrasse um lugar para ele. E dei minha palavra, Kyna.

—Este estúpido plano de que se case com Cailin não foi o primeiro que pensou? — perguntou. Começava a ver o assunto sob uma luz diferente.

—Não. Manius Druso me escreveu faz dois anos. — explicou Gayo —Quinto é o menor de seus filhos. Se tivesse sido garota teria sido mais fácil, pois podiam havê-la casado com um dote modesto; mas não é. E em Roma não há lugar para Quinto. Os filhos do primeiro matrimônio do Manius estão casados e têm descendência. Manius repartiu suas terras entre eles à medida que se foram casando. E suas filhas tiveram um bom dote e fizeram um bom matrimônio. Logo, depois de vários anos de viuvez, Manius se apaixonou. Sua nova esposa, Livia, deu-lhe primeiro uma filha, e Manius era o bastante rico para separar seu dote. Logo Livia lhe deu um filho. Meu primo decidiu que o menino herdaria sua casa de Roma. Sua esposa acessou a não ter mais filhos, mas...

Kyna se pôs a rir.

—O primo Manius fornicou pela última vez, e de sua imprudência nasceu Quinto. — terminou por seu marido. Ele assentiu.

—Sim. Meu primo esperava reunir outra pequena fortuna para este último filho, mas já sabe, Kyna, quão mal esteve a economia em Roma estes últimos anos. O governo gasta constantemente mais do que tem. Tem que pagar às legiões. Os impostos subiram três vezes e a moeda quase não vale nada. Meu primo logo que podia manter a sua família. Não havia nada para dar ao jovem Quinto. Por isso recorreu a mim para que o ajudasse. Ofereceu Quinto como marido para nossa filha. Nesse momento me pareceu uma boa ideia.

—Pois não é —espetou sua esposa com secura, —e deveria havê-lo falado comigo antes.

—Não me casarei com esse Quinto Druso. — voltou a dizer Cailin.

—Já nos disse isso várias vezes, minha filha — disse Kyna com doçura. —Estou segura de que seu pai aceita sua decisão neste assunto, igual a mim. Entretanto, o problema segue sendo o que fazer. Quinto Druso percorreu centenas de léguas de Roma para vir aqui e começar uma vida nova e melhor. Não podemos enviá-lo de volta. Trata-se da honra de seu pai; de fato, da honra de toda a família. — franziu a testa uns instantes e logo seu rosto se iluminou —Gayo, acredito que tenho a resposta. Quantos anos tem Quinto Druso?

—Vinte e um.

—Pois diremos que decidimos que Cailin é muito jovem para casar-se. Daremos a entender que se trata de um mal-entendido. Que o único que ofereceu foi ajudar Quinto a iniciar uma vida na Britania. Se Cailin chegar a apaixonar-se por ele, então sim haverá bodas. Não fez um autêntico contrato de bodas com o Manius Druso, verdade, Gayo? —Olhou ansiosa a seu marido.

—Não, não o fiz.

—Então não haverá problema. — disse Kyna com alívio. —Daremos de presente ao jovem Quinto essa pequena vila junto ao rio com suas terras, a que comprou faz vários anos da propriedade de Sétimo Agrícola. É fértil e tem um bom pomar. Proporcionaremos escravos, e se trabalhar duro pode torná-la muito próspera.

Gayo Druso sorriu pela primeira vez aquele dia.

—É a solução perfeita. — coincidiu. —Não sei como arrumaria isso sem ti, querida.

—Sou da mesma opinião. — replicou Kyna. O resto da família pôs-se a rir. Logo Cailin disse:

—Mas não faça um colchão novo, mamãe. Recorde que queremos que Quinto Druso parta desta casa quanto antes.

Houve mais risadas. Esta vez Gayo Druso também riu, aliviado porque uma situação chata tinha sido resolvida por sua bela e esperta esposa. Não tinha cometido nenhum engano anos atrás, quando se tinha casado com a Kyna, a filha de Berikos.

Dois dias depois, exatamente como estava previsto, Quinto Druso chegou à vila de seu primo montado em um elegante cavalo pardo avermelhado que seu pai o presenteou ao partir de Roma. Os penetrantes olhos negros de Quinto Druso contemplaram o rico chão da terra de lavoura de seu primo, as árvores bem podadas das hortas, o bom estado dos edifícios, a boa saúde dos escravos que trabalhavam ao ar livre sob o sol primaveril. O que viu fez com que sentisse alívio, pois os planos que seu pai tinha feito para ele não o tinham agradado.

—Não tem mais remédio que ir a Britania — havia dito seu pai com irritação quando ele

tinha protestado por sua decisão. Sua mãe, Livia, chorava em silêncio. —Aqui em Roma não há nada para você, Quinto. Tudo o que tenho já o distribuí entre seus irmãos. Sabe que é assim. Lamento que seja meu filho mais jovem e que não possa te oferecer terras nem dinheiro. Gayo Druso Corinio é um homem rico e possui muitas terras na Britania. Embora tenha dois filhos, dará um bom dote a sua única filha. Ela terá terras, uma vila, ouro. Tudo pode ser teu, filho, mas deve pagar um preço por isso, e o preço é que te exile de Roma. Deve permanecer na Britania e trabalhar as terras que receberá. Se o fizer, será feliz e viverá comodamente o resto de seus dias. Britania é muito fértil, conforme me disseram. Será uma vida agradável, Quinto, prometo.

Ele tinha obedecido a seu pai, embora não concordasse com sua decisão. Britania se achava no fim do mundo e seu clima era horrível. Todos sabiam. Mas não podia ficar em Roma, ao menos de momento. Armilla Cicerón se estava voltando muito exigente. A noite anterior havia dito que estava grávida e que teriam que casar-se. O pai dela era muito poderoso: Quinto Druso sabia que podia fazer muito difícil a vida de qualquer homem de quem acreditasse que tinha feito infeliz a sua filha. Era melhor abandonar Roma.

Armilla abortaria, como tinha feito em numerosas ocasiões. Ele não era o primeiro homem a quem tinha jogado suas redes e tampouco seria o último. Em realidade era uma vergonha, pensou Quinto, pois o senador Cicerón era um homem rico, que seus dois genros vivessem infelizes dominados por ele. Essa não era a classe de vida que Quinto Druso aspirava. Ele seria dono de seu próprio destino.

Tampouco, pensou enquanto se aproximava da vila de seu primo, tinha intenção de levar uma vida dedicada à agricultura na Britania. Mesmo assim, por agora não podia fazer outra coisa. Com o tempo faria algo e partiria, retornaria a Roma, com os bolsos cheios de moedas de ouro que lhe permitiriam viver com comodidade até o fim de seus dias.

Viu um grupo de gente sair da vila para recebê-lo e forçou um sorriso em seu belo rosto. O homem, alto, com o cabelo castanho escuro e olhos claros, não se parecia com nenhum outro Druso que ele conhecesse, mas evidentemente se tratava de seu primo Gayo. A mulher, alta, com um peito turgente e abundante e o cabelo vermelho escuro, devia ser a esposa de seu primo. A mulher mais velha com o cabelo branco era a mamãe desta, sem dúvida. Seu pai havia dito que a sogra celta do Gayo vivia com eles. Os dois moços quase adultos eram o vivo retrato de seu pai. Tinham dezesseis anos. E ali estava a garota.

Quinto Druso se achava o bastante perto para distingui-la com claridade. Era alta como o resto de sua família, mais alta, pensou irritado, que ele. Não gostava das mulheres altas. Tinha cabelo castanho avermelhado, uma massa larga e encrespada de rebeldes cachos que sugeriam uma natureza sem domesticar. Tinha a pele pálida e feições perfeitas: nariz reto, olhos grandes, boca como um casulo de rosa. Em realidade era uma das mulheres mais formosas que jamais tinha visto, mas o desagradou imediatamente.

—Bem-vindo a Britania, Quinto Druso — saudou Gayo quando o jovem deteve seu cavalo ante eles e desmontou.

—Obrigado, primo. — respondeu Quinto Druso.

Logo, educadamente, saudou outros à medida que eram apresentados. Para seu assombro,

percebeu que desagradava a ela tanto como ela a ele. Mas não era necessário que a mulher gostasse ao homem para que este se casasse com ela e tivessem filhos. Cailin Druso era uma moça rica que representava seu futuro. Não tinha intenção de deixá-la escapar.

Durante os seguintes dias esperou que seu primo, Gayo, expusesse o tema do contrato matrimonial e fixasse uma data para as bodas. Cailin o evitava como se fora portador da peste. Por fim, ao cabo de dez dias, Gayo falou com ele uma manhã.

—Prometi a seu pai que, devido aos vínculos de sangue que unem a nossas duas famílias — começou — te daria oportunidade de empreender uma nova vida aqui na Britania. Portanto, te cedi uma bonita vila e uma granja com uma horta fértil junto ao rio. Tudo se tem feito conforme à lei e registrado como é devido com o magistrado do Corinio. Terá os escravos que necessite para trabalhar suas terras. Irá bem, Quinto.

—Mas se eu não sei nada de lavoura! —replicou Quinto Druso.

Gayo sorriu.

—Sei, moço. Como quer que um moço como você, educado em Roma, saiba algo da terra? Mas o ensinaremos e o ajudaremos a aprender.

Quinto Druso se disse que não devia perder os estribos. Talvez poderia vender essa granja e sua vila e escapar a Roma. Mas as seguintes palavras do Gayo desvaneceram todas suas esperanças nessa direção.

—Comprei a granja junto ao rio da propriedade do velho Sétimo Agrícola faz vários anos. Esta vazia desde então. Tive sorte de consegui-la barato dos herdeiros que vivem em Glevum. Os valores da propriedade estão caindo cada vez mais para os que querem vender, mas é um valor excelente para os que desejam comprar.

Então não havia escapatória, pensou Quinto Druso com tristeza, mas uma vez fixado seu matrimônio com o Cailin ao menos receberia algum dinheiro.

—Quando propõe —perguntou— celebrar as bodas entre sua filha e eu?

—Bodas? Entre você e Cailin? —Gayo Druso pôs cara de assombro.

—Meu pai disse que sua filha e eu nos casaríamos, primo. Acreditava que tinha vindo a Britania para me casar, para unir de novo os dois ramos da família.

O belo semblante de Quinto Druso exibia sua ira logo que reprimida.

—Sinto muito, Quinto. Seu pai deve ter me entendido mau, moço — disse Gayo —Eu só ofereci uma oportunidade aqui, na Britania, pois em Roma não tinha nenhuma. Era meu dever por causa de nossos vínculos de sangue. Agora bem, se você e Cailin algum dia se apaixonam, sem dúvida não poria objeção a que se casasse com minha filha, mas não houve nenhum contrato de matrimônio entre nós. Lamento a confusão. —Sorriu com afeto e deu uns tapinhas no braço do jovem. —Cailin ainda está crescendo. Eu de você, moço, procuraria uma mulher forte e sã entre as filhas de nossos vizinhos. Dentro de uns dias celebraremos a festa da entrada na idade viril de nossos filhos gêmeos, durante as Liberalias. Assistirão muitos vizinhos e suas famílias. Será uma boa ocasião para que observe às donzelas locais. É um bom partido, Quinto. Recorda que agora é um homem com propriedades.

"Não haverá bodas." Essas palavras ardiam em sua cabeça. Quinto Druso não tinha estado à corrente da correspondência entre seu pai e seu primo Gayo, mas estava seguro de que seu pai acreditava que ia haver bodas entre ele e Cailin Druso. Tinha-o entendido mal seu pai? Não era um homem jovem, certamente, pois tinha uns vinte anos mais que Gayo Druso.

Ou acaso seu pai sabia do primeiro momento que não haveria bodas? Tinha-o enganado Manius Druso para que abandonasse Roma porque Gayo estava disposto a lhe oferecer terras? Manius Druso tinha enrolado a seu filho menor com umas boas bodas porque sabia que de outro modo não partiria? Era a única explicação que Quinto Druso podia encontrar. Seu primo Gayo parecia um homem honrado em todos os aspectos. Não como aquela velha raposa romana, seu pai.

Quinto Druso esteve a ponto de gemer de frustração e passou uma mão pelo cabelo. Achava-se isolado no fim do mundo, na Britania, e tinha que fazer-se granjeiro. Sentiu um calafrio ao ver ante si uma larga e aborrecida vida cheia de cabras e galinhas. Não voltaria a contemplar gloriosos duelos de gladiadores no Coliseu, nem corridas de carros na via Apia. Acabaram-se os verões em Capri, com suas cálidas água azuis e um sol interminável, ou as visitas a alguns dos melhores bordéis do mundo, com suas magníficas mulheres que satisfaziam todos os gostos.

Talvez se tentasse que aquela pequena puta da Cailin se apaixonasse por ele... Não. Para isso se necessitaria um milagre, e ele não acreditava em milagres. Os milagres eram para os fanáticos religiosos como os cristãos. Cailin Druso tinha manifestado seu desagrado do momento em que tinha posto os olhos nele. Quando se encontravam em presença dos mais velhos se comportava de um modo meramente civilizado, e quando se achavam sozinhos o ignorava. Ele sem dúvida não queria uma esposa sem papas na língua e desenfreada como aquela garota. As mulheres de sangue celta ao parecer eram assim. A esposa e a sogra de seu primo também eram francas e independentes.

Quinto Druso fez um esforço por engolir sua decepção. Achava-se sozinho em terra estranha, a centenas de léguas de Roma. A boa vontade e a influência do Gayo Druso e sua família eram necessárias. Não tinha nada, nem sequer meios para retornar a casa. Bem, se não podia conseguir a Cailin e o bom dote que seu pai atribuiria algum dia, haveria outras moças com bons dotes. Agora necessitava da amizade de Cailin e sua mãe Kyna se queria encontrar uma esposa rica.

Os jovens primos de Quinto, Flavius e Tito, celebrariam seu décimo sexto aniversário em 20 de março. As Liberalias[4] se celebravam no dia 17. A cerimônia de entrada na idade viril sempre se festejava nas festas mais próximas ao aniversário do moço, embora decidir que aniversário ficava à discrição dos pais.

Aquele dia especial, o moço deixava a toga de bordo vermelho de sua infância e recebia em seu lugar a toga branca da idade adulta. Na Britania se tratava de um assunto meramente simbólico, pois os homens não estavam acostumados a levar toga. O clima era muito rigoroso para isso, como Quinto tinha descoberto. Em seguida tinha adotado a cálida e ligeira túnica de lã e os

[4] *Festival em honra a Liber Pater, um antigo deus da fertilidade e do vinho. Era comemorada em 17 de março.*

ornamentos dos bretão-romanos.

Mesmo assim, conservavam-se os velhos costumes da família romana, embora só fora porque eram desculpas magníficas para reunir-se com os vizinhos. Nestas reuniões se formavam os casais, assim como acordos para cruzar peças de gado. Ofereciam aos amigos a oportunidade de voltar a ver-se, pois viajar de maneira regular quando não era necessário já não era possível. Todos os grupos que partiam para a vila do Gayo Druso Corinio faziam oferecimentos e oravam aos deuses para chegar a salvo e retornar sem contratempos.

A manhã das Liberalias, Quinto Druso disse a Kyna em presença de Cailin:

—Hoje terá que me apresentar a todas as mulheres solteiras, senhora. Agora que meu primo Gayo me converteu, tão generosamente, em um homem com propriedades, procurarei uma esposa que compartilhe minha boa fortuna comigo. Confio em sua sabedoria neste assunto, tal como confiaria em minha doce mãe Livia.

—Estou segura —lhe disse Kyna— de que a um homem jovem tão bonito como você não custará encontrar esposa. —voltou-se para sua filha. —O que opina você, Cailin? Quem gostaria mais a nosso primo? Há muitas garotas bonitas entre nossos conhecidos dispostas a casar-se.

Cailin olhou a seu primo.

—Suponho que quererá uma esposa com um bom dote, não, Quinto? Ou se conformará com uma que seja virtuosa? —disse com malícia. —Não, não acredito que se conforme só com a virtude.

Ele riu forçadamente.

—É muito esperta, priminha. Com uma língua tão afiada, será difícil que encontre marido. Os homens preferem a doçura no falar.

—Haverá doçura em abundância para o homem adequado. — replicou Cailin sorrindo com falsa ternura.

Aquela mesma manhã, mais cedo, Tito e Flavius tiraram as bolas douradas que tinham levado no pescoço desde seu nascimento. As bolas, amuletos para proteger do mal, foram colocados no altar dos deuses da família depois da oferenda de um sacrifício. As bolas nunca mais tinham que ser usadas a menos que seus proprietários se encontrassem em perigo da inveja de seus companheiros ou dos deuses.

Logo os gêmeos colocaram túnicas brancas, que, segundo o costume, seu pai ajustou com cuidado. Como descendiam da classe nobre, as túnicas vestidas pelo Tito e Flavius Druso tinham duas largas franjas vermelhas. Por fim, sobre a túnica foi colocada a toga virilis branca como a neve, o objeto que levavam os homens adultos.

De ter vivido em Roma, uma comitiva composta pela família, amigos, libertos e escravos teria desfilado festivamente até o Foro, onde os nomes dos dois filhos do Gayo Druso se teriam acrescentado à lista de cidadãos. Segundo um costume que se remontava aos tempos do imperador Aureliano, todos os nascimentos se registravam em um prazo de trinta dias em Roma, ou ante as autoridades provinciais oficiais; mas só quando um moço se tornava formalmente homem seu nome era inscrito como cidadão. Era um momento de orgulho. Os nomes do Tito e Flavius Druso Corinio entrariam na lista conservada na cidade do Corinio, e com essa ocasião se

efetuaria uma oferenda ao deus Liber.

Quando seus vizinhos e amigos começaram a chegar para a celebração familiar, Cailin levou à parte seus irmãos.

—Primo Quinto gostaria que apresentássemos as possíveis esposas. —disse com um brilho nos olhos —Acredito que deveríamos ajudá-lo. Assim irá logo. Desagrada-me sua presença.

—Por que te desagrada tanto? —perguntou-lhe Flavius. —Não te fez nada. Uma vez papai disse que como não haveria bodas, sentiria-se mais á vontade. Entretanto aproveita qualquer oportunidade para provocá-lo. Não entendo.

—Me parece um bom tipo —coincidiu Tito com seu gêmeo. —Suas maneiras são impecáveis, e monta bem a cavalo. Acredito que papai tinha razão quando disse a Quinto que era muito jovem para se casar.

—Não seria muito jovem para me casar se aparecesse o homem correto. —respondeu Cailin. —Quanto a Quinto Druso, intuo que há algo nele, mas não sei o que é. Simplesmente acredito que representa um perigo para todos nós. Quanto antes se vá à vila do rio e se instale com uma esposa, melhor. Bom, que garotas iriam bem? Pensem! Vocês conhecem todas as donzelas casadouras respeitáveis e não tão respeitáveis em vários quilômetros ao redor.

Riram ao uníssono, pondo os olhos em branco, pois se havia algo que gostavam os irmãos de Cailin eram as mulheres; tanto, que Gayo Druso dizia a seus filhos homens para encontrarem esposas e casarem antes que provocassem um escândalo deixando grávida à filha de alguém ou, pior, sendo flagrados seduzindo à esposa de outro homem.

—Está Bárbara Julio —disse Flavius pensativo. —É bonita e tem bons peitos. Isso é bom para os bebês.

—E Elisia Octavio, ou Nona Claudio. —sugeriu Tito.

Cailin assentiu.

—Sim, todas essas seriam adequadas. De nenhuma delas eu gosto tanto para pedir que se afastem de nosso primo Quinto.

As famílias das propriedades vizinhas começavam a chegar. Os gêmeos apresentaram suas sugestões a sua mãe, e Kyna efetuou as devidas apresentações. Quinto Druso era arrumado, além de possuir terras, o que o fazia algo mais que casadouro.

—Necessitará três braços —disse Cailin secamente a sua avó—pois Barbara, Nona e Elisia certamente acabarão brigando como gatos para caçá-lo. Eu terei que sorrir como uma boba como fazem elas para que um homem se fixe em mim? Que repugnante!

Brenna sufocou uma risadinha.

—Quão único fazem é paquerar com Quinto —disse—Uma delas deve ganhar ascendência sobre as outras se tiverem que conquistar o coração de seu primo. Os homens e as mulheres paqueraram sempre. Algum dia haverá um homem que te atraia tanto que queira paquerar com ele, minha Cailin. Acredite-me.

Talvez, pensou Cailin, mas ela seguia pensando que as três moças que revoavam ante Quinto eram criaturas estúpidas. Cailin passeou entre a multidão de vizinhos que enchiam os jardins da vila. Ninguém lhe emprestava muita atenção, pois não era seu dia a não ser o de seus irmãos.

Cailin percebia a primavera no ar. A terra voltava a estar cálida e a brisa leve, embora o dia não fosse tão ensolarado como eles teriam desejado. Então viu Antonia Porcio, e antes de poder voltar-se em outra direção Antonia a deteve com grande estardalhaço e não houve modo de evitá-la.

—Como está, Antonia? —perguntou Cailin fazendo um esforço para que saíssem as palavras, pois Antonia Porcio não sabia responder a pergunta mais simples sem entrar em exasperantes detalhes.

—Divorciei-me de Sexto. —anunciou Antonia melodramaticamente.

—O que? —perguntou Cailin assombrada.

Era a primeira notícia que tinha disso.

Antonia agarrou Cailin pelo braço e contou com tom confidencial:

—Bom, em realidade fugiu com essa pequena escrava egípcia. Papai ficou furioso. Disse que não devia seguir casada com Sexto Escipión nessas circunstâncias. E me concedeu o divórcio! —Soltou uma risadinha tola. —Às vezes, ter ao magistrado chefe de Corinio por pai não é má coisa. Fiquei com tudo, claro, porque Sexto me desonrou em público. Papai diz que nenhum magistrado honrado permitiria que uma boa esposa e seus filhos sofressem nessas circunstâncias. Se Sexto voltar alguma vez, descobrirá que ficou sem nada, mas me disseram que fugiram para Galia. Imagine! E disse que estava apaixonado por ela! Que imbecil!

Entrecerrou seus olhos azuis um momento.

—Inteirei-me que veio seu primo de Roma, e que seu pai o presenteou com a antiga propriedade de Agrícola. Disseram que é divinamente belo. Minha propriedade está junto a essas terras. Meu pai queria comprar para mim, mas seu pai fez a oferta antes aos herdeiros do Glevum. Como se chama? Seu primo, quero dizer. Me apresentará a ele, Cailin? Corre o rumor de que está procurando esposa. Uma mulher rica como sou agora não seria mau casal, não crê? —Voltou a soltar uma risadinha. —Não seria agradável que fôssemos primas, Cailin? Sempre gostei de você. Não diz coisas cruéis de mim pelas minhas costas. Acredito que é a única amiga que tenho, Cailin Druso!

Cailin estava atônita. Apenas eram amigas; com dezessete anos, Antonia era mais velha que ela e poucas vezes a tinha notado. Até esse dia.

"Vá, que interesseira. —pensou Cailin—O que realmente quer é conhecer Quinto. Suponho que vencer às outras seria uma dupla vitória para ela." Superaria às que falavam mal dela e demonstraria ao mundo que ainda era uma mulher desejável. E que Sexto Escipión era um patife e um tolo.

—Que amável é, querida Antonia! —Cailin ouviu-se dizendo enquanto pensava atropeladamente nas deliciosas possibilidades.

Antonia era um pouco roliça, mas também algo bonita. Se casando com ela, Quinto obteria uma mulher rica em terras e dinheiro. Era filha única e herdaria tudo o que seu pai possuía.

Também era tola e egoísta. Sexto Escipión deve ter sido absolutamente desventurado com ela para ter abandonado tudo o que sua família tinha construído durante os últimos séculos. Antonia Porcio sem dúvida merecia o primo de Cailin, e com toda segurança Quinto Druso merecia

à filha do magistrado chefe do Corinio.

—Claro que apresentarei meu primo Quinto, Antonia. Mas tem que me prometer que não desmaiará. —brincou Cailin—É belo como um deus, garanto! Oxalá me achasse atraente, mas não é assim. Seria verdadeiramente estupendo que você e eu fôssemos primas. —Empurrou-a levemente para frente. —Vamos agora mesmo! Minha mãe já começou a apresentá-lo a todas as garotas casadouras da província, não quererá ficar para trás, verdade? Mas acredito que, uma vez, que Quinto te veja, querida Antonia, suas vidas mudarão. OH, seria maravilhoso!

Quinto Druso se achava em seu elemento, rodeado de atraentes jovenzinhas que queriam engraçar-se com ele. Viu Cailin aproximar-se com uma loirinha roliça, mas esperou que falasse para saudá-la.

—Quinto primo, esta é minha melhor amiga Antonia Porcio. —Cailin deu um empurrãozinho a jovem para que se adiantasse. —Antonia, este é meu primo Quinto. Estou segura de que têm muito em comum. Antonia é a única filha do magistrado chefe de Corinio.

"Bem, bem.—pensou ele. —A priminha Cailin está sendo muito útil. Pergunto-me que travessura está preparando agora." Sim, tinha curiosidade. Tendo indicado claramente que a loira era filha de um homem poderoso e, além disso, sua herdeira. Não entendia por que Cailin queria fazer um favor a ele. Não era um segredo que a desagradava desde que o tinha visto. A candidata que lhe apresentava devia ter algum defeito. Olhou os olhos azuis de Antonia e decidiu que qualquer que fosse o defeito, desfrutaria buscando-o.

Levou a mão ao coração e disse:

—Vê-la, minha lady Antonia, permite-me comprovar por fim por que as mulheres da Britania são tão famosas por sua beleza. Prostro-me a seus pés.

A boca da Antonia formou um sorriso de prazer, enquanto as outras garotas que rodeavam Quinto Druso afogavam uma exclamação de surpresa. Então, o jovem e bonito romano agarrou a Antonia Porcio pelo braço e pediu que mostrasse os jardins. O casal se afastou do grupo com passo lento, aparentemente arrebatados pela companhia um do outro, enquanto os que ficavam os contemplavam com assombro.

—Em sua família há antecedentes de loucura, Cailin Druso? —perguntou Nona Claudio, com o tom de uma jovem dama desconcertada.

—O que te impulsionou a apresentar Antonia Porcio um homem casadouro? —perguntou Barbara Julio.

—E o que terá visto ele nela? —maravilhou-se Elisia Octavio. —Nós somos mais jovens e mais bonitas.

—Não era minha intenção incomodar —disse Cailin com ar inocente. —Simplesmente senti lástima pela pobre Antonia. Acabo de me inteirar que se divorciou. Sexto, seu marido, fugiu com uma escrava. Quão único pretendia era animá-la apresentando meu primo. Não pensei em nenhum momento que ele se sentiria atraído por ela. É mais velha que todas nós e, tem razão, Elisia, somos mais bonitas. —Cailin encolheu de ombros. —Os gostos dos homens em questão de mulheres são incompreensíveis. Possivelmente Quinto se aborrecerá logo dela e voltará com vocês.

—Se sua vila não fosse a que está situada mais longe de Corinio, Cailin, saberia antes do divórcio da Antonia. —disse Barbara irritada—Francamente nenhuma de nós reprova a Sexto Escipión. Antonia é muito egoísta. Tudo o que vê e deseja tem que ter. Sexto dizia que o estava levando a pobreza. Se negava alguma coisa, seu pai o repreendia. E não é uma boa mãe, e além disso trata com crueldade a seus escravos, diz meu pai. OH, é doce encantada quando consegue o que quer, mas de contrário cuidado! Queria a Sexto Escipión porque era o homem mais formoso e mais rico por aqui. Mas uma vez o teve na armadilha, mostrou como realmente é: uma puta malcriada. Deveria advertir seu primo.

—Ouvi —disse Nona Claudio baixando a voz— que embora Antonia ficou com a propriedade de seu marido, seus bens e móveis, Sexto Escipión e sua amante escaparam com muito ouro e moedas. Meu pai era seu banqueiro, já sabem. Diz que Sexto Escipión tinha estado enviando recursos ao estrangeiro há meses. Isso Antonia não conta a ninguém. O apagou da mente. A ideia de que seu marido fugiu para viver feliz e com comodidade é insuportável.

—Evidentemente, está lançando suas redes para pescar outro marido —interveio Barbara com tom de reprovação— e outra vez é o mais arrumado da província. Suponho que também é rico. Não sei por que Antonia tem tanta sorte!

—Não é rico — informou Cailin, esperando que abandonassem a causa da Antonia. —É o filho mais jovem do primo que meu pai tem em Roma. É uma família muito numerosa. Não ficou nada para o pobre Quinto. Papai sentiu lástima e pediu a seu primo Manius que o enviasse aqui. Deu-lhe de presente a vila do rio e todas suas terras. É obvio, terá escravos para que trabalhem as terras e cuidem da horta, mas Quinto possui pouco mais que seu belo rosto.

—As terras da Antonia estão junto à vila do rio. —observou Nona. —Quando seu atraente primo souber, estará ainda mais interessado nela. Antonia é uma mulher rica. Francamente, Quinto Druso seria um tolo se não se casasse com ela. Temo que não temos nenhuma esperança.

—Seriamente o crê? —perguntou Cailin. —OH, querida!

Brenna se reuniu com sua neta quando as outras moças se afastaram dela.

—Faz intrigas como um druida, Cailin Druso —murmurou.

—Quanto antes se case —disse Cailin, —mais tranquila estarei. Demos graças aos deuses de que não gostou quando me viu. Há algo nele, vovó... Não sei com exatidão do que se trata, mas percebo que Quinto Druso é um perigo para mim, para todos nós. Espero que se case com a Antonia Porcio por sua riqueza e suas relações. Não estarei tranquila até que parta de nossa casa. —Olhou o rosto bondoso da Brenna. —Não me considera uma tola por albergar sentimentos tão intensos?

—Não. —respondeu Brenna. —Sempre disse que é mais celta que seus irmãos. A voz interior te previne sobre Quinto Druso. Escuta-a, minha filha. Essa voz nunca te enganará. Quando não a escutamos é quando cometemos enganos de julgamento. Confia sempre em seus instintos, Cailin — aconselhou sua avó.

CAPÍTULO 2

—Com tantas moças encantadoras na província, por que Quinto se casou com a Antonia Porcio? —perguntou Kyna a seu marido.

As bodas de seu primo se celebrou por toda a manhã anterior em Corinio. Agora retornavam a sua vila, que se achava a uns trinta quilômetros da cidade; com segurança a um dia de viagem. Gayo e seus filhos foram a cavalo e as três mulheres em um carro descoberto. Viajavam com um nutrido grupo de famílias de vilas próximas. Os vizinhos se uniram para contratar um destacamento de soldados que os protegesse no caminho.

—Antonia é muito atraente. —respondeu Gayo.

—Não me refiro a isso —replicou Kyna com aspereza —e sabe bem, Gayo! Quinto podia ter eleito a uma moça virgem de boa família. Em troca, decidiu-se por uma mulher divorciada com dois filhos e um pai que não quer soltar sua filha. Antonio Porcio não será um sogro fácil, como descobriu o pobre Sexto Escipión.

—Vamos, querida —disse Gayo Druso—sabe tão bem como eu que Quinto pôs seu olhar em Antonia por várias razões. É rica e suas terras estão junto às que eu dei a ele. Há pouco mistério nisto. A Quinto prometeram terras e esposa se vinha a Britania. É obvio, eu tinha intenção de que essa esposa fora Cailin; mas como não o quis (e se tiver que ser sincero, acredito que ela e Quinto teriam feito mau casal), Quinto, com muita sabedoria, escolheu a Antonia. É um homem forte e poderá controlá-la. Será um bom matrimônio.

—Formam um bom casal. —se atreveu a dizer Cailin.

Sua mamãe pôs-se a rir.

—Acreditaria que Quinto e Hécate[5] fariam bom casal se isso a tivesse salvo de se casar com ele, filha. Bom, o que fará você para encontrar um marido?

—Quando conhecer ao homem adequado, mamãe, saberei. —respondeu Cailin com segurança.

—Por que Antonia e Quinto a escolheram para ser sua testemunha, irmãzinha? —perguntou Flavius.

Cailin sorriu com falsa doçura.

—Flavius, eu apresentei meu primo Quinto a minha querida melhor amiga Antonia. Suponho que acreditam que, como me fiz de Cupido, sou responsável em parte da felicidade que encontraram um no outro.

—Cailin! —exclamou sua mãe. —Você os apresentou? Não me disse. Perguntava-me como se conheceram aquele dia.

—Não o tinha mencionado, mamãe? Suponho que me esqueci porque não me pareceu importante. Sim, apresentei-os. Foi nas Liberalias.

—Faz intrigas como um druida! —disse sua mamãe.

—A Vovó me disse o mesmo. —repôs Cailin com ar malicioso.

---

[5] É uma divindade, filha dos titãs Perses e Astéria. Hécate, em grego, significa "a distante". Acreditava-se que, nas noites de lua nova, ela aparecia com sua horrível matilha de cachorros fantasmas diante dos viajantes que por ali cruzavam. Ela enviava aos humanos os terrores noturnos e aparições de fantasmas espectros. Também era considerada a deusa da magia e da noite, mas em suas vertentes mais terríveis e obscuras.

—Sim, disse. —observou Brenna. —De seus três filhos, ela é a que se parece mais aos celtas. Berikos gostaria dela.

—Mamãe —disse Cailin, —por que Berikos desaprovava que se casasse com papai?

Nunca pensava no papai de sua mamãe como o "avô". Poucas vezes o mencionava na casa, e nunca o tinha visto. Era um mistério para Cailin, igual ela teria sido para ele.

—Meu pai é um homem orgulhoso. —disse Kyna. —Possivelmente muito. Em tempos passados, os dobunios formaram parte dos poderosos celtas catuvellaunios. Um filho de seu grande chefe, Tincomio, trouxe um grupo de seguidores a esta região faz muitos anos. Converteram-se nos dobunios. Seu avô descende de Tincomio. Sente-se orgulhoso de sua linhagem e mais orgulhoso ainda do fato de que ninguém de sua família até mim se casou com um romano. Sempre odiou aos romanos, embora por nenhuma razão especial. Quando vi seu pai e me apaixonei por ele, Berikos se zangou comigo. Ele já tinha eleito um marido para mim, um homem chamado Carvilio. Mas eu não queria o Carvilio. Só queria a seu pai, e por isso Berikos me repudiou. Eu o tinha envergonhado. Tinha envergonhado aos dobunios.

—É um tolo e sempre foi. —resmungou Brenna. —Quando levaram a mensagem de que tinham nascido os gêmeos, um sorriso o traiu por um instante, mas logo franziu o cenho e disse: "Não tenho nenhuma filha." Suas outras esposas, Ceara, Bryna e essa pequena tola da Maeve, pavoneavam-se e alardeavam de seus netos, mas eu, com minha única filha exilada, não podia dizer uma só palavra. Em realidade, o que podia dizer? Nem sequer tinha visto os meninos.

—Mas se Berikos tinha outras três esposas e outros filhos. —perguntou Cailin a Brenna—por que se zangou tanto por seguir mamãe o impulso de seu coração? Não queria que fosse feliz?

—Berikos era pai de dez filhos de suas outras esposas, mas minha filha era a única menina. Kyna era a preferida de seu pai, por isso a deixou partir e por isso nunca pôde perdoá-la por renunciar a sua herança. Entretanto, quando você nasceu, disse a Berikos que se não podia perdoar a minha filha por casar-se com um bretão-romano, eu abandonaria a tribo para estar com minha filha. Ele tinha outros netos, mas eu só tinha aos filhos de sua mãe. Não era justo que ele me impedisse de ter um lugar junto ao lar de minha filha ou o direito de balançar a meus netos em meus braços. Isso faz quatorze anos. Jamais lamentei minha decisão. Sou mais feliz com minha filha e sua família do que jamais fui com o Berikos e seu insofrível orgulho.

Kyna agarrou a mão de sua mamãe e lhe deu um apertão enquanto ambas se olhavam sorridentes. Logo Brenna deu uns tapinhas carinhosos na bochecha de Cailin.

As bodas de Quinto se celebrou nas Calendas[6] de junho. Para surpresa de todos, incluindo ele mesmo, resultou um administrador de seus imóveis muito apto, inclusive da ampla parte de sua esposa. A vila junto ao rio pareceu que estava em mal estado e a fez demolir. Os campos que formavam parte da propriedade agora prosperavam com grão semeado. A horta crescia. Quinto, confortável na luxuosa vila de sua esposa, engordou. Sua devoção para a Antonia era assombrosa. Embora tivesse direito a levar-se a cama a qualquer escrava que gostasse, não o fazia. Seus

[6] *Em nossa língua portuguesa, até o século XIII, a palavra calendas era empregada, para denominar o primeiro dia de cada mês.*

enteados o temiam e respeitavam, como os filhos de qualquer homem respeitável. Seus escravos não achavam motivos de falação em seu amo. E quanto a Antonia, a princípios de outono estava grávida.

—É assombroso —disse Gayo a sua esposa. —A pobre Honoria Porcio, com todos seus anos de matrimônio, só pôde ter um filho; entretanto sua filha amadurecida como um melão cada vez que um marido cruza a porta de sua casa. Bom, devo admitir que Cailin foi uma boa casamenteira. Meu primo Manius deveria estar muito agradecido pela sorte de seu filho.

Entretanto, Quinto Druso não era o homem que aparentava ser. Sua boa fortuna não lhe tinha proporcionado mais que anseio de possuir mais. O governo se estava desmoronando com as próprias cidades. Ele viu que logo não haveria um governo central. Quando isso acontecesse, os ricos e poderosos seriam quem controlaria a Britania. Quinto Druso tinha decidido que, chegado o momento, ele seria o homem mais rico e poderoso de Corinio e arredores. Contemplava com ambição os imóveis de seu primo, Gayo Druso de Corinio.

Recentemente, Antonia tinha estado falando de possíveis casais para seus primos Tito e Flavius, que já pulavam com as escravas na casa de seu papai. Corria o rumor de que um deles —ninguém estava seguro de qual, pois tinham as feições idênticas— tinha deixado grávida a uma delas. Suas bodas significariam que logo haveria meninos; outra geração de herdeiros para a propriedade do Gayo Druso de Corinio.

E estava Cailin. Seus pais logo buscariam um marido. Ela também celebraria seu aniversário na primavera. Com quinze anos já tinha idade suficiente para casar-se. Um marido poderoso aliado com o primo Gayo... Essa ideia não agradava a Quinto Druso. Ele queria as terras que pertenciam a seu benfeitor, e quanto antes as conseguisse menos complicações haveria. A única questão que ficava por decidir era como alcançar seu objetivo sem que ninguém se desse conta.

Terei que desfazer-se do Gayo e sua família, mas como fazê-lo? Ninguém devia suspeitar dele. Não. Ele seria quem mais choraria nos funerais do Gayo Druso de Corinio e sua família... e o único que ficaria para herdar as propriedades de seu primo. Quinto sorriu para si. Ao final possuiria muita mais riqueza que qualquer de seus irmãos em Roma. Pensou em como resistiu à ideia de vir a Britania; entretanto, se não tivesse vindo teria perdido a maior oportunidade sua vida.

—Parece muito contente, meu amor. —disse Antonia, sorridente enquanto jaziam na cama.

—Como não ia estar, carinho. —respondeu Quinto Druso a sua esposa. —Tenho a ti e muito mais. —Pôs uma mão sobre o volumoso ventre é o primeiro de uma grande casa, Antonia.

—OH, sim! —exclamou ela, agarrando sua mão e beijando-a.

"Os filhos da Antonia...", pensou enquanto acariciava com ternura a sua adorada esposa. Eram jovens muito frágeis. O mais leve indício de enfermidade os levaria. Realmente parecia uma vergonha que os filhos de Sexto Escipión tivessem que ter, algum dia, o que pertencia aos dele. Mas, é obvio, Antonia não permitiria que fossem deserdados. Embora não era a melhor das mães, adorava a seus filhos. Mesmo assim, poderia acontecer alguma desgraça, pensou Quinto Druso. Algo.

O filho de Quinto Druso nasceu nas Calendas de março, exatamente nove meses depois de que seus pais se casaram. O menino era robusto e estava são. Entretanto, a alegria de Antonia durou pouco pois à manhã seguinte os dois filhos tidos que matrimônio com Sexto Escipión foram achados afogados no lago com peixes do átrio. As duas escravas atribuídas a vigiar aos meninos foram encontradas em circunstâncias das mais comprometedoras: nuas, entrelaçadas em um lascivo abraço e ébrias. Não houve defesa para seu crime. Ambas foram estranguladas e enterradas antes que acabasse aquele fatídico dia. A dor provocou um desequilíbrio em Antonia.

—O chamarei Póstumo em honra a seus irmãos. —declarou com ar dramático e grandes lágrimas escorregando pelas bochechas enquanto contemplava ao recém-nascido. —Que trágico resulta que jamais possa conhecê-los.

—Chamará-se Quinto Druso, o jovem. — disse seu marido, colocando dois grossos braceletes de ouro nos braços enquanto lhe dava um breve beijo. —Não deve te afligir, carinho. O leite não subirá se o faz. Não permitirei que meu filho chupe as tetas de uma escrava. Elas não estão tão sãs como a própria mamãe. Livia, minha mãe, sempre o dizia. Ela criou a meu irmão, a minha irmã e a mim até que tivemos mais de quatro anos. —Alargou o braço e colocou uma mão debaixo de um peito da Antonia dizendo com uma leve advertência na voz: —Não prive meu filho, Antonia, do que lhe corresponde. Os filhos de Sexto Escipión eram inocentes, e como tais agora estão com os deuses. Não pode fazer nada por eles, carinho. Deixa de pensar neles e te ocupe do filho vivo que os deuses se agradaram em nos dar.

Inclinou-se sobre ela e a beijou nos lábios outra vez.

A babá agarrou ao bebê dos braços da Antonia. Deixou ao menino aos pés de seu papai. Quinto Druso tomou o vulto em seus braços, reconhecendo assim que o filho era dele. Este formal reconhecimento simbólico significava que o recém-nascido era admitido naquela família romana com todos seus direitos e privilégios. Nove dias depois de nascer, Quinto Druso, o jovem receberia seu nome oficialmente em uma grande celebração familiar.

—Recordará o que disse, verdade? —disse Quinto Druso a sua esposa enquanto devolvia o bebê à babá e ficava em pé. —Nosso filho deve vir em primeiro lugar.

Antonia assentiu, os olhos azuis totalmente abertos pela surpresa. Essa era uma faceta de seu marido nunca tinha visto e, de repente, sentiu medo. Quinto tinha sido sempre muito indulgente com ela. Agora parecia que colocava a seu filho antes dela. Ele a olhou e sorriu.

—Estou satisfeito contigo, Antonia. Foram uns momentos terríveis para ti, mas tem que ser valente. É a mãe adequada para meus filhos.

Saiu do dormitório e se encaminhou à biblioteca. A casa se achava em silêncio, agora que seus enteados não brincavam de correr de um lado a outro. Em certo modo era triste, mas ao cabo de uns anos na vila voltariam a ouvir risadas e gritos infantis. Os de seus próprios filhos. Um abajur ardia sobre a mesa quando entrou em seu santuário particular; uma vez dentro, fechou a porta com firmeza. Só a emergência mais grave faria que alguém o incomodasse quando aquela porta estava fechada. Depois de casar-se com a Antonia tinha inculcado aos criados, que aquela habitação era seu sancta sanctorum. Ninguém devia entrar nela sem seu prévio consentimento.

—Fizeram muito bem —disse aos dois homens que agora saíram das sombras da habitação.

—Foi fácil, amo —disse o de maior estatura. —Essas duas babás não nos deram nenhum problema. Um pouco de vinho com narcótico, um pouco de foda, outro pouco de vinho, um pouco mais de...

—Sim, claro! —interrompeu Quinto Druso impaciente. —O quadro que me pinta é bastante explícito. Fale-me dos meninos. Eles deram algum problema? Não gritaram? Não quero que mais adiante apareça alguma testemunha.

—Os estrangulamos na cama, enquanto dormiam, amo. Depois colocamos os corpos no lago do átrio. Ninguém nos viu, garanto. Era plena noite e todos dormiam. Antes de acabar com os meninos preparamos a cena. Tinham um aspecto horrível, essas garotas. —prosseguiu o homem alto e riu com ar obsceno.

—Nos prometeu a liberdade. —disse o outro homem a Quinto Druso. —Quando nos dará? Fizemos o que pediu.

—Os avisei que deveriam realizar duas tarefas para mim. — foi a resposta de Quinto Druso. —Esta não é mais que a primeira.

—Qual é a segunda? Queremos nossa liberdade! —repôs o homem alto.

—É impaciente, Cato. —disse Quinto Druso, observando sua expressão de desgosto. Divertia-o dar a seus escravos nomes dignos, de som elegante. —dentro de nove dias meu filho receberá seu nome formalmente e se celebrará uma cerimônia de purificação. É um acontecimento familiar que se celebra dentro de casa. Virá meu sogro de Corinio e meu primo Gayo e sua família de sua vila. Quero que estudem bem a meu primo e a sua família. Em maio há um festival celta. Essa noite, desde que o sol se põe até que amanhece, Gayo Druso concede liberdade a seus escravos. Tenho intenção de seguir o mesmo costume. Essa noite eliminará a meu primo e a sua família. Como incentivo extra, podem roubar o ouro de meu primo de um esconderijo que eu revelarei oportunamente. Com o alvoroço que se formará demorarei vários dias em descobrir que aqueles dois novos escravos da Galia que comprei recentemente desapareceram. Compreendem?

Olhou friamente aos dois homens, se perguntando se haveria alguma maneira de eliminá-los também e economizar a possibilidade de ser descoberto algum dia. Não. Teria que confiar neles. Sabia julgar bem aos homens, fugiriam como alma que levam os demônios para retornar a Galia.

—Beltane. —disse Cato.

—Beltane? —repetiu Quinto Druso perplexo.

—É o festival celta que mencionou. Celebra-se o primeiro dia de maio, amo. Não há nenhum outro festival importante na primavera.

—Muito apropriado. —disse Quinto Druso com um breve sorriso. —Casei-me com minha esposa nas Calendas de junho e nosso filho nasceu nas de março. Agora nas de maio iniciarei o caminho de meu destino. Acredito que um é meu número de sorte. —Olhou aos dois gauleses. —Apagarei a luz um momento. Saiam pelo jardim e se comportem. Os dois! Devem ter fácil acesso à casa quando meu primo e sua família estejam aqui. Se causarem dificuldades, o mordomo os enviará aos campos, e ali não me servem de nada.

Pela manhã, Quinto Druso enviou mensageiros á seu sogro em Corinio e a seu primo Gayo,

os convidando: a ir a sua casa, para o dia da imposição do nome e a purificação do novo Druso.

Até que chegaram para a celebração Gayo Druso de Corinio e sua família não se inteiraram da morte dos dois filhos mais velhos de Antonia.

—OH, querida. —exclamou Kyna, beijando a jovem em ambas as bochechas. —Sinto-o terrivelmente. Por que não mandou me buscar? Minha mãe e eu teríamos vindo. E Cailin também. Não é bom que uma mulher esteja sozinha em momentos de tanta dor.

—Não era necessário. —disse Antonia com suavidade. —Meus pequenos estão a salvo com os deuses. Quinto me assegurou isso. Não posso fazer nada por eles. Devo pensar no bebê. Quinto não quer que uma escrava o crie. Não posso me desgostar ou deixarei de ter leite. Isso zangaria muito a Quinto, e se comporta tão bem comigo que não quero que isso aconteça.

—Tem-na hipnotizada. —observou Cailin com desagrado.

—Está apaixonada por ele. —respondeu Kyna.

—Acredito que foi muito oportuna a morte dos dois filhos de Sexto Escipión. —comentou Cailin com voz suave.

Kyna se surpreendeu.

—Cailin! O que insinua? Não estará acusando Quinto Druso de algum ato antinatural? Queria a esses meninos e era um bom padrasto para eles.

—Não acuso a ninguém de nada, mamãe. —se defendeu Cailin. —Simplesmente observei quão oportuno foi que os filhos da Antonia tenham falecido. Deve admitir que isso com que o único filho de Quinto herde tudo.

—Por que quando fala de Quinto —perguntou Kyna a sua filha— seus pensamentos sempre são lúgubres, Cailin?

A moça fez um gesto de negação.

—Não sei —respondeu com sinceridade. —Uma voz dentro de mim me acautela contra um perigo indefinido. Acreditava que quando se casasse com a Antonia essa sensação passaria, mas não foi assim. Em todo caso, fica mais forte cada vez que estou em presença de Quinto.

—Possivelmente está com ciúmes de seu matrimônio? —sondou Kyna. —É possível que lamente sua decisão de não te casar com ele?

—Está louca, mamãe?

A expressão de desgosto no belo rosto do Cailin indicou a Kyna que se equivocava por completo.

—Só perguntava. —disse Kyna com tom de desculpa. —Às vezes lamentamos o que rechaçamos ou desprezamos.

Foram chamadas ao átrio, onde estava preparado o altar familiar. Com orgulho, Quinto Druso outorgou seu próprio nome a seu filho. Com suavidade, pendurou uma formosa argola de ouro esculpido no pescoço do bebê. O medalhão, fechado por um largo mole, continha um poderoso amuleto entre suas duas metades que protegeria a quem o levasse até que se fizesse homem. Com a dignidade do patriarca de uma grande família, Quinto Druso entoou preces aos deuses, e a Marte em particular, pois se achavam no mês de março. Orou para que Quinto Druso, o jovem tivesse uma vida longa e feliz. Logo sacrificou um cordeiro, nascido o mesmo dia que seu

filho, e duas pombas brancas em honra aos deuses para que suas preces fossem atendidas favoravelmente.

Uma vez finalizada a cerimônia religiosa, começou a celebração e a festa. Cada membro da família do Gayo Druso havia trazido um crepundia ao bebê. Estes eram brinquedos de ouro ou prata em forma de animais, peixes, espadas, flores ou ferramentas, que se uniam a uma cadeia e se penduravam do pescoço do pequeno para que se divertisse com seu tinido. Eram os presentes tradicionais do dia da purificação e do nome do menino.

Quinto Druso estava de bom humor. Compartilhando vinho com seus primos Tito e Flavius, brincou com eles.

—Ouvi dizer que certa escrava da vila de seu pai está maturando como um melão. Quem é o responsável, né?

Os gêmeos se ruborizaram e logo riram com ar de cumplicidade.

—Não estamos seguros. —admitiu Flavius. —Seguindo o costume de nossa infância, compartilhamos tudo.

—Mamãe está muito zangada conosco. Diz que vão casar-nos antes que termine o verão para que não provoquemos nenhum escândalo. —disse Tito a seu primo mais velho. —A garota abortou, e por isso nunca saberemos quem era o pai, embora possivelmente, nunca teríamos sabido.

—E papai diz que não coloquemos nosso cubo em mais poços, por muito doce que seja a água. —acrescentou Flavius.

—E já escolheram as noivas, primos? —perguntou Quinto.

—Ainda não. —respondeu Tito. —Papai quer ir um pouco mais longe de Corinio. Diz que é hora de que entre sangue fresco na família. Parece-me que não gosta das garotas disponíveis de por aqui.

—A seleção não é particularmente fantástica. —observou Quinto. —Eu tive sorte com minha querida Antonia. Oxalá os deuses os brindem com a mesma fortuna, jovens primos, e eu possa celebrar o dia do nome de todos os seus filhos.

Elevou sua taça e bebeu.

Eles brindaram a sua vez.

—E o que tem a Cailin? —perguntou Quinto. —Casará-se logo? Cada dia está mais bonita. —Olhou ao outro lado da habitação, onde Cailin estava sentada com a Antonia. —Se não me tivesse apaixonado pela Antonia a primeira vista, teria me desesperado por perder a sua encantadora irmã. Quem quer que seja o homem a quem escolha será afortunado.

—Parece que não há nenhum homem que atraia a nossa irmã. —disse Flavius —Pergunto-me se realmente existe algum homem capaz disso. Às vezes nossa irmã é um pouco estranha. Tem mais sangue celta que romano. Seria uma lástima que morresse virgem.

—Mais vinho, amo? —perguntou um escravo junto a Quinto.

—Sim, Cato, obrigado. E também as taças de meus primos. —acrescentou jovialmente.

A noite do Beltane, as fogueiras resplandeciam em todas as colinas da província. A

celebração celta em honra da nova estação era compartilhada por todos. As barreiras de classe pareciam desaparecer e os homens e mulheres, livres e escravos, dançavam juntos e compartilhavam taças de hidromel ao redor das fogueiras.

Gayo Druso de Corinio acabava de fazer o amor com sua esposa na intimidade de sua casa vazia quando pareceu ouvir um ruído. Levantou-se e saiu ao átrio para investigar. Não viu os dois intrusos que apareceram por trás dele e o estrangularam com rapidez.

Kyna não se inteirou de que o ruído que tinha ouvido era o corpo de seu marido ao cair ao chão. Levantou-se e, quando se achava no meio do dormitório, este foi invadido por dois homens.

—Disse-te que era uma beleza. —disse o mais alto.

Era fácil adivinhar suas intenções. Aterrada, Kyna retrocedeu.

—Sou a jóia de Berikos, chefe dos dobunios. —conseguiu dizer, embora o medo oprimis sua garganta.

O homem mais alto agarrou a Kyna e a beijou grosseiramente. Kyna lutou com seu atacante como uma leoa, arranhando e cuspindo. Rindo, o homem a empurrou sobre a cama e caiu sobre ela, levantando sua túnica de dormir. O outro homem ficou junto a sua cabeça e silenciou seus gritos com a mão. Kyna rogou aos deuses ter uma morte rápida.

Brenna retornou logo à vila. Tinha estado se fazendo de acompanhante de Cailin na celebração, mas sua neta em realidade não a necessitava. Não havia ninguém que Cailin gostasse, além disso, a moça não fugiria na escuridão com nenhum homem. Simplesmente se divertia dançando e cantando.

Brenna tropeçou com algo no escuro átrio. Agachou-se e reconheceu com horror o rosto de seu genro. Este tinha o rosto azulado e estava morto. Começou a tremer. Com grande esforço, ficou em pé e logo, com o coração desbocado, correu ao dormitório de sua filha. Kyna jazia nua, com as pernas separadas entre uma confusão de lençóis ensanguentados. Brenna se desabou no chão sem sequer dar-se conta de que a tinham golpeado.

—A velha sem dúvida foi fácil. —assinalou Cato com indiferença.

—Mas com a jovem foi mais divertido. —disse seu companheiro. —Que maneira de brigar. Mas a melhor será a garota. Joguemos nos dados quem levará sua virgindade e quem fica com as sobras antes de matá-la.

Tito e Flavius Druso de Corinio, que retornaram a casa ébrios de hidromel, não viram seus assassinos. Foi fácil emboscá-los; rapidamente cortaram os pescoços e logo arrastaram seus corpos, junto com o do papai, ao dormitório deste, onde Cailin não pudesse tropeçar com eles.

Os dois galos esperaram. Os minutos se converteram em uma hora e em outra.

—Onde demônios está essa garota? —grunhiu o escravo mais baixo.

—Não podemos esperar mais. —disse Cato. Assinalou para a janela. —O céu já se ilumina com a aurora. Temos que atear fogo à casa para que pareça outra fogueira do Beltane e partir daqui antes que voltem os criados. A garota não merece que nos apanhem. Crê que Quinto Druso nos deixará em liberdade se o fizermos? Um homem capaz de assassinar a seus enteados para que não possam herdar dele, e capaz de assassinar à família de seu primo para conseguir terras, não é um homem que te ajude em um momento de necessidade. Em realidade suspeito que nos mataria

também se pudesse. O ouro que nos prometeu está em um esconderijo dentro da estátua de Juno[7] no quarto. Pegue-a e partamos. Não confio que essa escória romana nos dê muitos dias de vantagem. Amanhã nos farão perseguir. Mas os enganaremos. Não iremos a Gália, mas sim a Irlanda.

Brenna jazia imóvel, escutando suas palavras. Rogava que não se dessem conta de que ainda se achava com vida. Quando tivessem ido, correria a informar Cailin da matança. Afogou um gemido mordendo o lábio. A cabeça doía terrivelmente. Sabia que tinha perdido muito sangue, mas se os deuses lhe concediam tão somente seguir viva o suficiente para vingar a Kyna e ao resto de sua família, jamais voltaria a pedir nada.

Brenna percebeu o aroma de fumaça procedente de cama e as cortinas de gaze da janela que ardiam. Ouviu o ruído de passos que se afastavam dela. Viu dois pares de botas quando os assassinos saíram pela porta, deixando-a entreaberta com a pressa. Não se moveu. Era preciso estar segura de que os dois homens se foram.

Logo o dormitório começou a encher-se de fumaça densa. Ofegando, com os pulmões abrasados por causa do acre aroma, Brenna compreendeu que não podia seguir ali. Devagar e dolorosamente, com a cabeça dando voltas, arrastou-se para a porta aberta e saiu para o átrio. Ali não havia móveis que pudessem arder como na outra estadia. Embora o átrio estava se enchendo rapidamente de fumaça espessa e negra, soube encontrar o caminho para a porta. Quase vencida pelas náuseas se apoiou contra uma coluna e arcadas secas a atacaram, mas com grande esforço ficou em pé. Com vontade de ferro, Brenna cruzou cambaleando o átrio até a entrada principal da casa. Abriu porta e saiu com passo inseguro à fria e úmida noite e caiu no chão a alguns metros da vila.

Não havia ninguém à vista. Os assassinos partiram. Brenna aspirou o ar puro para limpar os pulmões. Sobre ela uma lua cheia iluminava placidamente a cena da matança. Tinha que encontrar Cailin!

Mas foi Cailin quem a encontrou, pois nesse momento se aproximava correndo pelo caminho, seu cumprido cabelo ondeando ao vento. Ao ver sua avó no chão se precipitou a seu lado.

—Vovó! A casa está ardendo! O que ocorreu? Onde estão papai e mamãe? E meus irmãos? —Agarrou à anciã pelos braços e a incorporou. Brenna gemeu. —Está ferida, Vovó? Por que não vem ninguém a ajudar? Por que os escravos não retornaram da festa?

—Vamos, minha menina! Temos que nos afastar da vila! Estamos em perigo mortal! Ajude-me! Depressa!

—E a família? —voltou a perguntar Cailin, intuindo já a resposta.

—Mortos. Todos. Agora vamos, me ajude. Aqui não estamos a salvo, Cailin. Deve me acreditar, querida minha. —insistiu Brenna entre soluços.

—Por que não podemos esperar pelo retorno dos escravos? Devemos informar às autoridades. —disse Cailin com desespero.

---

[7] *Deusa romana equivalente a Hera dos gregos. Esposa de Júpiter e rainha dos deuses.*

Brenna olhou a sua neta.

—Agora não tenho tempo de explicar isso. Deve confiar em mim se deseja viver muitos anos. Vamos, me ajude. Estou fraca porque perdi muito sangue, e temos que partir para nos pôr a salvo.

Cailin se assustou.

—Aonde vamos, Vovó?

—Só podemos ir a um lugar, minha menina. Aos dobunios. A seu avô, Berikos. Só ele pode nos salvar. —Agarrou a sua neta pelo braço e pôs-se a andar trabalhosamente. —Só está a uns quilômetros, embora não sabia. Toda sua vida viveu a poucos quilômetros de Berikos e não sabia.

Então Brenna deixou de falar, compreendendo que precisava dosar suas forças se queria chegar viva a seu destino. Berikos devia saber o que tinha acontecido. Depois, se os deuses o desejavam, morreria. Mas Berikos tinha que sabê-lo.

—Não conheço o caminho. —gemeu Cailin. —Pode me ensinar o caminho, Vovó?

A anciã assentiu.

Abandonaram o atalho e Brenna conduziu a sua neta pelas colinas. Cruzaram um pequeno e espesso bosque iluminado pela brilhante lua. A noite era silenciosa. De vez em quando um pássaro lançava um trinido nervoso, antecipando o amanhecer. Em ocasiões descansavam, mas Brenna não se atrevia a deter-se muito momento. Não temia que as perseguissem a não ser sua própria morte. Cruzaram uma grande pradaria onde uns cervos pastavam sob a luz da madrugada e logo penetraram em outro bosque. O céu se estava iluminando paulatinamente. Tinham percorridos vários quilômetros, e Cailin tinha a sensação de que subiam.

—Fica ainda muito longe, Vovó? —perguntou Cailin depois de várias horas de caminhar principalmente para acima. Sentia-se esgotada, pois não estava acostumada a fazer exercício físico. E imaginava como devia sentir-se a anciã. Fazia muito tempo que Brenna não percorria aquela distância, e sem dúvida jamais naquele precário estado de saúde.

—Não muito, filha. A aldeia de seu avô está do outro lado deste bosque.

O bosque começou a rarear e o horizonte estava brilhante de cor quando deixaram a clareira. Ante elas se elevava uma pequena colina em cujo topo se encontrava a aldeia dobunia. De repente apareceu um jovem diante delas. Era evidente que tinha estado vigiando e o surpreendia ver alguém tão cedo. Seu rosto se iluminou quando reconheceu à anciã.

—Brenna! Realmente é você?

—Sou eu, Corio. —respondeu a anciã, e os joelhos se dobraram.

—Me ajude, senhor! —exclamou Cailin tratando em vão de sustentar em pé a sua avó.

Corio, depois de seu assombro inicial ao ver Brenna, precipitou-se a agarrar em braços à mulher desmaiada.

—Me siga. —indicou a Cailin, e sem voltar a olhá-la iniciou uma rápida ascensão da colina.

Cailin se apressava atrás dele, o rosto crispado de preocupação. Entretanto, sentia curiosidade e observou que a colina estava cercada por três muros de pedra. Depois do terceiro entraram na aldeia. Corio se encaminhou diretamente à casa maior, e Cailin o seguiu, entrando em uma grande sala. Uma mulher, de ao menos um metro e oitenta de estatura e vestida com

uma túnica azul escuro, aproximou-se deles. Jogou um breve olhar a Cailin, pareceu reconhecê-la e logo olhou a carga que levava Corio.

—É Brenna, Vovó, e está ferida. —disse Corio.

—Ponha-a ali, no banco junto à chaminé. —ordenou a anciã. —Logo vá procurar meus remédios. —Olhou a Cailin. —É suscetível ou pode ajudar?

—Me diga o que tenho que fazer. —respondeu Cailin.

—Sou Ceara, a primeira esposa do Berikos. —disse a mulher. —Você é a filha da Kyna, verdade? Parece-te com ela.

—Sim, sou a filha da Kyna. Meu nome é Cailin. —Os olhos da moça se encheram de lágrimas. — Vovó morrerá?

—Ainda não sei. —respondeu Ceara. —O que aconteceu?

Cailin fez um gesto de negação.

—Não sei. Ao retornar do festival de Beltane encontrei a casa em chamas e à vovó no chão, na rua. Diz que minha família morreu, mas não sei nada mais. Insistiu em que viéssemos aqui. Nem sequer me deixou informar às autoridades ou esperar a que os escravos retornassem de seu dia de festa.

—Berikos! —chamou Brenna com voz rouca. —Tenho que falar com Berikos!

Fez esforços para levantar do banco onde jazia.

—Tem que ficar quieta, Brenna. — disse Ceara. —Mandarei chamar ao Berikos, mas se insistir em se mover não viverá para falar com ele. Agora descansa.

—Ceara! O que me disseram? Brenna retornou?

Outra mulher, não tão alta como Ceara, mas mais que Cailin, reuniu-se com elas. Tinha o rosto mais bonito e doce que Cailin recordava ter visto. Havia algo familiar nele, e entretanto Cailin não sabia o que era. Agora esse rosto se franziu de inquietação quando se inclinou sobre a anciã. Seus olhos azuis se encheram de lágrimas.

—Brenna! É você! Acreditei que jamais voltaria a vê-la.

—Maeve... —balbuciou Brenna, mas Cailin percebeu afeto em seu tom. —Vejo que segue sendo uma tola.

Maeve se inclinou e beijou a testa da mulher ferida.

—E você segue sendo teimosa e orgulhosa, irmã.

—Irmã?

Cailin olhou a Ceara.

—Maeve é a irmã caçula de sua avó. Não sabia? Não, já vejo que não.

—Por que a Vovó a chama de tola? —perguntou Cailin, dando-se conta de que o rosto familiar de Maeve era uma versão um pouco mais jovem de Brenna.

—Sua avó e Berikos não formavam um bom casal. —disse Ceara. —Casaram-se ás pressas pela terrível luxúria que sentiam um pelo outro. Quando o perceberam, sua avó estava grávida. Vários anos mais tarde seu avô se apaixonou verdadeiramente por Maeve e ela por ele. Brenna ficou horrorizada. Temia que a história se repetisse e adorava a sua irmã, que é cinco anos mais nova. Rogou a Maeve que não se casasse com Berikos, mas Maeve não a escutou. Brenna a

chamou de tola e após sempre a chamou assim, apesar de que o matrimônio de Maeve e Berikos resultou satisfatório. —Ceara se voltou para a outra mulher. —Vá procurar o Berikos, Maeve. Está na casa dela.

Corio retornou com a cesta de remédios de sua avó e Ceara iniciou a tarefa de examinar a ferida da Brenna. Cortou um pouco do espesso cabelo branco da anciã, meneando a cabeça ao ver o tamanho da ferida. Aquilo era mais grave do que imaginava. O cabelo da Brenna estava emaranhado por causa da hemorragia. O osso do crânio estava aberto e faltava uma lasca. Ceara nem sequer estava segura de poder fechar a ferida. A natureza teria que encarregar-se disso. Com suavidade, limpou a ferida com vinho, dando um coice cada vez que Brenna gemia. Polvilhou os pós curativos sobre a ferida e logo a enfaixou com musgo seco e limpo. Nunca se havia sentido tão impotente.

A moça tinha permanecido a seu lado, passando o que necessitava e sem fazer nenhuma careta. Sua presença parecia acalmar a Brenna. Ceara acreditava que só o descanso, o tempo e a vontade dos deuses poderiam fazer algo.

Corio tinha partido da sala e agora retornou com uma pequena terrina. Que entregou a sua avó.

—Acreditei que poderia querer isto para Brenna. —disse.

Ceara sorriu com ar aprovador.

—Sim, é exatamente o que necessita. Toma, Brenna, bebe. Dará-te forças. Ajude-a a levantar um pouco, Cailin.

Cailin se sentou no banco atrás de sua avó e a levantou com suavidade.

—O que é o que bebe? —perguntou, observando que Brenna tomava o líquido avermelhado quase com avidez.

—Sangue de vaca. —respondeu Ceara. —É nutritivo e ajudará Brenna a reconstruir seu sangue.

Ceara conteve um sorriso ao ver a cara de asco de Cailin. Ao menos não desmaiou.

—Ceara! —troou uma voz profunda. —O que ocorre? É certo o que me disse Maeve?

Cailin levantou o olhar. Um homem alto de cabelo e bigode brancos como a neve tinha entrado na sala. Ia coberto com uma túnica de lã de cor escura bordada com fios de ouro no pescoço e nas mangas. Ao redor do pescoço trazia um extraordinário colar de ouro com pedras verdes. O homem deu grandes passos ao banco onde Brenna jazia e a olhou.

—Salve, Berikos. —saudou Brenna zombadora.

—De modo que retornou. —disse este com serenidade. —A que devemos esta honra, Brenna? Acreditei que não voltaria a vê-la.

—Nem eu a ti. Esta velho, Berikos —disse Brenna. —Não estaria aqui a não ser por Cailin. Teria morrido no bosque antes que vir aqui se não fosse por sua neta. Estou aqui por ela, Berikos, não por mim.

—Não temos nenhuma neta em comum. —repôs.

—Berikos! —exclamou Ceara com aspereza. —Não insista em sua teimosia sobre este assunto. Kyna morreu.

Uma expressão de pesar cruzou fugazmente o rosto do ancião.

—Como? —perguntou com voz inexpressiva para que ninguém pudesse advertir sua dor.

—Ontem à noite fui com Cailin ver os fogos de Beltane —começou Brenna, —mas me cansei e retornei logo a casa. No átrio da vila tropecei com o cadáver de nosso genro, Gayo Druso. Corri ao dormitório da Kyna e a encontrei morta sobre a cama, desfigurada e espancada. Nem sequer senti o golpe que me derrubou. Quando recuperei o sentido, vi os corpos Gayo e de nossos netos, Tito e Flavius, perto dali. Os assassinos esperavam a Cailin.

—Quinto Druso! —exclamou Cailin, com o rosto lívido.

—Sim, minha filha, sua voz interior não se equivocava. Brenna olhou ao Berikos e seguiu relatando a horrível historia.

—E seu cacarejado magistrado romano de Corinio? —perguntou-lhe Berikos com mordacidade quando terminou. —Já não existe a justiça romana?

—O magistrado chefe de Corinio é o sogro de Quinto Druso —disse Brenna. —Que possibilidades teria Cailin contra ele?

—O que quer de mim, Brenna?

—Quero seu amparo, Berikos, embora me dói pedi-lo. Seu amparo para o Cailin e para mim. Os escravos ainda não tinham chegado à vila quando ocorreu tudo. Ninguém sabe que sobrevivemos nem ninguém deve sabê-lo. Cailin é sua neta e não pode negar sua ajuda. Não sei se sobreviverei, estou ferida e me doem os pulmões devido à fumaça que inalei. Necessitei todas minhas forças para trazer Cailin até aqui.

Berikos permanecia sério e calado.

—Terão o amparo da tribo. —disse por fim Ceara. Quando seu marido a olhou furioso, acrescentou: —Brenna segue sendo sua esposa, Berikos; a mãe de sua única filha. Cailin é sua neta. Não pode negar refugio nem amparo segundo nossas leis, ou esqueceu essas leis por causa de sua luxúria por Brigit?

—Aceitarei sua hospitalidade só enquanto viva minha avó —disse Cailin com cenho franzido. —Quando tiver cruzado a porta da morte para ir a sua próxima vida, abrirei-me caminho no mundo sozinha. Não o reconheço. Berikos dos dobunios, e não o necessito.

Um leve sorriso curvou a boca do ancião. Com frios olhos azuis observou ao Cailin pela primeira vez desde que tinha entrado na estadia.

—Palavras valentes, pequena puta mestiça —disse, —mas me pergunto como te prepararam seus costumes romanos para sobreviver neste duro mundo.

—Não tenho medo —afirmou Cailin desafiante —posso aprender. Também te recordarei que sou bretã, Berikos. Nasci aqui, igual a meus pais e avós por ambas as partes durante gerações. Educaram-me para respeitar aos mais velhos, mas não ponha a prova minha paciência ou não poderá se ocultar atrás do muro de seus muitos anos.

Berikos elevou a mão, mas a baixou surpreso pela firmeza que viu no olhar da moça. Não era tão alta como uma dobunia, mas tampouco era miúda. Recordava a Kyna em muitos aspectos, mas seu espírito era sem dúvida o de sua avó. Esse espírito que o tinha atraído para a Brenna ao princípio, infelizmente, não tinha sido capaz de viver com ela, não conseguiu amansar a Brenna.

Agora suspeitava que aquela moça fosse igual. Cailin, sua neta. Ela um espinho em seu coração, mas não podia fazer outra coisa a não ser conceder amparo e refúgio.

—Pode ficar. —anunciou.

Voltou-se com brutalidade e se afastou.

Brenna se apoiou em Cailin.

—Estou cansada. —disse.

—Corio —chamou Ceara, —leva a Brenna para dormir junto ao fosso do fogo. Ali estará cômoda e quente. Vai com ela, filha. Quando a tiverem instalado, voltem. Te alimentarei. Deve estar faminta depois da viagem e a dor de todo o ocorrido.

O jovem levantou a Brenna em braços brandamente cruzou a sala. Com cuidado a estendeu no espaço para dormir. Cailin tampou a sua avó com uma pele de cordeiro, abrigando seus ombros. Exalou fundo com expressão preocupada, mas Brenna não a viu, estava dormida.

Cailin se sobressaltou quando alguém tocou braço. Deu-se a volta e viu Corio. Era um homem de aspecto agradável com os olhos azul claro.

—Vamos, minha avó nos dará de comer. O pão novo sempre se come melhor quente. Somos primos, não? Meu pai é Epilo, o filho caçula de Ceara. Só sou o primeiro dos parentes que vai conhecer. Sua mãe tinha dez irmãos, e todos vivem, a maioria com filhos e em alguns casos netos. Aqui não estará sozinha.

Cailin olhou Brenna, que estava pálida, mas sua respiração era firme e regular. A garota se voltou e seguiu ao jovem aonde Ceara preparava a comida da manhã. A corpulenta mulher pôs uma generosa ração de cevada cozida em duas fatias de pão fresco e lhe deu.

—Há colheres sobre a mesa, se for melindrosa. —disse Corio. —Vem sentar.

Deu uma dentada a seu pão com cevada.

Sentaram-se e Ceara lhes serviu duas taças.

—Vinho com água. —disse, e logo se sentou com eles. —Recorda a sua mãe, e entretanto não te parece com ela quando tinha sua idade. Foi feliz com seu papai?

—OH, sim! —exclamou Cailin. —Fomos uma família feliz!

Bruscamente, a enormidade da tragédia a assaltou. No dia anterior, Kyna, seu pai e seus irmãos estavam vivos. Não tinham recebido nenhum aviso de sua desgraça; não é que tivesse sido mais fácil suportá-lo se tivesse, mas ter sobrevivido ao assassinato de sua família só por acaso era resultava insuportável. Por que ela devia viver quando todos outros tinham morrido?

Era o primeiro festival do Beltane que tinham permitido assistir sem acompanhante. Brenna tinha dada permissão aquela noite e, uma vez sozinha, Cailin tinha começado a ver as coisas sob uma nova luz. Todos os homens jovens tinham querido dançar com ela, e ela dançou ao redor das fogueiras até quase o amanhecer.

Não estava preparada ainda para estender-se na escuridão com um homem, mas bebeu sua primeira taça de hidromel e depois se sentiu maravilhada. Cailin tinha intenção de voltar para casa com seus irmãos, mas eles partiram muito antes, com duas moças. Não havia tornado a vê-los. Só quando a aurora começou a clarear o céu e a música por fim cessou se dispôs a retornar à vila, onde descobriu que a morte tinha chegado antes dela.

Agora Cailin empalideceu e apartou o pão. A só ideia da comida lhe provocava náuseas.

Ceara adivinhou o que ocorria.

—É a vontade dos deuses. —disse com voz suave. —Às vezes são bons, e amáveis, e outras vezes, sendo bons, resultam desumanos. Você e Brenna estão vivas porque sua viagem neste mundo ainda não se completou. Se atreveria a pôr em dúvida a sabedoria dos deuses, Cailin Druso?

—Sim! —respondeu ela. —Por que tenho que viver quando minha família morreu? O que podiam ter feito meus irmãos neste mundo para que sua vida já não fora necessária? Só tinham dezessete anos!

—Não posso te responder, menina. —repôs Ceara. —Quão único posso te dizer é que tudo acontece quando tem que acontecer. O que é a morte? Só a soleira entre esta vida e a seguinte. Não temos que temê-la. Quando chegar sua hora, Cailin, aqueles a quem amou e se foram antes de você estarão esperando nas Ilhas dos Bem-aventurados. Até então seu dever para com os deuses que a criaram é viver seu destino tal como eles o planejaram. Pode, é obvio, se queixar e se desesperar para a injustiça que tudo isso, mas por que esbanjar inutilmente o precioso tempo que te concedeu?

—Então, não me permite chorar sua morte? —perguntou Cailin com amargura.

—Pode chorar a maneira em que chegaram a seu final —disse Ceara, —mas não os chore. Eles foram a um lugar melhor. Agora tome o café da manhã, Cailin Druso. Precisa se recuperar e para cuidar da Brenna.

—Senhora, não me trate como a uma menina estúpida.

—Pois não te comporte como uma menina. —replicou Ceara com um leve sorriso, levantando-se da cadeira. —Por seu aspecto é uma moça adulta, e nós não somos gente ociosa. Terá que ganhar o pão, com o qual disporá de pouco tempo para ter pena de si mesma.

Voltou-se e começou a servir o café da manhã a outros, que agora entravam na sala.

—Não deixe que minha avó te intimide — aconselhou Corio com um sorriso quando viu que Cailin olhava com fúria a Ceara, que estava de costas. —É famosa por seu coração bondoso. Só pretende impedir que prejudique a si mesma.

—Tem uma maneira estranha de demonstrá-lo — resmungou Cailin.

—Quer que te conte coisas da família? —perguntou Corio em uma tentativa por distraí-la. Ela assentiu e ele começou: — Embora nosso avô tem dez filhos, só três vivem nesta aldeia: meu pai Epilo e meus tios Lugotorix e Segovax, filhos da Bryna. Os outros e suas famílias estão repartidos nas outras aldeias da fortificação dos dobunios. Nosso avô tem cinco esposas.

—Acreditava que só eram quatro.

—Quatro vivas, mas teve um total de cinco. Bryna partiu às Ilhas dos Bem-aventurados faz uns anos. Depois, faz dois anos, Berikos se casou com uma mulher chamada Brigit. Não é uma dobunia, a não ser uma catuvellaunia. Nosso avô fica em ridículo com ela. Não é muito mais velha que você, Cailin, mas é incrivelmente malvada. Minha avó é a esposa principal de Berikos, mas se Brigit decide opor-se às decisões de Ceara, Berikos apoia a Brigit. Isso está muito mal, mas o diverte encorajá-la contra suas outras mulheres. Felizmente Brigit é feliz deixando a minha avó e

Maeve suas responsabilidades domésticas. Não é seu forte. Prefere passar os dias em sua própria casa, perfumando-se e preparando-se para o prazer de meu avô. Quando se aventura a sair, acompanham-na duas criadas que se antecipam a todos seus desejos. Dizem que conserva o nosso avô graças a um encantamento e a poções secretas.

Três homens altos, um deles de cabelo escuro e os outros dois de cabelo como o do Cailin, sentaram-se junto a eles.

—Mamãe diz que é a filha da Kyna — disse o de cabelo escuro. —É a filha de nossa irmã, formosa moça? Eu sou Epilo, o pai deste belo jovem e filho caçula de Ceara e Berikos.

—Sim, sou a filha da Kyna e do Gayo Druso. Meu nome é Cailin. —respondeu ela.

—Eu me chamo Lugotorix — se apresentou um dos de cabelo castanho— e este é meu irmão gêmeo Segovax. Somos filhos de Bryna e Berikos.

—Meus irmãos, Tito e Flavius, também eram gêmeos — disse Cailin, e então, para sua mortificação, as lágrimas começaram a escorregar pelas bochechas. Desesperadamente tentou enxugá-las.

Os três homens de mais idade desviaram o olhar, dando à moça tempo para recuperar-se enquanto Corio passava um tímido braço pelos ombros de sua prima e lhe dava consolo. Aquilo foi uma desdita para o Cailin, mas conseguiu encontrar humor na situação. O pobre Corio estava tratando de consolá-la, mas em realidade sua bondade estava a ponto de lhe provocar um ataque de histeria. Ela precisava chorar e sentir dor por sua família, mas não agora. Não ali. Teria que ser mais tarde, em um lugar privado onde ninguém visse suas lágrimas. Cailin respirou fundo e se tranquilizou.

—Estou bem. —disse, apartando o braço protetor de Corio.

Seus três tios a olharam e Epilo disse:

—Vejo que ainda leva seu medalhão.

—Não estou casada. — disse.

—Dentro de seu medalhão há um pedacinho de chifre de cervo e uma gotinha plana de âmbar dentro da qual há uma diminuta flor perfeitamente conservada. —explicou Epilo. —Tenho razão, Cailin?

—Como sabem o que contém meu amuleto? —perguntou ela, surpreendida. —Acreditava que minha mamãe e eu fomos quão únicas sabíamos. Nem sequer minha avó sabe o que há dentro. Está abençoado.

—Sim, mas não por nenhuma de suas falsas deidades romanas. —respondeu ele. —O chifre de cervo está consagrado ao Cernunnos, nosso deus da caça. O âmbar é um pedaço de Dana, a mãe Terra, tocada pelo Lug, o sol; a flor apanhada em seu interior significa fertilidade, ou Macha, que é nossa deusa da vida e a morte. —Sorriu a Cailin. —Os irmãos de sua mãe enviaram este amuleto antes que nascesse. Acredito que te manteve a salvo para que algum dia pudesse vir a nós.

—Não sabia. —admitiu Cailin com voz suave. —Minha mamãe falava pouco de sua vida anterior a seu matrimônio. Acredito que a única maneira de não sentir falta do que amava foi apartá-los de sua mente por completo.

Epilo sorriu.

—Quanto a conhecia, Cailin. Tanta sabedoria em uma pessoa tão jovem é admirável. Dou-te a bem-vinda à família de sua mãe. Imagino que meu pai não o tem feito. Nunca pôde perdoar Kyna por ter se casado com o Gayo Druso, e essa atitude orgulhosa custou caro. Amava muitíssimo a sua mãe. Ela era sua alegria.

—Por que odeia aos romanos e a tudo o que tem alguma relação com sua cultura? Faz muitos anos que nestas terras não há nenhum romano autêntico. A família de meu pai se casou com bretães durante tanto tempo que fica pouco sangue romano em nós. Só meu primeiro antepassado era romano puro. Seus filhos se casaram com garotas dobunias igual a papai.

—Nosso pai é um homem apanhado no passado. —disse Lugotorix. —As glórias passadas dos dobunios. Um passado que começou a desvanecer-se e mudar com a chegada dos romanos séculos atrás. Nossa história não está escrita, Cailin Druso. É uma história oral, e Berikos pode recitar essa história como um bardo. Ceara, que está mais próxima a ele em idade, recorda ao Berikos quando era jovem. Sempre esteve entregue a nosso povo e seu passado. Sabia que algum dia nos governaria e em segredo ansiava restaurar a antiga glória dos dobunios. Quando as legiões partiram, Ceara disse que chorou de alegria, mas após poucas mudanças se produziram na Britania. Mesmo assim, viu a desintegração das cidades construídas pelos romanos e de sua forma de governar. Vortigern, que se faz chamar rei dos bretães, jamais consolidou realmente as tribos. Agora é velho e não tem autêntico poder sobre os dobunios, nem sobre nenhum outro celta. Para Berikos, as bodas de sua mãe com seu pai foi uma grande traição. Ele tinha previsto casá-la com um guerreiro chamado Carvilio. Nosso pai esperava que Carvilio o ajudasse a recuperar todo o território dobunio perdido com os romanos no transcurso dos anos, mas não pôde ser assim. Kyna amava a Gayo Druso e o sonho de nosso papai morreu.

—Não sei nada do povo de minha mamãe. Terei que aprender muitas coisas se quero compreendê-lo. —disse Cailin. —Minha avó diz que não podemos retornar a meu lar. Diz que meu primo Quinto Druso me matará para ficar com as terras de meu pai. Tenho que me converter em uma dobunia, tios. Será possível?

—É filha da Kyna. —respondeu Epilo. —Já é uma dobunia.

CAPÍTULO 3

A aldeia onde Cailin se encontrava era a principal aldeia da colina dos celtas dobunios. Era uma fortificação típica dos povoados celtas na Britania. Havia quinze casas no interior das muralhas, e a de seu avô era a maior. Todas, exceto a de Berikos estavam construídas com madeira, paredes de barro e zarzos e teto de palha. Havia outras dez aldeias que pertenciam à colina dos dobunios, mas cada uma só tinha oito casas.

Embora as casas fossem confortáveis, distavam muito da vila em que Cailin tinha crescido. Os chãos da vila eram de mármore ou mosaico. O chão da casa de seu avô era de pedra, e nas outras casas era de terra dura. As paredes da vila eram de estuque, pintadas e decoradas. Cailin teve que admitir que as paredes de barro e zarzo, embora não eram bonitas, protegiam da chuva

e o frio. Ao fim e ao cabo, este era o verdadeiro fim de uma parede. Na vila de seu papai dispunha de um pequeno dormitório apenas para ela. Na casa de seu avô compartilhava um confortável espaço para dormir com Brenna. Estava construído na parede e a Cailin parecia bastante acolhedor.

—Não está nada mimada. —observou Ceara enquanto Cailin desenbaiava ervilhas para ela uma tarde. —Haveria dito que ao ter sido educada como foi, rodeada de escravos, saberia pouco e se queixaria muito.

—Ensinaram-me que nos primeiros dias de Roma as mulheres, inclusive as da ordem social mais elevada eram laboriosas e conheciam as artes domésticas. Encarregavam-se pessoalmente de seus lares. Embora a família de meu papai viveu na Britania centenas de anos, esses valores se conservaram. Minha mãe me ensinou a tecer e cozinhar, entre outras coisas. Algum dia serei uma boa esposa, Ceara.

Ceara sorriu.

—Sim, acredito que sim. Mas quem será seu marido, Cailin Druso? Surpreende-me que ainda não tenha casado.

—Não havia ninguém que eu gostasse, Ceara —disse Cailin. —Meu papai tentou me casar uma vez, mas não quis. Escolherei meu marido quando chegar o momento. Por agora, preciso ser livre para cuidar de minha avó e ganhar nosso pão. Há muitas coisas que não sei.

Ceara guardou silêncio. No festival do Lug, depois da colheita, celebraria-se uma grande reunião de todos os habitantes da colina dos dobunios. Possivelmente haveria algum jovem que agradasse Cailin. Tinha quinze anos, começava a superar a idade casar. Entretanto Ceara conhecia todos os jovens das diversas aldeias. Não lhe ocorria nenhum que pudesse ser adequado.

Cailin necessitaria um marido antes que finalizasse o ano. Brenna não viveria muito mais tempo. Embora não parecia ter resultado ferida de gravidade no incêndio da vila, seus pulmões provavelmente se abrasaram com o calor e a fumaça. Não tinha recuperado sua força. Passava quase todo o tempo sentada e dormindo. Caminhar, embora só fosse uma curta distância, esgotava-a, de modo que Corio a levava de um lado a outro para que pudesse participar da vida familiar. Se Cailin não via sua avó extinguir-se pouco a pouco, Ceara e Maeve sim.

A vida cotidiana na aldeia do Berikos girava em torno do cultivo dos campos e o cuidado do gado. A terra pertencia à tribo em comum, mas a propriedade do gado separava as classes sociais. Berikos possuía um nutrido rebanho de animais de chifres curtos que se empregavam para obter leite, carne e às vezes se vendiam, e também possuía ovelhas que davam uma lã de excelente qualidade. Cada homem de sua família tinha ao menos dois cavalos, mas Berikos tinha uma manada. Possuía também galinhas, gansos e patos, e criava porcos. O porco celta era famoso em todo mundo ocidental, e os dobunios o exportavam de maneira regular. Berikos também criava cães de caça dos que se sentia muito orgulhoso.

Cailin aprendeu a trabalhar na horta da Ceara. Era um tipo de tarefa que sua família deixava para os escravos, mas embora se desgostou com o estado de suas mãos depois de vários dias de trabalho, Cailin se inteirou através de sua prima Nuala, a irmã pequena de Corio, de que uma nata de gordura de ovelha derretida curaria as mãos avermelhadas ou qualquer parte de sua pele que

requeresse cuidados.

Nuala, que tinha quase quatorze anos, levava Cailin consigo quando ia vigiar as ovelhas. Cailin gostava dessas horas que passava nas verdes colinas. Nuala contou tudo o que precisava saber a respeito de sua família dobunia, e Cailin a sua vez relatou sua vida antes que sua família fora assassinada. Era a primeira verdadeira amiga de Cailin. Comportava-se de um modo muito mais amável que as garotas bretão-romanas com as quais se criou, e era mais aficionada às diversões. Era mais alta que Cailin e tinha um magnífico cabelo escuro que levava comprido e uns vivos olhos azuis.

Cailin poucas vezes via seu avô e considerava este fato uma bênção. Ele passava as noites com sua jovem esposa Brigit, na casa dela. Entretanto, Brigit não cozinhava ao gosto do ancião, por isso este tomava suas comidas na de jantar de sua casa. Cailin evitava ao Berikos pela Brenna, mas ele não a tinha esquecido.

—É inútil como todas as mulheres romanas? —perguntou a Ceara um dia.

—Kyna lhe ensinou a cozinhar, a tecer e costurar. —respondeu Ceara. —Faz-o bem. Essa costela que rói com tanta fruição foi preparada por Cailin.

—Mmm —grunhiu o ancião.

—E cuida de minha horta, Berikos. Meus ossos são quase tão velhos como os seus. Eu não gosto de ir acima e abaixo, arrancando ervas daninhas, sachando, transplantando. Cailin agora o faz por mim. Aprende depressa. Nuala a levou para cuidar das ovelhas. Cailin também cuida da Brenna. Kyna a educou bem. É uma boa garota, mas devemos lhe encontrar um marido. Brenna não viverá muito, e quando morra, Cailin achará que não tem a ninguém.

—Tem á nós. —replicou Berikos com aspereza.

—Não será suficiente. —declarou Ceara.

—Bom —disse o chefe dobunio —ao menos se está ganhando seu sustento, se posso te acreditar, Ceara.

—Não sou uma esposa propensa a mentir, Berikos. —espetou Ceara. —Deve olhar a sua catuvellaunia se quer encontrar mentiras.

—Por que não pode te levar bem com a Brigit? —resmungou ele.

—Porque ela não me tem respeito, e tampouco a Maeve. Aproveita-se de ti, Berikos, e você deixa que o faça. Apela a seu lado escuro e te incita a fazer coisas que jamais teria feito antes de se casar com ela. É malvada e muito ambiciosa para ser a esposa de um chefe dobunio. Mas por que esbanjo palavras contigo? Você não as quer ouvir. Jamais te menti, Berikos. Cailin é uma boa garota. —finalizou Ceara com suavidade.

Em meados de junho a espelta, uma espécie de trigo temperado, foi colhida. No fim de julho se recolheu o einkorn, uma variedade de trigo de um só grão, junto com a cevada, o centeio e o milho. O grão que terei que conservar para semear ou permutar era colocado em silos de pedra subterrâneos, fechados com argila. O grão para uso cotidiano se guardava nos celeiros. O feno se cortava e ficava a secar sobre rolos de madeira.

Nuala e Cailin recolhiam folhas de glasto, enchendo com cuidado seus toscos cestos;

aplicando-lhes um tratamento, convertiam-se em uma maravilhosa tintura azul pelo que os celtas eram célebres. Também desenterravam raízes de louro, que produziam uma excelente tintura vermelho. Quando se mesclavam os dois, o resultado era uma cor púrpura muita solicitada. As cores seriam utilizadas nos objetos de vestir confeccionadas com o linho e cânhamo que também recolhiam.

Em primeiro de agosto se celebrava a festa do grande deus do sol celta, Lug. Era famoso em toda Britania por uma trégua militar geral entre as tribos. Feita a principal coleta, haveria uma grande reunião de todos os dobunios da colina, com jogos, corridas, música e recitais de poesia. Cailin estava familiarizada com o festival, pois em Corinio também se celebrava uma festa em honra de Lug.

Perguntou-se se alguma vez voltaria a ver a cidade. Pouco depois da morte de sua família, seus tios Epilo e Lugotorax tinham viajado a Corinio para inteirar-se do que se dizia das mortes do Gayo Druso e sua família. Detiveram-se no principal botequim e mencionaram ao taberneiro a vila arrasada pelo fogo que tinham visto a uns quilômetros da cidade.

—Parece que houve um incêndio recente. —disse Epilo com indiferença.

—Alguém resultou ferido? —perguntou Lugotorax.

O taberneiro, alma fofoqueira com pouco trabalho aquele dia ensolarado, respirou fundo e respondeu.

—Foi uma grande tragédia. A vila pertencia ao Gayo Druso de Corinio. Sua família se remontava à época de imperador Claudius, centenas de anos atrás. Gente agradável. Uma família muito respeitável, na verdade. Tinha três filhos, dois meninos e uma garota. E também vivia com eles a mãe da esposa. Agora todos estão mortos. A vila se incendiou no último Beltane e toda a família pereceu.

—Então a terra está a venda? —pergunto Epilo.

—Não. —respondeu o taberneiro. —O que foi má sorte para Gayo Druso de Corinio, foi boa para seu primo Quinto Druso. Esse jovem de Roma faz um par de anos e se casou com a filha do magistrado chefe de Corinio, uma mulher rica. Agora ele herdou as terras que pertenciam ao Gayo Druso de Corinio. Bom, sabem o que se diz, amigos: a riqueza chama à riqueza, né?

Quando viajavam de retorno a sua aldeia, Epilo comentou:

—Eu gostaria de esperar uma noite escura a esse tal Quinto Druso e lhe fatiar a garganta. Assassinar à família foi algo horrível, mas recorda o que nos contou Brenna que fizeram a nossa irmã Kyna antes de morrer.

—Matar a Quinto Druso não devolverá a nossa irmã e sua família ao mundo dos vivos. —replicou Lugotorax a seu irmão. —Agora temos que pensar em Cailin. Ceara diz que Brenna não viverá muito. Temos que encontrar um bom marido para nossa sobrinha.

—Possivelmente nos festejos em honra de Lug—observou Epilo pensativo, — quando todos os dobunios da colina estejam reunidos. Crê que algum dos filhos de nossos irmãos seria adequado para a moça? Quem quer que seja, tem que ser um homem com propriedades. Apesar do que papai diga, Cailin leva nosso sangue.

Um grupo de estrangeiros, gente escura com roupas coloridas, que viajavam em três

carretas fechadas, chegaram à aldeia de Berikos na noite antes da festividade de Lug. Devido à data, foram recebidos calidamente e convidados a ficar para aos festejos.

—Ciganos. —disse Nuala. —São muito bons com os cavalos, e se diz que alguns inclusive possuem o dom da profecia.

À manhã seguinte, quando começaram as celebrações, uma anciã enrugada do grupo de ciganos se instalou sob um pequeno toldo e se ofereceu a adivinhar a fortuna em troca de outras coisas.

—OH! —exclamou Nuala excitada. —Vamos naquela para que nos adivinhe o futuro, Cailin! Quero saber se terei um marido jovem e bonito, sedento por mim. —Ao ver a expressão assombrada do Cailin, Nuala afogou uma risada travessa. —Os celtas falam sem rodeios. —explicou sua prima.

—Não tenho nada que oferecer à anciã. —disse Cailin. —Se não fosse por sua avó, só teria a túnica que levava quando cheguei. As únicas joias que possuo são os pendentes e o broche de ouro e pedras que levava na festa do Beltane. Vá você, Nuala, a que lhe adivinhe o futuro. Eu escutarei.

—Dê um pote desse unguento que te ensinei a fazer —disse Nuala. —Será mais que suficiente, garanto. Iremos juntas, mas eu entrarei primeiro e lhe darei esta agulha de bronze e esmalte. É realmente formosa, mas já não gosto.

As duas primas se aproximaram do toldo. A mulher que estava debaixo era sem dúvida uma criatura de aspecto ancião. Seus negros olhos as examinaram quando chegaram a ela. Parecia uma tartaruga se esquentando sobre uma rocha a princípios da primavera, pensou Cailin.

—Venham! Venham, bonitas! —saudou-lhes. —Querem que a velha vovó lhes adivinhe o futuro?

Sorriu, mostrando uma boca sem dentes.

Nuala estendeu o alfinete e a anciã o agarrou, examinou-o com atenção e fez um gesto de assentimento.

—Ninguém faz um melhor trabalho de esmaltes que vocês os celtas. —disse com admiração. —Me dê a mão, moça. Veremos o que te reserva a vida. —Agarrou a mão da Nuala e olhou com atenção a palma. —Ahhh! —exclamou, e voltou a olhar a mão. —Sim! Sim!

—Do que se trata? —perguntou Nuala. —O que vê, anciã?

—Um homem forte e bonito, moça, e não só um. Será esposa de dois homens. Terá muitos filhos e netos. Ai! Viverá muitos anos, menina. Não sempre será uma vida fácil, mas não será infeliz.

A cigana soltou a mão da Nuala.

—Dois maridos? —Nuala parecia perplexa e afogou a risada. —Bom, se um não for suficiente, estarei encantada de ter outro. E muitos filhos, diz? Está segura?

A anciã assentiu com vigor.

—Bom —prosseguiu Nuala, —é um bom destino e serei feliz. Que melhor para uma moça que casar-se e ter filhos? —Empurrou ao Cailin com suavidade. —Agora diga o futuro a minha prima! Tem que ser ao menos tão bom como o meu. Dê-lhe o unguento, Cailin!

Cailin entregou o pequeno pote de pedra à cigana, quem agarrou a mão da jovem e a examinou.

—Recentemente enganou à morte. —disse a adivinha. —A enganará mais de uma vez, moça, antes que chegue sua hora. —Olhou ao Cailin à cara e esta se estremeceu. A cigana voltou a olhar a palma. —Vejo um homem; não, mais de um. —Meneou a cabeça. —Torres douradas. Ai, aqui há muita confusão! Não vejo o que preciso ver. —Deixou a mão do Cailin. —Não posso adivinhar mais, moça. Sinto muito. Toma seu unguento.

—Não. —repôs Cailin. —Guarda-o se pode me dizer uma só coisa, anciã. Perderei logo a um ser querido?

A cigana voltou a agarrar a mão do Cailin e disse: —Recentemente perdeu a vários seres queridos, moça, e sim, o último laço que une a sua antiga vida logo será talhado pela morte. Sinto-o por ti.

—Não o sinta. —disse Cailin. —Não tem feito mais que confirmar o que minha voz interior me diz. Que seus deuses a protejam.

Deu-se a volta e se afastou, Nuala com atrás dela.

O rosto da moça mais jovem mostrava preocupação.

—É Brenna, verdade? —perguntou.

Cailin assentiu.

—Trato de pôr boa cara por ela. —disse. —Em minha presença todos fingem que não se dão conta, mas todos sabemos, inclusive a vovó. Vivi com ela toda minha vida. Salvou-me da morte e me trouxe para um lugar seguro. Desejo tanto que fique bem e viva muitos anos mais, mas não será assim, Nuala. Está morrendo a cada dia, e apesar de todo meu amor não posso ajudá-la.

Nuala rodeou os ombros de sua prima e tentou consolá-la.

—A morte não é mais que a soleira entre esta vida e a seguinte, Cailin. Você sabe, então por que a pena antes que Brenna sequer tenha dado o primeiro passo para cruzá-lo?

—Me causa pena porque não posso dar esse passo ainda, Nuala. Ficarei sozinha a deste lado da porta enquanto minha família vive no outro. Sinto falta dos meus pais e meus irmãos.

Não havia nada que Nuala pudesse dizer para consolar Cailin, e portanto ficou calada. Ela tinha a toda sua família com ela. Mal podia imaginar como seria viver sem sua família e esse pequeno esforço da imaginação esteve a ponto de fazê-la chorar. Para trocar de tema, sugeriu:

—Vamos ver as corridas. Meu irmão Corio é muito rápido. Todos os jovens das outras aldeias tentarão ganhar.

—E não o conseguirão? —perguntou Cailin com um leve sorriso. O amor da Nuala por seu irmão roçava a adoração.

—Ninguém pode ganhar de Corio. —sentenciou Nuala com orgulho.

—Eu posso! —exclamou uma jovem voz, e as primas se voltaram surpreendidas. Era um moço de cabelo escuro preso na nuca com uma correia de couro.

—Bodvoc, o fanfarrão — zombou Nuala. —Não pôde vencer a meu irmão nas últimas festas de Lug. Por que crê que agora pode fazê-lo?

—Porque este ano sou mais rápido —respondeu Bodvoc, —e quando ganhar a corrida,

Nuala, recompensará-me com um beijo.

—Claro que não o farei! —replicou Nuala indignada, avermelhando, mas Cailin observou que seu protesto em realidade não era tão firme como queria aparentar.

Bodvoc sorriu, seguro de si mesmo.

—Sim o fará. —disse; logo se afastou para reunir-se com os outros jovens que se preparavam para participar da corrida.

—Quem é? —perguntou Cailin.

—Bodvoc. Seu pai é Carvilio, chefe de uma das aldeias de nosso avô. Sua mãe tinha que haver-se casado com o Carvilio, mas quando ela escolheu a seu papai, ele se casou com uma mulher catuvellaunia. Bodvoc é o último de seus filhos.

—Você gosta de Bodvoc, Nuala. —brincou Cailin.

Nuala afogou uma risadinha.

—Bem —concedeu, —é bonito.

—E suspeito que tenha uma insaciável sede de seu corpo. Poderia ser o primeiro de seus maridos?

—OH, não comente a ninguém que a cigana disse que terei dois maridos. —rogou Nuala. —Nenhum homem quererá arriscar-se comigo se acreditar que isso lhe cortará a vida. E então morrerei solteirona!

—Não direi —prometeu Cailin, —mas vamos ver a corrida e comprovemos se realmente deve um beijo ao Bodvoc.

Ninguém acreditava que Corio pudesse ser derrotado, mas para surpresa de todos, Bodvoc terminou um corpo diante do campeão. Vestido só com uma tanga de couro, seu musculoso peito empapado de suor devido ao esforço, aproximou-se com grandes passos de uma Nuala surpreendida.

—Deve-me um beijo, Nuala dos olhos azuis —disse com voz suave enquanto um lento sorriso iluminava suas bonitas feições.

—Por que ia beijar a um homem que superou a meu irmão favorito? —replicou ela sentindo um pouco de debilidade nos joelhos. Bodvoc era tão bonito...

Bodvoc não discutiu com ela, mas sim se limitou a atraí-la contra seu corpo e inclinar-se para beijá-la. Nuala exalou um fundo suspiro e cedeu a ele um comprido momento enquanto seus lábios se abrandavam debaixo dele. Esteve a ponto de cair quando ele a soltou brandamente. A pálida pele da Nuala avermelhou quando os participantes na corrida, incluído seu próprio irmão, riram divertidos.

—Nuala? —disse Cailin em voz baixa.

A voz de sua prima devolveu Nuala à terra. Tornou-se para trás e deu uma bofetada ao Bodvoc.

—Não disse que podia me beijar, estúpido! —gritou, e se afastou correndo, ondeando ao vento seu comprido cabelo escuro.

—Ama-me! —exclamou Bodvoc exultante, e se voltou para Corio. —Diga a seu pai que quero Nuala por esposa. —disse, e pôs-se a correr atrás da moça.

A multidão começou a dispersar-se. Cailin olhou a Corio.

—O aceitará?

—Bodvoc gosta de Nuala há anos, e agora tem quatorze. É suficientemente velha para ser uma esposa. Fazem bom casal. Ele tem dezoito e é forte. Terá formosos bebês, Cailin. Agora temos que te encontrar um marido também, prima. Suponho que não me consideraria como companheiro, verdade?

Por um breve instante uma expressão quase esperançada lhe cruzou o rosto e Cailin compreendeu, para sua surpresa, que seu primo Corio albergava sentimentos para ela que, se fossem estimulados, poderiam converter-se em amor.

—OH, Corio —disse e lhe agarrou o braço. —Quero-te, mas meu amor é o de uma irmã para um irmão. Não acredito que será nada mais para mim. —abraçou-o. —Acredito que neste momento de minha vida necessito um amigo mais que um marido. Seja meu amigo.

—É a moça mais formosa que jamais vi e quer que seja seu amigo. —disse Corio com tom queixoso. —Sem dúvida tenho feito algo que desagradou aos deuses para que me imponham semelhante carga.

—É um patife, queridíssimo primo —riu Cailin, —e não me dá lástima. Seu caminho está semeado de corações quebrados.

Aquela noite Cailin aprendeu um pouco mais a respeito de sua herança dobunia quando seu avô se apresentou ante uma concorrida audiência em seu salão e recitou a história de sua tribo celta. A seu lado, um jovem harpista tocava, alternando em sua música a doçura e a paixão, segundo a parte da história que se estava recitando. Ceara e Maeve foram de um lado a outro do salão, procurando que todos seus convidados estivessem cômodos; mas no alto assoalho Brigit, a jovem esposa do Berikos, exibia-se sentada com ar orgulhoso.

Nos três meses que levava vivendo entre os dobunios, Cailin tinha visto poucas vezes a Brigit e nunca tinha falado com ela. Brigit era formosa, com uma beleza fria, pele imaculada como o mármore, olhos prateados e cabelo negro azeviche. Mantinha-se distante, acreditando que o amparo de seu ancião esposo era quão único necessitava.

—E quando ele morrer, pergunto-me o que será de Brigit ? —observou um dia Ceara com amargura.

—Encontrará a outro ancião tolo. —respondeu Maeve. —Nenhum homem jovem a aceitaria, pois é evidente que não tem coração. Mas a um ancião pode fazê-lo acreditar que será a inveja de todos por possuir uma esposa jovem.

Nos dias seguintes à celebração de Lug se completou a coleta final. Recolheram-se as maçãs e peras das hortas. Araram-se os campos de novo e se plantou o trigo de inverno. Cailin arrancou cenouras, nabos e cebolas para guardá-lo do ar fresco.

—Deixa a couve até que haja perigo de geada forte. —disse Ceara. —Está melhor no jardim. Mas recolhe todas as lentilhas que ficam. Quero as secar e as guardar eu mesma.

—Cuida de Cailin quando eu me vá. —pediu Brenna a Ceara uma tarde. —Tudo o que ela

conhece agora desapareceu. É valente, mas a ouvi chorar de noite quando acredita que eu durmo e não ouço. Sua dor é muito grande.

—Por que não Maeve? —perguntou Ceara. —É irmã.

—Maeve está louca pelo Berikos —respondeu Brenna, —e além disso, Cailin gosta de você. Respeita; Maeve, mas é você em quem confia e a quem esta aprendendo a querer. Prometa-me que cuidará dela querida amiga. Cada vez fica menos tempo, mas não posso ir tranquila se não souber que Cailin tem em ti uma amiga e uma protetora.

—Quando tiver cruzado a soleira —declarou Ceara, —cuidarei de Cailin como o faria com uma de minhas netas. Juro-o pelo Lug, Dana e Macha. Pode confiar em minha palavra.

—Eu sei. —disse Brenna com alívio.

Brenna morreu a véspera do Samhain[8], seis meses depois do incêndio. Foi se dormir e já não despertou. Cailin, em companhia da Ceara e Maeve, lavou seu corpo e o vestiu para seu enterro. Como refugiadas, Cailin e sua avó possuíam poucas coisas, mas junto ao corpo começaram a aparecer panelas decoradas, vasilhas bronze para comer e beber, fragmentos de joias, peles, roupa e outras coisas que se consideravam necessárias para uma mulher, para que fosse enterrada como correspondia à esposa de um chefe dobunio.

Brenna foi enterrada várias horas antes do pôr-do-sol, quando começava as festas de Samhain. O harpista tocou uma triste melodia enquanto as chorosas seguiam o cadáver. Berikos acompanhou à esposa que tinha vivido separada dele até o último lugar de descanso junto com o resto da família. Inclusive Brigit se encontrava entre as chorosas oficiais. Como sempre, procurou atrair a atenção de Berikos para si mesma.

—Não podia ter esperado para morrer quando tivesse começado o novo ano? —queixou-se a seu marido.

—Parece-me apropriado que Brenna escolhesse o último dia do ano para pôr fim a sua existência aqui e cruzar a soleira. —respondeu Berikos com aspereza.

—A festa desta noite ficará opaca. —observou Brigit.

Ceara viu vir a tormenta, mas não pôde impedi-la. Cailin se voltou e ficou diante de Brigit, lhe fechando o passo.

—Como se atrevem a falar com tanta falta de respeito no funeral de minha vó? —perguntou. —Isso ensinam os catevellaunios a suas filhas? Minha avó era uma mulher virtuosa e boa, estimada por todos os que a conheceram. A você o único que a preocupa é sua pessoa e suas egoístas necessidades!

—Quem é esta... esta moça? —perguntou Brigit irada a seu marido.

—Minha neta Cailin. —respondeu ele. —A neta da Brenna.

---

[8] *É uma das datas mais importantes do calendário pagão e marca duas coisas essenciais: o ano novo Celta e a festa dos mortos. Por toda a Grã-Bretanha pagã esta data tem sido celebrada durante séculos. Acredita-se que na noite de 31 de outubro para 1 de novembro a divisão entre o mundo dos vivos e dos mortos é mais tênue, e é possível estabelecer contato entre uns e outros. É o dia de lembrar os nossos mortos queridos, e o único dia do ano em que os espíritos daqueles que partiram poderiam voltar à terra e confraternizar com os vivos. Os druidas celebravam esta data, acendendo gigantescas fogueiras sagradas para iluminar o caminho dos seus antepassados, e fazer leituras divinatórias nas suas labaredas.*

—Ah, a cadela mestiça. —disse Brigit com desprezo.

—Não sou mestiça. —replicou Cailin com orgulho. —Sou bretã. Não acredito que seu sangue seja tão puro, Brigit dos catevellaunios. Conforme me disseram, as legiões semearam muitos campos entre as mulheres de sua tribo. Seu nariz romano a delata. Surpreende-me que meu avô não se fixasse nisso, mas sua luxúria por você é tão grande que não vê nada mais que um par de abundantes seios e umas nádegas firmes.

—Vai permitir que me fale assim, Berikos? —disse Brigit, as bochechas avermelhadas de indignação.

—Tem razão, Brigit. Não é respeitosa com os mortos e minha luxúria por ti me cega. —replicou Berikos com certo humor.

—Terei que açoitá-la! —instigou Brigit.

—É bastante valente para tentá-lo, mulher catuvellaunia? —espetou Cailin. —Não, não é! Esconde-se atrás da autoridade de meu avô e recorre a ele quando não consegue o que quer. Todos sabemos o que é: o brinquedo de um ancião cuja luxúria o converteu no bobo de todos. O que fará quando Berikos cruze a soleira, Brigit dos catevellaunios? Procurará a outro ancião para lhe seduzir com sua juventude e seu bonito rosto? Não será jovem eternamente!

—Te cale, Cailin! —ordenou. —Acreditei que tínhamos vindo a enterrar a Brenna, mas ouço sua voz através de sua boca, me vituperando como ela jamais poderá fazer. Fala de respeito, mas onde está seu respeito pela Brenna quando interrompe seu enterro desta maneira? Agora te cale, moça! Não quero ouvir outra palavra sua em todo o dia.

Cailin a olhou com ar desafiante mas não disse nada mais. Brigit, entretanto, se rompeu em pranto e se afastou correndo, seguida de suas duas criadas.

Berikos grunhiu.

—Só os deuses sabem o que me custará isto. —resmungou a Ceara e Maeve. —Possivelmente deveria fazer açoitar à garota.

—A ira do Cailin não é mais que o reflexo de sua dor, Berikos. —disse Ceara com sensatez. —Recorda que só faz seis meses que toda sua família foi cruelmente assassinada a traição. Unicamente sobreviveu Brenna, e Cailin vivia para a Brenna. Cuidou-a com devoção.

—Minha irmã era quão único Cailin acreditava que ficava. —interveio Maeve. —Agora Brenna também morreu. Cailin está afligida por sua solidão. Kyna era uma boa esposa e mãe. Sua família estava muito unida.

—Pensa, Berikos —disse Ceara, —como se sentiria se todos aos que amava já não estivessem aqui e só ficasse você. Cailin jamais poderá substituir aos que perdeu, mas devemos ajudá-la a fazer as pazes consigo mesma e começar uma nova vida.

—Essa menina tem que aprender a sujeitar a língua. —replicou Berikos, lhe ardendo ainda as ásperas palavras de sua neta. —Será melhor que lhe ensinem as maneiras dobunios. A próxima vez a farei açoitar .—ameaçou.

O ancião olhou para onde se encontrava a afligida moça, a certa distância deles, junto à tumba da Brenna. Então Berikos se separou de suas duas esposas e se encaminhou a sua casa, onde logo daria começo o banquete do Samhain.

Ceara meneou a cabeça.

—Parecem-se tanto. —disse. —Cailin pode ser franca como Brenna, mas é tão teimosa como Berikos. Voltarão a se chocar, pode estar segura.

—E Brigit procurará uma maneira de vingar-se. —observou Maeve. —Não está acostumada a que a insultem em público, nem que Berikos não vá em sua defesa.

Aquela noite, Ceara manteve a Cailin ocupada ajudando no banquete. Brigit, sentada no lugar de honra junto a seu marido, vestiu-se com especial cuidado. Sua túnica escarlate estava bordada em ouro no pescoço e nas mangas. Em torno de seu esbelto pescoço levava um delicado torque de ouro com filigranas de esmalte vermelho. De suas orelhas penduravam umas pérolas e levava o cumprido cabelo negro solto, sujeito só com uma banda de ouro e pérolas em torno da testa.

Observou sua inimiga e contemplou sua vingança. Nada do que lhe tinha ocorrido até o momento era adequado. É obvio agora não era o momento oportuno, mas quando este se apresentasse sem dúvida saberia. Enquanto isso, se ataria mais ao Berikos para que aprovasse algo que ela desejasse quando se apresentasse a ocasião da vingança.

Berikos, em um esforço por arrumar as coisas com sua jovem esposa, disse-lhe:

—Compartilharei um segredo contigo, Brigit.

Aproximou-se dela e sua cabeça deu voltas ao perceber a embriagadora fragrância que Brigit gotejava.

—Me diga —disse ela movendo os vermelhos lábios sedutoramente. —Logo eu também te contarei um segredo, meu prezado senhor.

—Enviei a procurar um guerreiro saxão para que ensine a nossos homens o que esqueceram a respeito de lutar. Se tudo for como espero pode que o próximo verão comecemos a recuperar as terras dos dobunios roubadas pelos romanos. Como as legiões faz tempo que partiram e sem dúvida não voltarão, quão único fica dos romanos são granjeiros e comerciantes. Destruiremo-los. Acreditam que as tribos celtas se converteram em cães selvagens, mas demonstraremos que não é assim, Brigit. Recuperaremos o que é nosso com a espada e o fogo! Nosso êxito estimulará aos outros a recuperar também suas terras. Britania voltará a ser nossa. Será como nos velhos tempos, bela minha... Bem, o que queria me dizer?

—Recorda aos ciganos que vieram para as festas de Lug? Bom, uma de minhas criadas se inteirou de um segredo que te proporcionará um prazer que jamais sonhaste, meu senhor. —Falava com voz sussurrada e o coração palpitava de excitação. —demorei todo este tempo em aprender a técnica à perfeição, mas por fim a domino. Esta noite mostrarei isso. Não beba em excesso, Berikos, ou meus esforços serão vãos.

O deixou a taça a um lado.

—Vamos agora. —disse.

—Se partir o banquete terminará. —protestou ela fracamente. —Ainda é cedo, Berikos. Esperemos um pouco mais, rogo-lhe isso.

—As fogueiras do Samhain se extinguiram faz um momento. —replicou ele. —Em troca, meu fogo por ti está em seu apogeu, Brigit, esposa minha.

—Contenha seu fogo um pouco mais, meu senhor. —Sorriu com ar triunfal. —Será melhor depois da espera.

Beijou-lhe nos lábios.

—Tal como minha neta me recordou tão bruscamente esta tarde —disse Berikos, —já não sou um homem jovem. —ficou em pé, arrastando ao Brigit consigo. —Vamos! A noite envelhece tão depressa como eu. Saíram da sala de jantar Ceara sorriu com amargura. —Brigit nos recorda uma vez mais que é ela quem guia ao velho semental que conduz este rebanho.

—Pergunto-me o que haverá dito para que partam tão logo. —observou Maeve.

—Terá sugerido algum jogo lascivo, pode estar segura —disse Ceara. — Ele sempre teve um grande apetite pelo corpo das mulheres. E é evidente que segue sendo assim, mas pode fazê-lo a sua idade?

—Parece ciumenta. —declarou Maeve, assombrada.

—Você não o está? —repôs Ceara. —Me pode considerar uma mulher anciã em virtude de meus anos, mas por que meus desejos não podem ser tão apaixonados como os de Berikos? Não me importaria que visitasse minha cama de vez em quando. Sempre foi um bom amante.

—Sim —coincidiu Maeve, —era. Agora que somos mais velhas ninguém nos admira nem pede permissão a Berikos para compartilhar nossa cama. Sinto-me muito sozinha.

—Lembro quando fomos jovens. —disse Ceara. —Berikos estava orgulhoso de como os outros homens desejavam as suas esposas quando vinham a lhe visitar. Sempre lhe produzia um grande prazer estender sua hospitalidade a nossas camas. E também ele recebia na suas às mulheres que vinham de visita. Recorda quando chegaram aqueles três chefes de tribos vizinhas para discutir uma aliança e expressaram sua admiração por nós?

Maeve riu ao recordar.

—Ai, sim! Tinham vindo sozinhos para que outros não soubessem de sua visita. Berikos se viu obrigado a nos repartir e aquela noite ele ficou sem companheira de cama. Brenna estava quase a ponto de ter a Kyna e portanto não podia estar com ele. As únicas mulheres que ficavam disponíveis eram parentas delas. OH, parece que faz tanto tempo disso!

—Faz. —disse Ceara. —Os velhos costumes estão morrendo, e os homens não estão tão dispostos a compartilhar a suas mulheres como antes. É uma lástima, não crê? As precauções corretas impediam uma gravidez não desejada, mas um filho de um homem honorável se considerava uma bênção. Devo admitir que desfrutei com a variedade que me ofereceu nessas estranhas ocasiões.

Os dias se foram fazendo mais curtos à medida que se aproximava o inverno. O sol não saía até tarde e saia logo. Ceara e Maeve decidiram visitar seus filhos e netos em duas das outras aldeias antes que caíssem as neves. Como iriam à aldeia onde vivia Bodvoc com sua família, Nuala decidiu acompanhar a sua avó.

—Só quer ir compartilhar um espaço para dormir com ele. —brincou Cailin. —Está segura de que terá um ventre gordo quando os dois se casarem no próximo Beltane.

Beltane era a época tradicional para celebrar as bodas entre as tribos celtas.

—Se tiver um ventre gordo quando por fim nos casemos, ninguém estará mais satisfeito que Bodvoc e sua família. Isso demonstraria que sou um campo fértil e que a semente do Bodvoc é forte. Entre nossa gente isso não é nenhuma vergonha, Cailin. Para os bretães não é igual? Seu sangue está tão mesclado que acreditava que seguiria muitos costumes dobunias.

—Seguimos muitos costumes que pertencem aos povos celtas, Nuala —disse Cailin, —mas entre os romanos uma moça vai virgem ao matrimônio. Esse costume perdurou entre os bretões.

—Que lástima —observou Nuala. —Como pode agradar a seu marido se não saber nada respeito a fazer o amor? —Então seus olhos azuis se abriram de par em par. —Alguma vez estiveste com um homem, Cailin? —perguntou com assombro. —Nem sequer com Corio? OH, quando retornar da visita ao Bodvoc terei que remediar esse vazio em sua educação, querida prima. Saber ler está muito bem, mas uma mulher tem que saber mais coisas para agradar a um homem na cama.

—Parece-me que ainda não quero ter a nenhum homem em minha cama —se atreveu a dizer Cailin.

—A próxima primavera fará dezesseis anos, prima —disse Nuala. —Ensinarei-te tudo o que precisa saber e logo procuraremos um homem que você goste para praticar. Bodvoc seria perfeito!

—Mas Bodvoc tem que casar-se contigo! —exclamou Cailin nervosa.

—Não sou ciumenta. Ao fim e ao cabo, você não o ama. É um amante maravilhoso, Cailin. Perfeito para uma primeira experiência! Estou segura de que gostará de nos ajudar neste assunto.

—Não sei se posso fazer uma coisa assim, Nuala. Não me educaram com tanta liberdade como a ti. Não é minha maneira de me comportar. —disse Cailin.

—Nós não consideramos reprovável que façam o amor duas pessoas que estejam de acordo em fazê-lo, Cailin. —explicou Nuala. —Não há nada mau em dar e receber prazer. Pode estar segura de que sua mãe não era virgem quando se casou com seu pai. —Deu uns tapinhas carinhosos a sua afligida prima. —Falaremos disto quando voltar da visita a aldeia do Carvilio.

A mãe do Cailin nunca tinha falado destas coisas. Brenna tampouco. Muitas garotas de sua idade, e mais jovens, tinham falado dos mistérios do amor, mas Cailin nunca havia sentido uma especial curiosidade por isso. Nenhum homem a tinha atraído o suficiente para despertar seu interesse. Embora tivesse adquirido estatura e largura e tinham crescido os peitos nunca tinha pensado na vida como mulher adulta. Agora, ao parecer, devia fazê-lo.

Ceara e Maeve não se mostravam sutis em sua busca de um marido para ela. Seu raciocínio era claro: necessitava um protetor. Berikos apenas a tolerava e se tivesse tido oportunidade, já a teria jogado de sua casa. Ceara e Maeve cuidavam dela, mas o que ocorreria quando elas já não estivessem?

—Mantenha-se longe de seu avô enquanto nós estamos fora. —advertiu Ceara a Cailin na manhã de sua partida. —Brigit ainda tem que vingar-se de ti, tentará-o, sobre tudo se não houver ninguém para te defender. Está segura de que não quer vir conosco minha menina? Seria recebida com agrado.

Cailin fez um gesto de negação.

—São boas ao me pedir isso, mas preciso estar sozinha comigo mesma e meus pensamentos. Desde que vim não tive tempo para fazê-lo. Manterei-me longe do Berikos, prometo, Ceara. Não quero que me repudie como fez com minha mãe. Ao menos ela tinha a meu pai, mas eu não tenho a ninguém.

—Se assegure de que as escravas têm preparada a comida na hora, e de que esteja quente. Então não terá problemas com ele. O estômago e o sexo são o centro de sua vida atual. Ocupe-se do estomago e Brigit se encarregará do outro —disse Ceara com ironia.

Cailin riu.

—Se Berikos te ouvisse, diria que fala como Brenna, estou segura. Não tema, vigiarei às escravas.

Durante dois dias tudo foi bem. No meio da amanhã de terceiro dia Brigit entrou na casa agitada.

—Onde está Ceara? —perguntou a Cailin, que estava sozinha ante seu tear, tecendo.

—Foi-se por dois dias a visitar seus filhos —respondeu Cailin. —Não sabia, senhora?

—Saber? Como ia? Ninguém me conta nada? —queixou-se Brigit. —Então Maeve. Vá procurar a Maeve! —pediu com excitação.

—Maeve também se foi. —respondeu Cailin.

—Por todos os deuses! O que vou fazer? —exclamou Brigit.

Cailin tragou saliva. Brigit parecia muito preocupada, e embora não eram amigas, Cailin se ouviu dizer:

—Posso ajudar em algo, senhora?

Brigit entrecerrou seus olhos prateados e a observou com ar pensativo.

—Sabe cozinhar? —perguntou por fim. —Saberia preparar um pequeno banquete para esta noite? Berikos receberá uma importante visita. Devemos oferecer nossa melhor hospitalidade. —Avermelhou e admitiu: —Eu não sei cozinhar, ao menos não o bastante bem para preparar a classe de comida que terá que servir.

—Sou boa cozinheira, e se as escravas me ajudam posso preparar uma comida digna de um importante convidado, senhora.

—Então faz-o! —ordenou Brigit de má maneira. —E será melhor que seja boa, mestiça, ou esta vez conseguirei que seu avô te faça açoitar por insolência. Agora não há ninguém para te defender.

Voltou-se e saiu apressada da casa.

"Deveria ter ido com a Ceara e Maeve. —se disse Cailin. —Assim se teria encontrado em um bom apuro, e o que teria pensado então Berikos de sua bonita e jovem esposa? Bom, farei-o porquê Ceara quereria que o fizesse e ela é boa comigo."

Dirigiu-se à cozinha, justo detrás da casa. Ali deu instruções aos criados para a preparação de uma espessa sopa com lentilhas e cordeiro, enquanto no assador se cozeria lentamente um flanco de boi. Haveria couve e nabos, e cebolas assadas às brasas. Aquela tarde se assou pão, que seria servido com manteiga e queijo. Cailin deu brilho a uma dúzia de maçãs e as empilhou artisticamente em uma terrina de latão brunido. Ao levá-las a casa para colocá-las sobre a alta

mesa, ajudou a jovem escrava que acabava de polir esta com cera de abelha. A enorme mesa era o orgulho e a alegria da Ceara. Desfrutava com o fato de que em outras casas as mesas estavam danificadas e cheias de marcas feitas com facas e taças. No sua, a mesa reluzia como se fosse nova.

A jovem escrava trouxe candelabros de latão.

—A senhora sempre utiliza estes quando tem convidados importantes. —informou a Cailin.

Cailin agradeceu e os colocou sobre a mesa; logo agarrou umas grossas velas e as cravou com cuidado nas pontas agudas de ferro que as sustentariam. Deu um passo atrás e sorriu para si. A alta mesa tinha o mesmo aspecto que se Ceara a tivesse preparado. Berikos não teria motivo de queixa.

Então Cailin se deu conta de que alguém a estava observando. Voltou-se e, ao outro lado da casa, viu um homem alto e bonito. Seu olhar era atrevido.

—Quem é? —perguntou à escrava.

—É o convidado de seu avô. —sussurrou a moça. —O saxão.

Cailin se voltou e desceu do soalho. Aproximou-se com passo moderado do homem.

—Posso lhes servir em algo, senhor? —perguntou sem deter-se pensar que ele possivelmente não entendia o latim.

—Queria me sentar junto ao fogo, senhora. —foi a resposta do homem. —O dia é frio e tenho feito uma comprida viagem.

—Claro, venha junto ao fogo. —respondeu Cailin. —Irei buscar uma taça de vinho, a menos que prefira cerveja.

—Vinho, obrigado. Posso perguntar a quem tenho a honra de me dirigir? Não queria cometer nenhuma ofensa nesta casa.

—Sou Cailin Druso, neta de Berikos, o chefe da colina dos dobunios. Peço desculpas por seu pobre recebimento, mas Ceara, que é a senhora da casa, foi a visitar seus netos antes que cheguem as neves. Não sabíamos que o esperavam, do contrário não teria partido. Levaram seu cavalo ao estábulo, senhor?

Cailin serviu um pouco de vinho em uma taça de prata decorada com ágatas de cor verde escura e a entregou ao corpulento saxão. Ela nunca tinha visto um homem tão grande. Era inclusive mais corpulento que os homens celtas que conhecia. Suas roupas eram vistosas: punhos verdes com galões cruzados em azul escuro e dourado, e uma túnica azul escura que ameaçava estalar a cada inspiração.

—Obrigado; os servos de seu avô se ocuparam de meu cavalo.

Apurou a taça e a devolveu a Cailin com um deslumbrante sorriso. Seus dentes eram grandes, brancos e assombrosamente regulares.

—Mais? —perguntou ela.

O homem tinha o cabelo amarelo e comprido até os ombros. Cailin nunca tinha visto cabelos dessa cor natural.

—Não, é suficiente por agora. Obrigado.

Uns reluzentes olhos azuis olharam ao Cailin, que se ruborizou. Aquele homem estava

produzindo um estranho efeito nela.

—Meu nome é Wulf Punho de Ferro. —disse ele.

—Soa a feroz, senhor. —comentou ela.

Ele sorriu.

—Ganhei esse nome quando era um moço imberbe simplesmente porque podia quebrar nozes com um murro. — contou sorridente. —Entretanto, mais adiante, meu nome adquiriu um significado diferente, quando me uni às legiões de César nas terras de Reno, onde nasci.

—Por isso fala nossa língua! —exclamou Cailin, e voltou a ruborizar-se. —Perdoe minha excessiva franqueza. —disse arrependida.

—Não se preocupe. —disse ele. —É sincera, espontânea. Isso não é nenhum delito, Cailin Druso. Eu gosto.

Cailin sentiu um repentino calor nas bochechas por ouvir pronunciar seu nome, mas sua curiosidade era maior que seu acanhamento.

—Como é que veio para a Britania? —perguntou.

—Disseram-me que na Britania há oportunidades e terra. Em meu país fica pouca terra livre. Passei dez anos com as legiões, e agora eu gostaria de me estabelecer para cuidar minha própria terra e criar meus filhos.

—Então, esta casado?

—Não. Primeiro a terra, e depois uma esposa ou talvez duas. —respondeu com praticamente.

Cailin sorriu com acanhamento a Wulf Punho de Ferro. Aquele saxão lhe parecia o homem mais bonito do mundo. Logo, recordando seus deveres, disse:

—Deve me desculpar, senhor. Ao não estar a senhora Ceara, as cozinhas estão a meu cargo. Meu avô é muito exigente com sua comida e gosta muito quente. Fica junto ao fogo e ponha-se cômodo. Ocuparei-me de que avisem ao Berikos que chegou.

—Obrigado por sua amabilidade e hospitalidade.

Cailin se apressou a sair da casa e se dirigiu ao primeiro servente que encontrou para que fora procurar seu amo. Logo voltou para a cozinha a revisar as preparações finais do jantar, pedindo que se dispusessem jarras de vinho, cerveja e hidromel. Provou a sopa e indicou à cozinheira que acrescentasse um pouco de alho. O boi vaiava e chispava sobre o fogo, e seu aroma era irresistível.

—Enviei um homem ao arroio para olhar na rede de pesca, senhorita —disse a cozinheira. — encontrou duas boas percas. Preenchi-as com cebolinha e salsinha e as cozi à brasa. É melhor que sobre e não que falte. Disseram que o saxão é um gigante e que tem feito uma comprida viagem. Terá bom apetite para o jantar, suponho.

—Haverá suficiente, Orna? —preocupou-se Cailin. —Berikos se enfurecerá se acreditar que desprezamos a seu convidado. Nunca tinha tido que preparar um jantar para uma pessoa importante. Não quero envergonhar Ceara nem aos dobunios.

—Não se preocupe, senhorita. —tranquilizou a rosada cozinheira. —Tem-no feito bem. Uma boa sopa espessa, carne assada, pescado, verduras, pão, queijo e maçãs. É um bom jantar.

—Temos presunto? —perguntou-se Cailin em voz alta, e quando a roliça Orna assentiu vigorosamente, indicou: —Pois sirvamo-lo também, e ponha a ferver uma dúzia de ovos. E peras! Porei peras com as maçãs. OH, por favor, procura que haja suficiente pão.

—Ocuparei-me disso. —disse Orna. —Agora vá por seu vestido mais formoso, senhorita. É muito mais bonita que a mulher catuvellaunia. Esta noite deve se sentar na mesa alta com seu avô, no lugar da senhora Ceara. Depressa!

CAPÍTULO 4

Cailin saiu da cozinha e retornou à sala. Não tinha pensado jantar com seu avô e seu convidado. Desde que Ceara e Maeve partiram tinha se acostumado a comer na casa da cozinheira. Brigit não gostaria que aparecesse aquela noite, mas bom, ao inferno com Brigit, pensou Cailin. Orna tinha razão. Ela devia ocupar o lugar de Ceara. Cailin se apressou a ir a seu espaço para dormir disposta a trocar de roupa. Para sua surpresa, havia uma pequena bacia cheia de água quente esperando-a. Sorriu. Os serventes estavam, sem dúvida, unidos no desagrado que sentiam por Brigit e, evidentemente, decididos a que ela brilhasse mais que a jovem esposa de Berikos.

Cailin tirou a túnica. Abriu seu pequeno baú e tirou seu melhor vestido. Era um formoso traje de lã leve que tinha sido tingido com uma mescla de erva glastro e raiz de louro. A rica cor púrpura resultante era magnífica. Tinha bordados de ouro e prata no singelo pescoço redondo e nos punhos das mangas. Ceara o tinha dado na festividade de Lug e Cailin ainda não o tinha posto. Banhou-se com esmero, utilizando um pequeno sabão com perfume a madressilva. Quando guardou no baú a túnica que tinha levado todo o dia, colocou o vestido púrpura sobre a camisa de linho. Corio tinha feito um pente de madeira. Cailin sorriu quando o passou pelo matagal cachos avermelhados. Uma singela cinta de pérolas de água, e pedacinhos de quartzo púrpura adornava sua cabeça; presente de Maeve pelo dia do Lug.

Por ouvir a voz de seu avô, Cailin saiu de seu dormitório e indicou a quão serventes começassem a servir a comida. Ela ocupou seu lugar na mesa alta, dando cortesmente com a cabeça a Berikos, que inclinou a sua em sua direção. Quando Brigit abriu a boca para expressar o que Cailin estava segura seria uma queixa por sua presença, Berikos a olhou com ferocidade, a boca de sua esposa se fechou sem pronunciar nenhuma palavra. Cailin mordeu o lábio para reprimir a risada. Sabia que não era que Berikos se abrandou a respeito dela, mas sim o ancião era o bastante sábio para compreender que Brigit não poderia dirigir serventes a satisfação dela. Cailin, como ele sabia pela Ceara, sim poderia.

Brigit se sentou entre seu marido e seu convidado. Falou com efusão e paquerou com o Wulf Punho de Ferro no que ela considerava um esforço satisfatório para garantir os planos que Berikos tinha para a região. O jovem saxão era educado e estava mais que surpreso pela esposa de seu anfitrião. Tinha ouvido dizer os celtas eram um povo hospitaleiro, mas a esposa de um homem era a esposa de um homem.

De vez em quando seu olhar se desviava para Cailin, calada do outro lado de Berikos. Suas

únicas palavras eram dirigidas aos serventes, e sabia dar ordens, precaveu-se ele. Algum dia seria uma boa esposa, se não estava já casada, e por alguma razão pensou que não o estava. Havia nela um ar de inocência que indicava que ainda era donzela.

Brigit se fixou em que o bonito saxão dirigia sua atenção para a neta de Berikos. Um plano perverso começou a cobrar forma em sua mente. Tinha esperado pacientemente o momento adequado para a perfeita vingança sobre Cailin Druso... Agora acreditava que tinha chegado esse momento. Cailin a tinha envergonhado em público ante toda a aldeia e, ainda pior, Berikos se tinha negado a discipliná-la. Como se tinham lambido aquelas duas velhas urracas, Ceara e Maeve, protegendo Cailin de sua ira, mas agora não se achavam ali. Discretamente, foi enchendo a taça de seu marido, primeiro com vinho tinto e logo com hidromel. Berikos aguentava bem a bebida, mas nos últimos anos sua tolerância tinha diminuído.

A fumegante sopa estava sobre a mesa junto com a carne, o presunto e o pescado. Seguiram fontes de verduras, queijo e pão. Em um alarde de generosidade, Berikos fez um gesto de assentimento para aprovar a obra de sua neta. Reunido comeram e beberam, igualando o saxão o número de taças que tomava o ancião até que por fim a comida foi retirada da mesa e começaram a falar de negócios.

—Se treinar a seus jovens e guiá-los, Berikos, o que me dará em troca de meus serviços? —perguntou Wulf Punho de Ferro. —Depois de passar dez anos com as legiões, posso ensinar a seus celtas a brigar como romanos. Os romanos têm o melhor exército do mundo. Meus conhecimentos são valiosos. Em troca espero receber um valor equivalente.

—O que quer? —grunhiu o ancião.

—Terras. Já tive bastante de guerra, mas farei isto por você se me der terras.

—Não. —respondeu Berikos. —Nada de terras! Quero jogar a todos os romanos e demais estrangeiros da Britania e conseguir que pertença a nosso povo como em outro tempo. Por que, se não, ia empreender semelhante ação na minha idade?

—Os únicos estrangeiros que ficam na Britania somos os saxões —respondeu divertido Wulf. —Os verdadeiros romanos partiram faz anos, e os que você chama romanos em realidade são bretões. Seu sangue se mesclou com a de seus celtas durante tantas gerações que já não são estrangeiros. Se quer ser rei desta região, ajudarei em troca de terra e jurarei lealdade; mas expulsar a todos os habitantes da Britania salvo aos de puro sangue celta é uma loucura e uma tarefa impossível.

—Mas se o consigo —insistiu Berikos, —mais tribos se unirão a mim: Os catevellaunios, os icenios, os silures e outros.

Em seu entusiasmo derrubou sua taça, mas Brigit em seguida a colocou de pé e voltou a enchê-la. Berikos a bebeu de um gole.

—Não, não o farão. Também eles se acostumaram à paz. —replicou o saxão. —Quão único querem é prosseguir sua vida cotidiana. Vive em outro século, Berikos. Os tempos trocaram; estão trocando inclusive nestes momentos em que estamos aqui, conversando. Agora os saxões vêm a Britania. Dentro de cinquenta anos nossos descendentes também serão nativos. Um dia virá outro povo, e também se misturarão com os habitantes da Britania até que também eles serão nativos.

Assim é o mundo: uma tribo vence a outra e se mescla com seu sangue, para converter-se em um povo diferente. Deve aceitá-lo, pois não pode trocá-lo, como não pode trocar as fases da lua ou as estações. Treinarei a seus celtas nas artes militares para que possam se converter em guerreiros mais forte desta zona, se em troca me der terras para cultivar. Possivelmente inclusive encontrarei a uma esposa ou duas entre suas mulheres. É uma oferta justa, Berikos.

Ao princípio o ancião não respondeu nada e permaneceu refletindo, sem querer realmente abandonar seu sonho. Até agora ninguém salvo Ceara se atreveu a lhe dizer que os planos que propunha para a região eram impossíveis. Em outra época não teria necessitado chamar um guerreiro saxão para que ensinasse a seus homens a brigar, pois os celtas tinham sido célebres por sua habilidade na batalha. Mas agora os homens de sua tribo se tornaram brandos por causa da boa vida. Contentavam-se cultivando a terra e cuidando do gado. Isso era o que Roma fez com eles. Tinha-lhes arrebatado o coração.

Em Eire, conforme tinha ouvido contar, os celtas ainda eram homens autênticos. Viviam para brigar com o inimigo. Possivelmente deveria ter enviado a procurar um guerreiro irlandês endurecido pela batalha para reeducar aos dobunios nas artes da guerra. Voltou a agarrar sua taça e bebeu o hidromel que Brigit tinha servido. Queimava quando chegava ao estômago. Berikos se sentia cansado, e confundido pelas palavras do jovem. Seus parentes catevellaunios estavam mais próximos à costa saxã do sudeste da Britania. Tinha pedido que encontrassem um militar respeitado entre os saxões, e Wulf Punho de Ferro tinha vindo muito recomendado. Mesmo assim, Berikos não estava satisfeito com o que o saxão dizia.

Brigit se inclinou e sussurrou ao ouvido de seu marido:

—Podemos pôr o saxão de nosso lado se formos pacientes, meu senhor, —murmurou. —ofereçamos a hospitalidade celta como os antigos. Enviemos uma mulher formosa a seu dormitório para que esquente sua cama e proporcione diversão. Não uma autêntica dobunia, a não ser sua neta Cailin Druso. Não devemos permitir que uma de nossas mulheres mescle seu sangue com o do saxão. Cailin não é realmente um dos nossos, não é verdade, Berikos?

Ele fez um gesto de negação e murmurou:

—Mas que diversão pode oferecer essa pequena mestiça, Brigit? É uma virgem que não foi ensinada.

—Razão de mais para oferecê-la ao saxão. Os direitos da primeira noite se consideram um privilégio especial entre todas as tribos. Honra ao saxão concedendo esses direitos com alguém que ele acreditará que é de seu próprio sangue.

Berikos olhou de esguelha a jovem. Sem dúvida era formosa, teve que admitir. O tom de sua pele era único e resultava verdadeiramente provocador. Já tinha idade mais que suficiente para perder sua virgindade. Teriam que encontrar um marido logo, e precisaria saber como agradar a um homem. Nenhum homem queria uma esposa assustada ou torpe na cama. Voltou-se para o Wulf Punho de Ferro e disse:

—Já falamos bastante por esta noite, jovem amigo. Não sei se estou de acordo contigo, mas deve me dar tempo para pensar. Não sou tão velho para não poder trocar se for necessário. Voltaremos a falar disso amanhã. É nosso costume honrar a um convidado oferecendo uma de

nossas mulheres para que o esquente a cama. Entregarei a minha neta Cailin. Esta noite compartilhará contigo seu leito, verdade, minha menina?

Se tivesse dado uma bofetada, Cailin não se teria surpreso mais. Então viu o Brigit esboçar um amplo sorriso e soube imediatamente quem tinha instigado ao ancião. Seu primeiro impulso foi recusar e fugir do salão. O que Berikos pedia era impensável. Mas logo, quando a razão se sobrepôs a suas emoções, compreendeu que negar-se não só encolerizaria Berikos mas também envergonharia ao ancião e aos dobunios. Nunca se havia sentido mais só em toda sua vida. A sorridente Brigit sem dúvida tinha dado com uma boa vingança. Sabia que os bretão-romanos conservavam virgens as suas filhas até o matrimônio, diferente dos celtas.

Entretanto, quem quer que fora o marido que encontrariam para ela seria celta. Não consideraria um defeito sua virgindade perdida. Não tinha alternativa.

—Bom, o que diz, moça? —grunhiu o ancião com ar ameaçador.

—Como queira, Berikos. —respondeu ela, olhando aos olhos de seu avô até que ele os baixou.

Cailin nunca tinha estado tão assustada, mas não queria dar a Brigit a satisfação de reconhecê-lo.

—Bem, bem —murmurou ele, e se voltou para sua esposa. —É hora de nos retirar, Brigit. Despeça-se de nosso convidado. Reunirei-me contigo dentro de um momento.

Brigit se levantou da mesa com um amplo sorriso.

—Boa noite, Wulf Punho de Ferro. Que seu prazer seja grande... e que haja muitos. —acrescentou. —Esperarei ansiosa que venha, meu senhor. —disse a Berikos. E logo, com outro amplo sorriso, abandonou o salão.

—Vai a sua cama, Cailin. —ordenou seu avô. —Wulf Punho de Ferro e eu tomaremos uma última taça de hidromel enquanto você o espera.

Cailin ficou de pé e se apartou devagar da alta mesa. Não disse uma palavra de despedida a Berikos, e é obvio nenhuma era necessária para o bonito saxão. Berikos sem dúvida indicaria onde estava seu espaço para dormir quando chegasse o momento. Francamente, não estava segura de conhecer que classe de formalidades existiam neste caso. Era melhor permanecer calada.

Quando chegou a seu dormitório, Cailin abriu seu pequeno baú, tirou-se o vestido e o guardou com esmero junto com sua pequena cinta adornada com joias. Devia tirar a camisa? Não sabia. Nunca tinha visto seus pais juntos na cama. Não sabia absolutamente nada do que ocorreria entre ela e Wulf. Nenhuma mãe em sua cultura falaria de temas tão sérios com sua filha até que esta não estivesse a ponto de casar-se. Como isso não tinha acontecido a Cailin, não tinha mantido nenhuma conversação a respeito das intimidades compartilhadas por um homem e uma mulher. Seus irmãos gêmeos a tinham protegido igual a seus pais.

O melhor seria, decidiu por fim, decantar-se pela cautela, para não ser pontuada de lasciva. Lentamente tirou as suaves sapatilhas de feltro que levava em casa e também as colocou dentro do baú; depois o fechou. Logo subiu à cama, que era um espaço perfurado nas paredes de pedra da casa.

O colchão era recém feito, cheio de uma mescla de feno, lavanda, urze e pétalas de rosa. A coberta interior do colchão era de tecido, mas a exterior era de uma malha mais fina e suave de tom natural. Havia uma bonita colcha vermelha, que produzia calor nas noites frias e úmidas. Em um pequeno oco sobre a cabeça ardia um pequeno abajur de azeite que iluminava o dormitório. Cailin pensou em reduzir a chama, mas decidiu deixá-la como estava. Arrojava uma reconfortante luz dourada, e ela precisava reunir todo seu valor para confrontar o que a esperava.

Wulf Punho de Ferro foi acompanhado ao dormitório do Cailin por um criado. Sentado no pequeno baú, tirou-se as botas e as deixou a um lado. Logo ficou de pé e se tirou a túnica e os braceletes. A criada, que se tinha escondido nas sombras para lhe ver nu, quase se deprimiu ao vê-lo. Nunca tinha visto um homem assim! Quando se voltou, a criada foi obsequiada com a vista de uns braços musculosos e um peito bronzeado. Suas pernas eram como troncos, firmes e bem formadas, cobertas de pelo dourado. Os grandes olhos da mulher descenderam pelo assombroso torso até chegar ao prezado tesouro, e sua boca formou uma pequena careta de admiração. Em silêncio partiu, invejando à afortunada jovem ama que desfrutaria com a paixão do jovem saxão.

Wulf Punho de Ferro tirou a cinta que sujeitava o cabelo na nuca e sua cabeleira loira caiu para frente roçando os ombros. O reflexo da luz na cama resultava acolhedor. Wulf apartou a colcha de peles e subiu à cama. Por um instante acreditou que estava sozinho, pois Cailin estava pega ao outro extremo do pequeno recinto, lhe dando as costas, e ao princípio não a viu. Embora antes tivesse pensado que a conduta do Cailin era agradavelmente modesta, esperava um recebimento mais quente. Estava-se zombando dele? Ou simplesmente era tímida? Apartou a deliciosa mecha de cachos para deixar o pescoço descoberto. Logo se inclinou e beijou com calidez as esbeltas costas.

—Tem a pele como seda. —disse com admiração, e acariciou com suavidade a nuca.

Cailin, que tinha estremecido ligeiramente ao contato de seus lábios, sentiu um intenso calafrio.

Wulf Punho de Ferro não era um homem insensível. Deu-se conta de que a moça se mantinha rígida. Logo viu que também levava posta a camisa. Um pensamento incômodo cruzou por sua mente, mas o apartou imediatamente. Precisava saber mais.

—Não tirou a camisa —disse com voz suave —me deixe te ajudar.

—Não sei se deveria. —murmurou ela, tentou afastar-se ainda mais dele, embora era impossível devido às reduzidas dimensões do espaço.

—Me disseram que as garotas celtas festejam à deusa Mãe —disse ele, alargando o braço para tirar a camisa.

Deu-se a volta, arrojou o objeto sobre o baú e se voltou para Cailin de novo. A linha de suas costas era formosa e sua pele clara. Roçou o ombro com suavidade e ela deu um coice.

—Não deseja compartilhar sua cama comigo, Cailin Druso? Me disseram que este é um costume corrente em seu povo. O que ocorre?

—Que uma garota solteira compartilhe sua cama com um homem não é o que me ensinaram, Wulf Punho de Ferro, mas estou disposta a obedecer aos desejos do meu avô. Faz só uns meses fui tão tola como dizer ao Berikos que quando minha avó cruzasse a soleira desta vida

para entrar na outra, eu abandonaria os dobunios, que poderia cuidar de mim mesma. Mas a verdade é que não posso me arrumar sozinha por muito que o deseje. Portanto, devo obedecer as ordens de Berikos. Em realidade ele não gosta de mim. —Sua jovem voz tremia levemente.

—Não é uma dobunia?

"Que brincadeira era essa?" - perguntou-se Wulf.

—Minha mãe, filha de sua terceira esposa, era a única filha de Berikos, —disse Cailin. —chamava-se Kyna. Meu avô a queria com loucura, conforme me contaram, mas ele a repudiou quando se casou com meu pai, cuja família descende de um tribuno romano. Gostei do que você disse a meu avô esta noite de que todos somos bretões. Infelizmente Berikos não o vê assim.

Cailin seguiu contando ao Wulf como tinha chegado à aldeia de Berikos e a morte de sua avó uma semanas atrás.

—Não sou desventurada entre o povo de minha mãe. São boas e amáveis comigo. Mas meu avô não me perdoará nenhuma só gota do sangue romano que carrego em minhas veias —terminou.

—Lady Brigit tampouco lhe gosta. —observou Wulf com sagacidade.

—Não, não lhe caio bem. Foi ela quem sugeriu isto, mas é costume entre os dobunios oferecer às visitas importantes uma companheira de cama para passar a noite. Brigit acredita que assim mata dois pássaros de um tiro. Pode vingar-se de mim e espera influir em você para ajudar a meu avô, o qual servirá para que ela ganhe favor com ele.

—O que opina de seus planos para a Britania? —perguntou Wulf.

Tinha gostado dessa garota bonita e evidentemente inteligente do primeiro momento em que a tinha visto. Não queria machucá-la.

—Acredito que têm razão, senhor, e que Berikos se engana. —respondeu Cailin com sinceridade. —Ajudará Berikos?

—De a volta, Cailin Druso, e me olhe. É difícil falar com suas costas. —replicou ele, e em sua voz profunda se insinuou uma risada.

—Não posso. —admitiu Cailin. —Esta nu, não? Nunca vi a um homem nu... completamente nu —retificou, recordando a quão lutadores tinham atuado na Liberalia de seus irmãos.

—Envolverei-me bem com as peles. —prometeu ele. —Só deixarei visíveis os braços, os ombros e a cabeça. E você tem que te envolver também. Não quero te envergonhar, Cailin Druso, mas eu gostaria de ver seu adorável rosto quando falamos. Isto está muito escuro. Sinto-me como se estivesse falando com alguma criatura sem corpo. —brincou.

Ela ficou pensando um momento e logo disse:

—De acordo, mas não me olhe muito de perto. Não posso evitar ser tímida, senhor. Tudo isto é bastante novo para mim, embora não tão terrível como acreditava. —Cailin se deu a volta com cuidado, aferrando as peles sobre seu peito. Ele sorriu para animá-la. E ela se ruborizou. —Ajudara ao Berikos? —repetiu; o coração pulsava com força.

Por um instante ele vislumbrou seus olhos; eram da cor de violetas úmidas. Ela os fechou rapidamente.

—Me parece que Berikos não está disposto a pagar o preço que peço. —respondeu Wulf.

—Terras. —disse Cailin, e de repente teve uma ideia maravilhosa. —Eu o pagarei, senhor —disse, —e em troca só pedirei duas coisas. Verá que meu trato é melhor.

—Dará-me terras por treinar e dirigir aos dobunios? —perguntou ele, confundido. Cailin riu.

—Não. Têm razão em relação às probabilidades de que os dobunios reposicionem às tribos celtas em destacada posição: não existe nenhuma. Mas me vingaria do homem que planejou o assassinato de minha família e me teria assassinado. As terras da família Druso de Corinio são minhas por direito, pois sou a única sobrevivente dessa família. Eu sozinha não posso fazer nada para reclamar meus direitos. Meu primo Quinto Druso encontraria a maneira de me matar para ficar com o que roubou. Mas você poderia matar a Quinto Druso para mim. E se casar comigo, minhas terras serão suas, não? É uma oportunidade muito melhor que a que pode dar meu avô. —concluo Cailin, surpreendida por sua própria ousadia ao sugerir semelhante ação. Possivelmente, ao fim e ao cabo, estava aprendendo a sobreviver sem os dobunios.

—Suas terras são férteis? Há água suficiente. —perguntou ele, assombrado de considerar sequer a proposição da moça. Mas por que não ia fazê-lo? Ele queria terras de sua propriedade e necessitaria uma esposa. A ideia de Cailin era uma solução perfeita para ambos os problemas.

—Nossas terras são férteis —assegurou ela-- e há muita água. Há bons campos para cultivar grãos e outros para alimentar ganho. Também há hortas. A vila de minha família desapareceu, mas podemos construir outra casa, senhor. Quão escravos pertenciam a meu pai também serão meus. Berikos terá que me oferecer também um presente de bodas. Ceara e Maeve se ocuparão de que seja bom.

Wulf necessitava tempo para pensá-lo. O oferecimento era excelente e só um tolo o rechaçaria.

—Farei. —disse. —Casaremos e recuperarei suas terras para você, Cailin Druso. Inclusive ajudarei a esse velho réprobo, seu avô. Seremos obrigados a passar aqui o inverno. Durante os próximos meses treinarei a todos os jovens dobunios que desejarem aprender as artes da guerra. A prova final de suas habilidades será quando recuperarmos suas terras de seu perverso primo. Depois serão para o Berikos. Se não me confundir respeito desta gente, não o seguirão mais longe que os limites de seu próprio campo. —Olhou-a fixamente. —É esperta, ovelhinha. —Levantou o rosto e a beijou levemente nos lábios. —Mas não contaremos nossos planos a seu avô. Só direi que te quero por esposa.

—Isso não lhe negará. —disse ela, sentindo que o rubor se estendia por todo o corpo ao notar o roçar de sua boca na dela. —Em realidade, ele e Brigit acreditarão que está bem que a puta mestiça, como gosta de me chamar, se una a um estrangeiro, como chamam os saxões.

—Ainda não nos unimos. —disse ele com suavidade.

—Ainda não nos casamos. —replicou ela sem vacilar, sentindo que o coração dava um tombo.

—Não podemos insultar a seu avô, nem acreditará que venceu minha paixão por ti se não fizermos o que esperam que façamos esta noite. —Enredou sua grande mão no cabelo de Cailin. —Eu gosto da cor de seu cabelo e a encantadora confusão de seus cachos. As garotas saxãs têm o cabelo loiro e murcho. Têm-no penteado em duas tranças, e quando se casam o cortam muito

curto, para demonstrar sua submissão ao marido. Eu não poderia fazê-lo com seus encantadores cachos, por isso é uma sorte que seja bretã e não saxã. —adicionou com um sorriso.

Com suavidade, mas com firmeza, jogou sua cabeça para trás, deixando ao descoberto a garganta. Logo, a pôs de costas e foi depositando lentos e quentes beijos na branca pele.

Cailin aferrava desesperadamente a colcha sobre seus seios. Não sabia o que fazer. Nem sequer sabia se tinha que fazer algo. De repente se deu conta de que os olhos azuis do Wulf olhavam com profundidade os seus. Cailin não pôde desviar o olhar. Voltava a sentir calor, pensou de forma irracional, e desejava apartar a colcha, mas não se atrevia a fazê-lo.

Wulf estava seguro da resposta que receberia à pergunta que formulou:

—É virgem, ovelhinha?

Claro que era virgem. O semblante de Cailin refletiu a confusão que sentia, pois alternava o medo ao desconhecido e a curiosidade.

—Sim. —murmurou. —Sinto muito, não poderei te dar agrado. Não sei o que tenho que fazer.

—Eu gosto que seja virgem —repôs ele com ternura, —e te ensinarei tudo o que tem que saber para que os nós dois obtenhamos prazer.

—Nem sequer sei beijar. —declarou ela com abatimento.

—É uma arte que se aprende com facilidade. —tranquilizou ele, sério, mas em seus olhos aparecia o regozijo. —Em muitos é algo instintivo. Quando te beijar, te limite a me beijar de volta. Deixa que o coração te guie. Eu te ensinarei certos refinamentos mais adiante. —Beijou-a com suavidade e, depois de um momento de vacilação, Cailin beijou a ele. —Isso está muito bem. —a elogiou. —Voltemos a tentá-lo.

Esta vez o beijo do Wulf foi mais firme, e ela sentiu que seus lábios cediam ligeiramente debaixo dos dele. Cailin afogou um débil grito quando a ponta da língua do Wulf roçou sua boca suave e sensualmente. Sua cabeça começou a dar voltas. Cailin rodeou ao Wulf com os braços para manter-se firme, pois tinha a sensação de que estava caindo.

Ele se separou de seus lábios e afundou a cabeça em seu cabelo.

—Tem um gosto delicioso, ovelhinha, e cheira maravilhosamente. Nunca tinha conhecido a uma garota que cheirasse tão bem. A que se deve? —Baixou o olhar aos olhos de Cailin e esta se ruborizou uma vez mais. —Sempre te ruborizará quando te olhar? —perguntou com voz suave. —É tão formosa!

—Parece-me que exagera, senhor.

Então se deu conta de que o estava rodeando com os braços e protestou.

—Eu gosto que me abrace, ovelhinha. Acredito que apesar de todos seus temores, sabe que sou um homem em quem pode confiar. Não sou um homem que solte cumprimentos como gotas de chuva. Quando te elogio, é porque o merece. É muito bonita. Nunca tinha conhecido a nenhuma mulher tão formosa. Estarei orgulhoso de te ter por esposa, e estarei ciumento de qualquer homem que te olhe. Juntos faremos meninos bonitos e fortes.

—Como? —atreveu-se a perguntar ela. Ele sorriu.

—Tem curiosidade, né? Então devemos prosseguir nossas lições.

Começou a retirar a colcha de peles. Cailin soltou um gritinho, tratando de detê-lo, mas ele não se deteve. A expressão sobressaltada do belo rosto do Wulf quando contemplou sua nudez permitiu a Cailin vislumbrar o poder que uma mulher tem sobre um homem. Ao princípio não a tocou. Seus olhos absorveram a suavidade e palidez de seu corpo: seus pequenos seios arredondados, a elegante curva de sua cintura, suas coxas esbeltas e bem torneadas, o pelo encaracolado de seu monte de Vênus.

Ele sorriu, quase para si, e a tocou ali com um só dedo.

—Estes cachos fazem jogo com os de sua cabeça. —disse.

A observava com os olhos totalmente abertos, em silêncio.

Então ele disse:

—Retira minhas peles, ovelhinha.

Ela o fez e conteve o fôlego. Ele a tinha chamado formosa, e entretanto, o formoso era ele. Tinha o corpo de um deus, sem dúvida. Tudo era proporcionado e perfeito. O que mais lhe surpreendeu foi o apêndice que tinha entre as pernas. Olhou-o com curiosidade, e o tocou com cautela e suavidade.

—O que é isto? —perguntou. —Para que serve? Eu não o tenho.

Wulf tragou saliva. A curiosidade de Cailin parecia a de uma menina.

—Não, você não o tem, mas seus irmãos o tinham. Alguma vez o viu?

—O que é? —repetiu Cailin.

—É chamado de pênis.

—E meus irmãos também o tinham? Não, nunca o vi. Meus pais acreditavam no recato. Diziam que muitos problemas de Roma derivam da falta de moral. Não acreditavam que devamos nos envergonhar de nosso corpo, mas tampouco acreditavam que devamos exibi-lo. Para que serve um pênis?

—É o modo pelo que minha semente entrará em seu ventre. Quando se excita aumenta de tamanho e fica duro. Colocarei isso dentro de você e soltarei minha semente. Esse ato proporcionará prazer aos dois.

—Onde me colocará isso? Mostra-me. – pediu.

Ele se inclinou e voltou a beijá-la, e ao fazê-lo introduziu com suavidade um dedo entre os lábios vaginais do Cailin e tocou a entrada do canal.

—Aqui. —disse.

—Ooooh! —exclamou ela.

Aquele singelo roçar não só a sobressaltou, mas também pareceu estalar no interior de seu corpo. Pequenos tremores percorreram todo seu ser.

—Temos coisas que fazer antes que disso. —disse ele, retirando o dedo. —Responderei a todas suas perguntas mais tarde, mas possivelmente agora seria melhor não falar tanto.

—Por que me chama “ovelhinha”? —perguntou ela nervosa.

—Porque é uma inocente ovelhinha, com seus grandes olhos cor violeta e seus rebeldes cachos avermelhados, e eu sou o lobo que vai comer-te.

Então a beijou na boca. Queria ser gentil e paciente, mas a proximidade de Cailin o estava

voltando louco de desejo. Precisava desafogar-se e, para falar a verdade, quanto mais esperasse mais difícil seria para Cailin. Os lábios desta se abrandaram sob os seus e introduziu a língua em sua boca. Ela tratou de apartar-se, mas ele a sujeitava com firmeza.

Ao princípio ela tentou esquivar a língua que procurava a sua, mas ele não a deixava. Cailin notava o sabor a hidromel em seu fôlego e isso a excitou. Com cautela sua língua procurou a dele e se uniram em uma dança que gratificou aos sentidos de ambos. Rodeou de novo com seus braços, atraindo-o para si, elevando seus jovens peitos para roçar o suave torso do Wulf.

De repente ele se apartou, agarrou seu rosto entre as mãos e o cobriu de beijos. Seus lábios descenderam de novo até a garganta e passaram ao vale que formavam seus seios. Quando ela exalou um suave grito, ele a tranquilizou:

—Não, ovelhinha, não tenha medo.

Cailin tinha a impressão de que seus seios se inchavam sob os beijos do Wulf. Quando agarrou um com a mão e o acariciou com ternura, o gemido que exalou foi de alívio. Ela desejava que a tocasse ali. Queria que seguisse tocando-a ali. Seu coração pulsava com tanta violência que acreditou que sairia do peito, mas as carícias dele agora eram mais exigentes que seus temores.

Wulf se inclinou e beijou os jovens seios. Sua língua começou a lamber os mamilos com cautela, primeiro um e depois o outro, convertendo a suave carne em duros e tensos pontos que formigavam. A respiração de Cailin era agitada quando ele por fim fechou sua boca em torno do mamilo esquerdo e começou a chupá-lo com avidez.

—Prazer... —Cailin o ouviu dizer quando passou ao outro mamilo, ao que ofereceu a mesma comemoração que tinha devotado ao outro.

Cailin o observava, com os olhos entrecerrados, adorar seu corpo. Sentia um desejo desconhecido que a excitava. De repente se deu conta de que ele se colocou sobre ela, enquanto lhe beijava e acariciava o torso. Observou que de seu corpo se sobressaía o pênis, mas agora era enorme. Não era possível que encaixasse em seu jovem corpo. Rasgaria-a!

—É muito grande! —exclamou ela com voz assustada, o mantendo afastado com as mãos contra o peito. —Por favor, não o faça! Não quero que me faça isso agora!

Arqueou-se, lutando contra ele.

Ele gemeu. Foi um som desesperado.

—Me deixe pôr só a ponta em seu canal, ovelhinha, e verá que não passa nada.

—Só a ponta? —perguntou ela tremendo.

Ele assentiu e a guiou com a mão brandamente. Ela estava maravilhosamente úmida de excitação e não foi difícil penetrá-la uns centímetros. Calor o recebeu quando ela encerrou com força a ponta de seu pênis. Wulf se perguntou como poderia manter o controle. Ela era simplesmente deliciosa. Que injustiça o tinha feito propor aquela loucura? Desejava afundar-se dentro dela. Respirou fundo.

—Vê? —disse. —Não é tão terrível, verdade ovelhinha?

Era uma penetração tenra. A ponta de seu membro a forçava, mas em realidade não lhe doía.

Beijou seus lábios brandamente e murmurou:

—Se me deixa entrar um pouquinho mais, te daria muito prazer.

Como ela não respondeu, começou a pressionar com delicadeza, enquanto seguia beijando-a na boca, no rosto e no pescoço.

Cailin fechou os olhos e deixou-o fazer. Embora a sensação que experimentava era nova para ela, não era completamente desagradável. Em realidade começava a sentir calor e quando seu corpo se acoplou ao ritmo do Wulf, surpreendeu-se, mas não pôde evitá-lo. Em realidade, enquanto se movia com ele sentiu que a embargava uma sensação de entristecedora doçura. Era como se uma centena de mariposas percorressem seu o corpo. Cailin de repente agarrou seu rosto e o beijou apaixonadamente pela primeira vez.

Ele tinha observado suas emoções trocarem.

Era como observar a formação de uma tormenta em um céu espaçoso.

—Começa a sentir prazer, ovelhinha? —perguntou— Você gosta? Deixe-me terminar o que começamos. Desejo te possuir por completo!

—Sim, faz-o! —respondeu ela sem vacilar.

Sentiu que as firmes coxas do Wulf a imobilizavam com firmeza e que ele começava a investir com movimentos cada vez mais rápidos. De repente sentiu uma dor aguda quando sua virgindade cedeu ante as prementes investidas. A dor subiu por seu torso e alagou seu corpo quando ele penetrou por completo nela com um grito triunfante. Cailin ofegou ao sentir o fogo estalar em seu ventre. Tinha as unhas cravadas nas costas tensas do Wulf. Teria gritado em sua aterrada agonia se ele não tivesse abafado sua boca com a sua no preciso momento em que a deflorava.

A machucou! Ele não a tinha advertido desta tortura! Claro que não. Sabia que não teria dado seu corpo se soubesse desta dor horrível. Odiava-o! Jamais o perdoaria. Mas de repente foi consciente de uma nova sensação absolutamente deliciosa: a dor tinha desaparecido com a mesma rapidez com que tinha vindo. Só ficava um prazer doce e quente. Wulf se movia sobre ela e o fogo que vertia em suas veias não se parecia com nada que tivesse experimentado.

—Ooooh! —meio que soluçou quando ele se separou de seus lábios. —OH! —Em seu interior ia formando uma ardente dureza. —O que me está acontecendo? —gemeu desesperada quando sentiu que seu corpo começava a elevar-se para um êxtase maravilhoso. Estava elevando-se! Era glorioso! Não queria parar! Poderia seguir assim eternamente. A sensação chegou então à cúpula e estalou como um milhar de estrelas em seu interior. —Oooooh...! —exclamou, afligida pelo prazer e decepcionada quando notou que aquele delicioso prazer se derretia com a mesma rapidez com que chegava. —Não! —exclamou, e abriu os olhos e olhou ao Wulf. —Quero mais!

Wulf rompeu em gargalhadas, a risada de um homem feliz e aliviado. Retirou seu cabelo do rosto e se separou dela, lhe beijando a ponta do nariz. Logo se apoiou contra a parede, olhou a Cailin e disse:

—Espero que tenha obtido tanto prazer como eu, ovelhinha.

Atraiu-a para a segurança de seus fortes braços.

Cailin assentiu e voltou a cabeça para olhar seu rosto. Sua euforia começava a acalmar-se, mas não se sentia desventurada.

—Depois de sentir dor foi maravilhoso. —disse com acanhamento.

—Só dói a primeira vez. —assegurou ele. —Faremos bons meninos. Os deuses foram bondosos conosco, Cailin Druso. Acredito que fazemos um bom casal.

—Sua semente queima. —disse, ruborizando-se ao recordar como a havia sentido alagá-la com bruscas explosões. —Possivelmente já temos feito nosso primeiro filho, Wulf. —adicionou enquanto voltava a deslizar-se sob as peles.

Ele apoiou a cabeça sobre seus seios e gostou que o embalasse em atitude protetora como ele tinha feito com ela. Tinha chegado à aldeia dobunia em busca de terras. Os deuses, em sua sabedoria, tinham-lhe dado Cailin e um inesperado futuro.

—Se estivéssemos em seu mundo —disse— e se tivesse pedido a seu pai, e ele concordasse, como seria celebrado nosso matrimônio?

—A cerimônia começaria na vila de meu pai. —explicou Cailin. —A casa estaria decorada com flores e ramos verdes, com tapeçarias de lã de vivas cores. Os presságios se fariam à hora do amanhecer se fossem favoráveis os convidados começariam a chegar inclusive antes que saísse o sol. Viriam de todas as vilas vizinhas e também de Corinio. A noiva e o noivo se aproximariam do átrio e começaria a cerimônia. Uma matrona felizmente casada que seria nossa madrinha, nos uniria. Juntaria nossas mãos ante dez testemunhas formais, embora em realidade todos nossos convidados estariam presentes.

—Por que dez? —perguntou Wulf.

—Pelas dez primeiras famílias patrícias de Roma. —respondeu, e prosseguiu: —Então eu recitaria antigas palavras de meu consentimento ao matrimônio : “Quando e onde é Gayo, eu então sou Gaya.” Logo passaríamos à esquerda do altar familiar e o encararíamos, sentados em tamboretes cobertos com a pele de ovelhas sacrificadas para a ocasião. Minha mãe ofereceria um bolo de cereais ao Júpiter. Nós comeríamos o bolo, enquanto minha família oraria em voz alta a Juno, que é a deusa do matrimônio. Eles rezariam a outros deuses da terra, romanos e celtas. Depois nos considerariam verdadeiramente casados. Há outras formas de cerimônia matrimonial, mas em minha família sempre se empregava esta. Meus pais ofereceriam logo um grande festim que duraria um dia inteiro. Ao final se distribuiriam partes de nosso bolo de bodas entre os convidados para que tivessem sorte. Depois eu seria escoltada formalmente ao lar de meu marido. Você me agarraria dos braços de minha mãe e eu ocuparia meu lugar na procissão. Arrumariam-nos portadores de tochas e músicos e qualquer que durante o trajeto queria unir-se ao cortejo. Em realidade, nos velhos tempos se considerava que esta procissão era o selo final da validade de um matrimônio. É costume que a noiva seja assistida por três jovens cujos pais vivam. Dois caminhariam junto a mim e me agarrariam pela mão, enquanto o terceiro iria diante com um ramo de espinheiro. Detrás de mim se levaria um fuso e uma roca. Eu teria três moedas de prata: uma a ofereceria aos deuses das encruzilhadas, a segunda daria a você, em representação de meu dote, e a terceira a ofereceria aos deuses de seu lar.

—E eu não faria nada mais que caminhar a seu lado com orgulho? —perguntou ele.

—OH, não. Você repartiria pasteizinhos de sésamo, nozes e outras guloseimas entre os espectadores. Quando chegássemos a sua casa, eu decoraria os postes da porta com lã de cores e

lubrificaria a porta com azeites preciosos. Então você me agarraria em braços para cruzar a soleira. Considera-se que traz má sorte que a noiva escorregue quando entra em seu novo lar.

—Eu não te deixaria escorregar. —observou ele, e elevando a cabeça a beijou nos lábios. —Isso é tudo?

—Não. —respondeu ela com uma risadinha. —Há mais. Ao entrar na casa, eu repetiria as mesmas palavras pronunciadas na cerimônia. Então se fecharia a porta à multidão.

—E por fim estaríamos sozinhos! —exclamou Wulf.

—Não! —exclamou Cailin rindo. —Alguns convidados nos fariam companhia. Você me deixaria no chão e me ofereceria fogo e água como uma promessa da vida que compartilharíamos e como símbolos de meu dever em nosso lar. Haveria lenha posta já na chaminé, que eu acenderia com a tocha nupcial. Depois arrojaria a tocha aos convidados. Considera-se um bom augúrio conseguir uma tocha nupcial.

—Logo nossos convidados se iriam a casa e nós por fim estaríamos sozinhos. —disse ele. —É assim ou não?

Ela conteve a risada.

—Não.

—Não? —perguntou ele com exagerado tom de indignação.

—Antes eu teria que recitar uma prece.

—Uma prece longa? —Fingiu aflição.

—Não, não muito. —respondeu ela. —E depois a madrinha nos conduziria a nosso divã nupcial que estaria colocado no centro do átrio a primeira noite de bodas. Sempre permaneceria como símbolo de nossa união.

—É um dia comprido para os noivos. —comentou.

—Como celebram as bodas os saxões? — perguntou ela.

—O homem compra a sua mulher. Claro que está acostumado a assegurar-se de que a donzela esteja mais ou menos de acordo. Então se aproxima da família dela, através de um intermediário, é obvio, para ver o que e quanto quer pela garota. Logo se faz a oferta formal. Talvez seja aceita ou talvez seja necessário regatear um pouco mais. Uma vez acordado o preço da noiva e realizado o intercâmbio, celebra-se um banquete e depois o feliz casal se vai a casa, sem seus convidados, devo acrescentar. —concluiu. Então agarrou o queixo do Cailin e disse: —Pronuncia as palavras, Cailin Druso. —Sua voz era suave, e sua masculinidade começou a excitar-se outra vez. —Me diga as palavras, ovelhinha. Serei um bom marido para você, juro-o por todos os deuses, os teus e meus.

—Quando e onde é Gayo, eu então sou Gaya. —recitou Cailin.

“Que estranho —pensou. —Sabia que alguma vez teria que pronunciar estas palavras, mas jamais pensei que as diria completamente nua, em uma cama em uma aldeia dobunia, a um saxão.” Mesmo assim, Cailin se considerou afortunada. Tinha percebido que Wulf Punho de Ferro era um homem bom e honrado. Ela necessitava seu amparo, pois fora de sua família não tinha ninguém. Ceara e Maeve faziam tudo o que podiam por ela, mas tinham partido e ela se encontrava a mercê de Berikos e sua perversa esposa catuvellaunia.

Não voltaria a acontecer. De repente ouviu a voz do saxão, forte e seguro, e olhou aos olhos.

—Eu, Wulf Punho de Ferro, filho do Orm, tomo, Cailin Druso, por esposa. Te cuidarei e protegerei. Juro pelo grande deus Odin, e pelo deus Tor, meu patrono.

—Serei uma boa esposa para ti. —prometeu Cailin.

—Sei. —disse ele, e conteve a risada. —Pergunto-me o que pensarão seu avô e essa bruxa da Brigit deste giro dos acontecimentos.

—Ele te pedirá um pagamento por mim, estou segura. Não dê nada! Não merece nada.

—O que não se paga não vale nada, ovelhinha. Para mim vale mais que todas as mulheres. Darei-lhe um preço justo do que não terá que te envergonhar.

—É muito bom. Como poderei te pagar sua bondade comigo? Tinha que ter desfrutado comigo esta noite e logo me abandonar. Entretanto, se o tivesse feito, embora não teria me envergonhado, pois é o costume dobunia, no fundo de meu coração sim o teria feito.

Um lento sorriso malicioso iluminou as fortes e formosas feições do Wulf.

—Sei como pode começar a me pagar isso, ovelhinha. —disse, e agarrou sua mão e a levou a seu sexo, que voltava a estar ansiosamente preparado. —Tenho intenção de que me pague isso em sua totalidade, ovelhinha, não só esta noite, mas também em todas as vindouras.

O jovem rosto de Cailin adotou uma expressão sedutora que não tinha visto antes.

—Parece-me justo, esposo meu. —coincidiu ela. —Não ouvirá nenhuma queixa por minha parte neste aspecto. Minha família sempre me ensinou a pagar minhas dívidas.

Então atraiu o rosto do Wulf para o seu, seus lábios ansiosos de receber os beijos dele.

CAPÍTULO 5

Berikos olhou seu convidado.

—Dormiu bem? —perguntou. —Reconsiderou nossa conversa de ontem?

—Sua neta é uma companheira encantadora. —respondeu Wulf, e tomou um gole de cerveja negra. —Honra-me ter tido direito a sua primeira noite, Berikos. Deixou claro quanto deseja minha ajuda, mas eu ainda acredito que sua ideia está condenada ao fracasso. Não pode fazer que volte aos tempos passados. Ninguém pôde fazê-lo, meu amigo.

—Aceitarei seu preço. —disse Berikos, desesperado.

—Terras. —O saxão elevou uma sobrancelha com ar interrogador.

Berikos assentiu.

—Seria um mal vizinho, com os sentimentos que alberga. —replicou Wulf ao ancião. —Em realidade nunca poderia confiar em ti... a menos que...

—A menos que o que? —perguntou Berikos agarrando-se a um fio de esperança.

—Atribua-me agora uma porção de terra por segurança. Quando tiver treinado seus homens, trocarei com outro celta que viva na costa saxã. —explicou Wulf. —Terei minhas terras e a terra que me dê pertencerá a outro de sua raça. Possivelmente de sua própria tribo, mas os celtas podem arrumar isso entre vocês.

Berikos assentiu.

—Sim, podemos, e quando chegar o dia em que devolvamos a seu povo à terra de Reno não poderá vir a te queixar a mim. Terei completado minha parte do trato. Bem! Aceito!

—Não tão depressa, amigo. —disse Wulf. —Quero outra coisa de ti. Acredito que será mais apto para manter seu trato comigo se estivermos aparentados. Eu gosto de sua neta e eu necessito uma esposa. Seu sangue mesclado te inquieta, mas a mim não. Pagarei-te um preço justo por ela se der seu consentimento.

—Segundo nossas leis, ela também deve dar seu consentimento. Se o fizer, estarei encantado de aceitar um preço por ela —respondeu Berikos, —embora não deveria fazê-lo. Fará-me um favor levando Cailin. Minha esposa Ceara me esteve insistindo em que lhe encontre um marido. O que me dará por ela?

O saxão arrojou uma moeda a seu companheiro. A moeda reluziu enquanto sulcava o ar. A mão do Berikos a apanhou. Seus olhos se abriram de par em par. Mordeu a moeda e compôs uma expressão de surpresa.

—Ouro? É uma moeda de ouro. Uma garota não vale uma moeda de ouro. —disse Berikos. Queria o ouro do saxão, mas sua consciência nunca o deixaria em paz se não era honrado. —Além disso, ela ainda não deu seu consentimento à união.

—Sim deu. —replicou Wulf. —É um preço justo, pois assegurará que você não me tirará a vida quando já não te for útil, Berikos dos dobunios.

O ancião riu.

—Não confia em ninguém, né, saxão? Bom, é sábio não fazê-lo. Neste mundo não se pode confiar em ninguém por completo. Muito bem, aceito suas condições. A garota é tua. Pode que o considere um mau negócio quando ela te mostre o látego de sua língua, mas não aceitarei que me devolva. —Cuspiu na mão direita e a estendeu ao saxão, quem a sua vez cuspiu na sua e a estendeu ao ancião, estreitando-a com força.

—De acordo, Berikos, mas não lamentarei o trato, asseguro-lhe. Cailin será uma boa esposa para mim. Sua mãe lhe ensinou bem os deveres de uma mulher para seu marido e seu lar.

—Sim —respondeu o homem com voz aguda. —Kyna era uma boa garota.

—Bom dia, desfrutou de uma noite cheia de prazeres? —perguntou Brigit ao entrar no salão, sorrindo com falsidade.

Sua túnica azul com bordados prateados ondeava em torno de seu corpo com elegância.

—Pois sim, senhora, foi uma noite estupenda. —respondeu o saxão.

—Wulf concordou em nos ajudar. —disse Berikos, agradado. Explicou a sua jovem esposa a transação de terras que tinham acordado. —E dei Cailin como esposa.

—Que tem feito o que? —Os olhos do Brigit se abriram de assombro. Isso não era o que ela tinha planejado. Só queria que o saxão violasse brutalmente Cailin e destroçasse sua alma. Queria que a moça ficasse envergonhada e machucada.

—Wulf me pediu a mão de Cailin. —explicou Berikos. —Seu sangue misto não lhe importa. Minha neta está de acordo. —Mostrou-lhe a moeda. —Wulf me deu isto como pagamento por ela. É ouro. Seu pai se contentou aceitando uma peça de prata e um casal de cães de caça por ti, Brigit.

Os olhos do Brigit brilharam ao ver o ouro e Wulf pensou que Berikos não conservaria por

muito tempo o preço que tinha recebido por sua neta. A mulher ficou de mal-humorado e ao fim disse:

—Não há nada para comer aqui? Cailin é negligente com suas obrigações, ou é que o matrimônio subiu à sua cabeça? Uma boa esposa deveria ter a comida da manhã ao ponto a uma hora razoável. Espero que Ceara retorne logo.

—Possivelmente se não dormisse até metade da amanhã, Brigit —disse Cailin entrando no salão, —encontraria a comida preparada. Berikos e meu marido comeram a horas. Se for à cozinha, entretanto, podem lhe dar algo, se disser que eu ordenei que o façam. —Esboçou um amplo sorriso. —Devo cumprir com meus deveres. Esta manhã chegou um mensageiro procedente do forte da colina do Carvilio. Ceara e Maeve chegarão antes do pôr do sol. Comeremos assim que cheguem. Procure ser pontual, senhora. —voltou-se para seu avô. —Fez um trato com meu marido, Berikos?

—Sim. —resmungou ele. Aquela moça era forte e não se deixava vencer, admitia-o. —No futuro, mestiça, fala com mais respeito a minha esposa. —advertiu —Merece ser respeitada.

—Respeito se ganha, Berikos. —espetou Cailin e, voltando sobre seus talões, abandonou a sala.

—Olhe! —exclamou Berikos. —Já viu o látego de sua língua, mas é muito tarde. É sua esposa.

—A pua não ia dirigida a mim, Berikos. Eu gosto das mulheres que dizem o que pensam. Só a castigarei se me desafia.

Ceara, Maeve e Nuala chegaram quando o sol invernal do meio da tarde tingia o céu de belos tons avermelhados, alaranjados, dourados e purpúreos. Uma estrela brilhante flutuava sobre o forte da colina do Berikos como se as guiasse para a cálida segurança de seu interior. Nuala estava excitada pela volta a casa, e correu a abraçar a sua prima.

Antes que se inteirassem por outros, Berikos contou a suas duas esposas mais velhas sobre as bodas de Cailin. Ambas ficaram aniquiladas e igualmente furiosas pela participação que Brigit tinha tido no assunto.

—Fez por crueldade! —Exclamou Maeve em uma estranha demonstração de ira ante seu marido. —Você estava cheio de vinho e hidromel, não o duvido, e seguiu o jogo dessa puta! Que vergonha, Berikos!

—Não tem que lhe aceitar por marido, minha menina. —disse Ceara ao Cailin tratando de manter a calma. —Não é nenhuma vergonha em nosso povo que uma mulher prove o prazer com vários homens. Se aprender a dar prazer, isso aumenta sua reputação como boa esposa. Pode retirar seu consentimento, Cailin, se o desejar. Berikos pode devolver a peça de ouro ao saxão. Pode-se fazer com honra.

—Não desejo retirar meu consentimento, Ceara. —disse Cailin com serenidade. —Wulf Punho de Ferro é um bom homem. Estou contente de ser sua esposa. Não me sinto atraída para nenhum outro homem. Não insistiu em que me casasse, senhora? —brincou.

—Mas quando tiver terminado seu trabalho aqui —gemeu Ceara, —irá para a costa saxã e não voltaremos a vê-la.

—Boa viagem! —exclamou Brigit.

—Fecha a boca, puta! —espetou Ceara. —Deveria te haver matado quando te vi pela primeira vez. Não faz mais que causar problemas! —voltou-se para seu marido. —Honrei-te toda minha vida, Berikos. Defendi suas decisões inclusive quando sabia que eram equivocadas. Permaneci calada quando repudiou a sua única filha e jamais disse uma palavra em defesa da Kyna quando devia fazê-lo. Apertava os dentes quando não nos permitia compartilhar a alegria dos nascimentos dos netos da Brenna e permaneci de novo calada quando Brenna nos abandonou para ir viver com a Kyna e sua família. É um homem tolo, Berikos! Quer recuperar a grandeza dos dobunios. Que grandeza? Jamais tivemos grandeza! Somos um simples clã. Se jogar os bretões, eles brigarão por essas terras que cultivaram durante os últimos cem anos. Não obterá nenhum êxito neste plano, embora não posso impedir que o tente; mas não permitirei que a única neta sobrevivente da Brenna nos abandone. Dará a este saxão as terras que prometeu e ficarão aqui. A menos que deseje passar seus últimos dias sem Maeve e sem mim.

Berikos estava aturdido. Em todos os anos em que tinham estado casados, Ceara jamais lhe tinha falado com tanta dureza, em privado ou em público. Tampouco a tinha visto nunca tão zangada.

—O que quer dizer sem Maeve e sem você? —foi o único que lhe ocorreu perguntar.

—O abandonaremos, Berikos. —respondeu Ceara com seriedade. —Iremos a outras aldeias e viveremos com nossos filhos. Mas não tema. Estou segura de que Brigit cuidará de sua casa e de ti com ternura quando se puser doente, e se ocupará de que tenha a comida preparada como você gosta. Sabe como você gosta da comida? Provavelmente não, mas estou segura de que o dirá.

—Isso não é necessário. —grunhiu Berikos nervoso.

Ceara elevou uma sobrancelha em gesto interrogador.

—Seriamente?

—Faremos alguns acertos, juro-o. —prometeu Berikos à furiosa mulher. —Não há necessidade de precipitar-se.

—Já veremos, ancião. —replicou Ceara, com tom sombrio.

Cailin elevou o olhar para seu marido, seus olhos brilhantes ao pensar em sua conspiração. Tinham concordado na acolhedora intimidade de sua cama, aquela manhã, que não mencionariam as terras de Cailin até que estivessem preparados para mudar-se. Não pressionariam Berikos para que mantivera seu trato. Quando chegasse o momento oportuno, recuperariam as propriedades da família Druso de Corinio.

Tinha deslocado a voz entre as aldeias dobunias de que todos o que desejasse aprender as antigas artes da guerra tinha que ir à aldeia do Berikos, onde seriam alojados, alimentados e instruídos em troca de seu serviço. Construíram-se vários barracões de madeira dentro das muralhas da fortificação da colina para os futuros guerreiros. Acudiram cento e cinquenta homens jovens, de treze a dezoito anos. Berikos ficou decepcionado ante este pequeno contingente. Sinceramente tinha acreditado que seriam muitos mais.

—O que esperava? —disse Ceara. —Só somos um milhar. Muitos jovens já estão casados e não querem abandonar a sua família. Por que o fariam?

—E o que me diz da honra? —espetou Berikos, ofendido por suas palavras.

Maeve riu entre dentes.

—A honra tem poucas esperanças de manter quente a um homem em uma fria noite de inverno. E que mulher quer passar o inverno só ou com seus filhos, sem nenhum homem que a console?

—Isso é o que os romanos têm feito conosco! —exclamou Berikos.

—Os romanos não nos fizeram nada que não deixássemos que nos fizessem. —replicou Ceara. —Além disso, que povo sensato não prefere a paz à guerra?

—Nosso povo —disse Berikos. —Nosso povo que veio da escuridão e através das planícies e dos oceanos a Britania, Eire, Cimris, Galia e Armórica. Nossa raça celta!

—Quando aceitará que esses tempos já passaram, Berikos? —disse Ceara e apoiou uma mão tranquilizadora no braço, mas ele a apartou.

—Não! Não pode ser. Voltarão! —insistiu.

—Então treina a seus guerreiros, velho teimoso. —disse ela irritada. —Quando chegar à primavera, veremos o que ocorre.

Chegou o inverno com seus ventos frios, chuvas geladas e neve. Wulf trabalhava com seus recrutas, submetia-os a largas marchas nas piores condições climáticas e carregados com vinte e cinco quilogramas de peso à costas. Quando no princípio se queixaram, ele disse com frieza:

—As legiões de Roma conduzem mais peso. Possivelmente por isso já não são donos de todas suas terras. Preferem beber e contar histórias indignas a treinar militarmente.

Os jovens dobunios apertaram os dentes e não voltaram a queixar-se. No limpo ar da fortaleza soavam as espadas e as fêmeas de javali ao dar no alvo enquanto os futuros guerreiros melhoravam suas habilidades na batalha e a sobrevivência.

Mas por muito duro que fora Wulf ao treinar a seus homens, com sua esposa era completamente diferente. Ceara e Maeve estavam de acordo em que o saxão, embora feroz oponente no campo de batalha era uma alma gentil com Cailin e com os meninos da fortaleza que o seguiam com admiração, suplicando seu favor. Frequentemente agarrava a dois pequenos em seus braços e cruzava a aldeia com eles quando se dirigia a seu trabalho. Não havia menino que não o adorasse, nenhuma jovenzinha que não tentasse atrair sua atenção. Ao fim e ao cabo, nada limitava Wulf Punho de Ferro a ter uma só esposa. Entretanto, as donzelas estavam condenadas à decepção, pois o saxão não tinha tempo para ninguém nem nada mais que sua esposa e seu dever.

Cailin se sentia satisfeita com a vida que levava. Tinha um marido atraente que era bom e fazia amor apaixonada e regularmente. Parecia suficiente, em particular quando descobriu que estava grávida. Deu-se conta de que seus pais tinham tido uma relação diferente da que ela mantinha com o Wulf, mas não compreendia qual tinha sido essa relação.

O ventre inchado do Cailin agradava a seu marido. Era a prova de sua virilidade ante os dobunios. Mas Berikos não estava satisfeito. Agora jamais se veria livre do saxão. Se antes Ceara e Maeve estavam decididas a que ele e Cailin ficassem, agora seriam implacáveis. Berikos suspirou

para si. Bom, de todos os modos, o que importava um maldito saxão? Sempre existia a possibilidade de que Wulf morresse em uma batalha.

Cailin desfrutava das longas e escuras noites de inverno que passava embalada pelo Wulf. Uma vez que recebeu a notícia, ele ia com mais cuidado, mas não deixava de ser um amante vigoroso. Gostava de acariciar aquele ventre volumoso e suas grandes e endurecidas mãos rodeavam os seios do Cailin, que tinham aumentado de tamanho devido a seu estado. Seus mamilos, sempre sensíveis, ficaram ainda mais com cada dia que transcorria.

—Ficou muito lasciva. —disse uma noite enquanto a penetrava por trás para que seu peso não danificasse ao menino. Acariciou-lhe o peito, brincando com os duros mamilos. Depois deslizou as mãos para baixo e a rodeou pelos quadris atraindo-a para ele com firmeza. Mordiscou o pescoço de Cailin e logo a beijou.

Cailin se retorcia contra ele.

—Às esposas não é permitido ser lascivas, meu esposo? Ooooh... —gemeu brandamente quando ele a penetrou mais profundamente, e começou a mover devagar os quadris contra ele.

Wulf grunhiu de prazer. Nunca tinha conhecido a nenhuma mulher que lhe provocasse a excitação que produzia Cailin. O excitava mais depressa e o fazia ejacular antes. Não estava seguro de que gostasse, mas sem dúvida não o desagradava. Começou a penetrá-la ritmicamente e os gritinhos de prazer dela não fizeram a não ser aumentar o seu.

Cailin pensou que ele já devia estar cansado, mas cada vez que tomava se excitava tanto que chegava um momento em que ela quase não podia suportá-lo, tão dolorosamente doce era. Ele pareceu inchar e crescer dentro dela até que finalmente os dois alcançaram o êxtase. A sensação de satisfação posterior também foi deliciosa. Inclusive agora, quando o menino se movia dentro dela, desfrutava com as cuidados do Wulf.

—Aaaahhhh! —suspirou por fim.

—Logo teremos que deixar isto. —disse ele a contra gosto.

—Por quê?

—Temo danificar ao menino.

—Tomará outra mulher? —perguntou ela.

Wulf percebeu o ciúme em sua voz, o que o agradou. Permaneceu em silêncio um longo momento.

—Se importaria se o fizesse? —perguntou, fingindo indiferença.

Agora tocou a Cailin ficar um momento calada. Importaria-lhe? E se era assim, por quê?

—Sim. —respondeu por fim. —Importaria-me que te levasse outra mulher à cama. Mas não me pergunte por que; não o entendo. Simplesmente me importaria.

—Então não o farei. Se não puder conter meus desejos viris, então não sou melhor que um menino. Além disso, vi as dificuldades que encontra seu avô ao ter mais de uma esposa. Acredito que deveria evitar estas dificuldades, embora não te prometo que sempre pense igual, ovelhinha.

Cailin sorriu. Não haveria outras esposas se ela podia evitá-lo. Uma esposa era mais que suficiente para qualquer homem, inclusive para um tão maravilhoso como Wulf Punho de Ferro. Ela sempre seria mais que suficiente para ele. Então lhe ocorreu uma coisa. Por que importava?

Era possível que a amasse? A consideração que demonstrava Wulf com ela era sinal de amor? Cailin caiu em um sonho satisfeito, sentindo o fôlego de seu marido contra sua orelha. Era uma sensação reconfortante.

Vários dias mais tarde, uma luminosa manhã de abril, Wulf pôs em marcha seu plano para recuperar as propriedades de sua esposa. Reuniu aos jovens guerreiros a quem tinha treinado durante os meses invernais e perguntou:

—Vocês gostariam de me demonstrar sua habilidade me ajudando a tomar uma vila propriedade de um romano chamado Quinto Druso?

Os jovens pareceram claramente incômodos. Corio, o primo do Cailin, disse:

—A maioria quer retornar a suas aldeias, Wulf. Já é época de semear e suas famílias os necessitam. Não esperou realmente que formariam um exército para o Berikos e levariam a seu cabo descabelados planos, verdade?

Wulf riu.

—Não, Corio, não. Entretanto, Quinto Druso fez assassinar à família de Cailin e é o responsável pela morte da Brenna. Quando nos casamos prometi ao Cailin que recuperaria suas terras para ela e nossos filhos.

Os olhos azuis de Corio se abriram como pratos; logo sorriu.

—Por isso não pressionou ao avô em relação às terras que te prometeu? Todo este tempo sabia que disporia das propriedades de Cailin?

—Só disporei delas se você e outros me ajudam a recuperá-las e a pôr Quinto Druso nas mãos da justiça —disse Wulf. —Não posso fazê-lo sem sua ajuda.

Corio se voltou para os outros jovens.

—Só serão uns dias —lhes disse. —Vingaremos uma ofensa e Cailin poderá voltar para casa e criar ali a seus filhos, para honrar a sua família falecida e para viver em paz como vivemos nós. —Olhou a seus companheiros, e ao ver que todas as cabeças assentiam, voltou-se para o Wulf e declarou: —Faremos!

—Obrigado. Que descansem bem, moços. —desejou o saxão. —Partiremos pela manhã. —Despediu-os, mas Corio o agarrou pelo braço enquanto os outros se afastavam em diferentes direções. —O que ocorre, Corio?

—Devo te dizer algo, Wulf. Trata-se de meu avô, mas deve manter em segredo o que vou revelar-te.

—De acordo.

Corio não se andou pelos ramos.

—Os homens tiveram uma reunião clandestina. Como sabe, Berikos vive no passado; um passado do que ele nem sequer formou parte, o qual resulta ainda mais estranho. À medida que envelhece, seu desejo de expulsar a todos os romanos da Britania aumenta. Brigit o estimula. Nós não desejamos segui-lo em sua loucura, mas enquanto seja nosso chefe devemos lhe obedecer. Entretanto, temos a opção de substituí-lo por outro. Meu pai, Epilo, foi eleito para comandar a colina dobunia. Berikos pode retirar-se com honra e passar o resto de seus dias divertindo-se como quer.

—Quando ocorrerá isto? —perguntou Wulf.

—Pouco antes do Beltane. Recuperaremos as terras do Cailin e logo retornaremos para ajudar a outros a depor a meu avô.

—Acredito que é uma sábia decisão. Alguns homens no poder envelhecem e sua sabedoria aumenta com a idade. Seu julgamento segue sendo bom. Outros, entretanto, perdem o sentido da proporção. Berikos é um deles, temo-me. Seu povo jamais terá verdadeira paz enquanto ele os governe. Entendo seu desejo de paz. Vi suficientes guerras. Não voltarei a brigar salvo em defesa de minhas terras e minha família. Não existe nenhuma outra razão para isso.

—Vivi toda minha vida entre estas colinas. —declarou Corio. —O mais longe onde estive é a cidade do Corinio. É um lugar maravilhoso, com ruas pavimentadas, lojas e obras de olaria, teatros e anfiteatro. Mesmo assim, não poderia viver ali. Há muito ruído, bulício e sujeira; e conforme me disseram há lugares maiores que Corinio, inclusive aqui, nesta terra. Dizem que no sudeste há uma cidade enorme chamada Londres. Dois caminhos de Corinio conduzem a ela se for o bastante longe, mas eu nunca senti desejos de seguir nenhum dos dois. Ouvi contar suas histórias das batalhas em que participou na Gália e na terra de Reno. Não me enchem de excitação como a outros jovens. Assustaram-me, e os celtas se supõe que não têm medo a nada. Como você, não vejo razão para lutar salvo para conservar as terras e proteger à família. A maioria pensa assim, e por isso Berikos deve partir. Não gostará, mas não terá mais remédio que aceitar a vontade dos dobunios.

—Brigit seguro que não estará contente. —observou Wulf. —Será melhor que tomem cuidado com ela. É uma mulher perversa e não vacilará em fazer mal a quem crê que traiu a ela ou ao Berikos.

—Não me fale de Brigit —disse Corio. —Quando veio a nossa fortaleza da colina como esposa de meu avô, tentou me seduzir. Nunca me perdoou que a rechaçasse. E não sou o único homem ao que se aproximou. Outra coisa seria se Berikos a tivesse compartilhado, mas não o tem feito. Está muito orgulhoso dela e ciumento de qualquer homem que olhe em sua direção. Tem razão ao dizer que não estará contente. Ser a esposa de um chefe lhe proporciona certo poder, mas ser simplesmente a esposa de um ancião não. —Sorriu. —Acredito que desfrutarei vendo seu desgosto, e não serei o único que se alegre de sua queda. Goza das simpatias de pouca gente.

—Acreditou que não goste de Cailin quando sugeriu a Berikos que me oferecesse ela para compartilhar a cama a noite de minha chegada —disse Wulf. —Sabia que esse era o costume dobunia, mas não o da Cailin e esperava envergonhá-la e degradá-la através de mim.

—Sei. —admitiu Corio com voz suave. —Desde não ter resultado bem, teria estrangulado ao Brigit com minhas próprias mãos.

Wulf olhou ao jovem. Por um instante viu algo em seu rosto que nunca tinha visto, mas rapidamente desapareceu.

—Você gosta de Cailin. —disse.

—Me ofereci para convertê-la em minha esposa um pouco depois que chegou, mas não me amava, ao menos como homem. Disse que me queria como uma irmã. —Sorriu com ironia. —Que homem apaixonado por uma garota quer lhe ouvir dizer que recorda a sua família? Você não

recorda a seus irmãos, seguro. A amas? Sei que é bom com ela, mas algum dia isso não será suficiente para a Cailin. É mais celta que romana. Necessita que a amem, não simplesmente que lhe façam o amor.

O corpulento saxão ficou pensativo. Não tinha considerado a possibilidade de amar a Cailin. O tipo de amor de que falava Corio era um luxo entre homens e mulheres. Um homem queria uma esposa que fora boa produtora de filhos, boa ajuda e possivelmente, se era afortunado, uma boa amiga. Amor. Deu voltas à palavra em sua imaginação como se pudesse examiná-la. Amava-a? Sabia que queria estar com ela sempre que não tinha nenhuma obrigação que cumprir. Não só para fazer amor, mas também estar com ela; vê-la sorrir, cheirar sua fragrância, falar com ela e abraçá-la nas noites de frio. Pensou nos sentimentos confusos que tinha tido ultimamente quando outros homens olhavam com admiração a sua esposa grávida. Estava orgulhoso, mas também ciumento. Pensou em como seria sua vida sem ela e comprovou que nem sequer podia imaginá-lo. Isso o surpreendeu, e se ouviu dizendo:

—Sim, a amo. —E o estranho foi que quando essas palavras ressonaram soube no mais profundo de seu coração que era certo.

—Bem. —disse Corio com um sorriso. —Me alegro de que a ame, porque Cailin te ama.

Esta afirmação surpreendeu ao Wulf.

—Ah, sim? Nunca me disse, nem sequer nos momentos de maior paixão. Como é que sabe que me ama? Te disse?

Ele negou com a cabeça.

—Não, Wulf, mas o vejo em seu rosto cada vez que esta a seu lado, em seus olhos que o seguem, na forma em que sorri com orgulho quando alguém te elogia em sua presença. Todos estes são sinais de seus sentimentos por ti, mas devido a que estava tão protegida por sua família não é consciente ainda do que esses sentimentos significam. Algum dia o fará, mas enquanto isso não deve ocultar o que sente por ela.

—Disse-lhe que não tomaria nenhuma outra mulher, embora não pudéssemos fazer o amor pelo menino que tem que nascer. Pareceu-me que isso a satisfazia —confessou Wulf a Corio.

O jovem pôs-se a rir.

—Vê-o? —disse com ar triunfante. —Está ciumenta e isso, meu amigo, é sinal seguro de que uma mulher está apaixonada.

Sem deixar de falar, os dois homens entraram na casa. Cailin estava sentada junto a seu tear, tecendo. Levantou o olhar e esboçou um sorriso de bem-vinda.

—Wulf! Corio! —levantou-se. —Têm fome ou sede? Preparo algo para vocês?

—Amanhã partiremos para sua vila. —anunciou Wulf.

—Irei com vocês —disse Cailin.

—Não pode —replicou ele. —É trabalho de homens.

—Nem as terras de meu pai nem as de meu primo estão defendidas. Nunca houve necessidade disso. Não encontrarão resistência, asseguro isso. Quinto Druso protestará, mas nem sequer seu sogro, o magistrado chefe do Corinio, negará-me o que é meu por direito.

—Não estará a salvo —insistiu Wulf— a menos que mate a esse Quinto Druso. Recorda que ele não teve piedade com sua família.

—Jamais esquecerei sua traição enquanto viva. Claro que tem que matá-lo, mas não de modo que o magistrado possa te acusar de assassinato. Meu filho deve ter a seu pai.

—E a mãe de meu filho deve permanecer aqui, onde estará a salvo —repôs Wulf com o que considerava pura lógica.

—Se não for contigo, como saberão que estou viva? Quero que Quinto me veja e saiba que fui ali não só para reclamar o que me corresponde, mas também para expor sua maldade ao mundo.

—Não pode montar a cavalo, Cailin. —atravessou Corio.

—Não me passará nada se cavalgar junto com meu marido. —replicou Cailin. —Meu ventre ainda não é tão grande. O menino não nascerá até depois da colheita. Tenho que ir. Tenho direito a ver que se faz justiça!

—Muito bem —acessou seu marido, —mas partiremos antes do amanhecer, Cailin. Se encontrarmos alguma resistência, apeará e se esconderá. Promete-me que o fará, ovelhinha?

—Sim —respondeu ela, e sorriu quase com crueldade: —Será terrível para eles ver um grupo de homens armados aparecer pelo bosque e os campos. Faz mais de cem anos que isto não ocorre, e sem dúvida não está na memória de ninguém. Semearão o terror em todos os que vejam. —Olhou aos dois homens. —Berikos conhece seus planos?

Eles negaram.

—Só diremos que levamos aos homens a um exercício —disse Wulf. —Não tem que saber muito mais.

—Não. —coincidiu Cailin. —Cada dia está mais estranho, e passa todo o tempo com a Brigit. Só o vejo durante as comidas pela manhã e de noite. Francamente, prefiro-o.

Os dois homens não disseram nada. A derrocada de Berikos não era assunto de Cailin. Já se inteiraria quando acontecesse.

Quando se levantaram na escuridão da noite para vestir-se e partir, o ar estava frio e úmido. Wulf entregou a sua esposa uma manta.

—Corio me deu isso para ti. —disse. —Está forrada de pele de coelho e é bastante grande para seu ventre.

Ao Cailin adorou o objeto. Confeccionou-se um cinturão com uma tira para sujeitar a manta e logo deslizou sua camisa e túnica por cima. Suas botas também estavam forradas de pele de coelho e absorveram o frio dos pés assim que as pôs. Passou o pente de madeira pelo cabelo e agarrou sua capa; em silêncio seguiu a seu marido fora, onde Corio e os outros já esperavam montados em seus animais.

Wulf montou seu cavalo e logo se inclinou para ajudar Cailin a subir. A lua minguante proporcionava escassa luz e o bosque estava particularmente escuro, mas com cada passo que davam, o céu sobre eles foi passando do negro absoluto ao negro cinzento e por fim a um cinza claro quando cruzaram a grande pradaria que Cailin recordava de sua viagem à fortaleza dobunia quase um ano atrás. Os pássaros gorjeavam alegremente quando cruzaram o segundo bosque e as

colinas que conduziam ao lar que Cailin tinha conhecido em outro tempo.

No topo da última colina se detiveram e ao olhar para baixo Cailin viu as ruínas da casa de sua família. Parecia que ninguém as havia tocado; os escombros não tinham sido retirados embora os campos próximos estavam cultivados e as plantas das hortas pareciam cuidadas.

—Me leve a vila —pediu em voz baixa. —Ainda é cedo e não há ninguém que possa dar o alarme.

Wulf guiou seus guerreiros colina abaixo. Pararam ante o edifício em ruínas e Cailin desembarcou do cavalo. Durante um comprido momento permaneceu com a vista fixa e logo entrou. Abriu-se o portão com cuidado através do átrio, pisando nas madeiras caídas que jaziam pulverizadas pelo que em outra época tinha sido um magnífico chão de pedra com mosaicos. Wulf, Corio e alguns homens mais a seguiram.

Cailin entrou no dormitório de seus pais. Era impossível reconhecer nada, salvo os ossos branqueados e os quatro crânios que se encontravam em diferentes ângulos no chão.

—É minha família. —disse Cailin e as lágrimas foram a seus olhos. —Nem sequer teve a decência de enterrá-los com honra. —Enquanto as lágrimas escorregavam pelo rosto, prosseguiu: —A dali, sobre a cama, é minha mãe Kyna, carbonizada salvo alguns ossos largos e seu crânio, que está no que era um refúgio amoroso para ela. E ali, em fila, papai e meus irmãos. O crânio de meu pai deve ser o maior. —ajoelhou-se e tocou um dos crânios pequenos. —Este é Tito. Sei por que tem um dente estilhaçado. Dei um golpe com uma bola quando era pequena. Fiz-o sem querer, mas a partir de então sempre pude diferenciar a meus irmãos. E este é Flavius. Eram tão bonitos e estavam tão cheios de vida a última vez que os vi...

De repente se sentiu muito velha, mas fez um esforço e ficou em pé.

—Agora devemos ir. Quando tivermos recuperado minhas terras, retornaremos para enterrar a minha família com a dignidade que merecem.

Voltou-se e saiu das ruínas.

Corio meneou a cabeça.

—É celta. —disse com admiração.

—Criam mulheres fortes. —observou Wulf. Os homens se reuniram com Cailin. —Onde vive Quinto Druso? —perguntou o saxão a sua esposa.

—Os guiarei. —respondeu ela com voz firme e fria.

Quão escravos trabalhavam nos campos de Quinto Druso viram aproximar-se o grupo armado. Ficaram paralisados onde estavam. Os dobunios os ignoraram. Afirmando que não tinham nenhum prazer em matar escravos desarmados. Quando chegaram à magnífica e espaçosa vila do primo de Cailin, detiveram os cavalos. Os escravos rastelavam o atalho de cascalho desapareceram como alma que leva o diabo. Como tinham combinado, cinquenta homens ficaram montados à entrada da vila. Cailin, Wulf, Corio e a outra centena de homens entraram na casa sem anunciar-se.

—O que é isto? Não podem entrar aqui! —gritou o servente, correndo como se pudesse detê-los.

—Já entramos —disse Wulf com voz grave. —vá procurar a seu amo. Ou prefere provar

minha espada, repugnante inseto?

—Esta é a casa da filha do magistrado. —gemeu o servente, tratando desesperadamente de cumprir com seu dever.

—Se o magistrado se encontra aqui, vá buscá-lo também. —ordenou Wulf, e cravou seu gordo ventre com a ponta da espada. —Estou-me impacientando. —grunhiu.

Exalando um gritinho de horror ao ver que a espada rasgava sua túnica, o homem deu a volta e saiu correndo; a risada dos dobunios fez avermelhar suas orelhas.

—Desde a Antioquia até a Britania todos são iguais, estes servos superiores. —observou Wulf. —Pomposos e presunçosos.

Enquanto esperavam em silêncio, os dobunios jogaram uma olhada ao átrio, pois a maioria deles nunca tinha estado em uma casa tão elegante. De repente entrou Quinto Druso na estadia. Atrás de seu marido, Cailin espionou a seu primo. Tinha engordado da última vez o que o tinha visto e quase se podia dizer que estava gordo. Entretanto ainda era bonito, mas agora seu olhar era duro e a boca tinha uma careta áspera.

—Como se atrevem a entrar em minha casa sem anunciar e sem ter sido convidado, selvagens? —espetou Quinto Druso, mas enquanto o fazia sabia que não teria podido deter aqueles homens. —O que querem? Exponham o assunto que os traz aqui, se é que há algum, e logo saiam!

Wulf o avaliou e viu que era brando. Não era um guerreiro; só uma criatura covarde que deixava que outros matassem por ele e logo se aproximava para levar a melhor parte do premio. O saxão se fez ligeiramente a um lado para que Cailin desse um passo à frente.

—Salve, Quinto Druso! —saudou ela, desfrutando ao ver o assombro de seu primo e logo a fúria refletida em seu rosto.

—Está morta! —disse.

—Não. Estou viva, e muito viva, primo. Retornei para reclamar o que é meu por direito e para me ocupar de que se faça justiça. Não terei contigo mais piedade da que você teve com minha família.

—O que é isto? O que ocorre? —perguntou Antonio Porcio entrando no átrio seguido de sua filha.

Antonia foi a que viu primeiro a Cailin e afogou um grito de surpresa.

—Cailin Druso! Como é possível! Morreu no incêndio faz quase um ano...! Onde esteve? E por que leva essa roupa tão horrível?

Cailin fez um gesto de assentimento a Antonia, mas suas palavras foram dirigidas ao Antonio Porcio.

—Magistrado chefe de Corinio, reclamo por justiça.

—E terá, Cailin Druso —respondeu o magistrado com solenidade, —mas me diga, menina, como sobreviveu a aquele terrível incêndio, e por que não apareceu até agora?

—Por razões que jamais compreenderei —respondeu Cailin, —os deuses não me deixaram morrer na tragédia que destruiu meu lar. Durante as celebrações de Beltane estive levantada até muito tarde. Quando voltei para a vila a encontrei em chamas e a minha avó Brenna fora,

desabada no chão. Ela insistiu em que fugíssemos, dizendo que nossas vidas corriam grave perigo. Andamos toda a noite até que ao amanhecer chegamos à fortaleza de meu avô Berikos, chefe dos dobunios. Ali nos contou o que tinha ocorrido.

—O que tinha ocorrido? —perguntou Quinto Druso irritado.

—Você, maldito romano! —exclamou Cailin. —É a desonra do sobrenome Druso. Você assassinou a minha família, e te atreve a te fazer o inocente? Rogo que os deuses os fulminem diante de mim, Quinto Druso!

Cailin olhou de novo ao magistrado.

—Meu primo se encarregou de que dois escravos gauleses conseguissem sua liberdade em troca de cometer essa atroz ação. Entraram na vila, mataram a meus pais e irmãos e derrubaram a Brenna de um golpe dando-a por morta, mas ela não morreu. Permaneceu tombada até que pôde escapar. Ouviu esses dois gauleses alardear de quão bem tinham completo a missão de seu amo, primeiro assassinando a seus dois pequenos filhos e fazendo aparecer como um descuido das babás, e logo o assassinato de minha família. Inclusive sabiam onde guardava o ouro meu pai e o levaram antes de fugir. A mim também tinham que matar, mas se fez tarde. Os gauleses temeram que os descobrissem se não fugissem rápido, por isso prenderam fogo à casa e partiram. Minha avó escapou, arrastando-se entre as chamas e a fumaça. Fugimos à aldeia de meu avô, temendo que se meu primo se inteirava de que tínhamos sobrevivido nos buscaria para acabar seu propósito. Brenna não se recuperou; morreu no Samhain. Agora retornei, Antonio Porcio, e reclamo o que me corresponde por direito como única sobrevivente da família Druso de Corinio. Agora sou uma mulher casada e meu filho nascerá depois da colheita. Quero recuperar minhas terras e quero que este assassino receba seu castigo. —concluiu Cailin.

Havia muito que digerir. Antonio Porcio nunca tinha gostado de Quinto Druso, mas tinha engolido seus sentimentos já que tampouco tinha gostado de Sexto Escipión. Tinha suposto que como pai superprotetor era natural que lhe desagradassem todos os maridos de sua filha. Deu-se conta de que possivelmente não se equivocou e sua filha era incapaz de escolher a um bom homem. Agora Cailin acusava seu primo não só do assassinato de sua família, mas também do de seus dois enteados. Era terrível, mas no fundo acreditava que era certo. Quinto era um homem frio e duro de coração. Mesmo assim, Antonio Porcio era magistrado chefe. Tudo o que fazia tinha que ser conforme à lei.

Respirou fundo.

—É obvio posso te devolver as terras, Cailin Druso. Verdadeiramente são tuas por direito de herança e tem um marido que as trabalhará e protegerá. Quanto a suas acusações contra Quinto Druso, que prova pode dar além da história que contou sua avó?

Cailin o olhou com expressão sombria e disse:

—Em uma ocasião minha mãe me disse que antes de casar-se com meu pai, quando ainda vivia com meus avós em Corinio, você se apaixonou por ela. Entretanto, ela amava a meu pai, mas quando o rechaçou, fez com bondade pois o respeitava. Se existir alguma piedade em seu coração, Antonio Porcio, me ajude a vingar sua morte. Sabem o que os gauleses de meu primo lhe fizeram? Violaram-na e a espancaram até matá-la. A última visão que minha avó teve de sua filha foi com o

rosto e o corpo ensanguentados e destroçados. Tinha sido uma mulher muito formosa. Este assassino com o que sua filha está casada nem sequer teve a bondade de enterrar seus ossos nem os do resto de minha família. Jazem no mesmo lugar onde foram assassinados, enquanto Quinto Druso ara nossos campos com nossos escravos. Esta é a justiça romana de nossos antepassados?

O magistrado parecia comovido. A moça contava a verdade; no fundo de sua alma sua parte celta sabia, mas não podia ajudá-la.

—A lei, Cailin Druso, requer provas. Não tem nenhuma salvo as palavras de uma anciã moribunda. Não é suficiente. Te ajudaria se pudesse, mas não há provas.

Cailin prorrompeu em pranto.

—Sobrevivi a todas as calamidades e venho a você por justiça e me nega isso? Devo viver o resto de minha vida sabendo que Quinto Druso segue vivendo confortavelmente quando minha família morreu? —secou as lágrimas com o dorso da mão e seu momento de debilidade passou. Olhou a seu primo. —Sabe que o fez, Quinto Druso. Não creia que escapará ao castigo. É preparado e jamais voltará a fechar os olhos para dormir. Mas eu me encarregarei de que seja castigado embora seja a última coisa que faça em minha vida, vil assassino!

—Se tornou louca, ou possivelmente a pena que naturalmente sente te transtornou, Cailin, querida. —disse Quinto com tom aborrecido e de superioridade. Chateava-lhe perder as terras de sua prima depois de ter trabalhado tão duramente, mas ele corrigiria esse fato. Só necessitava tempo, e como seu sogro mantinha que com a falta de provas era impossível julgá-lo, disporia desse tempo.

—Bom —interveio Antonia, —agora que está tudo arrumado, posso oferecer uma taça de vinho? —Sorriu amplamente, como se não tivesse ouvido nada do que se havia dito.

—Não se arrumará nada até que seu marido pague por seus crimes. —repôs Cailin com frieza. —Por todos os deuses, Antonia, não te dá conta do que fez Quinto? Não só a mim, mas também a ti!

—Quinto é um bom marido, Cailin. —replicou Antonia.

—Quinto é um bastardo desumano! —espetou Cailin. —Antes de assassinar a minha família fez que esses gauleses assassinassem aos filhos que teve com Sexto Escipión. Eram meninos inocentes!

—Meus filhos se afogaram no lago do átrio porque suas ineptas babás foram negligentes. —repôs Antonia, mas sua voz tremia pois em segredo sempre tinha albergado dúvidas com respeito ao incidente.

—Os gauleses de seu marido estrangularam a seus filhos na cama e logo puseram seus corpos sem vida no lago do átrio. —explicou cruelmente Cailin.

—Não é certo! —exclamou Antonia estalando em soluços.

—Sim é! —insistiu Cailin com aspereza. —Dói-te saber o que fez Quinto? Possivelmente então compreenderá parte do que sinto, Antonia.

—Quinto! Me diga que não é certo —soluçou Antonia. —Diga-me isso.

—Sim, primo. —zombou Cailin. —Diga a verdade, se é que te atreve. Alguma vez disse a verdade em sua vida? Conte a sua esposa, a mãe de seu único filho, que não ordenou que

matassem aos filhos de seu primeiro matrimônio; e diga que não fez que esses mesmos gauleses assassinassem a minha família para que pudesse herdar as terras de meu pai. Diga Quinto! Conte a verdade... Mas não, claro. É um covarde!

Quinto Druso tinha o rosto contraído, reprimindo uma fúria aterradora.

—E você é uma puta, Cailin Druso! —vaiou. —Quem entre os deuses me odeia tanto que te protegeu da morte aquela noite, quando eu o tinha organizado tudo tão bem?

Cailin se jogou sobre seu primo e cravou as unhas em rosto.

—Te matarei eu mesma! —gritou com os dentes apertados.

Quinto Druso levantou a mão para esbofeteá-la, mas de repente alguém agarrou seus braços e o imobilizou. O pânico se apoderou dele quando viu um enorme guerreiro saxão apartar Cailin. Quinto Druso soube por sua expressão que ia morrer.

—Nãoo! —uivou, lutando desesperadamente por liberar-se da garra de ferro que o sujeitava.

Wulf desembainhou a espada. Era uma folha de duplo fio, de uns oitenta centímetros de comprimento e feita de aço finamente forjado, com uma ponta romana. Agarrando com força a arma, o saxão a dirigiu ao coração de Quinto Druso, retorcendo um pouco a folha para romper as artérias. Seus olhos azuis não se desviaram dos de sua aterrada vítima. Seu olhar era implacável. O terror que viu era um pequeno pagamento por toda a desdita e dor que Quinto Druso tinha causado aos que o rodeavam, em especial a Cailin. Quando a vida tinha desaparecido dos olhos do romano, Wulf retirou a espada e a limpou na toga do próprio Quinto. Corio deixou então que o corpo caísse ao chão.

O saxão olhou desafiante ao magistrado, mas Antonio Porcio disse com suavidade:

—Ele mesmo se condenou com suas palavras. —Rodeou a sua filha com um braço para consolá-la. —Esperem aqui. —disse aos homens, e saiu do átrio com a Antonia.

—Um homem realista. —observou Corio com secura.

—Sempre foi um homem prático. —disse Cailin. —Papai dizia que, por sua gordura, Antonio Porcio tinha que ser mais ligeiro que o vilão, pois podia voar em qualquer direção com o vento, como uma pluma de pato. —Baixou o olhar ao corpo inerte de seu primo. —Me alegro de que tenha morrido. Só lamento que não tenha sofrido como mamãe.

—Sua mãe está com os deuses. —consolou Corio. —Este romano não, estou seguro. —Olhou ao Wulf. —Acredito que agora os homens podem esperar lá fora. Aqui não há perigo.

—Que saiam.—indicou Wulf, e logo disse a sua esposa. —Vem se sentar, ovelhinha. Foi uma manhã muito longa para uma mulher em seu estado. Está cansada? Quer beber algo?

—Estou bem. —disse ela. —Pareço uma criatura delicada que terá que mimar?

Mas não obstante se sentou em um pequeno banco de mármore junto ao lago do átrio, que estava vazio de água.

Antonio Porcio retornou.

—Deixei a minha filha aos cuidados das mulheres. —disse. —Infelizmente, volta a estar grávida. —sentou-se ao lado de Cailin. —Querida minha, o que posso dizer para aliviar seu sofrimento? —Meneou a cabeça. —Você nunca gostou dele. A mim tampouco, mas me

considerava um ancião ciumento do marido de minha única filha. Bom, agora está morto e não voltará a te causar nenhum dano, e a Antonia tampouco. O passado, passado está. Quando voltar a Corinio, me ocuparei de que se dê a notícia de que está viva e de que recupere legalmente suas terras. E também os escravos de sua família e todos os demais pertences, é obvio. Onde vai viver? A vila está em ruínas.

—Os guerreiros dobunios que vieram conosco ajudarão a construir um refúgio. Enterraremos a minha família com honra e logo retiraremos os escombros e começaremos. Não se pode salvar nada. Teremos que começar do zero, igual a meu antepassado, o primeiro Druso de Corinio. —disse Cailin.

—Este fornido saxão é seu marido? —perguntou Antonio Porcio.

—Sim. Casamo-nos faz cinco meses. —respondeu ela, e ao ver seu rosto preocupado explicou: —Escolhi-o eu, Antonio Porcio. Os celtas não obrigam a suas filhas a casar-se.

—Sei. Apesar de meu nome romano, sou tão celta como você.

—Eu sou bretã. —disse ela. —Sou bretã e Britania é minha terra. Não tomarei partido contra nenhuma de minhas duas partes. Sinto-me orgulhosa de meus antepassados e de sua história. Honro os velhos costumes quando posso, mas sou bretã, nem romana nem celta. Meu marido, Wulf Punho de Ferro, é saxão, mas nossos filhos serão como eu, bretões. Eu lhes ensinarei minha história e Wulf ensinará a sua, mas serão bretões. Agora todos temos que ser bretões se queremos sobreviver ao escuro destino que nos aguarda. Tudo o que conhecemos mudou, ou está mudando. Vivemos em um mundo difícil.

—Sim, minha filha, assim é. —coincidiu ele. Levantou-se e ajudou Cailin a fazê-lo também. —Agora vá, Cailin Druso. Vá com seu forte e jovem marido e empreende um novo caminho, um novo começo. Com o tempo, o horror do dia de hoje desaparecerá. Meus netos jogarão com seus filhos e haverá paz entre nós, como sempre houve entre nossas famílias. —Beijou-a com ternura na frente e logo pôs as mãos dela nas do Wulf. —Que os deuses os protejam. —declarou.

Juntos saíram do átrio da vila, seguidos de Corio.

—Um novo começo —disse Wulf. —Eu gosto de como soa.

—Sim. —coincidiu Cailin, e sorriu a ambos os homens. —Um novo começo para todos. Para a Britania e para os bretões.

CAPÍTULO 6

Cumprindo sua palavra, Antonio Porcio retornou a Corinio e apagou o nome de Cailin da lista de mortos e devolveu legalmente suas propriedades. Logo fechou sua casa e retornou ao lar de sua filha. O instinto dizia que necessitaria a presença de um homem em sua casa. Além dele Antonia não tinha mais família. Sabia que sua filha sentiria uma profunda pena, pois tinha amado verdadeiramente a Quinto Druso e se negou a reconhecer seus defeitos.

Para sua surpresa, Antonio Porcio não encontrou a sua filha prostrada de dor, a não ser amargurada e zangada. Pior, tornou-se muito protetora de seu filho pequeno, Quinto. Antonia tinha querido a todos seus filhos, mas nunca se ocupou muito deles, preferindo deixá-los aos

cuidados da servidão, prática que seu pai censurava, mas não podia impedir. Agora, de repente, Antonia logo que podia suportar não ter seu filho ante sua vista.

—Não deve permitir que faça tudo o que queira, filha. —a repreendeu Antonio Porcio a tarde de sua volta.

O pequeno Quinto acabava de fazer uma birra e, depois de havê-lo acalmado, Antonia o recompensou com um brinquedo novo.

—Está sozinho no mundo, papai, só nos tem dois. —respondeu ela com tristeza. —Graças a Cailin Druso, meu pequeno Quinto e o filho que levo em meu ventre não terão pai. Agora eu tenho que ser pai e mãe de meus filhos. E tudo por culpa de Cailin Druso!

—Antonia, querida filha —raciocinou seu papai, —deve confrontar a verdade. Não pode viver com o coração cheio de amargo veneno. Cailin Druso não é responsável pela morte de seu marido. Não compreendeu nada do que se disse no dia em que morreu? Quinto Druso fez assassinar à família do Cailin e logo incendiar sua vila para encobrir seu crime, com o fim de apropriar-se de suas terras. Admitiu-o. Não o entende?

—Não acredito! —exclamou Antonia com teima.

—Por que Cailin ia inventar se essa história, Antonia? —insistiu seu papai. —Com que finalidade o teria feito? Se não tivesse sido certo, por que ela e Brenna teriam fugido e acudido a Berikos? Se o incêndio tivesse sido um acidente, por que não dizer simplesmente que se salvaram?

—Possivelmente porque ela foi a que matou a sua família, papai. Pensou nessa possibilidade? Não, claro que não! —gritou Antonia.

—Antonia! —O ancião se horrorizou para ouvir aquelas palavras, pois eram completamente desatinadas. —Que razão teria tido Cailin para cometer semelhante crime?

Afligida a viúva, o olhou em silencio, em atitude inexpressiva.

—Antonia —prosseguiu seu papai, —como pode chorar a um homem que encarregou o assassinato de seus dois filhos?

—Não é certo! —chiou Antonia. —Não pode sê-lo!

—Me horroriza tanto como a ti, mas há nisso certa lógica. Antonia, Quinto Druso era um homem tão bom e perfeito que não houve nenhum momento em que a assustasse?

—Houve uma ocasião. —confessou Antonia com voz baixa. —Justo depois de que Lucio e Paulo fossem achados mortos, quando nosso filho não tinha mais que um dia de vida. Eu estava muito afligida, mas Quinto foi duro comigo, pois temia que minha tristeza me impedisse de ter leite. Zangou-se muito comigo, papai. Disse que seu filho devia ser alimentado por sua mamãe, não por uma escrava angustiada. Naquele momento tive medo dele, mas passou.

"Assim que este foi o motivo pelo que Antonia amamentou a seu filho", pensou Antonio Porcio. Aos seus anteriores filhos não tinha amamentado.

—Não pôde ter ordenado a morte de meus filhos. —seguiu protestando Antonia. —Queria-os! Além disso, as duas babás foram achadas em posturas lascivas e comprometedoras, emprestando a vinho.

—Essas mulheres alguma vez tinham estado bêbadas ou as tinha achado culpadas de uma conduta licenciosa? Lembre-se. Eram mulheres leais e queriam a meus netos. Escolheu-as

escrupulosamente você mesma quando nasceram Lucio e Paulo. Elas alimentaram aos meninos com devoção. Entretanto, antes que pudessem se defender, as considerou culpadas e foram estranguladas. Quem fez?

—Foi Quinto. —respondeu Antonia.

—Quinto. —repetiu seu papai com voz suave. —Ah, sim, Quinto. Muito interessante, querida. As escravas do lar são sua incumbência, Antonia. Não teria que ter esperado sua decisão a respeito? Possivelmente não o fez porque sabia que, se o fazia, essas pobres mulheres teriam denunciado a seus gauleses assassinos e eles, a sua vez, para salvar a pele, teriam acusado a ele. Acredito que meu raciocínio é lógico.

Antonia meneou a cabeça com teima.

—É culpa de Cailin!

—De que modo é culpa de Cailin, Antonia? —perguntou.

—OH, papai, não o vê? Se Cailin Druso não tivesse retornado nada disto teria ocorrido. Quinto agora estaria vivo e meus filhos teriam um papai. Mas ela retornou com suas acusações e seu marido matou ao meu.

—O que me diz de seus dois filhos maiores, Antonia? E da família Druso? —insistiu o magistrado. —Todos foram brutalmente assassinados; a vila incendiada; os ossos da família Druso abandonados ao vento e a chuva. Não sente piedade por ninguém mais que por ti mesma, minha filha? Por todos os deuses! Envergonho-me de ti! Não te eduquei para que fosse tão egoísta!

Antonio Porcio se afastou de sua filha, zangado e decepcionado.

—Sou egoísta por ter amado a meu marido, papai? Se for assim, não me importa o que pense de mim. Quinto Druso era o homem que eu amava e Cailin me arrebatou isso. Nada mais me interessa. Se estou equivocada, o que importa? Estou condenada a viver o resto de meus dias sem amor, e meus filhos a crescer sem seu papai, e deste e outros crimes é responsável ao Cailin Druso. A odeio! Só espero que algum dia saiba a dor e sofrimento que me infligiu. Jamais a perdoarei! Não é justo, papai, que ela agora tenha por marido ao homem mais arrumado da província e eu não. Ela arrebatou a Quinto Druso e, entretanto tem a esse magnífico saxão para que a console. Eu não tenho a ninguém que me console!

O desequilibrado pensamento de sua filha inquietou Antonio Porcio. Compreendia em parte a ira da moça, mas essa repentina e irracional inveja do marido do Cailin o fez sentir-se muito incômodo. Possivelmente com o tempo Antonia aprenderia a aceitar a realidade do acontecido. Se conformaria e tudo voltaria a ir bem. A morte de Quinto Druso era recente e Antonio Porcio conhecia sua filha. Choraria exageradamente um tempo e logo outro homem arrumado chamaria sua atenção e Quinto Druso cairia no esquecimento. Antonia sempre se comportava assim quando perdia a um homem. Logo outro ocupava seu lugar.

Depois de passar vários dias com sua filha, o magistrado se encaminhou ao imóvel dos Druso de Corinio. Os escombros da vila incendiada tinham sido retirados e se estava construindo um muro de madeira e pedra sobre o chão de mármore. As asas da vila onde tinham estado se localizados os dormitórios, banhos e cozinha não foram restauradas. Cailin teria que acostumar-se a um estilo de vida mais singelo e prático, compreendeu Antonio Porcio.

Em toda Britania outros se viam obrigados a fazer o mesmo para sobreviver. A idade da boa vida representada pela elegância e o estilo de vida exuberante de seus antepassados romanos tinham terminado. Para seguir adiante, a gente teria que aprender a arrumar-se. Embora alguns fariam melhor que outros. O ancião sorriu para si. Realmente não estava tão mal. Cailin e Wulf tinham boas terras e a esperança de muitos filhos. A fim de contas, aquilo era o importante.

O jovem casal o recebeu cortesmente e mostraram as tumbas da família de Cailin. Desde Corinio tinham enviado um artefato para cortar mármore que tirariam dos beirais da vila para construir um monumento à família. A nova casa não seria muito grande ao princípio, mas com o tempo, informou Wulf a seu convidado, construiriam outra maior e mais esplêndida. Haveria uma habitação, chamada água-furtada, situada sobre parte da sala principal, que ofereceria um pouco de intimidade. Os fossos para o fogo se forrariam de tijolo; no teto se abriria espertamente buracos para a fumaça.

—Pudemos salvar alguns objetos da antiga cozinha. —disse com orgulho Cailin. —As caçarolas e a baixela não se queimaram. Depois de limpas acredito que poderão utilizar-se de novo.

—Mas como farão para conseguir outros artigos para a casa e móveis? —perguntou ele. —Talvez Antonia tenha algumas coisas que não necessite e possa enviar. —disse isso pensativo.

—Não quero nada de sua filha. —replicou Cailin. —Os dobunios nos darão o que necessitamos. Berikos me deve meu dote e Ceara se ocupará de que me dê.

—E eu aprendi carpintaria quando era soldado. —interveio Wulf. —E também alguns de nossos escravos podem realizar trabalhos similares. Demoraremos algum tempo, mas tempo é o único de que dispomos em abundância, Antonio Porcio.

—Não poderão fazer grande coisa mais com a casa até que a colheita seja feita—disse o ancião. —Nos próximos meses do verão deverão atender os campos, que já estão semeados e reverdecendo. A colheita será seu capital mais importante. Necessitarão um ou dois celeiros.

—Sim —coincidiu Wulf, —mas alguns homens não poderão trabalhar nos campos e haverá dias de chuva em que não se possa fazer nada ali. Usaremos isso para terminar o que tiver faltando antes do inverno.

Retornaram à fortaleza de Berikos para a festividade de Beltane e as bodas de Nuala e Bodvoc. Epilo já era chefe da colônia dobunia. Entretanto, não tinha sido necessário depor ao Berikos. Tinham economizado essa indignidade. Vários dias depois de que Cailin, Wulf e seus homens tivessem partido para vingar à família da jovem, o avô desta sofreu uma série de ataques que o deixaram paralisado da cintura para baixo. A fala também ficou afetada. Só Ceara e Maeve entendiam o que o ancião tratava de comunicar.

Em consequência, os homens dobunios não tinham tido que obrigá-lo a abandonar seu posto. Um homem fisicamente impedido não podia governar seu povo. No que se referia a todos, os deuses se ocuparam do assunto e Berikos se retirou com honra. Entretanto, o ancião albergava ressentimento, principalmente contra Brigit.

—O abandonou. —informou Ceara a Cailin. —Assim que se inteirou de seu estado e de que não se recuperaria completamente, desapareceu. —Ceara sorriu com tristeza. —Levou suas

servidoras, suas joias e todos os objetos de valor que quis. Uma manhã despertamos e já tinha desaparecido, junto com um rapazinho tolo cujo nome não mencionarei. O moço retornou com o rabo entre as pernas vários dias depois. Brigit retornou a casa de seus parentes catuvellaunios e tomou um novo marido. Isto, não dissemos ao Berikos. Não é necessário feri-lo mais.

—Quase sinto lástima por ele —disse Cailin, —mas não posso esquecer que repudiou a minha mãe e que se comportou tão mal com minha avó quando viemos aqui em busca de ajuda. Não posso perdoar que me enviasse à cama do Wulf quando sabia que eu era virgem e que não estava acostumada a essa conduta.

—Mas é feliz com o Wulf, não? —perguntou Ceara.

—Sim, mas e se Wulf não tivesse sido bondoso como é?

Ceara assentiu.

—Sim, tem motivos de queixa, mas trata de perdoar, Cailin. É um ancião tolo e teimoso. Não pode trocar, mas você sim pode. Ele amava a sua mamãe e suspeito que também te quer, pois é a filha da Kyna, embora seja muito orgulhoso para admiti-lo.

—Em mim vê muito a Brenna. —disse Cailin. —E nunca me perdoará isso. Não vê mamãe quando me olha. Vê a Brenna falando por minha boca. —Sorriu. —Mas tentarei; farei por você, Ceara. Foi boa comigo.

Nuala e Bodvoc se casaram durante a celebração de Beltane. O ventre da noiva já estava bastante arredondado e enquanto Bodvoc era felicitado, a Nuala gastavam brincadeiras, mas não se importava.

—Possivelmente partamos daqui e nos estabeleçamos perto de ti e do Wulf. —disse Nuala a sua prima.

—Abandonar aos dobunios? —perguntou Cailin surpreendida pelas palavras da Nuala.

A vida celta era uma vida comunal de parentes e bons amigos. A sobressaltou pensar que Nuala e Bodvoc abandonassem todo aquilo.

—Por que não? —replicou Nuala. —Os tempos estão trocando. A vida aqui é muito limitada para o Bodvoc e para mim. Não há oportunidades para fazer nada exceto o que sempre se tem feito. Queremos a nossa família, mas possivelmente, gostaríamos de viver um pouco longe dela. Você e Wulf não têm mais que o um ao outro. Se nós fôssemos viver perto, nos teriam, e estaríamos o bastante perto das aldeias dobunias para visitar nossa família quando quiséssemos, ou se nos necessitassem, ou nós a eles. Ali há terra mais que suficiente para nós, não?

Cailin fez um gesto de assentimento.

—Quando Antonio Porcio me devolveu as terras de minha família, incluiu a vila junto ao rio que papai deu de presente a Quinto Druso. Você e Bodvoc poderiam ficar com aquelas terras. Wulf e eu daremos isso como presente de bodas. Terão que construir sua casa, mas as terras são férteis, e há água em abundância e uma boa horta. Seria bom para nós que estivessem perto.

—Nossos filhos crescerão juntos. —disse Nuala com um sorriso.

Cailin foi procurar a seu marido e contou a conversa.

—Bom! —disse ele com um sorriso. —Bodvoc será um bom vizinho. Ajudaremos a construir seu lar para que quando nasça o menino já tenham um lugar de sua propriedade.

Com o pôr do sol, as fogueiras de Beltane cobraram vida e a comida, a bebida e a dança prosseguiram. Durante o dia, Cailin tinha estado ocupada com seus parentes e as bodas, mas agora uma profunda tristeza se apoderou dela. Justo um ano antes sua família tinha sido assassinada. Vagou entre os farristas e de repente se encontrou junto a Berikos. "Bom —pensou, —é um bom momento para tentar fazer as pazes com este velho." O ancião se achava sentado em um banco com respaldo. Ela se sentou no chão a seu lado.

—Uma vez —começou— mamãe me contou que, quando era uma menina, ninguém podia saltar mais alto as fogueiras de Beltane que você, Berikos. Acredito que foi a única vez que a ouvi falar de você. Parece-me que sentia sua falta, em especial nesta época do ano. Eu não sou como ela, verdade? Bom, não posso ser mais que eu mesma.

Com surpresa, Cailin sentiu que a mão de seu avô tinha caído pesadamente sobre sua cabeça e se voltou para olhar. Uma lágrima escorregava pelo rosto envelhecido. Por um instante, Cailin notou que voltava a crescer sua ira. O ancião não tinha direito de fazer isso depois do cruel que se mostrou com ela; não só com ela, mas também com Brenna e Kyna. Então, algo em seu interior fez que sua raiva desaparecesse. Sorriu a seu avô.

—Nos parecemos, verdade, Berikos? Não só é a Brenna, a quem devo por ser como sou. A você também. Temos a língua rápida e um excesso de orgulho. —deu uns tapinhas no volumoso ventre. —Só os deuses sabem como será este seu bisneto.

Ele emitiu um ruído estranho para ouvir esta observação.

—Bom? —perguntou ela, e ele assentiu vigorosamente, soltando uma espécie de risada afogada. —Isso crê, não? Bem, saberemos depois da festividade de Lug. —acrescentou Cailin com um leve sorriso.

Antes que Cailin e Wulf partissem na manhã seguinte, Ceara se aproximou dela e disse:

—Fez muito feliz ao Berikos, minha filha. Sua mãe estaria orgulhosa de ti e do que tem feito. Acredito que o ajudou a fazer as pazes consigo mesmo e com a Kyna.

Cailin fez um gesto de assentimento.

—Por que não? —disse. —Ontem à noite, as portas entre os mundos estavam abertas. Possivelmente não tanto como no Samhain, mas não obstante abertas. Pareceu-me que mamãe queria que fora generosa com Berikos. É estranho, não, Ceara? Faz só umas semanas Berikos estava forte e cheio de vida, era o senhor de seu mundo. Agora não é mais que um ancião débil e triste. Que depressa emitem seu julgamento os deuses quando decidem que chegou o momento.

—A vida é frágil, minha filha, e assombrosamente veloz, como logo saberá. Um dia está cheia de juventude e nada é impossível. E de repente é uma velha casca seca com os mesmos desejos, mas sem vontade para realizá-los. —Riu. —Ainda fica tempo. Agora vá com seu homem. Envia para me buscar quando for nascer o menino. Maeve e eu a ajudaremos.

Cailin se deteve junto ao banco onde seu avô permanecia ao sol da manhã de maio. Inclinou-se para beijar sua branca cabeça e deu um apertão em sua mão.

—Adeus, avô. —disse com voz suave. —Trarei o menino quando tiver nascido.

Ela e Wulf retornaram a seu lar e Cailin, mais forte do que acreditava, ajudou a selar as paredes do novo celeiro com tijolo cru e canos enquanto Wulf trabalhava em seus campos com os

serventes. Era um bom verão, nem muito seco nem muito úmido. Nos pomares as frutas cresciam e penduravam dos ramos das árvores. O grão maturava lentamente enquanto o feno se cortava, secava e finalmente armazenava em abrigos para o inverno seguinte.

O gado engordava; seus rebanhos tinham aumentado grandemente aquela primavera com o nascimento de muitos bezerros. Nos prados as ovelhas também se multiplicaram e se aproximava a época da tosquia. Um quente dia, Cailin, sentada fora da casa, olhou com satisfação ao outro lado dos campos. Por um momento pareceu que nada tinha trocado, e entretanto tudo tinha trocado. Era uma época diferente e começava a perceber a diferença com mais força.

Uma noite, ela e Wulf jaziam de costas na ladeira da colina, contemplando as estrelas.

—Por que nunca menciona sua família? —perguntou-lhe ela. —Vou ter seu filho e entretanto não sei nada de ti.

—Você é minha família. —respondeu ele agarrando sua mão.

—Não! —exclamou ela. —Me fale de seus pais. Tinha irmãos? O que aconteceu? Estão na Britania?

—Meu pai morreu antes que eu nascesse. —contou ele. —Minha mãe morreu quando eu tinha pouco mais de dois anos. Não recordo nada deles. Eram jovens e eu era seu único filho.

—Mas quem te criou? —perguntou Cailin.

Lamentava que não tivesse parentes próximos, mas por outro lado isso significava que Wulf era só para ela.

—Os parentes, na aldeia junto a um rio da Germânia. Fui passando de um parente a outro como um animalzinho adorável, mas não desejado. Não se comportavam mal comigo, mas a vida era dura. Ninguém necessitava outra boca que alimentar. Parti quando fiz treze anos e ingressei nas legiões. Jamais retornei. Agora esta é minha terra, meu lar. Você e nosso filho são minha família, Cailin. Até que te conheci estava sozinho.

—Até que me conheceu —disse ela— eu também estava sozinha. Os deuses foram bondosos conosco, Wulf.

—Sim. —coincidiu ele.

Ambos levantaram o olhar e viram uma estrela fugaz cruzar o firmamento.

Um dia chegou um escravo de Antonio Porcio com uma mensagem. Antonia tinha começado a ter dores de parto e o magistrado não sabia o que fazer. Conforme dizia, as criadas da Antonia pareciam confundidas, embora não deveriam está-lo, pensou Cailin. O ancião rogava que Cailin fosse à vila para ajudar. Wulf Punho de Ferro não gostou da ideia, mas Cailin considerou, à luz da bondade que o magistrado tinha mostrado para eles, que não podia negar-se.

—Acolchoaremos a carreta e assim viajarei com comodidade. —disse a seu marido. —Nosso filho não tem que nascer até dentro de umas semanas. Embora vamos devagar, estarei de volta antes que acabe o dia.

Antonio Porcio agradeceu a chegada de Cailin. Antonia seguia com dores e tinha grandes dificuldades.

—Jogou a todas as mulheres que sempre tinham estado com ela depois da morte de Quinto

e as substituiu por um grupo de jovenzinhas. Não sei por que. —explicou a Cailin, respondendo à pergunta que ela não formulou.

—Provavelmente queria começar de novo. —sugeriu Cailin. —Possivelmente as outras mulheres que viviam com ela quando estava casada com Sexto Escipión e logo com meu primo a entristeciam. Só recordavam tudo o que tinha perdido, os tempos melhores que se foram.

—Pode ser que tenha razão, Cailin. —respondeu o ancião.

—Pediu que viesse e vim —disse Cailin, —mas o que parecerá minha presença a Antonia? Eu a ajudarei é obvio, mas não sou perita. Por que não tinha uma parteira entre suas escravas?

Ele encolheu de ombros.

—Não sei.

—Nunca ajudei a parir, mas sei o que terá que fazer. Antonia poderá me ajudar, já que é seu quarto filho. Me levem junto a ela.

Quando chegaram aos aposentos da Antonia, encontraram-na sozinha, pois suas donzelas tinham fugido. Ao ver quem acompanhava a seu papai, os olhos azuis da Antonia cintilaram por um momento, mas reprimindo sua ira perguntou:

—Por que veio, Cailin Druso?

—Seu pai me pediu que te ajude, embora a verdade é que você entende mais que eu de parir um filho. Mas farei o que possa, Antonia. Ao parecer suas jovens mulheres não sabem fazer nada.

Antonia gemeu ao sentir uma contração, mas fez um gesto de assentimento.

—Foi bondosa ao vir. —admitiu a contra gosto.

O bebê, que chegou pouco depois, nasceu morto, com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Era um menino, com o rosto azulado. Cailin chorou abertamente com pesar. Embora tinha detestado a seu primo Quinto, sabia que Antonia o tinha amado. Amando ao Wulf como amava, Cailin pôde imaginar a profunda tristeza da Antonia ao perder ao filho póstumo de Quinto Druso.

Entretanto, Antonia tinha os olhos secos.

—É melhor assim. —disse com tom fatalista. —Meu pequeno Mario agora está com os deuses e com seu papai.

Exalou um exagerado suspiro.

"É difícil que Quinto esteja com os deuses", pensou Cailin com amargura enquanto Antonio Porcio tratava de consolar a sua filha.

—Ficarei passando a noite e retornarei a casa amanhã. —disse Cailin, dando uma pequena pausa quando sentiu uma leve contração no ventre.

—O que ocorre? —perguntou Antonia.

—Só foi uma pontada. —respondeu Cailin aparentando mais segurança da que sentia.

Desagradava-lhe encontrar-se ali e parecia que a manhã não chegaria nunca.

—Não me deixe tão logo, Cailin. —suplicou Antonia. —Fica comigo uns dias, ao menos até que me tenha passado a pena dos primeiros momentos. Não serve de nada a seu arrumado marido em seu estado atual. Fica comigo. Estou segura de que você gostará de desfrutar de meus

banhos. Em sua casa não tem tantas comodidades.

Cailin considerou a tentadora oferta da Antonia. Realmente queria ir-se a casa, pois Antonia a fazia sentir-se incômoda. Se na verdade sentia pena pela perda de seu pequeno filho, Cailin não o via. Que classe de mulher era? Contudo, seu tom de súplica parecia autêntico e a oferta dos banhos era sedutora. A Cailin não importava a vida mais singela que levava, salvo por uma coisa: verdadeiramente sentia falta dos banhos, com seu sistema de aquecimento hipocausto, que havia na antiga vila de sua família. Fazia mais de um ano que tinha desfrutado do luxo de um comprido banho quente. Seria agradável ficar uns dias para voltar a fazê-lo.

—Bom.—disse. —Ficarei, Antonia, mas só dois ou três dias.

Logo envolveu o corpo do bebê em um pequeno lençol e o levou para que recebesse sepultura e enviou às néscias donzelas da Antonia junto a sua ama para que atendessem a suas necessidades.

Sua ama apenas se fixou nelas. Estava muito ocupada riscando planos. Tinha visto o espasmo que tinha cruzado o rosto de Cailin. Era possível que o parto se adiantasse? Ou possivelmente tinha calculado mal o momento da chegada de seu filho? Antonia Porcio sabia que nunca voltaria a ter uma oportunidade assim para vingar-se, e ansiava fazê-lo. Se Cailin tivesse a seu filho ali, só e sem seu marido saxão, a esposa e o filho de Wulf Punho de Ferro se achariam a sua mercê. “OH, Quinto —pensou. —me ajude a vingar sua injusta morte à mãos desse bárbaro. me deixe fazê-lo sofrer como eu sofri! Por que ele tem que ser feliz quando eu não o sou?”

—É boa ao ficar com a Antonia. —disse Antonio Porcio ao Cailin aquela noite, enquanto jantavam. —Esta tragédia não podia ter acontecido em pior momento para mim. Encontrei comprador para minha casa em Corinio. Tenho intenção de viver aqui com a Antonia, já que ficou viúva. Por estes arredores há poucos homens jovens e é possível que já não tenha ocasião de voltar a casar-se. Meu neto necessitará a influência de um homem. Se Antonia voltar a casar-se, nenhum genro se negará a me dar abrigo nesta casa. E embora ela não o admitirá nunca, acredito que minha filha me necessita.

—Têm necessidade de viajar a Corinio dentro de pouco? —adivinhou Cailin.

—Sim, querida. Desde que Antonia se casou com Sexto Escipión deixei um pouco abandonada minha casa. Estava sozinho e realmente então não me importava. Agora, entretanto, devo efetuar algumas reparações antes que os novos proprietários aceitem meu preço. Desejam tomar posse o antes possível. Tenho sorte de ter encontrado compradores nestes tempos difíceis. Quero fiscalizar o trabalho pessoalmente, ou seja, terei que estar fora várias semanas. Sei que não pode ficar com Antonia tanto tempo, mas se lhe faz companhia uns dias será mais fácil superar a tristeza. —Sorriu com afeto, vendo sua filha como ninguém mais a via. — Mima muito ao pequeno Quinto, e em minha ausência não há disciplina absolutamente.

—Dois dias, três se muito —disse Cailin, —mas não mais. Meu filho deve nascer na casa de seu pai. As esposas de meu avô, Ceara e Maeve, irão me ajudar. Posso ficar muito pouco tempo antes de retornar a minha casa. Compreende-o?

Assentiu.

—Só te pedirei dois dias, Cailin, e te agradeço sua bondade para com minha filha. Ela nem

sempre se levou bem contigo, sei, mas sem dúvida é sua mais querida amiga.

Antonio Porcio partiu na manhã seguinte para Corinio. Ao vê-lo partir, Antonia sentiu alívio. Teria sido mais difícil executar seus planos se seu papai ficasse. Ah, sim, os deuses estavam a seu lado, não cabia dúvida, e seu regozijo aumentou sabendo que eles aprovavam sua vingança. Em certo modo, ela ia ser seu instrumento de retribuição contra Cailin Druso e seu marido.

Cailin logo se sentiu aborrecida. Quando seus pais viviam e ela levava uma vida similar a da Antonia, nunca tinha estado tão ociosa como essa mulher. Antonia aparentemente se recuperou imediatamente da morte de seu filho. Passava todo o tempo atrás de Quinto e embelezando-se. Quão jovens a rodeavam não faziam mais que sufocar risadinhas.

Através de suas conversas com Antonio Porcio, Cailin se inteirou de que sua filha tinha ficado desolada e amargurada por causa da morte de seu marido; entretanto ali estava Antonia, viúva recente, seu bebê morto, comportando-se como se nada tivesse ocorrido e mostrando-se amável com a esposa do verdugo de seu marido. Cailin se sentia cada vez mais incômoda. Por que, em nome dos deuses, tinha aceitado fazer companhia a essa mulher, embora só fora por um par de dias? O pior era que não podia escapar da Antonia, quem parecia estar aonde ela ia e sempre tagarelava sem falar de nada em especial. Quanto mais tempo permanecia Cailin com a Antonia, mais ouvia sua voz interior que a cravava, em particular quando sua anfitriã informou feliz:

—Esta manhã, enviei um mensageiro ao Wulf para que venha te recolher dentro de três dias.

—Que amável de sua parte. —respondeu Cailin, perguntando-se por que não tinha ocorrido a ela.

Estar ali devia embotar sua inteligência. Bom, ao menos esse dia quase tinha terminado.

O jantar foi uma dura prova. Antonia gostava da boa comida e o bom vinho, o que sem dúvida explicava sua robustez. Apresentava prato atrás de prato a sua convidada, enchendo o seu com pescado em molho, caça, ovos, queijo e pão. Repreendeu Cailin porque não comia o suficiente.

—Ofenderá a minha cozinheira. —disse.

—Não tenho fome. —replicou Cailin, mordiscando um pouco de fruta e pão com queijo. Tinha um nó no estômago.

—Esta bem? —perguntou solícita Antonia.

—Só tenho o estômago um pouco revolto.

Aquela pobre tola estava a ponto de parir! Estava para dar a luz e não sabia, pensou Antonia com prazer. Claro que não sabia. Nunca tinha parido. Mas Antonia estava segura disso.

—O vinho é bom quando se encontra mal, em seu estado —aconselhou, e serviu a Cailin uma grande quantidade. —Este é meu vinho favorito; se sentirá melhor depois de beber. Toma um pouco de pão para te limpar o paladar —instruiu, e enquanto distraía desse modo ao Cailin, abriu o fechamento de um anel com uma grande pedra de berilo que levava no dedo e deixou cair um pouco de pó no vinho, onde se dissolveu imediatamente. Estendeu a taça à moça. —Bebe tudo, Cailin, e logo se sentirá melhor.

Cailin bebeu lentamente enquanto observava os pratos meio cheios de comida que retiravam à cozinha. Ninguém podia comer todo aquilo, pensou. Que maneira de desperdiçar quando tanta gente passava fome. Então afogou um grito ao sentir uma forte dor.

—Está parindo —disse Antonia com calma.

Claro que estava. Embora as dores que antes tinha tido não o eram, o vinho drogado tinha precipitado o processo.

—Procura a meu marido —pediu Cailin, tratando de que sua voz não traísse o medo que sentia. —Quero que Wulf esteja aqui quando nascer seu filho! OH, os deuses! Por que me tem feito prometer que ficaria aqui uns dias?

—Claro que quer que Wulf esteja a seu lado. —disse Antonia. —Lembro quanto desejava eu que Quinto estivesse comigo quando nasceu meu querido filho. Enviarei a um escravo. Não tema, querida Cailin. Eu me ocuparei de ti.

Ajudou Cailin a ir a seu dormitório.

Antonia deixou a suas donzelas com ela e foi procurar a um jovem escravo que tinha tentado converter em seu amante. Era uma lástima, pensou, mas teria que matá-lo por sua participação nesse assunto e nem sequer tinha desfrutado de uma só noite.

—Vá ao Simon, o mercador de escravos de Corinio. Ele realiza envios a Londres a cada mês e logo enviará uma caravana. Diga que tenho uma escrava da qual eu gostaria de me desfazer. É uma criatura que me causa problemas, e uma mentirosa. Tem que estar drogada até que chegue a Gália. Quero que a enviem o mais longe possível da Britania. Compreende, meu belo Ático?

Antonia sorriu ao jovem enquanto acariciava suas nádegas sugestivamente.

—Sim, minha ama. —respondeu ele devolvendo o sorriso.

O moço era novo na casa, mas tinha ouvido contar que ela era uma mulher lasciva. Sem dúvida não teria queixa de sua atuação quando estivesse recuperada do parto e disposta a tomar um amante.

—Diga a Piso que te dê o cavalo mais rápido do estábulo. —instruiu Antonia. —Quero que esteja de retorno ao amanhecer. Se não for assim, te açoitarei. —Acariciou seu membro endurecido. —Está bem formado. —observou. —Comprei-te, Ático? Não o recordo.

—Seu pai me comprou, minha ama. —respondeu o moço com mais aprumo do que sentia. Tinha seu membro duro como ferro sob a quente mão da Antonia.

—Teremos que encontrar um posto adequado para ti dentro em pouco. —observou Antonia, pensando que possivelmente não o mataria em seguida. Ao fim e ao cabo, não compreenderia o que ela tinha feito. —Agora vai!

Antonia se voltou e se apressou a retornar junto sua paciente.

Cailin passou toda a noite tratando de parir seu bebê. Tinha o corpo empapado de suor. Sob a direção da Antonia, fazia esforços para que nascesse seu filho.

—Onde está Wulf? —repetia Cailin uma e outra vez. —Por que não vem?

—É de noite. —respondeu Antonia. —Não há lua. Meu mensageiro deve ir devagar pelos campos para chegar a sua casa. Não pode galopar, Cailin. Tem que olhar bem por onde vai.

Chegará, logo ele e seu marido têm que retornar igualmente devagar. Toma. —Passou o braço pelos ombros. —Bebe um pouco de meu vinho. E se sentirá melhor. Eu sempre o faço.

—Não o quero —replicou Cailin, apartando a mão da Antonia.

—Não seja tola —disse Antonia. —pus umas ervas para que aliviem a dor. Eu também tomava quando estava de parto. Não vejo razão para sofrer.

Cailin agarrou a taça e bebeu devagar. Imediatamente se sentiu melhor, mas a cabeça dava voltas. Outro doloroso espasmo a rasgou e a jovem lançou um grito. Antonia se ajoelhou e examinou se tinha progredido.

—Vê a cabeça do bebê? —perguntou Cailin. —Oxalá Ceara e Maeve estivessem aqui, necessito-as!

—Não poderiam fazer por ti nada que não possa fazer eu. —replicou Antonia com aspereza, mas suavizou um pouco seu tom. —Já vejo a cabeça. Seja valente, Cailin Druso, dentro de uns minutos seu filho terá nascido!

—Deuses! —exclamou Cailin. —Onde está Wulf? Antonia, estou muito enjoada. O que pôs no vinho?

Teve outra dolorosa contração.

Antonia fez caso omisso das perguntas de Cailin.

—Empurra! —ordenou. —Empurra forte. Mais forte!

A cabeça e os ombros do menino apareceram entre as pernas de sua mamãe. Antonia sorriu satisfeita. Cailin não se dava conta, mas estava tendo um parto fácil. O bebê teria nascido em seguida.

Era difícil manter os olhos abertos. Sua cabeça dava voltas e tinha a sensação de que ia cair. Sentiu outra terrível dor. Ouviu, embora um pouco distante, a voz da Antonia que pedia de novo que empurrasse. Cailin fez esforços por obedecer. Não podia perder o conhecimento. Efetuando um esforço supremo empurrou com todas suas forças. Viu-se recompensada com o súbito pranto de um recém-nascido e seu coração palpitou de felicidade. Então, de repente, a escuridão pareceu apoderar-se dela. Cailin lutou corajosamente, mas foi inútil. O último de que foi consciente foi da voz da Antonia:

—É tão doce. Sempre desejei ter uma menina.

Quando dois dias depois chegou Wulf a reclamar a sua esposa, Antonia saiu lentamente ao pátio para recebê-lo. Estava chorando e melancólica.

—O que ocorreu? —perguntou ele, afligido por uma estranha sensação.

Antonia afogou um soluço e se jogou nos braços do desconcertado Wulf.

—Cailin! —ofegou. —Cailin morreu, e o menino, seu filho, também. Não pude salvá-los. Tentei-o! Juro que o tentei!

—O que diz? Como pôde ocorrer, Antonia? Ela estava transbordante de saúde quando a vi pela última vez...

Antonia se separou de seus braços e olhou com seus grandes olhos azuis.

—Seu filho era grande e não vinha como devia. Os meninos nascem de cabeça, mas este o

fez pelos pés. Quase partiu em dois a pobre Cailin. Seu sofrimento foi insuportável. Morreu sangrando. O menino, ao que tanto custou nascer, só sobreviveu uma hora. Jamais imaginei que pudesse acontecer algo semelhante. Sinto muito, Wulf.

—Onde está seu corpo? —pediu ele. Sua voz era dura e fria. Sua amada ovelhinha, morta? Não era possível! Não acreditava! —Quero ver o cadáver de minha esposa. —repetiu. Sentia uma forte dor no peito. Podia romper um coração? perguntou-se, pois acreditava que isso estava acontecendo.

—Estava tão rasgada —explicou Antonia— que não pudemos prepará-la devidamente para ser enterrada. Fiz que a incinerassem, como estavam acostumados a fazer nossos antepassados celtas. Coloquei o bebê em seus braços para que pudessem chegar juntos aos deuses.

Ele fez um gesto de assentimento, aturdido de pesar.

—Quero suas cinzas. —disse com frieza. —Suponho que tem suas cinzas. Levarei para casa e as enterrarei em suas terras com o resto de sua família. Cailin gostaria.

—É obvio. —acessou Antonia com suavidade. Voltou-se e agarrou uma urna de bronze gentil belamente decorada que estava sobre o banco do átrio. —As cinzas de Cailin e as de seu filho estão aqui. —entregou com um sorriso compassivo. —Compreendo seu pesar, já que recentemente perdi a meu companheiro e a meu filho. —disse.

Ele agarrou a urna, como se ainda não pudesse acreditar no que tinha ouvido. Logo se voltou sem dizer palavras e se encaminhou para a porta.

Antonia se sentiu exultante ao ver a dor do Wulf. Logo ocorreu uma ideia perversa e, seguindo um impulso de pô-la em prática.

—Wulf, espera. —Sua voz tinha adquirido um tom sedutor.

Ele se voltou e ficou atônico ao ver que Antonia se tirou a túnica e estava completamente nua. Seu corpo era branco, rosado e roliço. Não havia nenhuma marca que danificasse a perfeição de sua suave pele, mas ele a encontrou repulsiva. Por um momento ficou parado onde estava, olhando fixamente a repugnante nudez da mulher.

—Estou sozinha, Wulf —murmurou. —Muito sozinha...

—Volta a pôr a túnica, Antonia.

—Matou a meu marido, Wulf. Agora estou sozinha. Não crie que deveria me compensar pela perda de Quinto Druso? —ronronou Antonia. Deslizou as mãos sob seus abundantes seios, com seus mamilos morados e os levantou em gesto de oferecimento. —Estes frutos não tentam a que os prove? A arma que leva sob as calças não está dura de desejo?

—Vista-se. —ordenou ele com frieza. —Repugna-me.

Ela se precipitou e apertou seu nu corpo contra o dele. Wulf se sentiu afligido pelo aroma de almíscar.

—É o homem mais bonito da província, Wulf —disse Antonia, ofegante de desejo. —Sempre tenho por companheiro ao mais bonito da província. —Rodeou seu pescoço com os braços. —Me beije, bruto saxão, e depois me tome. Aqui! No átrio. Encha-me com sua virilidade, me faça gemer de prazer. Desejo-te tanto!

Wulf apartou os braços da Antonia e a separou de si de um empurrão. Sentia vontade de

vomitar.

—Antonia, a pena te tornou louca. Primeiro seu marido e filho, e logo minha esposa e meu filho. Lamento-o por ti, mas devo dominar minha própria dor. Já me está rasgando. Amava a minha esposa. Não sei como viverei sem ela. O que fica agora? Nada! Voltou-se e saiu cambaleante do átrio.

—Vá! —gritou Antonia. —Vá, Wulf Punho de Ferro! Se sofrer, me alegro! Agora saberá o que eu senti quando assassinou a meu Quinto!

Inclinou-se, recolheu sua túnica e a pôs. "Oxalá pudesse te dizer a verdade! —pensou, —mas não posso. Meu pai também se inteiraria e não poderia suportá-lo. —riu. —De todos os modos, vinguei-me de ti e do Cailin Druso. Se ninguém mais que eu souber, o que importa?"

Quando Antonio Porcio retornou de Corinio várias semanas mais tarde, sua filha o esperava. Sentaram-se juntos no jardim, ao fresco ar de meados de outono, enquanto Antonia amamentava ao bebê.

—Fiquei perplexa, papai. —disse. —Ele não a queria. Estava disposto a deixá-la na colina, se eu não tivesse rogado que me entregasse. O único que importava era que Cailin não tinha dado o filho varão que ele queria. Estes saxões são cruéis, papai. Felizmente o pequeno Quinto estava preparado para ser desmamado, e meu leite é abundante, por isso decidi ficar com a menina e educá-la com meu filho. Quase me compensa por ter perdido a meu bebê. Pobre Cailin!

—Onde está agora Wulf Punho de Ferro? —perguntou o magistrado.

—Desapareceu —respondeu Antonia. —Ninguém sabe aonde foi. Não deixou nada disposto para seus escravos. Simplesmente partiu. As terras, é obvio, agora pertencem a minha pequena Aurora. Chamo-a assim porque nasceu com a alvorada, embora sua mamãe morrera. Enviei a meu mordomo a que expulsasse aos dobunios que tinham começado a construir uma casa na vila junto ao rio. Disseram que Cailin a tinha entregue como presente de bodas, mas eu disse que era meu por direito de herança e que Cailin tinha morrido de parto e não se achava ali para fazer cumprir seus supostos direitos. Não me deram muitos problemas, e agora já se foram.

Antonio Porcio assentiu. Eram muitas coisas para digerir, pensou, mas de tudo isso tinha surgido algo bom. Antonia parecia voltar a ser a de antes. Adotar à filha órfã de Cailin Druso sem dúvida lhe tinha feito bem.

—Ficará vivendo conosco, verdade, papai? —perguntou Antonia. — Te necessito. Não voltarei a me casar; dedicarei minha vida a meus dois filhos. Acredito que é o que os deuses desejam de mim.

—Talvez tenha razão. —disse o ancião agarrando sua mão. —Seremos uma família feliz, Antonia. Pressinto-o!

CAPÍTULO 7

Bizâncio, 454-456.

—Não posso acreditá-lo! —exclamou Focos Máximo surpreso. —Esta não pode ser a mesma moça que comprou no mercado esta manhã, Joviano. Aquela criatura estava suja e cheia de feridas, e esta garota é encantadora. Sua pele é como a nata, não tem nenhuma marca, e que cabelo! Que maravilha de cachos castanhos!

—É a mesma, querido irmão. —disse Joviano Máximo com ar de superioridade. —É um verdadeiro homem de negócios, não tem nada de imaginação, Focos. Assim que pus os olhos nela, soube que era um tesouro. Só foi necessário um pouco de água quente e sabão para lavá-la. Além disso, fala um latim impecável, salvo por um leve acento provincial que pode corrigir-se, embora alguns o encontrem encantador. —Olhou à escrava que acompanhava a sua nova compra. —Isis, tire a túnica, por favor.

Focos Máximo olhou fixamente à garota quando por fim a teve nua ante ele.

—Está um pouco magra para meu gosto —observou, —mas podemos engordá-la. Não acredito que tenham dado muito de comer ultimamente. Tem os pés danificados.

—Caminhou muito, suponho —disse Joviano.

—Com o tempo podemos corrigi-lo. —disse seu irmão. —Tem uns peitos bonitos; pequenos, mas bem formados. Bom, devo admiti-lo: fez um bom negócio com esta garota. Sabe fazer o que se espera dela, ou vamos ter que ensiná-la? Espero que seja pagã.

Era como se ela fosse um objeto, pensou Cailin enquanto escutava aos dois irmãos falar. Não é que importasse realmente seu destino. Já nada importava. Tudo era muito confuso. Nem sequer compreendia por que seguia viva quando todos seus seres queridos tinham morrido; mas algo em seu interior não permitia que morresse. Isso a zangava, mas não parecia que pudesse fazer nada a respeito.

Recordou os muitos dias transcorridos desde que tinha começado a ter dores de parto na vila da Antonia. Quão último recordava era o pranto do bebê quando se sumiu na inconsciência. Quando recuperou o sentido vagamente, achava-se em uma suja habitação em uma casa estranha. A mulher que levou sua comida lhe disse que se encontrava em Londres, o qual a surpreendeu. Tinha ouvido falar de Londres, mas nunca tinha pensado que veria essa cidade. Ao final resultou que não a viu, pois quando perguntou que fazia naquele lugar, disseram-lhe que Antonia a tinha vendido ao Simon, o mercado de escravos, e que logo seria transportada a Gália e depois mais longe.

—Mas eu não sou uma escrava! —protestou Cailin.

—Isto é o que Antonia nos advertiu que diria. —replicou com aspereza a mulher. —Diz que causa muitos problemas e tem ideias estranhas a respeito de sua identidade. E até seduziu seu defunto esposo e levou a seu bastardo em seu ventre! Bom, já não terá que te aguentar mais, puta.

—Onde está meu bebê? —perguntou Cailin.

—Morreu, ou ao menos, isso me disseram.

Cailin se pôs-se a chorar histericamente.

—Não te acredito! —protestou.

A seguir a obrigaram a beber um líquido amargo e voltou a ficar inconsciente.

Durante dias flutuou entre a realidade e o pesadelo. Quando por fim voltou em si, achava-se na Gália, viajando para volta do sul com um envio de escravos com destino ao mediterrâneo. Pouco depois, uma moça formosa tratou de escapar, pois a diferença dos muitos escravos que viajavam com eles não levava colar nem ia encadeada, mas logo foi capturada, pois não conhecia o terreno.

O dono dos escravos vacilou com respeito ao castigo. Açoitá-la deixaria marcas na delicada pele, e essa mesma pele era um valor que podia proporcionar um bom dinheiro. Decidiu castigá-la violando-a, o que fez em frente ao grupo de viajantes.

—Volta a escapar, puta —ameaçou enquanto a imobilizava, —e a entregarei a meus homens. Ao melhor isso gostaria, né, puta?

O olhar de terror de todas as mulheres indicou ao dono de que escravos não teria problemas com nenhuma delas. Em realidade, depois daquilo Cailin tratou de fazer-se invisível. Deixou que o cabelo se sujasse e despenteasse. Sua túnica, o único objeto que possuía, foi fazendo farrapos paulatinamente. Não se atrevia a lavá-la por medo de que se desintegrasse e ela ficasse nua como algumas mulheres. Não esperava que lhe proporcionassem outra roupa se perdia a sua.

Quando chegaram à costa os escravos foram separados; alguns foram obrigados a subir a bordo de um navio para dirigir-se a uma cidade chamada Cartago, enquanto que Cailin e o resto foram enviados a um lugar chamado Constantinopla. Escutando a outros se inteirou de que se tratava da grande capital do Império Oriental. Os escravos de seu grupo estavam encadeados aos remos da galera. Seriam vendidos quando chegassem a seu destino, se é que chegavam, mas enquanto isso proporcionariam mão de obra para chegar ali. As mulheres se cobriam na adega, um lugar apenas habitável; um espaço quadrado sem outra comodidade para dormir que o chão, um cubo de madeira para suas necessidades, pouca luz e menos ar.

Cada noite, o segundo a bordo chegava, sorridente, e elegia a várias mulheres, às quais se levava. Estas retornavam pela manhã, normalmente rindo, com comida e água que em geral não queriam compartilhar. Sua própria sobrevivência era o mais importante. Cailin se escondia, de modo instintivo, no rincão mais escuro quando chegava o marinheiro. Não era necessário que lhe dissessem o que faziam as mulheres ou por que recebiam presentes. Foi emagrecendo com as escassas rações que recebia, mas conservou a vida para chegar a Constantinopla.

A manhã da chegada apareceu o dono dos escravos para examinar com atenção às mulheres. Selecionou às que pareciam mais atrativas e as levaram imediatamente. Algumas das que não tinham sido escolhidas suplicaram que as levasse, e choraram quando foram apartadas rudemente.

—Aonde foram as outras? —perguntou Cailin a uma mulher mais velha.

A mulher a olhou e respondeu:

—As consideram melhores que nós. Irão para um mercado de escravos particular onde as banharão, perfumarão e vestirão com finura antes de ser leiloadas. Conseguirão amos ricos e viverão confortavelmente se os agradarem.

—O que nos ocorrerá ?

—Espera-nos o mercado público —respondeu a mulher com ar lúgubre. —Nos comprarão

como escravos domésticos ou para trabalhar nos campos, ou para algum bordel.

—O que é um bordel?

O assombro refletido no rosto da mulher quase foi cômico, mas antes que pudesse responder a Cailin, os homens baixaram e começaram a levar às mulheres para cima. A luz do sol as fazia piscar, pois seus olhos não estavam acostumados a forte luz depois dos muitos dias passados na semi escuridão da adega do navio. Pouco a pouco se adaptaram à luz e foram conduzidas pelas ruas da cidade até o mercado público de escravos.

Cailin ficou atônita ao ver os edifícios de quatro e cinco pisos pelos quais passava em seu caminho. Nunca tinha visto edificações tão grandes. E quanto ruído! Parecia que não havia tranquilidade naquele lugar. Não podia imaginar como vivia a gente com esse ruído e sujeira. As ruas estavam semeadas de escombros e por toda parte havia excrementos humanos e animais. Os se pés encolhiam a cada passo que dava.

Por fim chegaram ao mercado de escravos, onde se perdeu em pouco tempo. Um após o outro, os que tinham viajado com ela foram colocados sobre o soalho e vendidos. De novo Cailin se escondeu entre outros, até que não houve mais lugar para esconder-se. Foi empurrada brutalmente sobre a pequena plataforma.

—Eis aqui uma moça jovem e forte, boa para a casa ou para o campo —anunciou o mercado. Voltando-se para o Cailin, ordenou: —Abre a boca, puta. —O homem olhou dentro e logo proclamou: —Conserva todos os dentes. Quanto se oferece por ela?

Os espectadores levantaram o olhar para a criatura oferecida. Era alta e penosamente magra. O cabelo, de uma cor difusa, estava sujo e embaraçado. Nada nela podia considerar-se atraente. Apesar do que apregoava o mercador, não parecia particularmente forte, teria acreditado que ninguém pudesse estar tão sujo como estava ela então. Tendo em conta o que tinha advertido o homem, apertou o passo atrás de este e de seu companheiro.

Caminharam com rapidez pela buliçosa cidade, e aonde quer que olhasse Cailin havia algo que atraía seu olhar. Desejava não encontrar-se naquela situação, poder fazer perguntas aos dois homens. Tudo era entristecedor e temível. Não estava acostumada à ideia de ser escrava. Quando seguindo aos dois homens pela larga avenida torceu por uma rua estreita e tranquila, viu-os cruzar as grandes portas de uma enorme mansão. Bom, ao menos eram ricos e poderiam substituir sua andrajosa túnica.

Um servente se apressou a saudar os dois cavalheiros, abrindo os olhos de par em par ao ver a moça que ia atrás deles.

—Senhor? —perguntou com voz débil. —Essa criatura vem com você?

—Joviano a comprou no mercado público, Paulo. —respondeu o homem mais austero. —Terá que perguntar a ele o que quer fazer com ela.

O mordomo olhou ao Joviano e este pôs-se a rir ao ver a inquietação do criado.

—Eu mesmo a levarei aos banhos, Paulo —disse. —se assegure de que os encarregados se mantêm ocupados. Sem dúvida têm trabalho, mas espera a que tenhamos terminado. Esta suja porca que comprei se converterá em um pavão, prometo-o. E só paguei quatro folies por ela! —voltou-se para o Cailin. —Vamos, moça. Esse banho que tanto deseja está longe.

—Meu nome é Cailin. —disse ela, o seguindo.

—Ah, sim? E que classe de nome é Cailin? —Saíram do amplo átrio e cruzaram uma série de perfumados corredores com portas a ambos os lados. —E de onde é Cailin?

—Meu nome é celta, senhor. Sou bretã. —explicou enquanto entravam na sala de espera dos banhos. Duas atraentes mulheres se aproximaram, inclinaram-se ante Joviano e pareceram intranquilas ao ver a moça que o acompanhava.

—Terão muito trabalho com esta, queridas. —disse Joviano. —Diz que não se banhou em oito meses. —Conteve a risada. —Entrarei enquanto a estejam banhando. Diz que se chama Cailin. Eu gosto desse nome. Deixaremos que o conserve.

—Não responderei a nenhum outro nome. —atravessou Cailin com firmeza.

—É evidente que não nasceu escrava —observou Joviano.

—Claro que não. —replicou ela indignada. —Sou membro da família Druso de Corinio. Meu pai, Gayo Druso Corinio, era um decurião[9] da cidade. Sou uma mulher casada, com propriedades e boa reputação.

—Que agora é escrava em Constantinopla —acrescentou Joviano com secura. —Agora me diga como chegou até aqui. —pediu quando entravam no vestuário.

Cailin contou o que recordava, enquanto as encarregadas dos banhos a despiam e levavam a tepidario, uma sala de espera cálida onde esperariam até que começassem a transpirar. O fato de estar nua, igual a Joviano, não preocupava Cailin. Não sentia nenhum perigo ante aquele homem. Em realidade parecia que poderiam ser amigos. Quando viram que começavam a transpirar, a encarregada dos banhos tirou a sujeira e o suor com raspadores de prata enquanto falavam.

—É evidente que foi traída por essa tal Antonia Porcio. —observou Joviano. —Uma mulher que se considera ofendida é um inimigo muito perigoso, querida. Te vender como escrava foi sua vingança contra ti e contra seu pobre marido. Não cabe dúvida de que lhe disse que tinha morrido. Se não, ele a teria obrigado a revelar seu paradeiro e teria ido te buscar, suponho. Entretanto, a notícia de sua morte causaria a mesma dor que tinha produzido a execução de seu marido por parte do teu. Foi muito hábil essa Antonia. É uma intriga digna de um bizantino. Você sobrevive e sofre sendo escrava, sem saber o que ocorreu com seu filho, enquanto seu marido sofre angustiado por sua presumida morte.

Cailin permanecia em silêncio. Quão claramente o expressava Joviano, e possivelmente era assim. O pior era que ela não podia fazer nada. Achava-se indefesa, e tão longe de sua querida Britania que jamais poderia retornar. Até esse momento nem sequer tinha pensado nisso, mas agora não ficava mais remédio que confrontar a realidade. Estava viva e era provável que seguisse estando-o. Tinha que pensar em seu futuro.

—Por que me compraram? —perguntou ao Joviano quando entraram no caldario para ser banhados.

—Vi que debaixo da sujeira é formosa, e as mulheres formosas são meu negócio —disse ele;

[9] *Consistiam no segundo nível na hierarquia militar romana. Cada decurião era responsável pelo controle de sua fileira em uma centúria romana.*

logo se voltou e disse as encarregadas dos banhos: —Primeiro lavem a cabeça, queridas. Quero ver a verdadeira cor de seu cabelo.

—Meu cabelo é castanho avermelhado. —informou Cailin. —Herdei esta cor de mãe, uma celta dobunia. —Mas não pôde dizer nada mais, pois as duas garotas que a banhavam começaram a esfregar a cabeça com grande vigor. —Ai! —exclamou Cailin enquanto os dedos das duas moças se abriam passo pelo matagal de nós em que se converteu seu cabelo durante os últimos meses. Por fim o enxaguaram com água quente que cheirava a uma substância acre. —O que há na água?

—Limão —respondeu Joviano. —Por todos os deuses! Tem um cabelo maravilhoso!

—O que é limão? —perguntou Cailin.

—Mais tarde a ensinarei. —disse isso ele. —Agora vem, deixa que as garotas a banhem, minha beleza. Não. —Fez um gesto às encarregadas dos banhos. —Eu mesmo me banharei. Se dedique a Cailin.

Lavaram-na com um sabão suave que acabou de tirar a sujeira. Cailin sentiu uma imensa satisfação por voltar a estar limpa. A seguir passaram ao frigidario para dar um rápido banho frio e logo ao untorio, onde se tombaram um junto ao outro nos bancos para receber massagem com azeites aromáticos.

—De que maneira as mulheres formosas são seu trabalho, senhor? —perguntou Cailin.

As duas encarregadas dos banhos soltaram uma risadinha.

—Isto é a Vila Máxima, Cailin —explicou Joviano, —o bordel mais elegante de Constantinopla. Servimos a damas e a cavalheiros que procuram diversões refinadas e excitantes.

—O que é um bordel? —perguntou ela, molesta porque as duas moças voltavam a mostrar-se divertidas.

Joviano elevou a cabeça surpreso e olhou a Cailin, que jazia comodamente a seu lado, desfrutando da massagem.

—Não sabe o que é um bordel? —perguntou atônito.

—Não teria perguntado se soubesse, senhor —respondeu ela.

—Diz que é de Corinio —começou ele, mas o interrompeu.

—O ramo familiar de Druso de Corinio chegou a Corinio em tempos do imperador Claudius, mas eu fui educada fora da cidade. Só a visitei três vezes em minha vida, a última quando tinha seis anos. Sou a única filha de uma boa família patrícia. E não sei o que é um bordel. Deveria sabê-lo?

—OH, querida! —exclamou Joviano, quase para si. —Termina sua massagem, Cailin, e depois te explicarei o que precisa saber.

Olhou com incomum irritação às duas encarregadas dos banhos, que não paravam de rir entre dentes e que se calaram imediatamente. Era estranho que o amo Joviano se encolerizasse, mas quando o fazia era temível.

Quando as encarregadas dos banhos terminaram seu trabalho, acompanharam Cailin e Joviano a um quente vestidor, onde Joviano colocou uma dalmática limpa, de seda azul céu. A Cailin entregaram uma túnica de seda branca que se atava à cintura com um cordão dourado.

—Vem, querida. —disse ele agarrando sua mão. —Tomaremos bolos de mel e vinho em meu

jardim privado e te contarei tudo o que tem que saber.

O jardim era delicioso; pequeno e rodeado por um muro coberto de hera. No centro havia uma pequena fonte de mármore em forma de concha, da que caía a água a uma taça redonda. Havia meia dúzia de roseiras que já começavam a florescer, perfumando o ambiente com seu exuberante perfume.

—Vem e sente-se aqui. —indicou Joviano, sentando-se em um banco de mármore. —Ah, o vinho está frio. Excelente! —disse com um sorriso à escrava que o servia. —Bem, Cailin, para responder a sua pergunta... Um bordel é um lugar onde as mulheres vendem seu corpo para diversão dos homens. Entende?

Ela assentiu, os olhos como pratos, e Joviano observou a maravilhosa cor violeta destes.

—Nunca tinha ouvido falar de algo assim. —respondeu. —Sei que os homens jazem com outras mulheres além de suas esposas, mas não sabia que as mulheres cobrassem por isso.

—Bom, não há nada estranho nisso —disse ele. —faz-se continuamente e se tem feito desde o começo dos tempos. Entretanto, existem diferentes graus neste assunto. Algumas mulheres se vendem nas ruas. As chamam prostitutas, ou putas. Copulam com seus clientes contra a parede, nos becos. Não podem escolher com quem tem entendimentos. Em consequência, acabam doentes e frequentemente morrem jovens, o qual provavelmente é uma bênção para elas. Não é fácil ser uma mulher da rua. Podem cair presa de um homem que as obriga a ir com outros homens, e levam todos os lucros. É uma vida muito dura. As mulheres dos bordéis revistam estar melhor, embora haja diferentes classes de bordéis. Os que são para as classes inferiores tendem a tratar a suas mulheres pouco melhor que quão desventuradas fazem seu trabalho na rua. Estes bordéis existem porque sempre há muitas pobres garotas desejosas de fazer fortuna no interior de seus muros, mas poucas, se acaso alguma, escapam para envelhecer com comodidade.

—Por que o fazem, então? —perguntou Cailin.

—Porque não têm alternativa. —respondeu ele com franqueza. —Entretanto, Vila Máxima não é como a maioria de bordéis. Nós mimamos a nossas mulheres e as rodeamos de luxo. Não são prostitutas correntes a não ser cortesãs, muito bem preparadas e com habilidade para oferecer aos clientes o máximo prazer. Também temos jovens e arrumados cortesãos muito solicitados entre certas mulheres enriquecidas da cidade e da corte. Entre nossos clientes se encontram homens que desfrutam com a companhia de outros homens ou a preferem; e mulheres que preferem ter a uma mulher por amante. Nós agradamos todos os caprichos.

—Tudo isso é muito estranho. —manifestou Cailin.

Ele fez um gesto de assentimento.

—Sim, imagino que sim, tendo em conta a vida que levava na Britania. Sei que será difícil para ti, mas se adaptará a esta nova vida se mantiver a mente aberta. Por acaso é cristã?

Cailin negou com a cabeça.

—Não. E você?

Ele riu.

—Agora é a religião oficial do império. —disse. —Como bom cidadão, obedeço ao imperador em tudo.

Cailin riu pela primeira vez em muitos meses.

—Que precavido é, senhor! Temo que não acredito.

Joviano encolheu de ombros.

—Faço o necessário para me evitar problemas. —disse. —Nesta nova igreja há lutas internas com respeito a qual é a doutrina correta e qual não é. Quando se tiverem posto de acordo, talvez eu encontre minha fé. Até então...

—Guardam as aparências. —terminou ela. —Sei muito pouco dos cristãos, senhor. Entretanto, acredito que prefiro a meus deuses: Sanu, a mãe, e Lug, nosso pai. Estão representados pela terra e o sol. Logo está Macha, Epona, Sulis, Cernunos, Dagda, Taranis e minha favorita, Nodens, a deusa do bosque. Minha mãe adorava em particular ao Nodens. Os cristãos, conforme me disseram, não têm mais que um deus. Parece-me uma religião muito pobre, se só tiver um deus.

—Deveria aprender mais coisas sobre eles, se tiver que viver em Constantinopla. —disse Joviano. —Farei que um sacerdote te introduza na religião. Temos a vários clérigos importantes entre nossos clientes.

—Então, senhor, serei cortesã? —perguntou Cailin.

—Não imediatamente, querida. Para começar, faltam os conhecimentos, e além disso, devo me assegurar de que não tem nenhuma enfermidade. As mulheres que vivem nesta casa estão sãs. Não permito que deitem com homens que não o estão. Alguns proprietários de bordéis têm mulheres de uma saúde penosa. Meu bordel não. Por um só solidus[10] se pode comprar no mercado um bom médico grego. Nós temos um que vive aqui e cuida a saúde de todas as residentes de Vila Máxima.

—Então, quando ele tenha decidido que estou sã —disse Cailin, —me ensinarão a ser cortesã.

—Com o tempo, sim. —respondeu ele. —Você se inquieta em sabe que com o tempo terá que ter vários amantes, querida?

Cailin sopesou a resposta. Em outra época e em outro lugar, a simples ideia a teria horrorizado, mas não estava na Britania. Achava-se tão longe de sua casa que nem sequer podia saber a distância. Seu marido provavelmente acreditava que estava morta. Possivelmente já tinha tomado outra esposa. Wulf... Por um momento viu ante ela seu belo rosto e seu forte corpo, e as lágrimas apareceram em seus olhos. Mas piscou e as reprimiu rapidamente. Ao princípio não seria fácil receber a outro homem entre as coxas, mas supunha que com o tempo se acostumaria.

—Que futuro me espera depois de minha juventude? —perguntou ao Joviano.

Por um momento a surpresa se refletiu em seu rosto; logo disse com tom admirativo:

—É prudente, querida, ao pensar em seu futuro. Muitas garotas não o fazem. Acreditam que serão jovens e desejáveis eternamente. Claro que este não é seu caso. Bem, direi que futuro pode esperar se confiar em mim. Aprende bem suas lições, Cailin, e te prometo que atrairá aos

[10] *Uma antiga moeda romana de ouro criada por Constantino em 309 D.C. circulou no Império Romano até o século X D.C. Substituiu o áureo como a mais importante moeda de ouro do Império.*

melhores amantes de Constantinopla. Não aprenda só as artes da sensualidade, querida. Muitos não compreendem que para ser verdadeiramente fascinante uma mulher deve saber conversar com amenidade tanto como ser desejável. Os amantes alagarão a esta mulher de presentes valiosos, ouro, joias e outros objetos preciosos. Ao final poderá comprar sua liberdade. No começo cada ano pomos valor a cada mulher da casa. Se durante esse ano decide que deseja comprar sua liberdade, não discutimos o preço, pois já está fixado. Hoje comprei a ti por quatro folies, mas seu valor já aumentou agora que sua beleza é visível. Vale ao menos dez solidus.

—Quantos folies é isso, senhor? —perguntou Cailin.

—Há cento e oitenta folies de cobre para cada solidus de ouro. Mil e oitocentos folies de cobre são dez solidus de ouro, querida. —respondeu com um sorriso. —Estou quase tentado a te devolver agora que esse tolo mercado te deixou partir por tão pouco dinheiro só porque necessitava um pouco de água e sabão. Não, não posso. Ficará a uivar e a chorar dizendo que o enganaram, apesar de que eu o adverti. Todos são iguais. —ficou de pé. —vamos ver meu irmão Focos e demonstrar que não perdi minha habilidade para ver uma gema perfeita sob o barro da rua. Isis —chamou uma escrava. —nos acompanhe. —voltou-se para o Cailin. —Dirigirá aos cavalheiros que vêm a esta casa os tratando de “meu senhor”. Também a meu irmão e a mim.

—Sim, meu senhor.—respondeu Cailin, seguindo ao Joviano através da casa até onde Focos o esperava.

Quando se despiu, o maior dos irmãos Máximo expressou sua surpresa e aprovação. Ela permaneceu em silêncio enquanto eles falavam, até que por fim voltaram a vesti-la.

—Isis —disse seu novo amo à escrava, —leve Cailin aos alojamentos que ordenei preparassem para ela. —Quando as duas mulheres tiveram partido, Joviano se voltou para seu irmão, cheio de excitação. —Tenho planos maravilhosos para essa garota. — disse. —Nos fará ganhar uma fortuna, Focos, e nos assegurará a velhice.

—Nenhuma cortesã, por muito bem preparada que esteja pode fazer ganhar muito ouro. —replicou seu irmão mais velho.

—Esta sim, e não terá que distrair pessoalmente a nenhum de nossos clientes. Ao menos não durante certo tempo, irmão querido. —terminou Joviano.

Esfregando-as mãos com ar alegre, sentou-se ao lado de Focos.

Aqueles dois irmãos eram um estudo de contrastes. Embora quase iguais de estatura —Focos era um pouco mais alto, —ninguém que não os conhecesse haveria dito que eram irmãos, nascidos dos mesmos pais. Seu pai tinha sido cortesão e sua mãe sua amante. Vila Máxima era o lar dela. Focos tinha herdado o lado paterno de sua família. Era esbelto, de rosto comprido e aristocrático formado por um nariz magro, lábios estreitos e profundos olhos escuros. Tinha o cabelo negro e murcho que tinha penteado para trás. Sua roupa era cara e singela. Focos Máximo era a classe de homem que podia desaparecer facilmente entre uma multidão. As mulheres de sua propriedade diziam que era um amante de proporções épicas que podia fazer chorar de felicidade à cortesã mais endurecida. Sua perspicácia para os negócios era admirada em toda a cidade, e suas generosas obras de caridade o mantinham em boas relações com a Igreja.

Seu irmão menor, Joviano, era o contrário. Elegante, educado classicamente, afeiçoado na

moda, era considerado uma das maiores inteligências de seu tempo. Adorava as coisas formosas: a roupa, as mulheres, as obras de arte e em particular aos jovens arrumados, dos quais mantinha a vários para que se ocupassem de suas necessidades. Com seus cachos escuros despenteados de modo deliberado, o reconheciam com facilidade nas corridas, nos jogos, no circo. O êxito de Vila Máxima se devia em grande medida a ele, pois embora Focos sabia levar a contabilidade e se ocupar do orçamento necessário para levar um bordel, era a imaginação do Joviano o que situava a Vila Máxima por cima de outros bordéis caros da cidade. Sua defunta mãe, famosa cortesã em seu tempo, teria estado muito orgulhosa deles.

—O que te ocorreu? —perguntou Focos, despertada sua curiosidade pelo estado particularmente excitado de seu irmão com respeito a Cailin.

—Não somos famosos em todo o comprido e o largo do império por nossas diversões? —disse Joviano.

—Claro que sim!

—Nossos quadros vivos não têm igual. Tenho razão?

—Tem razão, querido irmão. —respondeu Focas.

—E se levássemos um quadro vivo um passo mais à frente? E se em lugar de um quadro apresentássemos um peça de deliciosa depravação, tão decadente que todo Constantinopla queira vê-la... e pague bem por gozar desse privilégio? Ao princípio, querido irmão, ninguém salvo nossos clientes habituais poderiam vê-lo. Estes, é obvio, falariam disso e intrigariam a seus amigos e aos amigos de seus amigos. Só se permitiria a entrada aos que viessem recomendados pessoalmente por nossos clientes. Logo teríamos tantas solicitações de entrada que poderíamos pôr o preço que quiséssemos, e assim nos faríamos ricos. Ninguém tem feito jamais uma coisa assim. Naturalmente, haverá outros que nos imitarão, mas não poderão manter nosso nível de gênio e imaginação. Cailin será a peça central da função.

Focos compreendeu o plano de seu irmão. Era sem dúvida muito brilhante.

—Como chamará a sua peça e como se representará? —perguntou, fascinado.

—"A virgem e os bárbaros". Não é magnífico? —Joviano estava mais que satisfeito de si mesmo e de seu engenho. —A cena começará com nossa pequena Cailin sentada ante um tear, vestida de branco, modesta e inocente, o cabelo solto, tecendo. De repente se abre bruscamente a porta de sua câmara! Entram três magníficos bárbaros nus, espada em mão, com intenções bastante evidentes. Assustada, a donzela dá um salto, mas...! Os homens se tornam sobre ela e a despem apesar de seus gritos. Violam-na e baixa o pano de fundo ante as aclamações do público.

—Aborrecido. —disse Focos secamente.

—Aborrecido? —Joviano pareceu ofendido. —Não posso acreditar que me diga isso. Não há nada aborrecido na cena que acabo de te descrever.

—A violação de uma virgem é um tema corrente de quadro vivo. —respondeu Focos decepcionado. —Se isso for tudo, Joviano, é aborrecido.

—Por todos os deuses! Vejo-o tão claro que não te expliquei os detalhes. Nossa virgem é violada por três bárbaros, Focas. Três!

—Embora sejam três, e não um, é aborrecido.

—Os três ao mesmo tempo?

Focos abriu os olhos de par em par.

—Impossível! —disse.

—Absolutamente —replicou seu irmão, —mas a coreografia deve estar muito bem feita, como se fora uma dança do templo. Mas não é impossível, querido irmão, absolutamente! E aqui no Bizâncio não se apresentou nunca nada igual. Não está censurando a Igreja constantemente a perversidade da natureza do homem? Haverá tumultos ante nossas portas para ver a função. Esta moça nos fará ganhar uma fortuna. Nos retiraremos a essa ilha do mar Negro que compramos faz vários anos e que não vimos após.

—Mas a moça cooperará? —perguntou Focas. —Ao fim e ao cabo, espera muito de uma pequena provinciana.

—Cooperará, irmão. É muito inteligente para ser mulher, e como é pagã não tem escrúpulos. Ao não ser virgem, não tem respeitabilidade que perder. Sabe o que me perguntou? Que futuro terá quando sua juventude e beleza tenham desaparecido. É obvio, disse que poderia comprar sua liberdade se era esperta, e acredito que é. Com os devidos ensinos, Cailin será a maior cortesã que esta cidade tenha conhecido.

—Decidiu quem serão os homens? —perguntou Focas. —E com que frequência daremos o espetáculo?

—Só duas vezes à semana. Terá que proteger o bem-estar físico da moça e ter em conta a natureza única da função. É melhor que nossa clientela fique rogando antes que nossa peça se volte muito ordinária. Quanto aos homens, faz dois dias vi o trio que necessitaremos no mercado de escravos privado do Isaac Stauracius.

—E se já estão vendidos?

—Não estarão —afirmou Joviano. —Quando os vi acreditei que os queria, mas não estava seguro. Dei ao Isaac cinco solidus de ouro para que me reservasse isso. Amanhã tinha que dizer algo, mas irei hoje. São magníficos, querido Focos. Irmãos, idênticos de cara e corpo até no último detalhe. Homens do norte, fornidos e loiros. Só têm um pequeno defeito. Não é visível, mas Isaac quis que soubesse. São mudos. O imbecil que os capturou arrancou suas língua. Uma verdadeira lástima. Parecem inteligentes e ouvem bem.

—Vá buscá-los —disse Focas, —e não deixe que Isaac te engane. Ao fim e ao cabo, ele não sabe o que vamos fazer com esses jovens. Seu defeito físico tem que rebaixar o preço grandemente. Mas espera! E seus órgãos sexuais? São grandes? Por muito arrumados que sejam têm que ter boas genitálias. Como pode te assegurar disso sem que Isaac suspeite algo do uso que daremos a esse trio?

Joviano olhou divertido a seu irmão maior.

—Focos, querido irmão, fere-me profundamente. Quando comprei um escravo para esta casa sem haver inspecionado seus atributos antes? Em repouso, a virilidade desses três pendura ao menos quinze centímetros. Excitada chegará a vinte, se não me equivocar, e poucas vezes me equivoco.

—Perdoa, irmão. —se desculpou Focos com um leve sorriso.

Joviano devolveu o sorriso e fez uma leve inclinação de cabeça antes de partir. Chamou a sua escrava favorita e atual amante para que se reunisse com ele e, com passo ágil, cruzou as portas de Vila Máxima rumo à rua.

CAPÍTULO 8

Cailin sempre tinha considerado luxuoso o lar em que tinha crescido, mas a vida em Vila Máxima foi toda uma revelação para ela. Nas paredes exteriores do edifício que dava à rua não havia janelas. Entrava-se por umas portas de bronze que conduziam por um estreito corredor a um pátio grande e ensolarado. O chão do pátio era um desenho de blocos quadrados de mármore branco e negro. Havia grandes vasos colocados ao redor do pátio. Também tinha plantadas pequenas árvores e roseiras. Sempre havia atraentes escravas trabalhando no pátio para dar a bem-vinda aos visitantes e para acompanhá-los pelas duas grandes escadarias de mármore branco até o pórtico com colunas e, através de este, ao átrio da vila.

O átrio era magnífico. O teto era alto e abobado e estava dividido em painéis afundados esculpidos e adornados em tons vermelhos, azuis e dourados. As paredes estavam decoradas com painéis de mármore branco e rodapés revestidos de prata. A entrada ao átrio tinha duas colunas quadradas e quatro pilares redondos em mármore vermelho e branco, todo isso coroado com cornijas. Sobre a entrada havia três janelas largas e estreitas com grades.

As portas do átrio eram de bronze e os marcos estavam revestidos de mármore verde, esculpido e decorado com marfim e ouro. O chão era de ladrilhos de mármore de diversos tons de verde e branco que formavam desenhos geométricos. Nos nichos da parede se exibiam maravilhosas esculturas de homens e mulheres nus, em solitário ou em casais ou grupos, todos eles em posturas eróticas calculadas para excitar ao espectador. Havia tinas de mármore cheias de flores de brilhantes cores e vários bancos de mármore onde os clientes esperavam a que se comprovasse sua identidade antes de ser admitidos.

O pouco da vila que Cailin viu em suas primeiras semanas em Constantinopla era igualmente magnífico. Todas as paredes estavam adornadas com quadros emoldurados. O tema de quase todos os quadros era de natureza erótica. Os leitos também estavam adornados com cenários em relevos dourados ou trabalhos em marfim. As portas eram ou de mármore de diversos tons ou de pinturas em mosaico confeccionadas com peças tão pequenas que pareciam pintadas. O chão da câmara principal, onde tinham lugar os encontros eróticos, tinham a história da Leda e Júpiter ilustrada em peças de mosaico de deliciosas cores resplandecentes.

O mobiliário de Vila Máxima era típico de um lar rico. Havia divãs por toda parte, de estilo ornamental. Para as pernas e os braços, que frequentemente estavam esculpidos, utilizavam-se madeiras de magnífica fibra. Para decorá-la se empregava cores, marfim, ébano, joias e metais preciosos. As cobertas dos divãs eram das melhores malhas, bordados em ouro e prata e adornados com joias.

As mesas eram igualmente belas, sendo as melhores de cedro africano. Algumas tinham a base de mármore, outras de ouro ou prata e outras de madeira recoberta com ouro. Havia arcas

para guardar coisas, algumas singelas e outras de elegante desenho. Os candelabros eram de bronze, prata e ouro, assim como os abajures, tanto as que se achavam sobre as mesas como as que penduravam. Não havia nada que pudesse qualificar-se de carente de elegância ou beleza na vila e seu mobiliário.

A Cailin tinham atribuído uma bonita habitação pequena com um chão de mosaico cuja decoração central era Júpiter seduzindo Europa. Nas paredes se exibiam afrescos de jovens amantes respirados e acossados por uma multidão de graciosos cupidos alados. Havia uma só cama, uma deliciosa e pequena arca de madeira decorada e uma pequena mesa redonda; só havia uma janela, que dava às colinas da cidade e mais à frente o mar. A habitação recebia sol quase todo o dia, e a luz proporcionava um aspecto alegre que fazia com que Cailin se sentisse cômoda pela primeira vez em quase um ano. Não. Era um mau lugar onde começar sua nova vida.

Durante quase duas semanas essa vida transcorreu sem complicações e com mimos. Davam-lhe mais comida do que jamais tinha recebido. Banhavam-na e massageavam três vezes ao dia. Também cuidavam dos pés e das mãos, lixavam suas unhas e aplicavam nata para suavizar a pele. Faziam-na descansar continuamente, até que acreditou que morreria de aborrecimento, pois não estava acostumada à vida ociosa. Não via ninguém mais que ao Joviano e aos poucos servos que se ocupavam dela. Pelas noites ouvia risadas, música e alegria em outra parte de Vila Máxima, mas sua câmara se achava muito isolada do resto da casa.

Um dia Joviano foi procurá-la e a levou em uma leiteira muito decorada e extravagante a dar um passeio pela cidade. Ele foi uma fonte de dados fascinantes e informação geral. Cailin se inteirou de que mil anos atrás os gregos tinham baseado uma cidade naquele lugar. Situada na união das rotas comerciais entre o leste e o oeste, a cidade sempre tinha florescido, embora não era particularmente distinguida. Até que, uns cem anos atrás, o imperador Constantino, o Grande decidiu abandonar Roma e escolheu como nova capital a cidade de Bizâncio. Constantino, o primeiro imperador que abraçou o cristianismo, consagrou a cidade em 4 de novembro do ano 328. A cidade, rebatizada com o nome de Constantinopla em sua honra, foi consagrada formalmente em 11 de maio de 330, com grande pompa e cerimônia. Já estavam em marcha a construção e a renovação da cidade.

Constantino e seus sucessores sempre estavam construindo, e pouco ficava já da cidade grega original. Constantinopla agora tinha uma universidade de estudos superiores, seu próprio circo, oito banhos públicos e cento e cinquenta privados, cinquenta pórticos, cinco celeiros, quatro grandes salga públicas para o governo, o senado e as cortes de justiça, oito aquedutos que conduziam a água da cidade, quatorze igrejas — incluída a magnífica Santa Sofia[11] —e quatorze palácios para a nobreza. Havia perto de cinco mil lares enriquecidos e de classe média alta, por

[11] *É um imponente edifício construído pelo Império Bizantino para ser a catedral de Constantinopla (atualmente Istambul, na Turquia) e que foi convertido em mesquita em 1453 até ser transformado em museu, em 1935. A primeira grande igreja no local foi construída pelo Imperador Constâncio, filho de Constantino o Grande, mas foi destruída durante a Revolta de Nika de 532. O edifício foi reconstruído em sua forma atual entre 532 e 537 sob a supervisão do imperador Justiniano I. É considerado o exemplo principal da arquitetura bizantina. Seu interior foi decorado com mosaicos e colunas e esculturas de mármore.*

não mencionar os vários milhares de casas que alojavam às classes plebeias, os lojistas, os artesãos e os humildes.

A cidade tinha sido construída a partir do comércio, e o comércio prosperava ali. Como estava se localizada onde se unem as rotas por terra da Ásia e Europa, os mercados de Constantinopla estavam cheios de artigos de todas as classes. Havia porcelana do Catai, marfim da África, âmbar do Báltico, pedras preciosas de todo tipo; sedas, damascos, aloés, bálsamos, canela e gengibre, açúcar, almíscar, sal, azeite, grãos, cera, peles de animais, madeira, vinhos e, é obvio, escravos.

Aquela tarde percorreram a cidade até a porta Dourada e logo retornaram pela Mese passando por diante dos foros do Constantino e do Teodosio. Bordearam o Hipódromo e passaram por diante do Grande Palácio. Quando eram transportados junto à grande igreja da Santa Irene, Joviano disse:

—Ainda não escolhi a nenhum sacerdote para ti, Cailin. Tenho que me lembrar de fazê-lo.

—Não se preocupe. —disse ela. —Não acredito que pudesse ser cristã. Parece uma fé difícil, temo.

—Por que o diz? —perguntou ele.

—Seus servos me disseram que para ser cristão tem que perdoar a seus inimigos. Não acredito que eu possa perdoar ao meu, Joviano. Meu inimigo me tirou minha família, meu marido e meu filho. Nem sequer sei se esse filho era menino ou menina. Me fez partir à força de minha terra, me fez escrava e me aterrorizou. Os bretões são uma raça forte, o qual explica provavelmente por que sobrevivi a tudo isto, mas estou furiosa e amargurada. Se tivesse oportunidade de me vingar da Antonia Porcio, faria-o com gosto. Não posso perdoar o que me tem feito nem o que me tirou.

—Seu destino agora está aqui. —declarou Joviano com calma, e agarrou sua mão para consolá-la.

Os olhos violáceos de Cailin o observaram com serenidade.

—Aprendi a não confiar em ninguém, meu senhor. É mais prudente, assim não receberei decepções.

"Como é fria", pensou ele, perguntando-se se seu marido alguma vez tinha sido capaz de acender a paixão nela. Entretanto, era exatamente o que ele necessitava para seu novo espetáculo: uma perfeita Vênus: formosa, intocável, fria e desumana. Causaria sensação e sua atuação renderia toda Constantinopla a seus pés.

—Amanhã começará a aprender. —disse. —Ensinarão a fazer certas coisas que ao princípio podem te assustar ou parecer repugnantes, mas me acredite, Cailin, quando te digo que não permitirei que ninguém te faça mal de nenhuma forma. Pode confiar em mim. Investi muito em sua pessoa para permitir que resulte danificada, querida. Sim, pode confiar no Joviano Máximo, mas em ninguém mais.

—Investiu quatro folies, meu senhor. —riu Cailin. —Não é precisamente uma fortuna, segundo você mesmo me explicou.

—Sim, mas recorda que depois do banho te disse que seu valor tinha aumentado a dez

solidus. Uma vez que tenha aprendido, seu valor será uma centena de vezes mais elevado.

Ela estava fascinada pelas palavras do Joviano. Não tinha a menor ideia do que era o que teria que aprender, nem o que ocorria exatamente em Vila Máxima durante aquelas longas veladas em que os curiosos ruídos procedentes da parte principal da vila importunavam seu repouso. Quão único sabia dos bordéis era que neles se vendiam corpos para o prazer de uma noite, mas ao parecer havia muito mais, se sua intuição não se equivocava.

À manhã seguinte a escrava chamada Isis a acompanhou a uma habitação interior onde Joviano a esperava com outras pessoas. Todos salvo Joviano, esplêndido com uma dalmática vermelha e chapeada, estavam nus. Havia uma formosa mulher de cabelo escuro da estatura de Cailin e três homens altos e jovens com cachos dourados. Por um momento, quando os viu, o coração de Cailin deu um tombo. Embora nada no aspecto daquele trio, salvo seu tamanho e tez, recordava ao Wulf, foi mais que suficiente. Sentiu-se furiosa uns instantes contra Joviano, mas em seguida compreendeu que ele não podia sabê-lo, assim que se preparou para o que tivesse que ocorrer a seguir, já que significava o primeiro passo para a liberdade.

No dia anterior, ao falar com o Joviano de sua raiva, Cailin tinha comprovado que desejava desesperadamente voltar para a Britania, por longe que estivesse e difícil que resultasse a viagem. Ver realizado este sonho era impossível sem ouro e poder. Não sabia se Wulf estava vivo ou morto. E embora vivesse, era possível que já não a quisesse. Mas as terras de seu pai eram dela e também estava aquele filho sem rosto, sem sexo, que lhe pertencia. Queria recuperá-los e queria vingar-se da Antonia Porcio. Só fazendo-se famosa em Constantinopla teria uma remota possibilidade de retornar a Britania e frustrar o perverso plano da Antonia. Em sua inocência, Cailin jurou que faria algo que fora necessária para alcançar sua meta.

—Esta é Casia. —disse Joviano, apresentando à mulher de cabelo escuro. —Faz dois anos que está conosco e é muito popular entre os cavalheiros. Pedi que esteja presente porque demonstrará o que tenho pensado para ti. Tire a túnica de Cailin, Isis, e logo pode partir.

Cailin tragou saliva com apreensão ao ver-se nua diante de estranhos. Ninguém mais parecia perturbado. Era, evidentemente, algo normal em circunstâncias como aquelas. A evidente admiração por ela que refletiram os olhos azuis do trio masculino foi perturbadora.

—Quem são? —perguntou ao Joviano.

—Seus companheiros de jogos. —respondeu ele com suavidade, e perguntou: —Como faziam o amor você e seu marido, querida? Quero dizer, que posturas usavam. —explicou. —Você se tombava de costas e ele te montava?

Cailin assentiu, tragando saliva em silêncio. De repente sentiu frio.

Casia a rodeou com o braço.

—Não tenha medo. —a tranquilizou com tom gentil. —Ninguém vai te machucar, Cailin. Em realidade, tem muita sorte de que Joviano a tenha eleito para esta diversão.

—Seguro que não tem medo? —insistiu Joviano. —Disse-te que podia confiar em mim. O que te inquieta é simplesmente o desconhecido. Bom, vamos desmitificar seus temores. Seus companheiros de jogo não podem falar, mas ouvem. Decidi chamá-los Apolo, Castor e Pólux. O

médico me disse que estão sãos em todos os aspectos e mais que dispostos a receber comemoração como homens. Eles serão seus amantes.

—São escravos como eu. —disse Cailin. —Onde está o benefício nisto, meu senhor? Como posso ganhar minha liberdade jazendo com escravos?

Joviano conteve a risada. Talvez tivesse medo, mas a jovem não tinha esquecido nenhuma palavra do que havia dito.

—Farão o amor para distrair a nossos clientes, Cailin. Duas vezes à semana atuarão em uma obra que criei eu. —Então passou a explicar o que ela teria que fazer. —Suponho que nunca te penetrou um homem por seu templo da Sodoma. Por isso está aqui Casia. É sua especialidade. Se vir como faz amor desse modo, verá que não há nada que temer. Casia, ocupa seu lugar. Pólux e Castor, ajudem-na. Agora observa com atenção, Cailin. Você terá que fazer quão mesmo Casia.

Casia ficou de joelhos. Castor, de pé diante dela, esfregou o membro contra seus lábios. Ela abriu a boca e o absorveu ante os olhos atônitos de Cailin, sugando-o com avidez.

—Está excitando-o, chupando e acariciando com a língua. —explicou Joviano. —Vê? Já está cheio de luxúria. É um jovem ansioso.

Casia já não podia conter ao homem dentro de sua boca. Ficou de quatro. Castor se colocou detrás dela e se ajoelhou. Utilizando a mão para orientar-se, empurrou entre as nádegas da moça. Casia gemeu brandamente e, quando o fez, Pólux levantou um pouco sua cabeça com uma mão enquanto com a outra oferecia à moça seu membro para que o metesse na boca. Castor agarrou seus quadris com suas grandes mãos e muito devagar a penetrou. Então começou a investi-la com deslizamentos lentos e compridos de seu membro.

—Eu não posso fazer isso. —disse Cailin, estupefata.

—Claro que sim, e não só fará isso, mas também mais, querida. —a tranquilizou Joviano. —Observará o cuidado com que ele a trata. Apesar do excitado que está, mostra-se tenro. Deve sê-lo para não machucá-la. Perderia a vida se o fizesse, e sabe. —Joviano passou um braço pelos ombros do Cailin, atraiu-a para si e pôs uma mão na sua virilha, para surpresa de Cailin. —Bem, já está úmida de desejo, apesar desses pueris protestos. Apolo, vem e acalma a nossa pequena noviça. Tomba-a de costas e a foda bem.

Curiosamente, a tenra piedade nos olhos do Apolo endureceu o coração do Cailin, que compreendeu que se não se fazia proprietária da situação, os três irmãos a intimidariam em cada atuação. Tombou-se sobre um macio tapete colocado no chão de mármore, separou as pernas e observou ao Joviano. Logo disse:

—Ele está preparado como eu para copular, meu senhor. Seu membro está bem, mas já vi maiores. Vem, Apolo, e cumpre a ordem de nosso amo.

Cailin não sentiu absolutamente nada enquanto ele a fodia com vigor. Mostrava-se fria como o gelo. Por fim, Casia, finalizada sua atuação, ajoelhou-se junto à cabeça do Cailin e indicou em voz baixa:

—Sempre tem que fazer com que o homem acredite que sente uma paixão como nunca há sentido, embora não seja verdade. Joga a cabeça para trás e para frente. Bem! Agora geme e crave as unhas nas costas. —Olhou ao Joviano e este sorriu ao ver que Cailin fazia o que tinha indicado.

—É uma boa aluna, meu senhor.

"Estou morta —pensou Cailin— e isto é o Hades." Mas não era. Durante várias semanas foi instruída nas artes eróticas, e, para sua surpresa, resultou uma aluna avantajada. Por fim chegou o dia em que Cailin e o trio de jovens nortistas deram vida à obra do Joviano ante os olhos encantados deste. Dois dias depois realizaram um ensaio com disfarces ante todos os residentes de Vila Máxima. Ao terminar, Cailin e Joviano receberam as felicitações de todos: Joviano por suas habilidades criativas e Cailin por sua atuação simplesmente acrobática.

—A semana que vem começaremos as atuações. —anunciou Joviano com entusiasmo. —Há tempo suficiente para que nossos clientes especiais saibam que ocorrerá algo extraordinário. OH, irmão meu, vamos ser ricos!

"A virgem e os bárbaros" foi um êxito imediato. Jamais na história de Constantinopla se viu nada igual. Tudo saía exatamente como Joviano tinha vaticinado. Focos, em uma estranha amostra de excitação, logo que podia conter sua alegria ante os milhares de solidus que se amontoavam em sua caixa de caudais. A obra se representava duas vezes na semana ante várias centenas de espectadores, cada um dos quais pagava cinco solidus de ouro. Uma noite, Joviano procurou a seu irmão maior e lhe com excitação:

—Veio a imperatriz e o general Aspar! Sentei-me com eles na primeira fila para ver melhor a representação. Por todos os deuses! Sabia que tinha razão! Vou começar a idealizar outra obra, Focos.

—Pergunto-me se é tão fascinante como dizem os rumores. —murmurou o príncipe Basilico a seu companheiro.

Era um homem elegante e de pele clara, cabelo negro e olhos castanho escuro. Culto e educado, era incomum encontrá-lo em um ambiente como aquele, em particular dada sua piedade pública e seu círculo de amigos religiosos.

—Lamentarei ter permitido que me arrastasse até aqui esta noite, Aspar.

O general riu.

—É muito sério, Basilico.

—E deveria ser mais como você? Um aficionado aos jogos e espetáculos públicos, Aspar? Se não fosse o melhor general que o império conheceu, a corte não te toleraria.

—Se não fosse o melhor general que o império conheceu —repôs Aspar com calma —sua irmã Verina não seria imperatriz.

O príncipe riu.

—É certo. —admitiu. —Você fez de Leão imperador, embora escolheu a Marciano antes dele. Você mesmo seria imperador se não se fosse por meus amigos da Igreja. Eles o temem, Aspar.

—Então são uns tolos. Dá graças a Deus de que careço de ortodoxia, Basilico. Prefiro fazer imperadores que ser imperador. Por isso seus amigos me temem. Não compreendem por que quero ser como sou. Além disso, os tempos trocaram. Bizâncio necessita um grande general mais que um grande imperador; e faz tempo que passaram os tempos em que um só homem podia ser

ambas as coisas.

—Sua modéstia me comove. —disse com ironia o príncipe. —Meu deus! Não é a esposa do senador romano essa que vai com esse tipo musculoso? Claro que é!

Aspar conteve a risada.

—Provavelmente conhecemos metade da gente que vem aqui, Basilico. Olhe ali. É o bispo Andrónico, e observa com quem está. É Casia, uma das melhores cortesãs que Vila Máxima pode oferecer. Desfrutei que sua companhia várias noites. É encantadora e tem muito talento. Você gostaria de conhecê-la? Mas não acredito que esta noite me atreva a me intrometer com o bispo.

A sala estava abarrotada. Jovens de ambos os sexos nus começaram a ir de um lado a outro, apagando os abajures até que o recinto ficou em total escuridão. Aspar sorriu para ouvir os gemidos baixos e respirações fortes ao redor. Alguns de entre o público já aproveitavam a escuridão para fazer o amor. Então o grosso pano de fundo que ocultava o cenário foi retirado e deixou ao descoberto um segundo pano de fundo transparente. O cenário estava muito bem iluminado, com abajures colocados com o passar do chão e outras penduradas das vigas do cenário.

A cortina transparente foi corrida lentamente e atrás dela apareceu uma formosa jovem sentada ante um tear. Seu rosto era sereno, mas o que Aspar encontrou delicioso foram seus longos cachos castanhos avermelhados. A moça ia vestida com uma modesta túnica branca; seus esbeltos pés estavam nus. Trabalhava espertamente no tear. Sua atitude era de pureza e inocência.

Ouvia-se uma música suave de fundo procedente de uns músicos invisíveis. O general olhou ao redor. Entre o público, os amantes começavam a entrelaçar-se. A esposa do senador romano estava sentada frente ao cenário, em cima do regaço de seu amante. Tinha o vestido recolhido igual à túnica do jovem sobre o que se sentava. O que faziam era óbvio. Aspar sorriu, divertido, e se voltou para o cenário. A moça levantou o olhar e Aspar viu que seus olhos eram absolutamente inexpressivos. Por um momento se perguntou se era cega. Aquele olhar vazio o comoveu de uma forma estranha e fez sentir lástima por aquela formosa jovem.

Então, de repente, a porta que dava ao pequeno cenário se abriu. O público afogou uma exclamação ao ver três guerreiros nus, lubrificados de azeite, entrar em grandes passos. Os três tinham idênticos traços faciais. Vestiam capacetes com um rabo de cavalo e levavam uma espada e um escudo decorado; mas seus grandes órgãos masculinos era o que mais chamava a atenção do público.

—Deus dos céus! —exclamou Basilico em voz baixa. —De onde vêm esses? Suponho que não... ah, sim, sim vão fazer!

Inclinou-se para frente, fascinado, enquanto os três bárbaros começaram a violar à indefesa virgem.

O pequeno objeto de vestir transparente que levava Cailin foi arrancado com violência de seu voluptuoso corpo. Ela levantou o braço direito e se levou a mão à frente enquanto baixava o esquerdo e o colocava ligeiramente para trás. Esta postura ensaiada permitiu ao público contemplar com claridade seu formoso corpo nu. Por um instante os três bárbaros permaneceram

imóveis, como se também eles admirassem a sua vítima. Então, de repente, um deles agarrou à moça e a beijou com ferocidade, acariciando com suas grandes mãos aquele apetecível corpo. Um segundo bárbaro agarrou à donzela e começou a explorar seus lábios, enquanto o terceiro homem exigia sua parte também. Durante uns minutos, os três bárbaros beijaram e acariciaram Cailin ante o suspirante público.

—OH, por todos os deuses! —quase gemeu uma voz feminina sem rosto na escuridão quando os três dourados bárbaros de repente se voltaram para o público, exibindo seus membros viris eretos ao máximo.

Ouviram-se mais suspiros de luxúria e gemidos enquanto prosseguia a obra. Os três bárbaros agarraram à moça para impedir que escapasse e jogaram ao jogo de dados para ver quem levaria a virgindade contida em seu templo de Vênus. O público não sabia, mas esta parte era quão única ficava ao azar em cada representação.

Joviano acreditava que se os atores masculinos interpretavam sempre exatamente o mesmo papel acabariam aborrecidos.

Apolo ganhou a primeira vez e sorriu com prazer. Nas três últimas representações tinha ficado relegado ao papel que seu irmão Castor interpretaria aquela noite. Gemeu de autêntico prazer quando se estendeu debaixo de Cailin, que foi obrigada a deixar-se penetrar pela vagina. Por sua parte, Pólux se ajoelhou detrás da moça, sujeitou-a com força pelos quadris enquanto ela guardava o equilíbrio apoiando-se nas mãos, e lentamente penetrou no templo da Sodoma de Cailin. A audiência estalou em risadas quando Castor, aparentemente descartado da diversão, mostrou-se abatido. Então um sorriso perverso cruzou seu rosto. Aproximou-se do grupo, apoiou um pé a cada lado do Apolo e obrigou Cailin a levantar a cabeça. Esfregou-se contra os lábios dela até que, com aparente recato, ela abriu a boca e apanhou o membro viril, ao princípio com acanhamento e logo chupando com avidez. Com cuidado os outros dois homens começaram a mover-se também dentro da garota. Os violadores uivavam de prazer.

Era hábil, pensou o general. A moça parecia inocente como um cordeirinho. Entretanto, seus olhos inexpressivos indicavam que fazia aquilo para sobreviver. Era evidente que não desfrutava com aqueles três homens que a tinham penetrado por três orifícios de seu adorável corpo. Aspar viu ao redor dele homens e mulheres boquiabertos e com os olhos exagerados de luxúria. Vários casais, unidas fisicamente, gemiam de prazer enquanto os atores levavam a término aquela pequena peça de depravação. Quando o quarteto se desabou formando um montão de membros entrelaçados, correu-se o pano de fundo.

Joviano apareceu, ante os uivos e gritos de aprovação do público.

—Desfrutaram com nosso pequeno entretenimento? —perguntou com um brilho pícaro nos olhos.

O público rugiu de aprovação e ele se sentiu radiante.

—Há alguma dama presente que queria desfrutar dos cuidados especiais de algum de nossos jovens e belos bárbaros? —perguntou Joviano com certo recato.

Imediatamente foi bombardeado com ávidas petições. Os três irmãos saíram rapidamente de atrás do pano de fundo para reunir-se com suas felizes companheiras daquela noite. Para

assombro do Basilico, a lasciva esposa do senador romano se apoderou de um dos atores e desapareceu com ele e seu jovem amante.

—E a garota? —perguntou alguém a gritos.

—Ah, não! —respondeu Joviano com um sorriso. —Nossa virgem não é para ninguém... de momento... Possivelmente algum dia, cavalheiros, mas não agora. Meu irmão e eu nos alegramos de que tenham se divertido com nossa obra. Haverá outra representação dentro de três noites. Digam a seus amigos.

E ato seguido desapareceu depois do pano de fundo como uma pequena puta saltando a sua toca.

Aspar ficou em pé.

—Tenho que me ocupar de certo assunto. —disse a seu companheiro. —Espera-me, Basilico?

—Acredito que sim. —respondeu o príncipe. —Ao fim e ao cabo, já estou aqui.

Sorrindo para si, Flavio Aspar saiu do pequeno teatro. Levava vários anos procurando diversão em Vila Máxima e sabia muito bem aonde ia. Encontrou aos dois irmãos Máximo em uma pequena habitação interior, contando com satisfação os ganhos daquela noite.

—Meu senhor, me alegro em vê-lo! —Joviano se apressou a saudar enquanto Focos levantava a vista o suficiente para fazer um gesto de assentimento ao general. —Gostou da peça? Vi que o príncipe Basilico estava com você.

—Nada escapa a seus agudos olhos, verdade, Joviano? —disse o general rindo. —A atuação foi brilhante. Um pouco dura para a garota, diria. Isso é o que limita suas aparições a duas vezes à semana?

—Claro. Cailin é muito valiosa para nós. Não queremos machucá-la.—disse Joviano.

—Quero comprá-la. —respondeu Aspar com voz tranquila.

Joviano sentiu que o coração dava um tombo. Seus olhos pousaram nos de seu irmão, nervoso. Sem dúvida não tinham pensado nessa possibilidade.

—Meu senhor —disse devagar, —não está à venda. Ao menos por agora. Possivelmente mais adiante...

Notou uma gota de suor escorregar pelas costas. Aquele era o homem mais poderoso do império bizantino. Mais que o próprio imperador.

—Mil solidus de ouro. —ofereceu Aspar, e sorriu para demonstrar que a negativa do Joviano não o ofendia.

—Três mil. —respondeu Focas.

Focos Máximo carecia de sentimentos. Joviano poderia protestar, mas ensinariam a outra moça para que ocupasse o lugar de Cailin. Além disso, a obra já não era uma autêntica novidade.

—Mil e quinhentos. —replicou o general sem vacilar.

—Dois mil. —replicou a sua vez Focos.

—Mil e quinhentos. —insistiu com firmeza o general, indicando que o regateio tinha terminado. —Que me entreguem à garota em minha vila privada da costa. Fica a oito quilômetros

da porta Dourada. Quando chegarem amanhã, o mordomo dará o ouro. Confio em que o considerará um trato satisfatório, cavalheiros.

Nem por um instante acreditou que pudesse ser negado.

—Preferiríamos, meu senhor, que o ouro nos fosse entregue aqui. Não acredito que nenhum dos dois gostaria de retornar de além das muralhas da cidade carregado com semelhante tesouro —explicou Focos. —Quando nos trouxerem o dinheiro, enviaremos a garota.

Fez uma cortês inclinação de cabeça.

—Muito bem. —respondeu Flavio Aspar, e ao ver a expressão abatida do Joviano, acrescentou: —Não esteja triste, meu velho amigo. "A virgem e os bárbaros" se estava voltando muito popular. Logo ninguém acreditará que sua pequena protegida... como a chamam?... é virgem. Cria uma nova obra para seu público, Joviano. Não perderá nada com isso. Os que não viram esta estarão duplamente ansiosos por ver a próxima, e os que a viram estarão igualmente ansiosos por ver a seguinte.

—Cailin. Chama-se Cailin. É bretã. —respondeu Joviano. —Será amável com ela, meu senhor? É uma boa garota nascida em tempos difíceis. Se perguntar, contará sua história. É do mais fascinante.

—Não a comprei para machucá-la, Joviano. —espetou o general. Logo acrescentou: —Cavalheiros, não quero falatórios a respeito desta transação, nem sequer com meu amigo Basilico. Não quero que ninguém conheça minha compra.

—Compreendemos perfeitamente, meu senhor. —disse Joviano com suavidade, começando a recuperar seu aprumo. Conhecendo a história de Sexto Escipión, sempre se havia sentido um pouco culpado por convertê-la na protagonista de sua obra. Compreendeu que como amante do general Aspar estaria mais a salvo e, possivelmente, inclusive seria mais feliz. —Suponho que agora o veremos menos. —disse.

—Possivelmente. —respondeu Aspar.

Com um gesto de assentimento aos dois homens, abandonou a estadia e fechou a porta atrás de si.

—Por todos os deuses! —exclamou Focos. —Tivemos a essa garota em nosso poder menos de três meses, querido irmão. Suas atuações nos têm feito ganhar mil e quinhentos solidus e sua venda nos contribuiu outros mil e quinhentos. Um excelente benefício com uma escrava que só nos custou quatro folies, até considerando o custo de mantê-la, o qual realmente foi mínimo. Felicito-te, Joviano. Tinha razão!

Joviano esboçou um amplo sorriso. Um cumprimento de Focos era tão estranho como encontrar uma pérola perfeita em uma ostra.

—Obrigado, irmão. —disse. —Dirá à garota?

—Falarei com ela pela manhã. As noites que tem função se banha e se vai à cama imediatamente depois. Agora deve estar adormecida, e sempre dorme como um tronco.

Dormir. Era a única maneira que tinha Cailin de escapar. Acreditava que era uma mulher forte. Quase se tinha convencido de que poderia fazer tudo o que pedissem. Mas não acreditava

que pudesse suportá-lo muito mais tempo. Não é que alguém a maltratasse, já que todos se esforçavam para que se sentisse cômoda. Todos em Vila Máxima a mimavam e agradavam. Joviano se dedicava quase por completo a ela. Apolo, Castor e Pólux a adoravam abertamente. Inclusive tinham chegado a mostrar um leão desenhado em um mosaico, assinalando a ela, para indicar, a sua maneira, que era valente como um leão. Isso a adulou, mas não era suficiente. Recentemente tinha ouvido Joviano falar de um novo espetáculo que estava ideando para ela. Sem dúvida não poderia ser pior do que o que estava representando.

Para sua surpresa, Joviano se reuniu com ela à manhã seguinte para tomar a primeira comida do dia.

—Não podia dormir —disse ele, —e por isso fui cedo ao mercado. Olhe que estupendo melão te trouxe. Tomaremos juntos enquanto conto a incrível sorte que teve, Cailin.

—A deusa Fortuna não foi muito boa comigo ultimamente. —replicou ela, entregando o melão a Isis para que o partisse.

—Ontem à noite, te sorriu amplamente, querida. —disse Joviano. —Flavio Aspar, o homem mais poderoso do Bizâncio, achava-se entre o público.

—Acreditava que o homem mais poderoso era o imperador. —observou Cailin.

—Flavio Aspar é o general mais afamado do Bizâncio. Escolheu pessoalmente aos dois últimos imperadores. Os dois, o defunto Marciano e o atual Leão, devem-lhe sua posição.

—E o que tem a ver esse general comigo, meu senhor?

Cailin agarrou a rodela de melão que oferecia Isis. Era agradavelmente doce e o suco escorregou pelo queixo. Tirou a língua para lambê-lo.

—Te vendi para ele. —respondeu Joviano, dando uma dentada a sua rodela de fruta. —pagou mil e quinhentos solidus de ouro por ti, querida. Não te disse que seu valor aumentaria?

—Também me disse que poderia comprar minha liberdade. —replicou Cailin com amargura. —Não te disse que não devia confiar em ninguém? Mas você jurou que podia confiar em você, meu senhor.

—Querida menina —protestou Joviano, —não solicitamos sua venda. Ele foi a nós depois da função de ontem à noite e disse que desejava comprá-la. É o homem mais poderoso do império, Cailin. Não era possível negar-se e seguir prosperando. Negar a Aspar o que queria teria sido um suicídio. —deu-lhe um tapinha no braço. —Não tema, querida. Será bom contigo. Não acredito que o general tenha tido jamais uma amante. Quando queria ter uma mulher que não fora sua esposa vinha aqui, ou ia a algum outro estabelecimento respeitável como o nosso. Deveria te sentir honrada. Cailin o olhou furiosa.

—Como retornarei a Britania para me vingar da Antonia Porcio? —perguntou jogando fogo pelos olhos.

—Uma mulher esperta, Cailin (e acredito que você é), compreenderia que lhe oferecem uma grande oportunidade. Aspar te encherá de presentes se o satisfizer. Inclusive é possível que algum dia te liberte.

—Eu careço das habilidades de uma cortesã. —repôs ela. —Essas lições tinham que vir mais adiante. Quão único sou capaz de fazer é... —ruborizou-se. —Bom, já sabem o que posso fazer,

meu senhor, pois vocês conceberam o Hades em que vivi durante as últimas semanas. Seu poderoso general não acreditará que foi enganado quando descobrir que a mulher que comprou não possui nenhuma habilidade na arte do erotismo?

—Não acredito que queira uma cortesã com experiência, Cailin. —disse Joviano. —Aspar é um homem estranho. Apesar de todos seus conhecimentos militares, é uma pessoa muito boa em um mundo muito cruel. Entretanto, não te equivoque com ele. É um homem acostumado a que o obedeçam. Pode ser muito duro.

Nesse momento entrou Focos.

—Chegou o mensageiro com o ouro. —disse exultante. —Contei e está tudo, querido irmão. Já disse a Cailin? Está preparada para partir?

—Tenho que lavar as mãos e o rosto. —respondeu Cailin pelo Joviano. —Logo estarei pronta para partir, meu senhor Focos.

Não havia nada mais que dizer. Isis levou uma bacia com água e Cailin limpou os restos de melão. Então se despediu de Isis e foi acompanhada pelos dois irmãos ao pátio, onde lhe esperava uma leiteira. Vestia uma singela túnica branca atada na cintura com um cordão dourado. As mangas do objeto caíam com elegância sobre os braços. Ia descalça, pois em Vila Máxima não necessitava sandálias e não tinham dado um calçado.

Casia saiu ao pátio e disse:

—Não posso permitir que parta sem isto. —Com um pequeno sorriso colocou uns pendentes de ametista, pérola e ouro nas orelhas de Cailin. —Todas as mulheres merecem alguma jóia. Que os deuses a acompanhem, amiga minha. Não acredito que compreenda quão afortunada é.

—Obrigado, Casia. —exclamou Cailin. —Nunca tive uns pendentes tão bonitos como estes; e obrigado por tudo.

—Seja você mesma e terá êxito. — aconselhou Casia.

—Te visitarei logo. —disse Joviano a Cailin, e a ajudou a subir na leiteira. —Segue o conselho da Casia. Ela conhece o ofício como ninguém.

Cailin sentiu um momento de pânico quando elevaram a leiteira e os portadores cruzaram as portas de Vila Máxima. Uma vez mais enfrentava ao desconhecido. Parecia tão estranho, depois da vida aprazível que tinha levado na Britania, que no espaço de dois anos seu destino tivesse dado tantos giros! Cailin se recostou e fechou os olhos enquanto era transportada através da cidade. Na porta Dourada a leiteira se deteve na vaga que esperava cruzar. Ouviu uma voz áspera perguntar:

—E o que temos aqui?

—Esta mulher pertence ao general Aspar e vai a Vila Mare. —foi a direta resposta.

—Jogarei uma olhada. —respondeu a voz, e o véu diáfano do leiteira foi afastado.

Cailin cravou o olhar friamente ao soldado que olhou dentro. Este soltou a cortina.

—Pertence ao velho Aspar? —perguntou o guarda, assobiando com admiração. —Miúda beleza! Adiante, mova-se!

Voltaram a elevar a leiteira e a avançar. Cailin espiou entre as cortinas. O caminho discorria através de uma planície fértil com campos de trigos, hortas e olivas de ambos os lados. Mais à

frente se encontrava o mar. Não o via, mas percebia o aroma do ar salgado. Começou a sentir-se melhor. O mar era um meio de escapar, e agora que estava fora de Vila Máxima, jamais voltaria a degradar-se como tinha feito nas últimas cinco semanas.

Avançaram por um caminho plano e logo notou que os portadores reduziam o passo e giravam. Voltou a espionar e viu que tinham cruzado uma porta de ferro e percorriam um atalho flanqueado por árvores. Achava-se de novo no campo, pensou, aliviada de ver-se livre do ruído e o fedor de Constantinopla. Os portadores se detiveram e deixaram a leiteira no chão. Apartaram as cortinas e estenderam uma mão. Cailin baixou e descobriu que a mão pertencia a um ancião de cabelo branco e baixa estatura.

—Bom dia, senhora. Sou Zeno, o servente de Vila Mare. O general me encarregou de recebê-la. Este é seu lar e todos estamos a suas ordens.

Fez uma cortês reverencia com um sorriso amistoso no rosto.

—Onde está seu amo, Zeno? —perguntou ela.

—Não vejo o general há vários meses, senhora. Enviou um mensageiro esta manhã com suas ordens para você.

—Espera-o logo? —Que estranho resultava aquilo.

—Não me informou que isso, senhora. —disse Zeno. —Entre e tome algum refresco. O dia começa a ser caloroso e o sol é muito forte no fim de junho. Mas imagino que a cidade devia ser um forno.

Cailin o seguiu.

—Eu não gosto da cidade. —disse —O ruído e a sujeira são espantosos.

—É certo. Faz muitos anos que sirvo ao general, mas quando me ofereceu ser seu servente em Vila Mare, beijei seus pés agradecido. Quanto mais velho me faço menos tolerância pareço ter, senhora. Você não é cidadã do Bizâncio?

—Sou bretã. —respondeu Cailin, e aceitou uma taça de vinho fresco de mãos de um sorridente servo.

—Me disseram que é uma terra selvagem e bárbara. —observou Zeno com seriedade. —Dizem que a gente é de cor azul, mas você não é, senhora. Estou enganado, então?

Cailin não pôde reprimir a risada, mas acalmou ao servente dizendo:

—Na antiguidade os guerreiros se pintavam de azul quando iam à batalha, Zeno, mas não temos a pele azul.

—Já vejo, senhora, mas por que se pintavam de azul?

—Nossos guerreiros acreditavam que embora o inimigo pudesse matá-los e arrebatar suas posses, se fossem pintados de azul não poderiam roubar sua honra e sua dignidade. Britania não é uma terra selvagem. Formamos parte do Império a mais de quatrocentos anos, Zeno. Minha própria família descendia de um tribuno romano que foi para lá com o imperador Claudius.

—Vejo que tenho que aprender muito a respeito dos bretões, senhora. Espero que compartilhe seus conhecimentos comigo. Valorizo em grande medida o conhecimento. —declarou Zeno.

Durante os seguintes dias Cailin explorou seu novo ambiente. Vila Mare se parecia muito a seu lar da Britania; era uma singela, mas confortável vila no campo. O átrio tinha um pequeno lago quadrado com peixes e gostava de sentar-se ali durante o calor do dia, quando no exterior não se estava muito bem. Seu dormitório era espaçoso e arejado. Não havia mais que uma dúzia de serventes, todos eles já idosos. Era evidente que o general Aspar enviava a Vila Mare os escravos desejava retirar, pois ali desfrutariam de uma vida mais singela e fácil. Parecia um ato de bondade, e com isso cresceu a curiosidade que sentia pelo homem que a tinha resgatado de Vila Máxima; mas, ao parecer, não o esperavam logo. Era como se, deliberadamente, deixasse-a em solidão para que se recuperasse da difícil prova que tinha confrontado nos últimos meses. Se era assim, Cailin estava agradecida.

Zeno ficava fascinado com as histórias que contava da Britania. Ao parecer, nunca tinha estado em nenhuma outra cidade além de Constantinopla e seus vizinhos. Cailin se surpreendeu ao descobrir que apesar de sua posição social era um homem muito culto. Sabia ler e escrever latim e grego, e também levar as contas. Contou que tinha sido educado com o filho de um nobre da corte do Teodosio II e tinha chegado ao lar do general Aspar quando seu amo tinha morrido cheio de dívidas; então ele, junto com os outros escravos da casa, foram vendidos.

—Você não nasceu escrava, minha senhora. — disse Zeno um dia.

—Não. —respondeu ela. —Fui traída por uma mulher que acreditava amiga. Faz um ano eu estava na Britania e era esposa e futura mãe. Se me houvessem dito que este seria meu destino, jamais teria acreditado, Zeno. —Sorriu levemente, quase para si. —Algum dia retornarei pra casa e me vingarei dessa mulher. Juro-o!

Era evidente que aquela jovem pertencia à classe alta, mas como Zeno tinha nascido escravo, filho e neto de escravos, não fez mais perguntas. Teria sido presunçoso por sua parte e não podia, apesar de sua curiosidade, trocar os hábitos de toda uma vida. Não importava que ela também fora escrava. Era uma escrava que tinha nascido patrícia[12]. Era superior a ele, apesar de sua juventude.

—Me fale de seu amo. —pediu Cailin.

—Não o conhece? —disse Zeno. —Que curioso.

—Nem sequer sei que aspecto tem. —admitiu ela com inocência. —O amo da casa em que servia veio a mim uma manhã e me disse que o general Aspar me tinha visto e admirado e me tinha comprado. Então me enviaram aqui. Tudo me resulta muito estranho.

Zeno sorriu.

—Não. —disse. —É o tipo de coisa que ele faria, senhora. Os que estamos com ele faz tantos anos conhecemos seu bom coração, embora não tem fama disso. Teria-a se fosse imperador do Bizâncio, senhora, mas em troca colocou a Leão no trono.

---

[12] *Cidadãos de Roma, constituíam a aristocracia romana, a sua nobreza. Detinham vários privilégios governamentais, dentre eles, a isenção de tributos, a exclusiva possibilidade de se tornarem soberanos de Roma e a também exclusiva de se serem senadores. Desempenhavam altas funções públicas, no exército, na religião, na justiça ou na administração. Eram grandes proprietários de terra e credores dos plebeus. Os patrícios, descendentes das famílias mais antigas de Roma, ou seja, também dos chefes tribais da região do período pré-romano, foram, durante o reino de Roma, a república romana e o Império, os donos das maiores e melhores terras, anfitriões das mais luxuosas festas e dominavam a cena política.*

—Por quê?

Indicou a Zeno que se sentasse com ela junto ao lago do átrio, e prosseguisse.

—Descende dos alanos, senhora. Em outro tempo foram um clã nômade dedicado ao pastoreio que vivia mais à frente do mar Negro. Os alanos foram expulsos de sua terra pelos hunos, uma feroz tribo guerreira que até recentemente era governada por um animal chamado Atila. Embora o general seja cristão, é um cristão ariano. Enquanto que os cristãos ortodoxos acreditam que sua Muito Santa Trindade (o Deus Papai, o Filho e o Espírito Santo) são um, os arianos acreditam que o Filho é um ser diferente de Deus Papai e se subordina a ele. Discutem uma e outra vez a doutrina. Embora alguns de nossos imperadores se sentem atraídos pelos arianos, a Igreja ortodoxa se mantém firme em Bizâncio. Não deixarão que um cristão ariano reconhecido seja imperador. Sinceramente, não acredito que ele queira sê-lo, senhora. O imperador não é um homem livre. Preferiria ser um homem livre que monarca.

—Tem esposa? Ou filhos? —perguntou Cailin.

—Durante muitos anos o general esteve casado com uma boa mulher de Bizâncio, Ana. No primeiro ano de seu matrimônio tiveram um filho, Ardiburio, logo uma filha, Sofia. Faz nove anos a senhora Ana após muitos anos de esterilidade, deu a nosso seu amo segundo filho varão, Patrício. O parto a debilitou e permaneceu inválida até sua morte faz três anos. Vila Mare foi comprada para ela, porque se acreditou que o ar do mar seria saudável. Acreditávamos que o general seguiria sem casal, mas o ano passado voltou a casar-se. Entretanto, trata-se de uma aliança política. A senhora Flávia é viúva e tem duas filhas casadas. Nem sequer vive na casa de nosso amo na cidade, mas sim segue no lar que teve durante anos. É uma mulher da corte com poderosas conexões, mas temo que resulta uma pobre companhia para o general. Ele está sozinho.

—O problema com os servos velhos e valiosos, —disse uma voz profunda— é que sabem muitas coisas e são dados à conversação ociosa.

Zeno se levantou imediatamente e se ajoelhou ante o homem que tinha entrado no átrio, beijando o bordo da capa.

—Perdoe a um velho tolo, meu senhor. —disse, e acrescentou: —Por que não enviaram recado de que vinham?

—Porque esta casa sempre está em perfeita ordem para me receber, Zeno. —respondeu Aspar, ajudando ao ancião a ficar em pé. —Agora vá e me traga um pouco de vinho fresco, o vinho de Chipre, pois a viagem foi comprida e calorosa. —Depois de despedir do criado, voltou-se para o Cailin: —Descansou bem?

—Obrigado, meu senhor. —respondeu ela tratando de não olhar fixamente.

—Zeno se ocupou que estivesse cômoda? —perguntou ele.

"Que formosa é", pensou. Tinha-a comprado em um impulso, por piedade, mas agora se dava conta de que possivelmente não tinha sido tão tolo. Fazia muito tempo que nenhuma mulher tinha feito pulsar seu coração com violência e acendido sua virilha de puro desejo.

—Não me trataram mais que com amabilidade, meu senhor. —respondeu Cailin com voz suave.

"É um homem muito atraente", pensou, compreendendo ao ver em seu olhar o lugar que

ocuparia naquela casa.

—Me dê a capa. —se ofereceu, desabotoando o botão de diamante do objeto e deixando-a a um lado.

Ele era quatro ou cinco centímetros mais alto que ela; não tão alto como Wulf ou o trio de homens do norte, mas tinha um corpo sólido e robusto. Era evidentemente um general que se mantinha em tão boa forma como exigia a seus homens.

—Que perfume leva? —perguntou ele.

—Não levo nenhum perfume, meu senhor, mas me banho cada dia. —respondeu Cailin, nervosa, apartando um passo dele. —Provavelmente é o aroma do sabão o que permanece em minha pele.

—Uma vez que tenha tomado o vinho nos banharemos juntos. A viagem foi quente e na cidade ainda fazia mais calor. Você gosta de estar perto do mar?

—Criei-me no campo, meu senhor, e vivi ali até que cheguei a Constantinopla. Prefiro-o à cidade. —respondeu com calma, mas o coração pulsava com força. "Nos banharemos juntos." Se antes tinha tido alguma dúvida a respeito de que lugar ia ocupar ali, agora já não ficava nenhuma.

Zeno retornou com o vinho e Aspar se sentou no banco de mármore junto ao lago, bebendo a sorvos a bebida fresca e apreciando-a. Cailin permaneceu calada a seu lado, observando. Tinha o cabelo castanho escuro, pintalgado de prata; levava-o curto e penteado à maneira militar. A mão que sujeitava a taça era grande e os dedos largos e de aspecto forte. Levava um grande anel de ouro no dedo médio. O rubi que ostentava estava esculpido em forma de águia de duas cabeças, o símbolo de Bizâncio.

Ele percebeu seu olhar e levantou os olhos. Cailin avermelhou. Ele sorriu. Foi um sorriso rápido e travesso como o de um menino. Tinha os dentes brancos e regulares e os olhos mostravam um brilho cinza prateado. As rugas ao redor dos olhos indicavam que era um homem que sorria com facilidade.

—Acredito que tenho o nariz muito grande, o que opina você, Cailin?

Voltou a sorrir e ela sentiu que os joelhos fraquejavam. Não era um homem bonito, mas tinha algo.

—Acredito que têm um nariz muito bonito, meu senhor. —respondeu.

—As aletas são muito grandes. —replicou ele. —Mas minha boca está bem proporcionada, nem muito grande nem muito pequena. Nosso amigo Joviano tem uma boca como o arco do Cupido, mas adequada para um homem, não crê assim? Provavelmente de menino era encantador.

—Joviano ainda tem um pouco de menino. —observou Cailin.

Aspar emitiu uma risadinha.

—Ou seja, que há um olho perito e, suspeito, um agudo intelecto debaixo desse formoso rosto e corpo.

—Não sabia que meu rosto fora particularmente visível quando me viu, meu senhor, e meu corpo estava bastante retorcido assim me parecia. —disse isso Cailin com senso de humor. Logo ficou séria. —Por que me comprou, senhor? Têm por costume comprar internas de bordéis?

—Quando te vi me pareceu a mulher mais valente que jamais tinha conhecido. —disse ele. —Estava lutando por sobreviver em Vila Máxima. Vi-o no olhar vazio com que obsequiou ao público e o modo estoico com que aceitava a degradação a que submetiam naquela obscena obra do Joviano. O império que governa o mundo, ao menos grande parte dele, está regido pelos mesmos degenerados que encontraram divertida sua vergonha. Eu sou membro dessa classe governante, mas essa gente me assusta mais que qualquer perigo que jamais tenha encarado na batalha. Quando de maneira impulsiva te comprei de Joviano, quem por certo não se teria atrevido a negar a minha petição, fiz porque me pareceu que sua valentia devia ser recompensada te liberando do inferno que tão corajosamente suportava. Agora, entretanto, acredito que possivelmente também havia outra razão. Excita-me, ao parecer.

Sua franqueza surpreendeu Cailin. Esta lutou por conservar a compostura.

—Deve haver muitas mulheres formosas em Bizâncio, meu senhor. —disse. —Conforme me disseram, é uma cidade de mulheres belas sem igual. Seguro que há outras que merecem sua atenção mais que eu, uma humilde escrava da Britania.

A gargalhada que soltou Aspar sobressaltou Cailin.

—Por Deus, não tinha pensado que a covardia formasse parte de sua natureza, Cailin. —disse Aspar.

—Nunca fui covarde! —protestou ela indignada.

—Então não comece a sê-lo agora. —a repreendeu ele. —É uma mulher formosa e te desejo. Posto que te comprei, pouco pode fazer exceto suportar o horrendo destino que te tenho reservado.

Deixou a taça e se levantou para colocar-se frente a ela.

—Sim, você me possui. —disse Cailin, e, para sua vergonha, as lágrimas foram a seus olhos e se viu incapaz das controlar. —Tenho que obedecer, meu senhor, mas jamais me terá por completo, pois há uma parte de mim que só eu posso dar. Nenhum homem pode agarrá-la!

Agarrou seu queixo entre o polegar e o indicador, assombrado pelas sinceras palavras de Cailin e comovido por seu apaixonado desafio. As lágrimas escorregavam lentamente pelas bochechas da moça como pequenas contas de cristal.

—Meu Deus. —exclamou ele, —Sabia que seus olhos brilham como ametistas quando chora? Parte-me o coração. Pare, eu te rogo, minha beleza! Rendo-me humildemente a seus pés.

—Detesto ser escrava! —exclamou ela desesperada. —E como é que pode atravessar as defesas que com tanto cuidado construí a meu redor nestes últimos meses, quando ninguém mais pôde fazê-lo?

—Utilizo melhor tática que os outros. —brincou ele. —Além disso, Cailin, embora provoque minha natureza mais primária, te encontro fascinante em outros aspectos. —Enxugou suas lágrimas com um dedo, brandamente. —Já terminei meu vinho. Nos conheceremos melhor no banheiro. Prometo que procurarei não fazê-la chorar se não for covarde. Satisfeita, minha beleza? Acredito que sou bastante generoso.

Cailin não podia zangar-se com ele. Realmente estava comportando com muita bondade, mas mesmo assim tinha um pouco de medo.

—De acordo.—disse por fim.

—Então, vamos.—repôs ele, e a agarrou sua mão e saíram juntos do átrio.

CAPÍTULO 9

O banho em Vila Mare era peculiar, pois não se tratava de uma habitação interior. Dava para o mar e tinha um pórtico aberto que podia se fechar mediante venezianas para proteger do frio ou as inclemências do tempo. A vista que se tinha da habitação era bela e calmante. As paredes estavam decoradas com mosaicos. Alguém representava a Netuno, o deus do mar, de pé entre as ondas, um tridente em uma mão e uma concha na outra, sobre a qual soprava. Atrás dele saltavam uns golfinhos de cor azul prateada. Outra parede oferecia uma cena das muitas filhas de Netuno, divertindo-se entre as ondas com um grupo de cavalos marinhos; a terceira parede exibia ao poderoso rei do mar seduzindo a uma formosa jovem em uma cova submarina. O chão de mosaico do banho consistia em imagens de peixes e vida marinha. Era divertido e de alegres cores.

Junto ao banho havia um vestuário revestido de azulejos, mas a sala principal servia para todos os passos necessários para o banho, a diferença do elegante complexo de Vila Máxima, que tinha diferentes habitações. A piscina estava forrada de azulejos azul mar e a água era cálida. Em uma esquina, uma fonte com taça de mármore oferecia água fresca. Havia depressões em forma de concha com deságues para enxaguar-se e bancos para receber massagem.

Aspar despediu a anciã escrava encarregada do banho.

—A senhora Cailin deseja me servir. —indicou à mulher, e esta sorriu exibindo sua dentadura vazia em amostra de cumplicidade.

—Aqui se esbanja discrição. —disse Cailin, recolhendo o cabelo no alto da cabeça.

—Tire a túnica. Quero vê-la tal como Deus a fez, Cailin. Inclinada tal como estava a última vez que contemplei seus encantos, logo que pude ver grande coisa, pois aqueles homens o ocultavam quase por completo.

—Talvez lamente não ter comprado um deles. —brincou ela.

Passou a túnica pela cabeça e a jogou sobre um banco. Permaneceu calada e imóvel, surpreendida de não sentir-se mortificada; mas, como suspeitava, sua estadia em Vila Máxima a tinha despojado de todo falso pudor.

—Gire devagar. —ordenou ele com admiração.

Então ele tirou toda a roupa: tirou o manto e o deixou escorregar ao chão, logo a cueca, a túnica e a fina camisa de linho.

Quando Cailin se voltou para olhar de frente, encontrou Aspar nu como ela. Sobressaltada, avermelhou. Guardou silêncio, dando a mesma vantagem da qual ele tinha desfrutado antes, e logo também se voltou. A primeira impressão que tinha recebido Cailin tinha sido boa. O corpo do homem era firme, com bons músculos e bronzeado pelo sol. Não estava gordo, mas tampouco magro. Havia nele uma robustez sólida que a Cailin resultou reconfortante. Levava as pernas e os braços depilados, igual a seu peito. Suas pernas eram mais largas do que ela esperava e seu torso, duro e bem esculpido. As nádegas eram firmes.

Seus órgãos sexuais eram mais pequenos do que ela estava habituada a ver, mas supôs que eram de tamanho normal. Seus "bárbaros" e Wulf eram exceções à regra, tinha-lhe assegurado Casia quando falaram disso em uma ocasião. Sua curiosidade a tinha levado a perguntar à cortesã quem a tinha instruído tão bem nas artes de Eros. Casia tinha resultado uma fonte de informação útil e fascinante para o Cailin, que carecia de experiência em relação às práticas amorosas.

A voz de Aspar a devolveu ao presente.

—Encontra-me formoso como eu a ti? —perguntou-lhe.

—Sim. —respondeu ela com voz suave.

Era um homem atraente e Cailin não via razão para não reconhecê-lo.

—Agarra o raspador e me limpe. —ordenou ele. —Estou muito sujo da viagem. Os caminhos estão cheios de pó nesta época do ano.

Cailin agarrou o utensílio de prata e começou a limpar o suor e a imundície que a viagem e o calor do dia tinha depositado na pele de Aspar. Ela tinha observado trabalhar às encarregadas do banho em Vila Máxima, pois Casia tinha advertido que os homens com frequência desejavam ser servidos assim por suas amantes. Lentamente, com cuidado, Cailin foi esfregando, passando dos ombros ao peito, dos braços às costas e por fim as pernas.

—Tem muita habilidade para isto. —murmurou ele com voz suave enquanto ela se ajoelhava ante ele, passando com cuidado o utensílio pelas coxas.

—Sou novata nesta tarefa —disse ela, —mas me alegra agradá-lo, meu senhor.

Enxaguou com uma bacia de água quente tirada da piscina e ele agarrou o raspador.

—Agora eu a limparei.—indicou ele com voz baixa.

Cailin ficou muito quieta enquanto passava o raspador por sua delicada pele. Encontrava encantador esse jogo. A moderação daquele homem ao reclamar seus direitos a tranquilizava. Suspirou e, voltando-se para ele, disse:

—Agora, meu senhor, te lavarei antes de entrar na piscina.

Ele ficou de pé em uma das conchas esvaziadas no chão. Cailin colocou a seu lado uma jarra de alabastro de suave sabão e agarrou uma esponja natural. Molhou-a com um pouco de sabão da jarra e o derramou sobre os ombros de Aspar, utilizando depois a esponja. Devagar, com esmero, o lavou, executando os movimentos de maneira eficaz, acrescentando mais sabão e esfregando suas costas. Ruborizou-se ao lavar seu membro viril, mas ele não disse nada e permaneceu imóvel enquanto ela se aplicava. Cailin ficou de pé e passou a esponja pelo ventre e o peito. Quando terminou, voltou a lhe enxaguar com água quente, aliviada de que a dura prova tivesse terminado. Nunca tinha banhado a um homem. Wulf sempre se banhava sozinho, normalmente no arroio que discorria perto de sua casa, inclusive no inverno.

—Agora pode entrar na piscina. —indicou a Aspar.

—Não. —disse ele, e agarrou a esponja da sua mão. —Antes tenho que te banhar você, minha beleza. —inclinou-se e enxaguou a esponja no recipiente de bronze e voltou a empapá-la com água limpa.

—Posso me banhar sozinha. —replicou ela.

—Estou seguro de que assim é, —disse ele, divertido, —mas não me negará o prazer que te

servir me proporcionará, verdade? —Sem esperar resposta, afundou seus dedos na jarra de alabastro e começou a jogar sabão lentamente sobre os ombros e as costas. O movimento lento e circular da esponja sobre a pele era quase hipnotizante de tão sensual. Pareceu que notava os lábios de Aspar roçando sua nuca e logo a esponja saponácea riscou círculos, confundindo-a. Ajoelhado, lavou suas nádegas, as beijando antes, e logo passou às pernas. —Se volte. —disse com voz suave.

Ela obedeceu; seu corpo já começava a sentir a força do desejo. Que prazeroso era tudo aquilo. Banhar-se com um homem era muito agradável.

Aspar levantou seu pé esquerdo e o lavou; logo o direito. A esponja ascendeu lentamente por suas pernas, que mantinha apertadas com força. Com suavidade ele as separou e a esponja se deslizou sobre a sensível pele. Cailin voltou a cabeça e desviou o olhar. Não estava acostumada a ver seu monte de Vênus tão rosado e suave, desprovido de seus pequenos cachos, mas Joviano tinha assegurado que só os homens, os camponeses e os selvagens conservavam este pelo corporal. A mulher tem que ser sedosa em todo seu corpo. O estômago fez um nó quando a mão de Aspar passou a esponja por aquela zona. Fechou os olhos enquanto ele a esfregava com suavidade.

Cailin afogou um grito, sobressaltada, quando a mão do general a inclinou brandamente para frente e sua boca se fechou sobre o mamilo direito. Mordiscou-o levemente e logo o chupou com força enquanto com a mão esquerda a acariciava e logo esmagava o outro seio até que os joelhos de Cailin começaram a fraquejar. Ele ficou em pé e a estreitou com força procurando a boca dela, e ao encontrá-la deu um apaixonado beijo que a deixou sem fôlego. Logo seus olhos cinzas a mantiveram enfeitiçada enquanto a enxaguava lentamente, assegurando-se de que todo o sabão desaparecia. Por fim deixou a bacia no chão, agarrou Cailin pela mão e juntos desceram os degraus da piscina.

A água cálida lambeu brandamente o corpo. Cailin se sentiu fraca ao penetrar de repente no calor. Ao ver quão pálida estava, ele a atraiu para si. Quando notou que tremia, Aspar disse em voz baixa, enquanto começava a depositar pequenos beijos em todo seu rosto:

—Não quero que tenha medo, Cailin, mas tem que saber que quero fazer amor contigo. Sabe o doce que pode ser fazer o amor entre um homem e uma mulher? Não aquele brutal acoplamento que estava obrigada a suportar em Vila Máxima, a não ser a autêntica paixão entre amantes. Me diga, era virgem quando chegou a Constantinopla, ou algum outro amante te iniciou na maravilhosa doçura que duas pessoas podem criar?

Mordiscou com ternura o lóbulo da orelha e logo a olhou aos olhos.

—Eu... tinha marido —respondeu ela.

—O que lhe ocorreu? —perguntou Aspar.

—Não sei, meu senhor. Traíram-me e me venderam como escrava. —disse, e relatou sua história brevemente. —Joviano diz que provavelmente disseram ao Wulf que eu tinha morrido. —disse para terminar. Várias lágrimas escorregaram pelas bochechas. —Acredito que tem razão. Só gostaria de saber o que ocorreu com nosso filho. Temo que Antonia o vendesse também; nosso filho era forte. Sei que ainda vive!

—Não pode trocar o passado. —repôs ele sabiamente. —Compreendo-o melhor que ninguém, Cailin. Se confiar em mim, terá um feliz presente e seu futuro será quão único desejará.

—Parece-me, meu senhor, que não posso escolher.

"Confiar —pensou com ironia. —por que os homens sempre estão pedindo que se confie neles?"

—OH, minha beleza. —exclamou ele com um sorriso— Sempre podemos escolher. Só que às vezes as alternativas não são particularmente agradáveis. Entretanto as tuas são. Pode me amar agora ou pode me amar mais adiante.

Cailin riu entre dentes.

—Suas alternativas, meu senhor, guardam uma grande similitude.

Gostava daquele homem. Era amável e tinha senso de humor. Embora era poderoso não mostrava atitudes desagradáveis.

Ele sorriu a sua vez. Ela o excitava de um modo em que nenhuma outra mulher jamais o tinha feito, nem sequer sua querida Ana. Tinha passado muito tempo desde que verdadeiramente tinha desejado uma mulher, embora visitava Vila Máxima com regularidade. Acreditava que o homem não devia permitir que suas necessidades permanecessem reprimidas muito tempo; fazê-lo turvava o cérebro e o voltava irritável. Entretanto, ao contemplar a aquela formosa jovem que tinha ante ele, sabia que jamais voltaria a visitar Vila Máxima.

—Eu gosto quando ri, minha beleza. —disse com ternura.

—E eu gosto quando você sorri, meu senhor. —respondeu ela, e então o beijou nos lábios, depressa e sem paixão, mas com doçura.

Agarrou sua cabeça com uma mão e começou a beijar o rosto e a garganta com ardentes lábios que provocaram um formigamento de prazer em todo o corpo de Cailin, que gemeu levemente. Arqueou o corpo enquanto a outra mão de Aspar começava a sovar um seio e empurrava a jovem contra a parede da piscina. Passou a língua pelos lábios, mordiscou as pálpebras e lambeu o pescoço tenso. Afundou a mão nos apertados cachos de sua cabeleira e gemeu quando ela apertou seu corpo contra o dele. Os braços do Cailin se deslizaram por seu pescoço. Devolvendo os beijos com ardor, Cailin se deu conta de que com Aspar não tinha necessidade de empregar os truques da Casia. Sentia crescer o desejo dele contra a coxa, empurrando e pressionando com obrigação.

—Quero esperar —sussurrou ele, —mas não posso, Cailin.

—Não o faça, meu senhor. —respirou ela, apertando seu abraço enquanto ele deslizava as mãos debaixo de suas nádegas e a penetrava, suspirando com alívio.

Empurrou com movimentos longos e lentos e o sentiu, duro e ardente, em seu interior. Ele murmurou em voz baixa enquanto se movia dentro dela uma e outra vez até que não pôde aguentar mais e seu amante alcançou apaixonados estalos. Cailin se assombrou de que não houvesse sentido nada mais que a presença física dele. Estremeceu-se, horrorizada.

Aspar abriu os olhos.

—O que ocorre? —perguntou. —Te dou prazer, verdade, Cailin? Sim, acredito que não te desagrado, né, minha beleza?

Saiu do corpo dela e ficaram um em frente ao outro, ela ainda apoiada contra a parede da piscina.

—Só fazê-lo com o marido dá prazer? —perguntou ela, confundida e precisando sabê-lo. —Não sentia prazer quando me obrigavam a me unir ao trio do Joviano, mas acreditava que era porque não os amava, porque o que me faziam estava mau. Vocês não é meu marido, mas é amável comigo. Quero servi-lo como uma esposa. Não deveria sentir prazer, meu senhor? Você não me repele. Não! —voz se quebrou e pôs-se a chorar. —O que me ocorreu, meu senhor, para que não possa sentir prazer com você?

Ele a estreitou entre seus braços e a tranquilizou o melhor que pôde. Aspar não era médico, mas sabia que a mente provavelmente era a arma mais poderosa que Deus jamais tinha criado. Tinha visto ocorrer coisas estranhas aos soldados na guerra, em especial depois de uma cruel batalha: os homens, normalmente endurecidos e ferozes, rompiam a chorar. Homens que jamais podiam voltar a ver uma arma sem ficar a tremer incontroladamente. Possivelmente a brutal selvageria que tinha tido que suportar Cailin a tinha prejudicado de um modo similar. Recordava a expressão vazia em seus olhos a noite da representação em Vila Máxima. Ela se tinha abstraído do que estava acontecendo no cenário porque era a única maneira de poder sobreviver.

—O que te aconteceu desde que abandonou Britania te danificou que um modo que não se vê —disse ele para consolá-la. —Se confiar em mim te ajudarei a se curar, minha beleza. Quero que obtenha de mim o mesmo prazer que eu obtenho de ti. A diferença da maioria dos homens de minha idade, tenho uma incomum capacidade de fazer o amor, Cailin. Seguiremos até que também você sinta prazer, por muito tempo que demoremos. —Agarrou sua mão. —Agora vamos, antes que fiquemos tão moles que a água nos dilua.

Saíram da piscina e se secaram mutuamente. Logo ele voltou a agarrar sua mão e a levou a seu dormitório. Cailin se surpreendeu ao ver que tinham retirado seu pequeno divã e o tinham colocado encostado a uma parede. Em seu lugar sobre a plataforma elevada havia um grande colchão e vários almofadões de vivas cores. Aspar voltou a beijá-la e pouco depois se tombaram na cama, entrelaçados. As sensações que o corpo daquele homem produzia eram completamente distintas ali que na piscina. Parecia mais duro.

—Fica quieta. —ordenou ele, e pondo dois almofadões debaixo dos quadris para elevá-la disse: —Quero que separe as pernas para mim, minha beleza. —E quando obedeceu, ele se inclinou, separou os lábios maiores da sua vagina com os dedos e começou a acariciá-la lenta e meigamente com a língua.

Cailin afogou um grito de assombro e surpresa. Seu primeiro pensamento foi apartá-lo. Isso era uma intrusão que jamais tinha experimentado. Entretanto havia ternura no ato, uma doçura que a hipnotizou tão intensamente que se viu incapaz de negar-se. A língua de Aspar acariciava brandamente a carne e logo começou a brincar com o clitóris. Cailin se sentiu alagada de calor e, entretanto tremia. A pequena protuberância começou a formigar, crescendo em intensidade até que acreditou que não poderia suportá-lo mais, mas por muito que o tentou não pôde encontrar a voz para pedir que parasse.

Cailin deixou que a sensação de prazer se apoderasse dela e se ouviu si mesma gemer

encantada. Sentia os membros pesados com um anseio que jamais tinha experimentado, até que por fim uma intensa doçura a alagou como uma onda do mar e retrocedeu com igual rapidez, deixando-a fraca, mas estranhamente satisfeita.

—Aaahhh... —exalou ofegante.

Então, de maneira inesperada, pôs-se a soluçar.

Aspar se incorporou e a abraçou. Não disse nada. Limitou-se a acariciar os pequenos cachos despenteados, maravilhando-se de sua suavidade enquanto os enroscava em seus dedos. Ela se apertou a ele como procurando seu amparo e a surpreendeu o desejo que percebeu nele de mantê-la a salvo de toda a crueldade do mundo. Apesar de tudo o que lhe tinha ocorrido, Cailin era inocente. Ele não ia permitir que voltassem a machucá-la.

Por fim se serenou e disse:

—Você não recebeu prazer, meu senhor, mas eu sim. Como pode ser? Não sabia que uma mulher pudesse desfrutar desta maneira.

Levantou a vista para ele e Aspar pensou que seus formosos olhos pareciam violetas orvalhadas pela chuva primaveril.

—Dar prazer também o proporciona, Cailin; possivelmente não tão intenso como quando se recebe, mas é prazer ao fim e ao cabo. Há muitas maneiras de dá-lo e recebê-lo. Exploraremo-las todas. Jamais te farei mal intencionadamente, meu amor. —disse, acariciando sua bochecha com um dedo.

—Dizem que é o homem mais poderoso do Império, meu senhor. Ainda mais poderoso que o próprio imperador.

—Nunca repita isso em voz alta, Cailin. — advertiu. —Os poderosos são ciumentos de seu poder e não desejam compartilhá-lo. Minha sobrevivência depende de que siga sendo um leal servidor do Império. Realmente é o Império ao que honro. Deus, e o Império. A nenhum homem. Mas isso, querida, tem que ficar como um segredo entre nós. —sorriu.

—São como os romanos de antigamente, meu senhor. Honram a nova Roma, Bizâncio, como eles honraram à antiga.

—E o que sabe você de Roma? —perguntou ele, divertido.

—Estive com meus irmãos e seu tutor muitos anos. —disse Cailin. —Aprendi a história de Roma e de minha Britania nativa.

—Sabe ler e escrever?

—Em latim —respondeu ela. —A história do povo de mamãe, os celtas dobunios, é uma história oral, mas a conheço, meu senhor.

—Joviano me contou um pouco a respeito de seu passado, Cailin. Seu latim é o de uma mulher culta, embora um pouco provinciana. Quem era sua gente?

—Descendo de um tribuno da família Druso que chegou a Britania com o imperador Claudius. —explicou ela, e logo, tombados juntos, contou-lhe a história de sua família.

—E seu marido quem era? Também era de uma família romano-bretã?

—Meu marido era saxão. Casei-me com ele depois de que minha família foi assassinada por instigação de meu primo Quinto, que cobiçava as terras de meu papai. Meu primo não soube que

eu tinha escapado da matança até que fui vê-lo com meu marido, Wulf Punho de Ferro, para reclamar o que, por direito, me correspondia. Wulf matou Quinto quando este tratou de me atacar. Foi sua esposa, Antonia, quem me traiu, mas essa parte da história já conhece, meu senhor.

—É assombroso que tenha sobrevivido a tudo isso. —disse Aspar com ar pensativo.

—Agora sabe tudo de mim. Zeno me contou que sua primeira esposa era uma mulher boa e honorável. O que não me disse sobre a esposa que agora têm é mais interessante. —disse Cailin. —Se me contasse, meu senhor, eu gostaria de conhecê-la.

—Flavia é membro da família Estrabo. São poderosos na corte. O nosso foi um matrimônio de conveniência. Não vive comigo e, francamente, dela eu não gosto.

—Então por que se casaram? —perguntou Cailin. —Não precisava voltar a se casar, meu senhor. Zeno me disse que têm um filho maior, um segundo filho e uma filha.

—Zeno mencionou a meus netos? —perguntou Aspar com certo humor na voz. —Minha filha Sofia tem três filhos e meu filho maior tem quatro. Como Patrício, o menor, não parece querer ser monge, suponho que também ele me dará netos quando se casar.

—Têm netos? —Cailin estava atônita. Não parecia tão velho, e sua conduta sem dúvida não era a de um ancião. —Quantos anos têm, meu senhor Aspar? Eu fiz dezenove o mês de abril.

Ele gemeu.

—Meu Deus! Sem dúvida sou o bastante velho para ser seu pai, meu amor. Fiz cinquenta e quatro no mês de maio.

—Não é como papai. —murmurou ela, e com grande atrevimento agarrou sua cabeça entre as mãos, aproximou-a e o beijou docemente.

Ele cedeu agradado com a sua ousadia.

—Não. —disse, olhando com prazer seus olhos violetas, —não sou seu pai, verdade, meu amor?

Beijou-a, longa, lenta e profundamente.

Cailin desfaleceu interiormente. Quando por fim se recuperou, disse:

—Me fale mais de sua esposa, meu senhor Aspar.

—Eu gosto de como soa meu nome em seus lábios.

—Me fale da Flavia Estrabo, meu senhor Aspar—insistiu Cailin.

—Casei-me com ela por várias razões. O defunto imperador, Marciano, a quem eu coloquei no trono do Bizâncio e se casou com a princesa Pulquería, estava a ponto de morrer e não tinha herdeiros. Marciano procedia de meu lar. Tinha-me servido lealmente durante vinte anos. Quando compreendi que seu final estava próximo, escolhi a Leão, outro membro de meu lar, para que fora o seguinte imperador. Entretanto, necessitava certo apoio da corte. O patriarca de Constantinopla, o líder religioso da cidade, é parente da família Estrabo, e os laços familiares aqui são fortes. Sem ele não tinha esperanças de colocar a Leão no trono. Para assegurar seu apoio e o da família Estrabo, casei-me com a viúva Flavia. Ela estava então grávida de um amante e causava a sua família uma inexprimível vergonha.

—O que ocorreu com o menino?

—Abortou no quinto mês, mas era muito tarde. Já era minha esposa. Em troca de minha ajuda, o patriarca e a família Estrabo apoiaram minha eleição de Leão. É obvio, outras famílias patrícias os imitaram. Isto nos permitiu uma transição pacífica de um imperador a outro. A guerra civil é muito desagradável, Cailin. E Flavia é, da porta pra fora, uma boa esposa. Tomou a seu cargo a meu filho pequeno, Patrício, e é uma boa mãe para ele. Está educando-o na fé ortodoxa. Espero casá-lo algum dia com a princesa Ariadna e convertê-lo em herdeiro de Leão, pois o imperador não tem filhos.

—O que quer de mim, meu senhor, além do óbvio? —perguntou Cailin.

Ruborizou-se diante da própria audácia, mas sua vida desde que tinha saído da Britania se viu completamente transtornada e precisava saber se ia ter um lar permanente.

Ele pensou durante vários minutos.

—Amava a minha primeira esposa. —disse ao fim. —Quando Ana morreu, pensei que jamais voltaria a olhar a nenhuma mulher. Eu não gosto de Flavia, mas lhe sirvo para algo. Sua linha social é virtualmente tão alta como o da imperatriz Verina, pois sou o chefe dos exércitos orientais e primeiro patrício do Império. Flavia se ocupa de meu filho órfão, mas isto é tudo o que faz por mim. Sou poderoso, Cailin, mas estou sozinho, e a verdade é que me sinto sozinho. Quando te vi aquela noite em Vila Máxima, comoveu-me como nenhuma mulher o tem feito. Necessito seu amor, sua bondade e sua companhia. Crê que me pode dar isso, minha beleza?

—Meu avô dizia que eu tinha uma língua afiada, e assim é. —repôs Cailin. —Sou muito prática. Se ficar um pouco de bondade em mim, meu senhor Aspar, possivelmente é o único que a vê. O que agora digo parecerá duro, mas no último ano tive que aprender a ser dura para sobreviver. Não é um homem jovem, mas eu sou sua escrava. Se morrer, o que me ocorrerá? Crê que seus herdeiros tratarão com bondade a amante escrava de seu pai? Eu acredito que não. Certamente se desfarão de mim junto com todas as demais posses que considerarem desnecessárias. Posso amá-lo? Sim. Acredito que é uma pessoa boa, mas se verdadeiramente sou algo para você, meu senhor, se ocupe de que quando já não estiver aqui eu siga estando a salvo. Até esse momento o servirei com todo meu coração e toda minha alma.

Ele assentiu lentamente. Cailin tinha razão. Teria que efetuar disposições para protegê-la quando ele já não pudesse fazê-lo.

—Amanhã irei à cidade e me ocuparei de tudo. — prometeu. —Quando eu morrer, será livre e disporá de uma herança para te manter. Se tiver algum filho meu, me ocuparei também dele e o reconhecerei.

—É mais que justo. —aceitou Cailin com alívio.

Quando pela manhã despertou, Aspar não estava na cama.

—Foi à cidade —informou Zeno, sorrindo. —Encarregou-me que te diga que retornará dentro de uns dias, senhora. Também me indicou que a consideremos a proprietária desta casa e a obedeçamos.

—Meu senhor é um homem generoso. —disse Cailin. —Devo confiar em ti, Zeno, para que me ajude a fazer o correto e oportuno.

—Só a grande beleza de minha senhora supera a sua sabedoria. —observou o ancião

servente, agradado pela diplomática resposta de Cailin e a segurança de que tudo seguiria como sempre.

Aspar retornou de Constantinopla uns dias mais tarde. Ao cabo de pouco tempo os serventes consideraram evidente que tinha intenção de converter Vila Mare em sua primeira residência. Só partia para atender os assuntos da corte e cumprir com seus deveres militares. Poucas vezes passava a noite fora. Ele e Cailin tinham iniciado uma existência doméstica muito tranquila.

Cailin se surpreendeu ao inteirar-se de que Aspar era proprietário das terras de lavoura que rodeavam à vila em vários quilômetros. Havia vinhas, olivares e campos de trigo, o que contribuía à riqueza do general, a quem não importava ajudar nos campos ou recolher as uvas. Cailin supunha que desfrutava com isso.

Na cidade, a ausência de Aspar de seu elegante palácio ao princípio não foi observada, mas a imperatriz Verina, mulher hábil, mantinha o ouvido atento em todos os terrenos. Ela e seu marido não tinham a vantagem da herança para manter seu trono a salvo. Aspar era importante para eles. Embora excelente servidor público, Leão não era um professor da intriga nesta primeira etapa de seu reinado; mas sua esposa, educada no Bizâncio, sabia que quanto mais soubesse, mais a salvo se encontraria. Chegou a seus ouvidos a fofoca ociosa de um servente, e logo voltou a escutá-lo, esta vez de lábios de um oficial menor. A imperatriz convidou a seu irmão Basilico a visitá-la.

Sentaram-se em um terraço que dava ao Propontis, chamado por alguns de Mármara, uma tarde de finais de outono, tomando o primeiro vinho da temporada. Verina era uma mulher formosa com a pele como o marfim e o comprido cabelo negro penteado em tranças sujeitas com alfinetes adornados com pedras. Sua estola vermelha e dourada era de ricos materiais e o decote mostrava o nascimento de seu bonito peito. Suas sapatilhas estavam adornadas com joias e levava várias fileiras de pérolas tão translúcidas que pareciam reluzir em contraste com sua pele e vestido. Sorriu a seu irmão.

—O que é isso que me disseram de Aspar? —ronronou.

—O que é o que ouviu, carinho?

—Diz-se que fechou seu palácio e que agora vive no campo. —disse a imperatriz. —É certo?

—Não sei, querida irmãzinha. —respondeu Basilico. —Fazem meses que não vejo Aspar fora do trabalho. Só o vejo quando temos assuntos que atender juntos, o qual não ocorre com frequência. Por que te interessa saber onde vive Aspar, Verina? Embora seja responsável pela ascensão de Leão, nunca mostrou particular interesse por ele. Sei bem que sua presença te irrita, pois só serve para te recordar que ele é o responsável por sua boa fortuna.

—Diz-se que uma mulher vive com ele, Basilico. —disse a imperatriz, sem fazer caso da ardilosa observação de seu irmão. —Sabe que a esposa de Aspar, Flavia, é amiga minha. Me incomodaria que Flavia se visse turvada pelos pecadinhos de seu marido.

—Tolices, irmã, simplesmente está morta de curiosidade. —replicou Basilico. —Se realmente Aspar está vivendo com alguma amante, nada te agradaria mais que insinuá-lo ao ouvido da Flavia, encolerizando-a com isso. Sabe que Aspar só concordou a se casar com ela se guardasse

discrição em suas pequenas aventuras e não voltava a envergonhar a sua família. Aspar não é um homem que instale a uma amante em sua casa, mas se realmente o tem feito, vivendo no campo está tentando ser discreto. Além disso, não há nada de mau em que um homem tenha uma amante, Verina. Em minha opinião, nosso bom general merece algum prazer na vida. Jamais o obterá de sua querida amiga Flavia, que tem amantes como algumas mulheres têm flores no jardim, e com menos discrição, acrescentaria.

—Flavia ainda é jovem. Tem muitos anos menos que seu marido. —observou a imperatriz. —Aspar não poderia estar a sua altura, garanto.

—Ela é a que não poderia estar à sua. —replicou Basilico com uma gargalhada. —Aspar tem fama de amante prodigioso, querida irmãzinha. Uma garota de dezoito anos não poderia lhe seguir, segundo fontes dignas de confiança. Além disso, Flavia tem duas filhas maiores. Não está na flor da juventude.

—Teve a seus filhos aos quinze e dezesseis anos. —disse Verina em defesa da mulher. —Elas tinham quinze e dezesseis quando as casou no ano passado. Isso significa que tem trinta e dois. Aspar é ao menos vinte anos mais velho. Se tiver tomado uma amante, minha pobre Flavia será o bobo de toda Constantinopla. Tem que averiguá-lo!

—Eu? —perguntou Basilico horrorizado. —Como quer que o faça?

—Vá visitar Aspar a sua casa de campo. Possivelmente esses rumores não são mais que isso, rumores, mas se forem certos devo informar a Flavia antes que seja envergonhada ante a corte.

—Ir ao campo? Verina, detesto o campo! Faz anos que não saio da cidade. No campo não há nada a fazer. Além disso, Flavia deveria estar encantada de que Aspar tenha uma amante. Isso o manterá ocupado e distraído e não se interessará tanto por seus assuntos. Ela esteve a ponto de causar um grande escândalo a semana passada, quando o jovem gladiador com o que se esteve divertindo decidiu que estava apaixonado por ela depois de que ela tratasse de tirá-lo de cima.

—Não me tinha informado disso. —repôs a imperatriz, molesta e curiosa porque sua rede de espiões não a tinham informado desta interessante noticia. —O que aconteceu, Basilico? Vejo que conhece todos os detalhes. Diga-me isso em seguida ou farei que o deixem cego.

Ele riu e se serviu outra taça de vinho antes de começar.

—Bom, minha querida irmã, sua amiga Flavia levou a cama a um jovem gladiador ao que tinha conhecido nos jogos da primavera. Um trácio chamado Nicoforo; bastante corpulento, mas seus músculos eram irresistíveis, suponho. Como é habitual na Flavia, ao cabo de uns meses a intimidade começou a engendrar desprezo. Assim, cansou-se do musculoso Adônis e, além disso, seus olhos se fixaram no Miguel Valens, o jovem ator. Nossa Flavia voltou a receber a flecha do Cupido.

—O que ocorreu ao gladiador?

—Pegou-os no mesmo lugar de encontro que Flavia tinha compartilhado com ele em outro tempo. Não tem muita imaginação, verdade, irmãzinha? Teria lhe ocorrido escolher outro lugar para dar rédea solta a sua paixão, mas não, ela foi ao mesmo lugar. Nicoforo, informado por alguma alma perversa, encontrou-os ali. Parecia uma fúria e ficou a esmurrar à porta da habitação

em que se encontravam sua amiga e seu amante. Ao final a derrubou. Miguel Valens, que não é nenhum herói, temeroso de que pudessem danificar seu belo rosto, escapou por uma janela, nu como sua mãe o trouxe para o mundo, conforme me disseram, deixando sozinha a semidesnuda Flavia para que enfrentasse ao ultrajado gladiador. Ele ficou a gritar contra ela, amaldiçoando-a e chamando-a puta. Por fim o hospedeiro chamou um guarda, quem perseguiu o Nicoforo enquanto este corria gritando depois da leiteira da Flavia, que se abria passo pelas ruas a uma velocidade inusualmente rápida. —Basilico riu. —O capitão da guarda e seus homens, é obvio, foram comprados pelo patriarca. O escândalo foi sossegado. Nicoforo foi enviado ao Chipre. Menos mal que Aspar não se achava na cidade quando isto aconteceu. Advertiu a Flavia, antes de casar-se, que se provocava algum escândalo público a enviaria ao convento da Santa Bárbara para que passasse ali o resto de sua vida.

A imperatriz assentiu.

—Sim, e o patriarca concordou em apoiá-lo chegado o caso. A família Estrabo não está só um pouco irritada pela conduta indiscreta da Flavia, e sua paciência tem um limite. Mmmm, pergunto-me que uso posso dar a esta informação, mas é obvio o quebra-cabeças estará incompleto até que saiba exatamente o que está acontecendo na vila de Aspar. —Seus olhos ambarinos lançaram um brilho de maldade. —Irá pela manhã, irmão.

Ele se levantou com um gemido e beijou a mão de sua irmã.

—Os desejos da imperatriz são ordens para mim, mas Verina, espero que me faça um favor em troca desta empresa que empreendo em seu nome. Recorda-o!

—Sempre que for razoável, Basilico. —ronronou ela sorrindo.

Era um bom irmão, pensou a imperatriz enquanto o observava partir com expressão afetuosa. Fosse o que fosse o que acontecia na casa do general, Basilico se inteiraria da história completa, analisaria-a e retornaria para contar-lhe. Se ela não sabia decidir como utilizar esta informação, ele poderia aconselhá-la. Estavam muito unidos, sempre tinham estado.

Basilico abandonou a cidade no dia seguinte. Viajou em uma cômoda leiteira, pois preferiu não montar a cavalo por causa do calor. Para sua surpresa, passou quase toda a viagem dormindo e despertou quando cruzavam as portas da vila. Zeno, o servente, saudou-o cortesmente, reconhecendo ao príncipe dos dias em que servia na casa do general em Constantinopla.

—Onde está seu amo? —perguntou Basilico.

—Está passeando junto ao mar, senhor.

Basilico esteve a ponto de pedir que enviasse a um criado a procurar por Aspar, mas decidiu que poderia inteirar-se de algo de valor se agarrava despreparado a seu amigo.

—Obrigado, Zeno, —disse. —me indique o caminho.

Seguiu ao mordomo pelo átrio da vila e pelo jardim interior até sair a um grande jardim exterior que dava ao Propontis e, mais à frente, a Ásia.

—Há um atalho, senhor.—assinalou Zeno.

Basilico se enfiou no caminho de cascalho. Fazia um dia maravilhoso, com um céu azul

brilhante e sem uma só nuvem. O sol de outono era quente, e ao redor as roseiras exibiam uma mescla de casulos tardios e grandes rosas vermelhas. Então os viu: Aspar e uma mulher, rindo juntos na praia. A mulher levava uma túnica branca e ia descalça, igual a seu amigo, que ia vestido com uma curta túnica vermelha. O mar estava aprazível, uma mescla de azul, água-marinha e verde que se estendia como uma malha iridescente até as colinas da outra borda. Sobre eles as gaivotas chiavam, lançando-se à água e logo ascendendo perpendicularmente no ar imóvel.

Basilico os observou um comprido momento, e logo chamou o casal, elevando a mão e agitando-a:

—Aspar, meu amigo!

Avançou sobre a areia da praia e se aproximou deles.

—Meu deus! —resmungou Aspar. —É Basilico.

—O irmão da imperatriz? —perguntou Cailin. —O convidou?

—Claro que não. Certamente ouviu algo, meu amor. É preparado e ardiloso como uma raposa. Veio com algum propósito, pode estar segura.

—É muito arrumado. —observou ela.

Aspar sentiu uma pontada de ciúmes. Não tinha motivos para duvidar dela, que simplesmente tinha feito uma observação e, entretanto doeu. Não queria compartilhar Cailin com ninguém, pensou enquanto Basilico chegava até eles.

—Produziu-se alguma emergência para que interrompa minha intimidade? —perguntou a seu amigo.

Basilico se surpreendeu para ouvir o tom pouco amistoso do general. Deus santo! Estava apanhado entre a curiosidade insaciável de sua irmã e a irritação do homem mais poderoso do império. Ninguém invejaria sua posição nesses momentos.

—Não há nenhuma emergência. —respondeu. —Simplesmente gostaria de passar um dia no campo, Aspar. Não acreditei que minha chegada te fizesse se comportar como um urso ferido. —acrescentou, decidido a ficar.

—Seu convidado terá sede e fome, meu senhor. —disse Cailin com voz suave. —Pedirei a Zeno que prepare algum refresco.

Fez um educado gesto de assentimento ao príncipe e deixou aos dois homens sozinhos.

—Que criatura tão magnífica! —exclamou Basilico. —Quem é, e onde, afortunado de ti, encontrou-a?

—Por que veio? —perguntou bruscamente o militar. —Detesta o campo, Basilico. Há outra razão sei.

—Verina me fez vir. —admitiu Basilico.

A sinceridade sempre funcionava com Aspar, e o príncipe sabia. Além disso, Aspar não era um homem ao que se podia enganar, em especial quando se achava de mau humor como naquele momento.

—O que quer de mim sua irmã para que te envie ao campo para me ver, Basilico? Me diga! Não entraremos na casa até que me diga isso. Seu pobre corpo logo sofrerá uma comoção, meu amigo. Não acredito que o tenha roçado o calor do sol em anos.

—Verina ouviu dizer que fechou sua casa da cidade e que se mudou para cá. Também ouviu dizer que tem uma amante. Já sabe que sua curiosidade não tem limites. E, é obvio, é amiga da Flavia.

—E ela espera que contraia uma dívida com ela. —observou Aspar.

—Conhece muito bem a minha irmã. —disse Basilico com tom zombador.

—Também conheço o recente escândalo no que esteve envolta minha esposa e que o patriarca sossegou. Vivo no campo, Basilico, mas sigo tendo meus canais de informação. Poucas coisas acontecem na cidade das que não me inteire. Como sou feliz, e como os parentes de minha esposa sossegaram as intrigas com respeito a ela e a seus recentes amantes, contento-me deixando correr o assunto, a menos que minha situação seja divulgada. Você sabe tão bem como eu que Flavia é perfeitamente capaz de montar um escândalo por esta vila e seus habitantes só para desviar a atenção de sua própria conduta indigna. Como não é uma mulher feliz, a ideia de que eu o seja a mortifica. Por isso vivo aqui e não na cidade. Minha conduta está submetida a menos escrutínio em Vila Mare, ou isso acreditava até hoje.

—Não parece viver uma vida muito dissoluta, Aspar. —observou Basilico enquanto se dirigiam da praia à vila. —Em realidade, se não te conhecesse teria achado que era um simples cavalheiro acomodado com sua esposa. Agora me diga, antes que morra de curiosidade, quem é essa garota e onde a encontrou?

—Não a reconhece, Basilico?

O príncipe meneou sua escura cabeça.

—Não, na verdade.

—Recorda, amigo, uma noite faz vários meses em que você e eu visitamos Vila Máxima para ver uma peça notória e particularmente luxurioso que estava de moda na cidade. —explicou Aspar.

Basilico pensou um momento e logo abriu de par em par seus olhos escuros.

—Não! —exclamou. —Não pode ser! É? Comprou aquela garota? Não acredito! Esta criatura deliciosa que estava contigo sem dúvida é patrícia de nascimento. Não pode ser aquela moça!

—É ela. —insistiu Aspar, e referiu a seu amigo uma breve historia de Cailin e de como tinha chegado a Vila Máxima.

—Ou seja, que a resgatou de uma vida vergonhosa. —assinalou Basilico. —Que ternura demonstra Aspar! Será melhor que outros, entre eles minha irmã e sua esposa, não saibam, suponho.

—Só sou brando de coração no referente a Cailin. —disse o general a seu amigo. —Ela me faz feliz, e para mim é mais como uma esposa do que Flavia foi jamais. A Ana também teria gostado.

—Está apaixonado. —repôs Basilico, quase com inveja.

Aspar não respondeu, mas tampouco o negou.

—O que fará, velho amigo? —perguntou Basilico. —Não te contentará vivendo nas sombras com sua Cailin muito tempo, sei.

—Possivelmente me divorcie da Flavia. O patriarca não pode negar-se, em particular depois

do recente escândalo provocado por ela. Já faz tempo que deveria estar encerrada em um convento. É uma constante vergonha para sua família. Ao final cometerá uma loucura de tal calibre que não poderão ocultá-la.

Cruzaram o pórtico que dava ao mar e entraram no jardim interior da vila, onde os esperava vinho fresco e pasteizinhos de mel. Cailin não se encontrava à vista e foram servidos por uma silenciosa escrava que, a um sinal de seu amo, retirou-se para respeitar sua intimidade.

—Embora lhe concedam o divórcio da Flavia Estrabo —observou Basilico, —jamais permitirão que se case com uma mulher que iniciou sua vida em Constantinopla no bordel mais famoso da cidade. Suponho que te dá conta disso.

—Cailin é patrícia, nascida em uma das famílias mais antigas e mais distintas de Roma. —argumentou Aspar. —Sua conduta em Vila Máxima não se devia a sua vontade. Não foi utilizada como uma prostituta comum, e só atuou naquela obscena obra uma dúzia de vezes. Meu Deus, Basilico, a primeira noite que a vi havia entre o público mulheres copulando com escravos, e todos eram de boa família. — o príncipe suspirou.

—Não posso discutir com sua lógica, mas você tampouco pode discutir com os fatos. Sim, havia mulheres de famílias distintas procurando diversões ilícitas, mas ela atuava para deleite de centenas de pessoas duas vezes à semana. Inclusive meu irmão poderia comover-se com a história de Cailin, mas mesmo assim não aprovaria que se casasse com ela. Além disso, a garota é pagã.

—O próprio patriarca poderia batizá-la, Basilico, e assim asseguraria que minha esposa é ortodoxa, e também meus filhos.

—Está vivendo no paraíso dos tolos, velho amigo. —observou o príncipe. —É muito importante para Bizâncio para que te permita esta loucura romântica, e não te permitirá, garanto. Mantém a essa garota como amante e seja discreto. É tudo o que te permitirá, mas ao menos estarão juntos. Não contarei a minha irmã seus desejos. A assustariam, pois não são próprios de você.

—Sou o homem mais poderoso do Bizâncio, que coroa aos reis, e entretanto não posso desfrutar de minha própria felicidade. —disse Aspar amargamente. Bebeu um gole de vinho. —Devo seguir casado com uma puta de alto berço que se prostitui com as classes mais baixas, mas eu não devo me casar com minha amante de alto berço porque se viu forçada a uma breve escravidão carnal.

—A libertou?

—É obvio. Disse a Cailin que seria livre legalmente quando eu morresse, mas em realidade já é. Temia que partisse se conhecesse a verdade, embora a verdade é que está bastante indefesa. Quer retornar a sua Britania natal para vingar-se da mulher que a vendeu como escrava, mas como poderá fazê-lo sem ajuda? E quem a ajudará? Só os que queiram aproveitar-se dela.

—E, além disso —disse Basilico com voz suave, —você a ama. Não lamente o que não pode ter. Agarra o que pode ter. Tem a Cailin e ela será tua enquanto a deseje. Ninguém te negará uma amante, embora Flavia proteste por isso. A corte sabe como é realmente sua esposa e ninguém deseja ver-te infeliz. Compreende Aspar?

O general assentiu com rosto inexpressivo.

—Compreendo-o. O que dirá a sua irmã, Basilico? Tem que contar algo que a satisfaça.

Basilico riu.

—Sim. Verina é mais curiosa que um gato. Bom, direi que levou a cama a uma encantadora e bela amante, e que vive satisfeito com ela em Vila Mare para evitar o escândalo ou qualquer briga público com a Flavia. Ela considerará que é justo apesar de sua "amizade" com sua esposa e aí se acabará tudo, suponho. Verina acredita que não minto, embora às vezes tenho que fazê-lo para protegê-la ou para me proteger. —O príncipe riu entre dentes. —Além disso, não mentirei, simplesmente direi a verdade. Mas ela não precisa conhecer toda a história. —Sorriu.

—Não sei por que Leão não te utiliza no serviço diplomático. —repôs Aspar com um brilho em seus olhos cinzas.

—Meu cunhado não confia em mim. —replicou Basilico. —Tampouco gosta, temo. Seu alto cargo fez com que deixasse de ser um homenzinho meramente aborrecido para convertê-lo em um homenzinho aborrecido que cada dia se volta mais reto e piedoso. Os sacerdotes o adoram. Teria que vigiar esse terreno ou convencerão a Leão de sua própria infalibilidade e de que os generais são desnecessários para o grande plano que Deus riscou para Bizâncio.

—Pode ser que você não goste de Leão, ou que ele não goste de você —disse Aspar, —mas é o homem perfeito para ser imperador, e possui mais sentido comum de que supõe. Por agora carece de ego, embora com o tempo, como todos os homens que estão no poder, o ego surgirá e causará dificuldades. Adora Bizâncio, e é um bom administrador. Escolhi ao homem adequado, e os sacerdotes sabem. Embora me obrigaram a fazer aquele pequeno trato para conseguir seu apoio, estão satisfeitos com Leão e também está o povo. Marciano nos deu prosperidade, e mais paz da que tínhamos gozado em muitos anos. Leão é seu mais digno herdeiro.

—Acreditava que não se importava muito a paz. —observou o príncipe.

Aspar riu.

—A trinta anos não havia suficiente guerra para mim, mas agora já enchi a cota. Estou no ocaso de minha vida. Não desejo nada mais que viver aqui em paz com Cailin.

—Que Deus te conceda esse desejo, Aspar, meu amigo. Parece-me um desejo muito insignificante. —confiou Basilico ao general. —Bom, vai me apresentar a essa deliciosa moça, ou tenho que retornar com a notícia de que nem vi nem falei com a divina criatura que te tem feito abandonar sua casa de Constantinopla?

CAPÍTULO 10

—É bonita? —perguntou a imperatriz a seu irmão.

—Escandalosamente bonita. —respondeu Basilico sorrindo.

Havia partido de Vila Mare a primeira hora da tarde no mesmo dia em que tinha chegado, apressando-se a retornar à cidade para informar a sua irmã, que esperava ansiosa suas notícias.

—Tem pele branca? —seguiu perguntando Verina.

—Tem pele branca e suave como uma estátua de mármore, querida.

—De que cor são seus olhos?

—Depende da luz —disse Basilico. —Em ocasiões são como ametistas e em outras parecem violetas tempranas. —respondeu poeticamente.

—E o cabelo?

Verina estava cada vez mais intrigada. Basilico não era um homem que fizesse adulações facilmente.

—Tem o cabelo castanho avermelhado, uma massa de pequenos cachos que chega até os quadris. Leva-o solto e resulta muito atraente.

—Não me diga. —repôs isso a imperatriz. —Seus cachos são naturais, estou segura. Que sorte tem, mas quem é?

—Uma jovem viúva, patrícia de ascendência romana, que procede da Britania —respondeu ele. —É encantadora, Verina, e ama a Aspar. Se os visse juntos, diria que são um casal felizmente casado.

—Como chegou ao Bizâncio? Uma viúva, diz? Seu marido era bizantino? Tem filhos? Vamos, Basilico, não me está dizendo tudo o que sabe.

A imperatriz olhou severamente a seu irmão.

—Seu marido era saxão, conforme me disse. Perderam a seu filho. Não tenho nem ideia de como chegou em Bizâncio. Seriamente, Verina, já foi bastante vergonhoso interrogar a Aspar para satisfazer sua curiosidade infantil. Fiz tudo o que pude e não farei nada mais. —acrescentou irritado.

—Quantos anos tem a pequena amante de Aspar e como se chama? —pressionou a imperatriz. —Isso seguro que sabe.

—Tem dezenove anos e se chama Cailin.

—Dezenove? —Verina deu um coice. —Pobre Flavia!

—Flavia se merece o que acontece —espetou Basilico, ansioso por escapar do interrogatório de sua irmã antes de dizer algo inconveniente. Por alguma razão, Verina o estava pondo nervoso.

Verina captou a intranquilidade de seu irmão.

—Esta manhã tive visita. —disse com muita doçura. —Provavelmente não deveria te confiar isto. Os homens são muito parvos nestas coisas, mas como é evidente que você me oculta algo, devo dizer isso para que fale livremente. Sabe que ultimamente Leão poucas vezes visita minha cama. Escuta a seus clérigos, que declaram que as mulheres são impuras, um mal necessário para a reprodução que, de não ser por isso, deveriam ser evitadas. Não sei como acredita que terei um filho se não copularmos. Está muito bem que os sacerdotes digam que reze para ter um herdeiro, mas para ter um filho terá que fazer algo mais que rezar. —A imperatriz avermelhou de ira, mas logo prosseguiu com suavidade. —Não me atrevo a agarrar um amante para satisfazer minhas necessidades. A Igreja considera ruins as necessidades naturais da mulher. Não tenho autêntica intimidade, e como sabe me vigia constantemente. Estive pensando nisso, e ao final me ocorreu. Se tiver que seduzir a meu marido para que retorne a minha cama, tenho que empreender uma ação drástica. Compreendo que se supõe que não deveria saber destas coisas, mas resulta que sim, e conforme me disseram há bordéis muito elegantes em Constantinopla. Decidi contratar a uma cortesã para que me ensinasse às artes eróticas que poderiam tentar a Leão a cumprir com

seu dever como marido.

—Tem feito o que? —perguntou Basilico, atônito pela revelação de sua irmã.

A boa esposa bizantina não devia conhecer essas coisas. Não sabia se consternava ou ria.

—Contratei a uma cortesã para que me ensinasse a ser mais sensual. —repetiu Verina. —Flavia me ajudou. Às vezes visita um lugar chamado Vila Máxima. Ali oferecem diversões maravilhosas e fantásticos jovens que se alugam como amantes. Sabia, Basilico? —E enquanto ele a olhava boquiaberto, ela mesma se respondeu: —Claro que conhece Vila Máxima, querido irmão. Em ocasiões é um de seus distinguidos paroquianos. Uma dessas ocasiões foi vários meses atrás, quando visitou esse lugar em companhia de nosso general. Representavam uma peça, peculiar e da mais lasciva, duas vezes à semana, de cuja perversidade toda a cidade falava. Flavia diz que era fantástica! Oxalá eu tivesse podido vê-la, mas como podia assistir a um lugar assim, embora fosse disfarçada? Seguro que alguém me teria reconhecido. --Ele assentiu.

—Teria sido imprudente, é certo, Verina.

Sorriu e retomou o fio de sua história.

—A cortesã que me enviaram é uma criatura adorável chamada Casia. Ela é quem me disse que Aspar comprou aos proprietários do bordel ao membro feminino desse depravado espetáculo. Uma jovem viúva, patrícia, de antepassados romanos, procedente da Britania? Seriamente, Basilico?

—Ela é exatamente como descrevi, Verina. Não me pareceu necessário te revelar os desventurados meses que viveu como escrava, estado ao que chegou não por sua culpa. Aspar a liberou imediatamente depois de comprá-la. Reconheceu seu sangue patrício e se compadeceu dela. E agora está apaixonado pela Cailin.

—Não posso acreditar que me tenha mentido, irmão. —disse a imperatriz pondo má cara.

—Não te menti. —replicou o príncipe com irritação.

—Não me contou tudo o que sabe. Não posso perdoar isso.

—Não contei isso porque não queria envergonhar Cailin. Aspar não me haveria dito, mas a reconheci. É um episódio que os dois quereriam esquecer. Quão único desejam é viver em paz em Vila Mare. —ficou sério. —Leão nunca estará tão a salvo como para que não necessite a Aspar, irmãzinha. Se o ofender, sabe Deus o que poderia acontecer a ti e a sua família. O Império agora desfruta de uma relativa estabilidade, mas nunca se sabe quando poderia estalar a rebelião e o descontentamento entre as massas. Direi a Aspar que conhece seu segredo e como se inteirou. Manterá o segredo e assim o general estará em dívida contigo, Verina. Isso te beneficiará mais que qualquer satisfação momentânea que pudesse obter revelando tudo isto a Flavia Estrabo.

A imperatriz considerou as palavras de seu irmão e logo assentiu.

—Sim, tem razão. A boa vontade de Aspar é mais importante para nós que sua puta esposa. Agora tem um novo amante, sabia? E desta vez o escolheu entre os de nossa classe.

—Ela disse isso? Quem é, Verina?

—Justino Gabras. Descende da grande família patrícia da Trebisonda. Tem vinte e cinco anos e dizem que é muito bonito.

—O que está fazendo em Constantinopla, e o que tem feito Flavia para lhe seduzir? —

perguntou-se Basilico em voz alta, mas ao ver o brilho nos olhos de sua irmã soube que contaria tudo.

—Diz-se —começou Verina— que Justino Gabras tem um gênio muito vivo. Matou a várias pessoas que considerou que o tinham ofendido. Sua última vítima, entretanto, era primo do bispo da Trebisonda. Conforme me contaram foi necessário retirar da cena ao assassino o antes possível. Dizem que a família Gabras se viu obrigada a pagar a do bispo uma boa compensação pela vida de seu parente. Justino Gabras foi expulso da Trebisonda por um período de cinco anos. Em Constantinopla sua crueldade já é conhecida. Comprou uma enorme mansão que dá ao Corno Dourado e um imóvel no campo. Dizem que suas festas e diversões rivalizam com as dos melhores bordéis da cidade. Surpreende-te que Flavia o tenha conhecido?

—Surpreende-me que a Igreja não interfira. —disse o príncipe.

—Graças a sua generosidade para o favorito do patriarca, a Igreja faz a vista grossa. —declarou a imperatriz.

—Se Justino Gabras for tudo o que diz que é, acredito que Flavia desta vez se apaixonou. —observou Basilico.

—Se for assim, poderia resolver muitos problemas. A família Estrabo já não teria que preocupar-se com a conduta da Flavia, nem Aspar teria que encarregar-se dela.

—E então poderia casar-se com sua querida Cailin. —disse Basilico com indiferença, observando a reação de sua irmã.

—Casar-se com a garota que conheceu em um bordel? Não, querido irmão, não permitiria. Não tem que voltar a casar-se, não seria apropriado que o primeiro patrício do Império, o maior general do Bizâncio, se casasse com uma moça que trabalhava em um bordel, por muito de sangue azul que tenha. No Império seria o bobo e não podemos permiti-lo. —manifestou Verina.

É obvio, pensou Basilico com tristeza, jamais permitiriam a Aspar que se casasse com a Cailin. Não tinha dito ele mesmo a seu amigo? Mesmo assim, quando tinha ouvido do último amante da Flavia e sua má fama, tinha pensado que possivelmente o Império recompensaria a seu filho favorito com a permissão para casar-se com a mulher a que amava, que o cuidava com devoção e o amava em sua velhice. Basilico se considerava mundano, mas às vezes desejava levar uma vida mais singela.

O outono deu lugar ao inverno. Os ventos sopravam do norte e em Vila Mare, as venezianas do pórtico estavam fechadas, enquanto os braseiros cheios de carvão esquentavam as habitações. Cailin e Aspar levavam uma vida tranquila. Parecia que só necessitavam um ao outro. Não houve mais visita a vila depois da de Basilico aquele dia de outono. Eles preferiam assim.

Aspar passava vários dias a cada semana na cidade, atendendo suas obrigações. Via frequentemente a seu filho maior, Ardiburio, e um dia, no senado, este perguntou abertamente a seu pai:

—Por que fechou nosso palácio?

—Porque prefiro viver no campo. —respondeu Aspar.

—Dizem que tem a uma amante jovem contigo.

Um leve sorriso foi aos lábios de Aspar, mas desapareceu em seguida.

—Têm razão. —admitiu a seu filho. —A diferença de sua madrasta, eu prefiro levar meu assunto com discrição. Cailin é uma moça tranquila e prefere o campo à cidade. E eu gosto de agradá-la.

Ardiburio tragou saliva.

—Você gosta dela, papai?

Aspar olhou fixamente a seu filho, perguntando-se aonde queria chegar. Por fim respondeu:

—Sim, e a sua mãe também teria gostado.

—Não ama a Flavia?

—Não, Ardiburio, não a amo. Acreditava que sabia desde o começo. Nosso matrimônio foi por motivos políticos. Necessitava que o patriarca aprovasse a Leão e o consegui levando Flavia do seio de sua família. —explicou Aspar. —O que quer me dizer, filho? Nunca foi homem de muitas palavras. É um soldado, como eu. Fala!

—Deve tirar Patrício do cuidado da Flavia, papai. Não deveria seguir em sua casa mais tempo.

—Por quê?

—Tem um amante perverso, papai. Um homem rico e de uma grande família. Sei de boa fonte que corrompeu a meninos de só oito anos. Patrício tem quase dez e cada dia é mais bonito. É um menino encantador, como sabe, e sempre está disposto a agradar. O amante de sua esposa ainda não o violou, mas ultimamente mostrou um interesse que não é são. Minha fonte é de absoluta confiança, papai. Terá que proteger a meu irmão pequeno.

—Então devem leva-lo você e Zoé. —disse Aspar. —Sofia não está acostumada aos meninos pequenos e não tem nenhum respeito. Patrício te adora, Ardiburio, e sua esposa sabe bem como tratar aos pirralhos peraltas. Direi a Flavia que Patrício necessita a companhia de outros meninos e que decidi entregá-lo a ti e Zoé. Se o disser assim não parecerá uma crítica. Suponho que sua nova distração a manterá ocupada, assim não se ofenderá. Já sabe que não posso levar a Patrício a Vila Mare. Cailin adoraria, pois tem qualidades para ser mãe, mas isso causaria a reação que precisamente quero evitar: um escândalo. Compreende-o, meu filho?

—Sim, papai. Levará Patrício hoje mesmo? Tem que fazê-lo o antes possível. Já discuti com minha família a possibilidade de que viesse conosco. Seu neto David está encantado com a ideia de ter a seu tio em casa. Como é o maior e tem duas irmãs pequenas, e o menino ainda é um bebê, é penoso para ele.

—O mima muito —grunhiu Aspar, —mas apesar disso parece um bom moço. Agora tem sete anos, não? Ele e Patrício se levarão bem. —Suspirou. —Embora deteste ter que ver Flavia, irei agora mesmo procurar Patrício. Vá para a casa, Ardiburio, e diga a Zoé que ao cair a noite irei levar o menino.

O general abandonou o senado e, depois de montar seu cavalo, cavalgou sem escolta pelas ruas da cidade até o lar de sua esposa. Não necessitava que nenhum guarda para protegê-lo, e muitos transeuntes, ao reconhecê-lo, o saudavam e desejavam seu bem. O porteiro da mansão da Flavia o saudou com agrado, e o servente, depois de apressar-se a lhe dar a bem-vinda, enviou um

escravo a sua proprietária para anunciar a chegada de seu marido.

Flavia Estrabo era uma mulher formosa. Miúda e delicada, possuía um esplêndido cabelo loiro e olhos verde mar. Estava se divertindo com seu amante quando chegou a notícia da inesperada visita de seu marido.

—Maldição! —exclamou com irritação. —Que estranho que Aspar venha sem me avisar. Meu Deus! E se tiver ouvido algo de nós? Ameaçou me colocar na Santa Bárbara se provocava algum escândalo, e minha família o apoiará se o faz!

Justino Gabras sorriu preguiçosamente do divã onde estava reclinado. Um cacho negro caía diretamente no centro da testa. Era um homem alto e esbelto, e seus olhos escuros pareciam não conhecer o medo.

—Lamentaria te perder, Flavia. —observou com voz lenta.

—Deve ir agora mesmo! —disse ela assustada enquanto o silencioso escravo esperava suas ordens para transmitir ao servente.

Justino alargou o braço e fez cair a Flavia sobre seu colo, baixou o decote da túnica tudo o que pôde e começou a sovar um seio.

—Diga a seu marido que entre, Flavia. Tenho vontade de conhecê-lo. Sua fama como general do Império o precede. Não acredito que jamais tenha conhecido a um homem verdadeiramente valente, mas dizem que Aspar o é.

Ela lutou para livrar-se.

—Está louco? —disse afogando um grito enquanto baixava a cabeça e ele começava a chupar um mamilo.

Como resposta, Justino Gabras deu uma dentada no seio da Flavia, quem deixou escapar um leve grito. Olharam-se nos olhos e Flavia disse fracamente ao escravo:

—Que meu marido se reúna conosco no terraço, Marco.

Logo afogou outro grito quando seu amante deslizou uma mão por debaixo da túnica, acariciou sua perna e começou a tocar sua pequena jóia. Ela gemia com nervosismo, sabendo que não pararia até que lhe desse completa satisfação, e não se importaria que Aspar entrasse e os encontrasse em uma postura comprometedora. Justino Gabras era o homem mais perverso que Flavia tinha conhecido, e embora às vezes a assustava, não podia resistir a ele.

—Aaaahhhh...! —gemeu enquanto ele a excitava.

Ele pôs-se a rir, soltou-a e observou como rapidamente arrumava a roupa e tratava de recuperar a compostura.

—Provavelmente estava já na escada quando te obriguei a me obedecer. —zombou ele. —Pensa que estava se aproximando enquanto eu jogava contigo, carinho?

—É perverso —espetou ela, agora zangada por havê-la assustado tanto. —você adora o perigo, mas também me colocaste nisso.

—E te encantou, Flavia —ele zombou. —É a mulher perfeita para mim. Tem educação e é uma puta muito hábil. Quando seu marido parta, te farei outra pequena surpresa, querida. Excita-se ao pensar nisso?

Entretanto, antes que pudesse responder, Aspar apareceu na terraço. Flavia se levantou

para saudá-lo.

—Meu senhor, por que não me avisou que viria? Patrício estará encantado de vê-lo. Ultimamente vai muito bem em seus estudos, conforme dizem os tutores.

—Desculpem por interrompê-los.—disse Aspar com um leve tom de recriminação na voz.

Ela replicou imediatamente.

—Este é Justino Gabras, um cavalheiro da Trebisonda. Agora se está instalando na cidade. O patriarca me pediu que o ajude em um projeto para socorrer aos pobres. Estávamos falando disso quando chegou. Quer se unir a nós?

Um leve sorriso divertido apareceu nos lábios de Aspar, mas rapidamente desapareceu.

—Vim procurar Patrício —disse. —decidi enviá-lo para viver com Ardiburio e Zoé. Foi uma boa mãe para ele, Flavia, mas por sua idade necessita a companhia de outros meninos. Meu neto David só é um pouco mais jovem que Patrício e também se beneficiará de sua companhia. Como meu filho maior e minha nora seguem a fé ortodoxa, Patrício, é obvio, seguirá essa instrução. Quer mandar buscá-lo?

Flavia estava atônita e sentia curiosidade ante aquela repentina decisão, mas fez um gesto de assentimento. Chamou um criado e deu instruções para que procurasse o moço.

—Poderei ver Patrício de vez em quando, meu senhor? —perguntou a seu marido. —Me afeiçoei com ele.

—É obvio. —respondeu ele sorrindo. —Será sempre bem recebida na casa de meu filho maior para visitar Patrício. Também ele se afeiçoou contigo, sei.

Justino Gabras estava fascinado. Nunca tinha visto duas pessoas que encaixassem pior uma com outra. Também ele lamentaria ver partir ao menino. Até pouco tempo não tinha começado a pensar em quão apetitoso seria. Como Patrício possuía um aspecto doce e sempre desejava agradar, seduzi-lo teria sido singelo. E depois o teria ensinado a agradar a sua lasciva madrasta. Má sorte, pensou, uma oportunidade perdida, mas já surgiria outra.

O general e sua esposa ficaram calados, pois pouco tinham que dizer. Aspar parecia um tipo aborrecido, pensou Justino Gabras. Brilhante no campo de batalha, mas aborrecido no dormitório. Flavia lhe ofereceu vinho, e logo por fim chegou o menino.

—Papai! —O filho menor de Aspar entrou correndo no terraço e seu se rosto iluminou. —Que surpresa, papai!

Aspar estreitou ao menino entre seus braços e logo deu um passo atrás e disse:

—Esta crescendo, moço! E Flavia diz que seus tutores deram bons informe de seus estudos. Sinto-me orgulhoso de ti e vim para te dar uma surpresa. Irá viver com seu irmão e sua esposa. Seu primo David está ansioso para que chegue.

—OH, papai! Que maravilhosa notícia! —exclamou Patrício. —Quando vou? —de repente baixou o rosto e, voltando-se para a Flavia, disse quase com tom de desculpa: —Sentirei sua falta, senhora. Foi boa comigo.

Flavia sorriu sem afeto.

—Acredito que seu papai tomou uma sábia decisão, Patrício. Tem que estar com outros meninos, e em minha casa não há nenhum.

—Te agradaria que fôssemos agora? —perguntou Aspar a seu filho. O moço assentiu vigorosamente e Aspar disse a sua esposa. —Ordena que a velha Marie prepare as coisas de meu filho. Pode enviá-la e aos tutores a casa de Ardiburio amanhã. Agora nos despediremos para que volte para seus assuntos com este cavalheiro.

Saudou a Flavia com uma leve inclinação da cabeça e depois a Justino. Agarrou Patrício pela mão e saiu da terraço.

Quando se acharam fora do alcance do ouvido, Patrício disse a seu papai:

—Me alegro de ir a casa de meu irmão, papai. Flavia recebe a muitos cavalheiros e este último me assusta. Sempre me estava olhando.

—Mas não te tocou, nem fez nada contigo, verdade, meu filho?

—OH, não, papai! —assegurou o moço. —Nunca deixei que se aproximasse tanto de mim. Marie diz que é um homem muito mau.

—Atende os conselhos de sua velha babá, Patrício. Ela te quer de verdade. Sua mamãe a escolheu especialmente para que cuidasse de ti.

No terraço, Flavia observou partir seu marido e a seu enteado através da persiana do muro baixo. Justino Gabras, de pé e com as mãos em seus quadris a fodia ritmicamente por trás enquanto ela se achava inclinada sobre o parapeito.

—Foi tão repentino... —ofegou ela. —É típico... aaah... de Aspar me fazer... uma visita surpresa com um final surpreendente.

Seu amante a penetrou até o fundo e se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido:

—Acredita que já não é adequada para cuidar do menino, querida. Sim, dissimulou sua intenção com palavras doces, mas para mim foi evidente o que realmente pensava. Pergunto-me que falatórios correrão, pois seguro que isso avivará o fogo.

De repente ela notou que se aproximava do orgasmo e gemeu com avidez, jogando os quadris para trás.

—Irei... a ver... à imperatriz! —disse entre ofegos. —Oooh...!

Justino Gabras desfrutou do grito surpreso que ela deixou escapar quando ele saiu de seu templo de Vênus e se meteu em seu templo de Sodoma. Justino a sujeitava com firmeza, dominando a débil resistência da Flavia, e se inclinou para dar uma pequena dentada no pescoço.

—Será o bobo de Constantinopla, céu. Todo mundo te tem por uma puta, mas agora a terão por uma má mãe também. Alguma vez se perguntou por que suas filhas não te visitam, Flavia? A família de seu marido não permite que se relacionem contigo, conforme me disseram... Aaahh...

Sua luxúria estalou no dolorido corpo dela e, por fim, com um gemido de satisfação, retirou-se.

Flavia prorrompeu em pranto.

—Por que me conta estas mentiras? —perguntou.

—Porque tem um talento delicioso para a perversão que encaixa com o meu, céu. Logo que arranhou a superfície de sua perversidade, mas sob minha tutela te converterá em uma professora do mal. Não chore. É muito velha para fazê-lo em público, e te retorce a cara. Não minto, Flavia, quando digo que é a mulher perfeita para mim. Quero me casar contigo. Tem relações familiares

poderosas e eu tenho que ficar em Constantinopla, por isso quero uma esposa como você, querida. Uma garota jovem me aborreceria. Se queixaria e lamentaria meus gostos. Você, pelo contrário, não o fará, verdade?

—Me deixaria ter amantes? —perguntou ela.

—Claro que sim —respondeu ele, rindo, —porque eu também o farei. —Agarrou sua mão e se tombaram no divã. —Pense Flavia! Pensa em tudo o que poderíamos compartilhar, e sem recriminações de nenhuma classe. Inclusive poderíamos compartilhar amantes. Sabe que eu gosto das mulheres e dos homens como você. Vamos esta noite a Vila Máxima e escolhemos um amante para os dois? O que me diz de um desses maravilhosos nortistas mudos dos que Joviano tanto alardeia? Ou possivelmente prefere a Casia? O que responde?

—Me deixe pensar. —disse ela. —OH, oxalá aquela garota que Joviano apresentou na primeira de suas obras ainda estivesse ali. Era tão formosa, mas desapareceu em seguida. Você não viu a representação, porque ainda não estava em Constantinopla, mas essa garota tinha aos três nortistas dentro de seu corpo ao mesmo tempo. Joviano nunca permitiu que ninguém desfrutasse dela, e logo depois desapareceu. Nunca explicou o que aconteceu. Possivelmente se suicidou. Não parecia uma prostituta.

—Então agarremos aos três nortistas, Flavia. Você fará o papel da garota para mim e também compartilharemos a Casia. —disse, beijando-a. —Celebraremos assim nosso compromisso.

Flavia se incorporou.

—Minha família jamais permitiria que me divorciasse de Aspar e me casasse contigo. —disse. —Valorizam muito a influência de Aspar. Embora o obrigaram a casar-se comigo para que apoiassem a Leão, obtiveram muitas coisas por meio de sua influência, Justino. Não renunciarão facilmente.

—Não pergunte nada a sua família e peça o divórcio a seu marido. Suspeito que ele quer pedir isso e levar ao menino é o primeiro passo para desfazer-se de você. Uma vez mais Aspar te arrastará ao ridículo. Golpeia primeiro, céu! Duvido que se importe com algo enquanto possa livrar-se de você.

—E se me negar isso? —perguntou. —Nunca se sabe com Aspar.

—Então vai a sua família. —respondeu Justino. —Seu marido não é um deus, Flavia. Seguro que tem alguma debilidade que pode aproveitar. Não se inteirou de nada durante o tempo em que esteve casada com ele?

—Em realidade o conheço muito pouco. Nunca vivemos juntos, e muito menos dormimos. É um enigma para mim.

—Então deve espiar para inteirar-se do que precisamos saber, porque tenho que tê-la ou não te terá ninguém.

Deu-lhe um apaixonado beijo.

Depois de uma noite de depravação particularmente selvagem, Flavia despertou com a cabeça limpa e decidida.

—Envia um mensageiro ao palácio de meu marido —indicou ao servente— e diga que desejo visitá-lo esta manhã. Chegarei antes de meio-dia.

—O general não está em seu palácio, minha senhora. —informou o servente. —Fechou-o faz uns meses e agora vive em Vila Mare. Envio o mensageiro ao campo para informá-lo que irá, minha senhora? A vila só está a oito quilômetros das portas da cidade.

—Não. Não se incomode. Irei sem avisar. Quando o mensageiro tenha ido e voltado, já posso estar ali eu mesma. Faz que preparem minha leiteira.

Despediu-se do mordomo e chamou suas donzelas.

Como queria causar boa impressão, Flavia escolheu a roupa com cuidado. Sua estola era de cor verde azulada e fazia jogo com seus olhos. Estava bordada com fio de ouro e a malha era muito rica. As mangas eram largas e ajustadas e o objeto se grampeava na cintura com um largo cinturão dourado. Suas sapatilhas douradas estavam belamente adornadas com joias e o cabelo era uma massa de tranças douradas, recolhidas no alto e decoradas também com joias. Uma capa a jogo forrada de pele completava seu traje. Flavia se olhou com atenção no espelho de prata polida. Sorriu satisfeita. Aspar ficaria impressionado.

Seus portadores se apressaram pelo Mese e cruzaram a porta Dourada. Era um dia agradável e Flavia olhava por uma abertura nas cortinas a paisagem rural. De vez em quando via camponeses podando árvores nos pomares que ocasionalmente bordeavam o caminho. Era uma cena relaxante e quase bucólica, pensou Flavia, e um pouco aborrecida. Por que Aspar vivia no campo? A leiteira cruzou as portas de Vila Mare e entrou no pátio, onde se deteve. O veículo foi depositado no chão. Alguém estendeu uma mão para ajudá-la a sair.

—Quem é? —perguntou Flavia ao ancião.

—Sou Zeno, o servente do general Aspar.

—Eu sou Flavia, a esposa do general. Diga-lhe que cheguei. —ordenou ela com ar majestoso. —Me mostre o caminho do átrio, Zeno, e me traga um pouco de vinho.

Zeno estava horrorizado.

—Se a senhora me seguir. —disse com calma.

Era uma pequena vila encantadora, pensou Flavia, possivelmente um pouco rústica para seu gosto. Nunca tinha estado ali. Entretanto, não entendia por que Aspar a preferia a seu palácio na cidade. Acomodou-se em um banco de mármore a esperar seu vinho e que aparecesse seu marido.

Aspar chegou antes do vinho. Sua saudação foi menos que cordial.

—O que faz aqui, Flavia? O que te trouxe para o campo em uma manhã de inverno?

Parecia incômodo e ela se perguntou por que. Então lhe ocorreu que seu marido tinha uma amante. Vivia com ela e não queria que ninguém soubesse. Vá, a velha raposa! Flavia esteve a ponto de rir.

—Vim por um assunto de importância. —começou ocultando como se divertia com a situação.

—Ah, sim?

—Quero o divórcio, Aspar.

Não era momento de mostrar-se delicada. Não se importava que tivesse uma amante ou uma centena escondida no campo. Ela tinha casado duas vezes para agradar sua família. Agora queria casar-se porque o desejava.

—Quer o divórcio? —perguntou ele com tom incrédulo.

—OH, Aspar. —exclamou ela com candura, falando depressa. —Nosso matrimônio foi de conveniência. Você conseguiu o que queria: o apoio do patriarca e da família Estrabo em favor de Leão. Eu obtive o que acreditava que queria: ser a esposa de um homem poderoso de Bizâncio. Mas o nosso não foi um autêntico matrimônio. Nos detestamos, assim que nos conhecemos! Nunca passamos uma noite juntos, nem sequer no dia de nossas bodas, nem na mesma cama nem sob o mesmo teto. Você em realidade não me quer. Inclusive levou Patrício de meu cuidado. Bom, já não sou uma menina, e pela primeira vez em minha vida estou apaixonada. Quero me casar com Justino Gabras e ele quer casar-se comigo. Me dê o divórcio e em troca eu serei seus olhos e ouvidos na corte. Verina tem grandes ambições para ela e para Leão. Se desfaria de você se acreditasse que pode fazê-lo, e algum dia talvez pense. Se eu estiver ali por você, não terá que fazer frente a nenhuma surpresa desagradável por essa parte. É uma oferta justa!

Aspar estava atônito. Se os dois queriam o divórcio, o patriarca não poderia opor-se e os Estrabo não poderiam ofender-se.

—Sim —disse, —é uma oferta justa, Flavia. Por que não me falou disso ontem, quando fui procurar Patrício?

—Justino me perguntou o mesmo —mentiu Flavia, —mas, como disse a ele, a partida de Patrício me afetou tanto que não podia pensar com claridade. Entretanto, prometi que viria vê-lo hoje mesmo e arrumaria o assunto.

—Aqui está o vinho, meu senhor. —anunciou Zeno, e deixou as taças e a garrafa em uma pequena mesa.

—Não é necessário que nos sirva, —indicou Aspar, —farei eu mesmo. Volta para suas obrigações. —acrescentou com tom significativo, esperando que Zeno compreendesse.

—Em seguida, meu senhor —respondeu com ênfase o servente, mas naquele momento se produziu o desastre, pois Cailin entrou no átrio.

—Disseram que temos convidados, meu senhor. —disse.

Flavia Estrabo ficou boquiaberta. Olhou fixamente à moça e conseguiu exclamar:

—Você! É você! —Cailin pareceu confundida. —Senhora, a conheço?

—Você é a garota de Vila Máxima! Não te incomode em negá-lo! Te reconheci! —chiou Flavia, e em seguida pôs-se a rir. —OH, Aspar —exclamou, —Foi fiel a Ana e depois esperou anos quando a maioria de homens tomam uma amante em seguida. Agora, no ocaso de sua vida escolhe a uma e resulta que é a prostituta mais conhecida de toda Bizâncio. Dará-me o divórcio e não falaremos mais do assunto. Se não, contarei ao mundo de sua prostituta e será o bobo do Império. Sua utilidade terá terminado, e seu poder. Estará indefeso! Logo que posso acreditar em minha boa fortuna! A garota de Vila Máxima!

—Quem é esta mulher tão grosseira, meu senhor? —perguntou Cailin com frieza.

—Grosseira eu? Eu? —Flavia a olhou com fúria Deus, era tão jovem!

—Apresento a minha esposa, Flavia Estrabo —disse Aspar com formalidade. Que má sorte que Cailin tivesse entrado no átrio antes que Zeno a tivesse prevenido. Bom, já não havia remédio. Teria que tentar remediá-lo. Olhou a Flavia. —Não sabia que frequentava Vila Máxima.

—Vou em algumas ocasiões. —respondeu ela com cautela. —A peça do Joviano foi a sensação do verão passado na cidade. Mas não parece uma puta, Aspar.

—Não sou. —replicou Cailin com aspereza. —Meu sangue é mais nobre que o seu, senhora. Sou uma Druso da grande família romana.

—Roma está acabada. Faz tempo que o está, e desde que Atila a saqueou faz vários anos fica pouco de importância, nem sequer suas famílias. Agora o centro do mundo está aqui. —Flavia sorriu com malícia.

—Não se gabe tanto, senhora. —espetou Cailin. —Este centro do mundo do que tanto alardeiam está tão podre como um ovo deixado ao sol. Na Britania não degradamos a nossas mulheres ante um público de depravados luxuriosos. Deveria se envergonhar de admitir que viu o que viu; mas do que me surpreendo? Inclusive seus sacerdotes assistem aos espetáculos do Joviano. A beleza externa de sua cidade não compensa a escuridão de seus corações e almas. Dão-me pena.

—Permitirá que esta escrava me fale assim? —exigiu Flavia, furiosa. —Ainda sou sua esposa e mereço respeito!

—Cailin não é nenhuma escrava. —respondeu Aspar com calma. —Libertei-a faz meses. Agora está nas mesmas condições que você, e pode te falar como quiser. —Agarrou a mão de Cailin e prosseguiu. —Darei o divórcio, Flavia. Iremos ver o patriarca e comunicaremos nossos desejos. Não quero discutir contigo e nunca o tenho feito. Se tiver encontrado a felicidade, como eu a encontrei, te desejo o melhor e farei tudo o que possa para assegurar sua boa fortuna.

A ira da Flavia se apaziguou.

—É muito generoso, meu senhor.

—Mas imponho uma condição. —declarou ele: —Não murmurará sobre o passado de Cailin. Deve me jurar que guardará o segredo ou não aceitarei. O divórcio favorece mais a você, querida esposa, que a mim. E seguirá sendo meus olhos e ouvidos na corte da Verina. Estas são minhas condições. Jura-o?

—Por que me favorece mais que a você?

—Você deseja se casar com o Justino Gabras, não? Pois não pode fazê-lo se não estiver divorciada de mim. Em troca, nunca me permitirão casar com Cailin devido a seu incomum começo em Constantinopla. O fato de que a conserve como amante não é um crime, e tampouco se considera estranho em um homem de minha posição. Tanto se for minha esposa como se não, Cailin seguirá sendo minha amante; mas você, para se casar com seu amante, tem que se libertar de mim. Assim que você tem mais a ganhar se eu aceitar o divórcio. Não crê que tenho razão? —Sorriu com ar amistoso, inclinando a cabeça. —Bem, o que me responde, querida?

Ela assentiu.

—Como sempre, tem razão. Devo dizer que sempre encontrei esta sua característica muito irritante. Muito bem, juro pelo corpo de nosso Senhor crucificado que não murmurarei nem falarei

mal de sua pequena amante bárbara e pagã. Poucas vezes dou minha palavra, já sabe. Também sabe que pode confiar nessa palavra.

—Confio nela, Flavia. Agora me diga quando quer que vamos ver seu primo o patriarca. Estou a sua disposição.

—Vamos hoje mesmo! —exclamou ela. —Visitaremos ele sem avisar. Se o agarrarmos despreparado, é mais provável que colabore do que se reúne seu concílio de bispos para comentar o assunto. Possuo o argumento necessário para persuadi-lo, Aspar.

—Vá antes de mim. —indicou ele. —Te alcançarei antes que chegue às portas da cidade. Agora te acompanharei até sua leiteira, Flavia. Cailin, fique aqui.

—Encantada. —disse ela com frieza.

Aspar foi com sua esposa até a leiteira que aguardava.

—Que pena que não possa se casar com ela. —disse Flavia com perversidade. —Te quer como te queria Ana, e é evidente que será uma boa esposa, mas tem caráter, como eu. É a companheira perfeita, Aspar, mas não pode tê-la. Não me parece justo depois de todos os serviços que prestou ao Império. —zombou.

Ele sorriu, impermeável a seus cruéis comentários, preocupado por Cailin pois sabia que estaria furiosa com ele por não ter dito que já era uma mulher livre.

—Será como Deus queira, querida. —observou com calma, chateando o regozijo da Flavia enquanto a ajudava a subir à luxuosa leiteira. —Me reunirei contigo o rápido possível. —Fechou as cortinas do veículo e indicou aos portadores: —A levem ao palácio do patriarca.

Logo retornou ao átrio de sua vila.

Cailin passeava em torno do lago. Girou quando o ouviu entrar e exclamou:

—Como pode me ocultar semelhante noticia, meu senhor? Ou foi uma mentira simplesmente para incomodar a essa horrível mulher?

—É certo. —disse ele. —É uma mulher livre desde dia em que te prometi isso. Não podia te contar toda a verdade, Cailin. Não sou jovem, mas te amo. Temia que se dizia que era livre me abandonasse; e tentasse retornar a Britania e terminasse em uma situação pior que quando te resgatei.

Por um momento a compaixão apareceu nos olhos do Cailin, mas logo desapareceu.

—OH, Aspar, não sabe que eu também te amo? Até que me encontrou, inclusive algum tempo depois, sonhava retornando a Britania para me vingar da Antonia Porcio. Mas que bem me faria isso? A vingança devolveria minha família? Meu marido? Meu filho? Não acredito que a vingança da Antonia lhe devolveu Quinto. Wulf Punho de Ferro terá encontrado outra esposa, possivelmente inclusive já têm um filho. Administra as terras que pertenceram a minha família. Minha volta causaria desdita a todos. Britania entrou em uma nova era e eu não estou destinada a formar parte dela. Isto é o que meu destino me proporcionou e aqui permanecerei, a seu lado e em seu coração enquanto queira me ter, Aspar. —surpreendeu-se de suas próprias palavras, mas se deu conta de que era hora de deixar de lado seus sonhos e confrontar a realidade. Era muito improvável que algum dia retornasse a Britania.

—Não permitirão que nos casemos. —disse ele com tristeza.

—Quem? Seus sacerdotes cristãos? Eu não sou cristã, Aspar. Sou... como me chamou sua esposa? Pagã? Bem, sou pagã. Recorda as antigas palavras do matrimônio romano? Possivelmente você não, mas se te divorcia da Flavia eu ensinarei isso de modo que nós possamos dizer isso um ao outro. Então, digam o que digam outros, estaremos unidos para toda a eternidade, meu senhor — prometeu. Rodeou com os braços e se apertou a ele com força, beijando-o com toda a paixão que sua jovem alma pôde reunir. Logo levantou o olhar e disse: —Jamais voltará a me ocultar nada nem a me contar meias verdades, meu amado senhor, ou me zangarei muitíssimo. Não conhece ainda meu mau gênio, e não te aconselho conhecê-lo.

Essas palavras o deixaram atônito e a felicidade que o alagou só se permitiu perguntar:

—Ama-me? Ama-me! —Agarrou-a no colo e deu um par de voltas. —Cailin me ama!

—Me solte! —exclamou ela rindo. —Os criados acreditarão que perdeu o julgamento, meu senhor.

—Só o coração, meu amor, e isso o guardará a salvo para mim, sei!

Deixou-a no chão com suavidade.

—Vai agora a Constantinopla, meu senhor, e convence a quem é necessário de que tem que te desfazer dessa horrível mulher com quem se casou por conveniência. Eu esperarei ansiosa sua volta.

—Legalizarei a todos os filhos que me dê. —prometeu ele.

—Sei que o fará. Agora vai!

Nem sequer teve que dar ordens. Zeno informou a seu amo de que tinha o cavalo selado esperando no pátio. Aspar riu em voz alta. Era uma conspiração de felicidade, pensou. Sua servidão adorava Cailin e faria o que fora necessário para assegurar a felicidade de ambos. Cavalgou para a cidade e em pouco tempo alcançou a leiteira da Flavia. Viajaram juntos o resto do caminho até o palácio do patriarca, no que foram admitidos imediatamente e anunciados ao líder religioso de Constantinopla.

O patriarca olhou com cenho franzido ao casal.

—A que devo o prazer de vê-los juntos? —perguntou com um murmúrio nervoso.

—Queremos o divórcio. —anunciou Flavia sem rodeios. —Aspar e eu estamos de acordo. Não pode se negar. Não vivemos juntos e nunca o faremos, meu senhor. Não jazemos juntos nem uma vez e com frequência traí a meu marido com homens de baixa estirpe. —terminou.

—Com frequência? —perguntou Aspar elevando uma sobrancelha em gesto de perplexidade.

—Poucas vezes se inteirava. —disse ela, e se pôs-se a rir com descaramento. —Não todos terminaram tão escandalosamente como o episódio do gladiador e o ator, meu senhor.

O patriarca empalideceu.

—Conhecia esse desafortunado incidente? —perguntou a Aspar.

—Conhecia-o. —respondeu o general. —Minhas fontes estão melhor informadas que as suas, meu senhor patriarca. Preferi não fazer caso disso.

—Devido a sua pequena amante? —espetou o patriarca, fazendo ondear sua túnica negra enquanto passeava pela estadia com nervosismo. —Jamais poderá se casar com ela. Seu prestígio

é muito valioso para Bizâncio, Flavio Aspar. Se tolera sua conduta porque é discreto, mas só por esse motivo. Voltem para casa, os dois.

—Casei-me duas vezes pelo bem de minha família. —disse Flavia. —Sentia-me feliz como viúva quando meu marido Constâncio morreu, mas os Estrabo me fizeram esposa deste homem. Bom, fiz por eles e por você. Agora quero ser feliz com um homem ao que eu escolhi. —Seus olhos azuis olharam ao patriarca reluzentes de fúria. —Primo, desejo me casar com o Justino Gabras e ele deseja casar-se comigo. É o primeiro amante de minha categoria. A família Gabras, como bem sabem, é a primeira família da Trebisonda. Agora têm ao imperador no bolso, e Aspar é o cidadão mais leal desta terra. Não têm nada que temer deles. Eu seria mais útil como esposa do Justino Gabras, e com isso conseguiriam um importante vínculo em Trebisonda. Se negarem, causaremos tal escândalo que nem você nem o imperador sobreviverão a isso. Falo a sério, primo, e sabe que sou capaz de destruí-lo. —terminou Flavia com ar ameaçador.

—Te satisfaz permitir esse matrimônio? —perguntou fracamente o patriarca a Aspar, mas sabia que esta considerava a situação um puro golpe de sorte.

—Não discutirei com a Flavia. —respondeu com calma. —Se este matrimônio pode fazê-la feliz, por que negar-lhe meu senhor? Com que fim? Tem razão em relação à família Gabras e, suspeito, eles estariam ainda mais agradecidos a Flavia. Seu amante nunca esteve casado e fazê-lo poderia contribuir a que assentasse sua personalidade, mas bem errática. Isto sem dúvida seria positivo para os Estrabo e para você. —encolheu-se de ombros. —Quanto a minha situação, seguirei sendo discreto. Pouco pode dizer-se de um homem não casado que tem uma amante e é fiel, meu senhor. É uma pequena recompensa que peço por todos meus serviços ao Império.

—Ela tem que batizar-se. —destacou o patriarca. —Podemos tolerar a uma amante cristã, Flavio Aspar, mas jamais a uma pagã. Eu mesmo escolherei a um sacerdote para que receba instrução, e quando ele me indique que ela está preparada para receber o sacramento, eu pessoalmente a batizarei na verdadeira fé ortodoxa de Bizâncio. Aceita minha decisão?

—Sim. —respondeu Aspar, perguntando-se como explicaria a Cailin. Parecerá irracional, mas ao final o fará para agradar a ele, porque era a única maneira em que sua relação seria tolerada.

O patriarca se voltou para a Flavia.

—Terá seu divórcio, prima, e antes que a família Estrabo saiba sequer. Não tenho intenção de discutir com eles este assunto. Escolhe uma data para as bodas e eu pessoalmente te casarei com o Justino Gabras. Entretanto, terá que fazê-lo em privado e com um pouco de decoro. Não permitirei que nenhum dos dois faça deste assunto um espetáculo. E depois oferecerá uma festa à família para celebrar esta nova união. Não haverá nenhuma orgia. Entende? Justino Gabras o entenderá?

—Será feito segundo seus desejos, meu senhor patriarca. —aceitou Flavia com docilidade.

O clérigo riu sem vontade.

—Se for assim —disse, —será a primeira vez que realmente me obedece, prima.

CAPÍTULO 11

Em Bizâncio a primavera sempre chegava antes que na Britania, observou Cailin, a quem não desagradava a temprana floração das árvores na horta de Aspar. O general era um bom amo, como todos os camponeses se apressavam a assegurar. Enquanto muitas fazendas vizinhas estavam quase em ruínas devido aos elevados impostos com que o governo imperial sobrecarregava aos camponeses, Aspar pagava os de sua gente para que não tivessem que abandonar seus pequenos terrenos. Infelizmente, os impostos não podiam pagar-se em espécies. Tinham que ser satisfeitos em ouro; entretanto, o preço de todos os produtos e animais da granja era regulado estritamente pelo governo, o que para os homens livres resultava quase impossível cumprir com suas obrigações impositivas. O governo mantinha estes preços artificialmente baixos para satisfazer ao povo. Muitos pequenos camponeses vinculados com outras fazendas virtualmente se venderam a seus senhores para poder sobreviver.

—Se não houver camponeses —disse Cailin a seu amante, —de onde tiraremos a comida? O governo não tem isto em conta? Por que aos mercados impõem tão poucos impostos e aos camponeses tantos?

—Pela mesma razão pela que os navios que entram no Corno de Ouro só pagam dois solidus ao chegar, mas quinze ao partir. O governo quer que tragam para a cidade artigos de luxo e matérias primas, mas não que dela saiam. Por isso os mercados pagam tão poucos impostos. Alguém tem que compensar o déficit. Como os camponeses não têm mais remédio que cultivar a terra, e estão disseminados por todo o país e não podem unir-se e queixar-se, a maior carga de impostos recai sobre eles. —explicou Aspar. —Os governos sempre atuaram assim, pois sempre há alguém disposto a cultivar a terra.

—É totalmente ilógico. —observou Cailin. —Os artigos de luxo são os que deveriam pagar mais impostos, e não quão pobres subministram os produtos para a vida cotidiana. Quem faz estas leis tão absurdas?

—O senado. —respondeu ele, sorrindo ao vê-la tão indignada. —Verá, meu amor, a maior parte dos produtos de luxo é vendido à classe governante e os muito ricos sentem uma grande aversão aos impostos altos. O governo mantém a maioria do povo contente regulando o preço de tudo o que se vende. Os pobres camponeses, que são minoria, podem queixar-se tudo o que queiram, mas suas vozes não serão ouvidas nem no senado nem no palácio. Só quando a maioria ameace com a rebelião escutarão os que estão no poder, e até então não com muita atenção, só o suficiente para salvar suas peles. —terminou Aspar cinicamente.

—Se fazem pagar tantos impostos aos camponeses e estes desaparecem —insistiu Cailin, —quem cultivará os produtos alimentícios? Pensou nisso o governo?

—Os poderosos o farão empregando escravos.

—Por isso você paga os impostos de seus arrendatários, não?

—Os homens livres são mais felizes —disse Aspar— e os homens mais felizes produzem mais que os que não o são ou que os que não são livres.

—Este país é muito formoso —disse Cailin, —e, entretanto existe muita maldade e depravação. Sinto falta de minha terra. A vida na Britania era mais simples, e os limites de nossa sobrevivência estavam definidos mais claramente, embora não possuíamos os luxos de Bizâncio,

meu amado senhor.

—Seus pensamentos são complexos inclusive para um homem sábio. —respondeu ele, agarrando sua mão e beijando o interior do pulso. —Seu coração é grande, Cailin Druso, mas tem que aceitar que só é uma mulher. Pouco pode fazer para remediar os males do mundo, minha amada.

—Entretanto, o padre Miguel me diz que devo perseverar. —respondeu ela habilmente, e ele sorriu ao ver sua tenacidade. —Este seu cristianismo é interessante, Aspar, mas seus adeptos nem sempre fazem o que pregam, meu senhor. Eu gosto de seu Jesus, mas acredito que não gosto da maneira em que alguns de seus ensinos são interpretados pelos que afirmam falar em seu nome. Ensinaram-me que um dos mandamentos diz que não mataremos a nosso próximo, e, entretanto o fazemos. Matamos por razões estúpidas, o qual é pior. Se um homem não se comportar como esperamos, o matamos. Se um homem for de diferente raça ou tribo, o matamos. Isto não é, parece-me, o que Jesus pregava. Aqui, em Bizâncio, há muito mal misturado com a piedade. Entretanto se faz caso omisso desse mau, inclusive por parte da hierarquia mais elevada que rende culto com orgulho na Santa Sofia e depois vão cometer adultério ou enganam a seus sócios. Tudo resulta muito confuso.

—Falou com padre Miguel do que pensa e se preocupa? —perguntou ele, sem saber se a atitude do Cailin devia lhe divertir ou assustar.

—Não. —respondeu. —Seu ardor religioso é muito intenso e está convencido de que seu culto é o correto. Diz que me falta muito para estar preparada para o batismo, o que acredito que é bom. Uma boa mulher cristã, dizem, deve ser ou esposa ou entrar em um convento. Me disseram que não posso ser sua esposa, e não tenho vontade de viver em um monastério. Portanto, uma vez que aceite o rito do batismo, deverei te abandonar ou me condenarei eternamente. Não me oferecem muitas alternativas, meu senhor. —Os olhos violetas do Cailin brilharam divertidos. Deslizou os braços ao redor do pescoço de Aspar e o beijou lentamente. —Vou evitar o batismo todo o tempo que possa, meu senhor.

—Bem! —exclamou ele. —Assim terei oportunidade de vencer essa ridícula ideia de que não podemos nos casar. Flavia teve amantes em toda Bizâncio e permitiram que se casasse com o Justino Gabras, mas a você, meu amor, que em sua inocência foi cruelmente maltratada, te negam o direito a se casar. É uma situação injusta e não a tolerarei.

—Estamos juntos, e isso me basta, Aspar. Não quero nada mais que estar a seu lado eternamente.

—Você gostaria de assistir aos jogos comigo em maio? Cada onze de maio se celebram jogos especiais para comemorar a fundação de Constantinopla. Meu camarote está ao lado do camarote imperial. Alguma vez viu corrida de carros, Cailin? O Hipódromo tem a melhor pista de toda Bizâncio.

—Se o virem em público comigo, não provocará um escândalo? Não acredito que seja prudente, meu senhor.

—Não há nada incomum em que um homem leve a sua amante aos jogos, em particular um solteiro como eu. Casia, a garota que conheceu em Vila Máxima, agora é amante do Basilico. Tem

uma casa na cidade e a visita com regularidade. Pediremos que vá conosco, e também a alguns dos artesãos e atores mais famosos da cidade. Sou célebre por me reunir com essa gente, para desespero da corte, mas francamente me resultam mais interessantes que os que governam e intrigam. —riu entre dentes. —Encheremos o camarote de gente interessante e poucos saberão quem é quem.

—Talvez fosse agradável ver outras pessoas. Quando está fora, cumprindo com suas obrigações oficiais, às vezes me sinto muito sozinha.

Estas palavras sobressaltaram Aspar, pois ela nunca se queixava de sua solidão. Ele nunca tinha pensado que pudesse estar cansada de não ter companhia.

Vários dias mais tarde, Zeno foi enviado à cidade, e quando retornou trouxe consigo a uma jovem moça de olhos grandes e assustados e tranças loiras.

—O amo acreditou que você gostaria de ter a uma jovem donzela como companhia. —declarou Zeno, sorridente. —Aqui todos somos muito velhos, mas você, senhora, é como a primavera e necessita alguém que a distraia. Não fala nenhuma língua que eu compreenda, mas parece agradável e submissa.

Cailin sorriu à moça e perguntou:

—Dê onde é, Zeno? Talvez possa encontrar uma linguagem para nos comunicar. Se não puder falar com ela, as boas intenções do amo não servirão de nada.

—O mercado de escravos disseram que era da Britania. —anunciou Zeno triunfante. —Estou seguro que poderá se comunicar com ela, minha senhora.

—Mas não fala latim. —voltou-se para a jovem: —Como se chama? —perguntou em sua língua celta nativa. Se não falava latim, devia falar celta.

—Nellwyn, senhora. —respondeu a moça.

—É celta?

—Não. Saxã, senhora, mas entendo a língua que falam. Provenho da costa saxã, onde há muitos celtas.

—Como chegou em Bizâncio? —seguiu perguntando Cailin.

—Bizâncio? —Nellwyn pareceu confundida. —O que é Bizâncio, senhora?

—Este lugar, esta terra. Chama-se Bizâncio. A cidade em que estava é sua capital, de nome Constantinopla. —explicou Cailin.

—Os homens do norte saquearam nossa aldeia. —informou Nellwyn. —Mataram a meus pais e irmãos. Minhas irmãs e eu e as outras mulheres que não puderam escapar foram raptadas. Primeiro nos levaram a Gália e depois viajamos por mar até aqui. Muitas morreram pelo caminho. O mar é terrível!

—Sim, sei. —disse Cailin. —Eu vim para Bizâncio faz quase dois anos, procedente da Britania, de uma maneira similar. Meu lar estava perto de Corinio.

Os olhos da moça se abriram de par em par.

—Também é uma escrava?

—Já não.

—Esta é sua casa, senhora?

Nellwyn sabia reconhecer a qualidade, e aquela formosa mulher sem dúvida pertencia à nobreza.

—Não. —disse Cailin. —É a casa de Flavio Aspar, o militar mais célebre de Bizâncio e um grande nobre. —Não havia necessidade de explicar nada mais. Nellwyn logo imaginaria a situação, se não o tinha feito já. —Meu senhor te trouxe para que me faça companhia, Nellwyn. Agora está a salvo e não tem nada que temer. Entende-o?

—Sim, senhora. —respondeu a garota, ajoelhando-se ante Cailin. —A servirei lealmente. Juro por Odin!

—Alegra-me ouvi-lo. Agora se levante moça, e vai com Zeno, que é o chefe dos criados nesta casa. Ele te mostrará onde dormirá. Terá que aprender a língua que se fala nesta terra, ou será difícil viver aqui. Esta língua se chama latim. Na Britania muitos o falavam.

—Ouvi algumas palavras. —comentou Nellwyn. —Tenho bom ouvido, conforme dizia meu pai, e aprendi celta em seguida. Estou segura de que também aprenderei latim, senhora, e se sentirá orgulhosa de mim.

—Bem! Agora deve obedecer ao Zeno em tudo o que te indique. —explicou Cailin. Logo se voltou para o ancião: —conhece algumas palavras de latim e diz que pode aprender depressa. Se ocupe de que tome um banho; cheira a estábulo. Depois lhe dê roupa limpa e um lugar para dormir. Que venha ver-me pela manhã e atribuirei suas tarefas, eu mesma começarei a ensiná-la.

O servente voltou a inclinar-se e saiu da estadia, seguido pela moça. Pouco depois, entretanto, retornou e disse bruscamente:

—Não se deixa banhar, minha senhora. Chia como um coelho apanhado em uma armadilha.

—Irei ver. —disse Cailin.

Seguiu aos alojamentos dos criados, onde Nellwyn, nua, soluçava lastimosamente.

—Vamos, moça, tem que se lavar. —arreganhou Cailin. —Nesta terra nos banhamos com regularidade. Seu cabelo deve estar cheio de piolhos, não me cabe dúvida, e também terá que lavá-lo. Vá com Tamar e se banhe agora mesmo.

—Me afogarão, senhora! —soluçou Nellwyn. —Sei me lavar, mas com uma bacia, não com tanta água.

Cailin sufocou a risada.

—Em Bizâncio nos lavamos com muita água —explicou. —Confia em mim e me obedeça, pois sou sua nova ama. Vai com Tamar.

A contra gosto a jovem obedeceu, olhando por cima do ombro com os olhos alagados em lágrimas enquanto seguia à anciã para o banho da servidão.

—Me deu de presente um brinquedo muito bonito, meu senhor. —disse Cailin a Aspar aquela noite enquanto jantavam. —Não fala latim e tenho que ensiná-la; tem medo de tomar banho, mas parece ter um caráter doce e vontade de aprender.

—Disse que se sentia sozinha. Ela é jovem como você. Te distrairá quando eu estiver fora. —respondeu ele sorrindo.

—Tem treze anos, e acreditava que iria afogar na piscina dos criados. —explicou Cailin e riu.

—Onde a encontrou?

—Pedi a um mercado de escravos que me buscasse uma jovem bretã. —respondeu.

—É saxã, da costa saxã da Britania.

—Então, não é dos teus? —observou ele, irritado consigo mesmo. —Devia ser mais específico com o mercado de escravos.

—É difícil apanhar os celtas —disse Cailin com um brilho nos olhos, —e não se adaptam bem ao serviço. Nellwyn me servirá muito bem. As garotas saxãs tem bom caráter.

—Então te agradei. —sorriu ele.

—Sempre me agrada, meu senhor. —ronronou ela.

—Não sempre. —disse com tristeza. —Oxalá pudesse.

—A culpa é minha, Aspar. Sabe que é! Rompe-me o coração não poder sentir paixão quando estou com um homem. —disse Cailin com lágrimas nos olhos. —Entretanto obtenho um tipo de prazer diferente quando jazemos juntos. Seu toque transborda de amor por mim e se transmite a meu coração, o que me provoca paz e felicidade. Para mim é suficiente. Oxalá também fosse para você. Dói-me saber que falhei neste aspecto, mas não sei como trocar as coisas. Não tenho tanta sabedoria, meu amado senhor.

Apoiou a cabeça no ombro de Aspar e suspirou com tristeza. Como era possível que gostasse daquele homem bom, perguntou-se, e fosse incapaz de devolver sua paixão completamente?

—Amo-te por muitas razões —declarou ele, —mas sua sinceridade em tudo, me satisfaz sobremaneira. Não aceitaria que fingisse como uma prostituta, Cailin; não quero gritinhos simulados em meus ouvidos. Algum dia o fará, mas de coração. Esperarei até esse momento. Possivelmente nem sempre com paciência, mas esperarei. —levantou-se da mesa e estendeu a mão. —A noite é aprazível e há lua. Vamos dar um passeio, meu amor.

Caminharam primeiro pelos próximos campos de amendoeiras, pêssego e damasco com seus perfumados casulos rosados e brancos, alguns dos quais já começavam a cair e se enredavam nos abundantes cachos do Cailin.

—Estas árvores são mais bonitas que os oliveiras. —observou ela. —Eu não gosto das flores amareladas dessas árvores.

—Mas a azeitona é um fruto mais prático. —assinalou ele. —Os pêssegos e damascos morrem logo. As azeitonas, se preparadas como é devido, duram todo o ano. O formoso nem sempre é prático.

—As amêndoas são formosas, e duram tanto como as azeitonas, inclusive mais, e não tem que salgá-las.

Ele riu.

—É muito inteligente. —brincou. —Muito inteligente para ser mulher. Não é estranho que assuste ao padre Miguel.

—Tudo o que é deste mundo assusta ao padre Miguel. —disse Cailin.

Deixaram para trás as árvores frutíferas e chegaram a um pequeno campo junto à praia. Cailin exclamou com voz suave:

—OH, Aspar! Olhe a lua sobre o mar! Não é a coisa mais formosa que já viu?

Era um dos estranhos momentos em que as inquietas ondas permaneciam em absoluta calma. A plaina superfície escura da água que se estendia ante eles parecia prateada e reluzia como a melhor seda. Permaneceram em silêncio, admirando a beleza da paisagem. Era como se o mundo inteiro estivesse em paz consigo mesmo e com as únicas duas criaturas que habitassem nele. Aspar agarrou a mão de Cailin e se dirigiram para a praia pelo pequeno aterro.

Aspar tirou a capa e a estendeu sobre a areia ante eles. Logo agarrou Cailin em seus braços e a beijou brandamente. Quando por fim a soltou, ela, sem dizer uma palavra, passou a túnica pela cabeça e deixou que caísse de suas mãos. Nua, permaneceu erguida com orgulho ante ele. Aspar respondeu tirando a larga e confortável túnica que levava em casa e de uma patada se desfez das sandálias. Depois se ajoelhou diante de Cailin e a atraiu para si, apertando a bochecha contra seu ventre.

Abraçaram-se em silêncio um comprido momento. Logo ele começou a beijá-la com suavidade por todo o corpo. Cailin suspirou. A paciência e gentileza daquele homem sempre a surpreendiam. Quanto desejava responder a este amor, mas a paixão ao parecer estava adormecida nela. A única ocasião em que sentia algo era quando acariciava com a língua sua pequena jóia, mas quando o membro viril de Aspar a penetrava só sentia sua presença física dentro dela. Em um esforço por despertar sua paixão, Cailin tinha tratado de recordar todas as vezes que o tinha feito com o Wulf; mas logo se deu conta de que evocar a seu marido saxão só parecia esfriar seu corpo e sua alma. Várias vezes tinha estado a ponto de gritar de frustração e de apartar Aspar porque não era Wulf e não podia lhe dar a felicidade que em outro tempo tinha conhecido em seus fortes braços. Se conseguia afastar a seu marido de sua mente enquanto seu amo bizantino fazia amor, era mais fácil.

Aspar esfregou sua cara entre os seios do Cailin e levantou uma mão para acariciá-la.

—São como perfeitas maças de marfim. —disse.

Com suavidade, com a outra mão a apertou por trás e quando ela se inclinou um pouco, ele levantou a cabeça para chupar seu mamilo.

—Aaaahhh... —exclamou ela, cravando os dedos nos musculosos ombros de Aspar.

Ele dedicou sua atenção ao outro seio e o acariciou até que pareceu que iam estalar de prazer.

Então Aspar apertou a mão contra o monte de Vênus e começou a explorar lentamente seu corpo com os lábios e a língua. Cada beijo que depositava sobre a delicada pele de Cailin era distinto. Com a outra mão se aferrava as nádegas e a acariciava com os dedos. Colocou a língua no umbigo e Cailin murmurou em voz baixa, como se aquilo simulasse o que seguiria. Para realçar o momento, colocou um dedo em sua vagina e empurrou dentro do canal.

A cabeça de Cailin dava voltas e os joelhos começaram a fraquejar. Ele percebeu sua debilidade e, retirando o dedo, a fez se ajoelhar. Os olhos escuros de Aspar olharam fixamente os seus quando ofereceu seu dedo, passando-o sensualmente pelos lábios até que ela abriu a boca e o chupou, aferrando-se a sua mão até que ele retirou o dedo e acariciou sua garganta. Ela baixou a cabeça e deu uma leve dentada à mão de Aspar, o que o surpreendeu, e logo beijou seus nódulos.

“Esta noite há algo diferente”, pensou Cailin, e ao levantar o olhar para ele se deu conta de

que ele também percebia. Não se atreveu a falar por medo de romper o feitiço que parecia envolvê-los. Ele a agarrou pelos ombros e roçou os lábios com os seu em um beijo tenro. Entretanto, este beijo logo se fez mais ardoroso e Cailin abriu a boca para que ele introduzisse sua língua, onde dançou primitiva e apaixonadamente com a sua. Logo ele voltou a cobrir seu rosto de beijos e Cailin jogou a cabeça para trás, esticando o pescoço quase com desespero enquanto os lábios de Aspar descendiam apaixonados pela perfumada coluna de sua garganta.

Ela acariciou aquele corpo firme. Seus dedos se entrelaçaram com o espesso cabelo negro e se deixou cair de costas sobre a capa estendida. Ele moveu a boca lentamente pelo corpo de Cailin até que sua língua encontrou a delicada e sensível jóia de sua feminilidade, despertando nela uma doçura e uma intensidade que jamais havia sentido. Então o corpo de Aspar a cobriu e seu tenso membro a penetrou. Cailin afogou um grito de surpresa quando se deu conta de que pela primeira vez em dois anos seu corpo ansiava ser possuído por um homem.

Estremeceu-se de autêntico prazer quando ele a penetrou. Seus braços o rodearam com força e o apertaram contra ela, feliz de senti-lo em seu interior. Olharam-se nos olhos, inclusive quando ele começou a mover-se lentamente.

Cailin não podia desviar o olhar, e ele tampouco. Suas almas pareceram fundir-se enquanto o rítmico movimento sensual de Aspar começou a transmitir a crescente paixão que sentiam. Ele não disse nada, mas ela percebeu seu desejo de que o envolvesse com suas pernas e assim o fez. Logo começou a seguir o ritmo de suas investidas com movimentos voluptuosos para obter prazer. A cadência de seu profundo desejo foi se fazendo quase selvagem, até que ambos, Aspar e Cailin, foram vencidos pela tenra violência desse desejo.

Cailin se sentiu voar. Teve a impressão de que seu espírito se afastava de seu corpo e remontava sobre o mar imóvel e prateado. Ela era uma com a terra e o céu e as sedosas águas. Nada importava só a doçura que os envolvia e embalava calidamente em seu abraço. Os dois eram um.

—Aspar! —exclamou com suavidade ao ouvido dele enquanto voltava a si e sua visão se fazia mais clara.

Viu o rosto de seu amado, suas bochechas molhadas pelas lágrimas. Cailin sorriu feliz, baixando a cabeça para enxugar suas lágrimas com seus beijos, dando-se conta de que também ela estava chorando.

Depois jazeram juntos sobre a capa, acalmados de novo, os dedos entrelaçados, e ele disse, tratando de pôr humor em sua voz:

—Se tivesse sabido, meu amor, que fazer amor contigo na praia, à luz da lua, seria tão prazeroso, teria feito a meses. Quanto tempo perdemos na cama e no banho!

—Não perderemos mais tempo. —prometeu ela, e ele se inclinou para beijá-la com o rosto radiante. —O que me impedia de compartilhar a paixão contigo até esta noite desapareceu, meu amado senhor. Sou sua mãe, a terra, renascida com a primavera.

Se até então Aspar tinha reprimido seu amor por Cailin em consideração a seus sentimentos, esse amor era agora claramente visível. Aspar estava mais decidido que nunca a que Cailin fosse sua esposa.

—Iremos a algum sacerdote do campo para que nos case. —disse. —Uma vez efetuado o rito, o que podem nos fazer? Tem que ser minha esposa!

—Não há ninguém no Império que não conheça o Flavio Aspar .—observou ela com calma. —E não há ninguém que não conheça os desejos do patriarca neste assunto. Embora me fizesse cristã, meu amado senhor, não me permitiriam que me convertesse em sua esposa. Os poucos meses que passei em Vila Máxima destruíram minha reputação.

—Tem que haver alguma maneira de convencer ao patriarca. —disse Aspar a Basilico uma tarde quando retornavam do palácio, onde tinham conferenciado com o imperador. —Flavia se casou com o Justino Gabras e são a fofoca da cidade, com suas orgias e festas que rivalizam com tudo o que os bordéis podem oferecer. Como pode o patriarca justificar semelhante união e negar a mim o direito de me casar com minha Cailin, que é tão boa?

—Sua bondade não tem nada que ver com isso, meu amigo. —replicou Basilico. —E não é só o patriarca. Temos uma lei em Bizâncio que proíbe a união de um senador, ou outra pessoa de alta linhagem, com uma atriz, uma prostituta ou qualquer mulher de baixa categoria. Não se pode permitir que violem a lei, Aspar. Nem sequer você.

—Cailin é patrícia. —protestou Aspar.

—Ela diz que é —declarou Basilico, —mas quem pode demonstrá-lo? Aqui em Bizâncio foi atriz em um bordel, e realizava atos sexuais ante o público. Isso a incapacita para casar-se com o primeiro patrício do Império, Flavio Aspar.

—Então abandonarei o Império. —disse este com tristeza. —Já não me sinto satisfeito nem útil se me negam meu desejo neste assunto.

Basilico não discutiu. Aspar não abandonaria Bizâncio. Seu mundo se achava ali e não era um homem jovem. Além disso, inclusive apesar de seu breve encontro com Cailin, Basilico acreditava que não permitiria que Aspar fizesse nada que pusesse em perigo sua posição ou seu conforto.

—Casia me disse que a convidou para seu camarote nos jogos da semana que vem. —disse o príncipe, trocando de tema. —É muito amável, e disse que pode ir, embora provocará um pequeno escândalo. A quem mais convidou? Aos artistas e artesãos, sem dúvida.

Aspar pôs-se a rir.

—Sim. —disse. —Como poderia eu, o primeiro patrício do Império e grande general, preferir aos que criam antes que aos poderosos? Né, Basilico? Mas eu prefiro! E tem razão. Belizário e Apolodoro, o grande ator clássico e o comediante favorito das massas, estarão em meu camarote em onze de maio. E Anastásio, o cantor e poeta, e também Juan Andronico, o artista que faz maravilhosas talhas em marfim, e Filipico Arcádio, o escultor. Me encarreguei de que faça um nu de Cailin para nosso jardim. Passará o verão na vila. Acondicionei um estúdio onde trabalhar, assim não terá que viajar nem preocupar-se de suas necessidades cotidianas, das que se ocuparão meus serventes. Sua irmã adorará esta intriga, Basilico.

—É claro que sim. —admitiu, e acrescentou: —Belizário e Apolodoro não são rivais? Ouvi dizer que se desprezam. Não é perigoso tê-los no mesmo camarote?

—Seu ódio ultimamente se converteu em amor, ou isso me disseram. —comentou Aspar

afogando uma risadinha. —Outra intriga para distração de nossa querida imperatriz Verina.

—Pelos deuses! Não serão amantes, verdade? Claro que sim, ou do contrário não o diria! —exclamou Basilico.

Tinham chegado à leiteira e este subiu nela, recostando-se comodamente entre os almofadões.

Aspar montou seu cavalo, que estava preso junto à leiteira do príncipe.

—Sua esposa irá aos jogos?

Basilico assentiu com tristeza.

—Eudoxia não perderia uma oportunidade de sentar-se no camarote imperial, onde podem vê-la, admirá-la e invejá-la todas as suas amigas e conhecidas que se sentam nos degraus. Eu estarei com ela, como exige a norma, mas depois, quando se for ao palácio desfrutar do banquete, me reunirei com minha adorável Casia.

—Eudoxia não sentirá sua falta no banquete?

—Não. —respondeu o príncipe. —Estará muito ocupada provando as delícias oferecidas aos convidados imperiais; e, é obvio, está esse jovem guarda ao que recentemente jogou o olho. Sem dúvida pretende seduzi-lo, e quero dar oportunidade de fazê-lo. Se estiver ocupada com seu jovem, não se perguntará se eu estou ocupado em outro lugar. Eudoxia poucas vezes quebrou seus votos matrimoniais, e por isso, quando o fizer, quero limpar o campo. É uma excelente esposa e mãe de nossos filhos. Poderia acrescentar que sua discrição em seus pequenos pecadinhos é elogiável. Nunca se produziu o mínimo escândalo com ela, o qual é certamente mais do que se pode dizer da maioria de esposas de patrícios nestes dias.

—Que afortunados são. —comentou Aspar com secura.

Não entendia o matrimônio da maioria de membros da nobreza. Era certo que havia exceções, casais que, como sua falecida esposa Ana e ele, que cumpriam suas promessas de fidelidade e lealdade. Essa era a classe de matrimônio que ele queria compartilhar com Cailin algum dia.

—Até os jogos não sou necessário na cidade. —disse ao príncipe. —Te verei então.

Afastou-se para a porta Dourada enquanto Basilico ordenava a seus portadores que o levassem a casa de sua amante, a loira Casia.

Em 11 de maio amanheceu claro e ensolarado. Era um dia perfeito para celebrar a fundação de Constantinopla. Cailin se vestiu prestando atenção ao que colocava, consciente de que seria objeto das falações de todos. Queria que Aspar se sentisse orgulhoso, e por isso escolheu uma estola de seda violeta pálido que harmonizava com seus olhos. O decote redondo era baixo, mas não era indecente. As largas mangas estavam bordadas com longas franjas douradas que exibiam flores e folhas. A estola se grampeava debaixo da cintura com um cinturão de pequenas placas douradas com pérolas incrustadas que ficava quase sobre os quadris. Um delicado xale dourado e violeta, conhecido como palla, a protegeria do ardente sol. Nellwyn calçou umas delicadas sandálias de pele adornadas com joias nos pés de sua ama e logo se levantou para contemplá-la. Seus olhos expressaram aprovação.

—Esta tão formosa como essa imperatriz, senhora. —disse.

—Só estará se levar joias que rivalizem com as da Verina. —observou Aspar entrando com uma grande caixa de madeira. —Isto é para você, meu amor.

Cailin agarrou a caixa, deixou-a sobre a mesa e a abriu. Continha um colar de ouro belamente adornado com pequenos diamantes, ametistas e pérolas. Ela ficou estupefata, quando ele o tirou do estojo e pôs em seu pescoço. O colar ficou plano sobre seu peito, quase cobrindo toda a pele que o decote deixava descoberto e realçando a estola, que já por si era elegante.

—Nunca tive nada assim. —disse Cailin. —É muito formoso, meu amado senhor. Obrigado!

—Há mais. —disse ele, e agarrou um par de grandes pendentes e os entregou com um sorriso.

Cailin sorriu tremente e colocou nas orelhas as grandes ametistas montadas em ouro. A caixa também continha vários braceletes: dois aros de ouro com diamantes e pérolas e um de ouro branco com um reluzente mosaico encravado. Finalmente havia um diadema de ouro com filigranas e ametistas e diamantes incrustados. Cailin a colocou sobre o véu malva que cobria seu cabelo, que levava solto em deferência a Aspar, pois gostava assim.

—Hoje serei a inveja de todos os homens no Hipódromo. —observou Aspar. —É a mulher mais formosa em uma cidade de belezas.

—Não desejo ser a inveja de ninguém. —disse Cailin. —A última vez que conheci semelhante felicidade os deuses me arrebataram isso. Perdi tudo o que me era querido. Agora que tornei a achar a felicidade quero conservá-la, meu senhor. Não se gabe ou os deuses o ouvirão e ficarão ciumentos.

—Te conservarei —disse ele com firmeza, —e eu te manterei a salvo.

Cailin viajou a cidade em sua cômoda leiteira enquanto Aspar montava seu grande cavalo branco a seu lado. Foi saudado por muitas pessoas com o passar do caminho. Cailin, que observava atrás das cortinas, sentiu que o coração se enchia de amor por aquele grande homem. Não cabia dúvida de que Flavio Aspar era muito respeitado pelos cidadãos, não simplesmente temido por seu poder e riqueza.

Entraram na cidade através da porta Dourada, que era a porta triunfal e cerimonial de Constantinopla. Construída em antigo mármore branco e encaixada nas muralhas de Teodosio, a porta recebeu seu nome pelas enormes placas de latão brunido de que estava provida. A elegante severidade de sua arquitetura e suas esplêndidas proporções a convertiam em objeto de admiração em todo o Império. Cruzando a porta, viajaram devagar devido à crescente multidão que circulava em direção ao Hipódromo.

Na porta Dourada se uniu um destacamento de cavalaria que tinha ido para escoltar a Aspar e seu grupo pela longa avenida principal da cidade. Quando rodearam a leiteira de Cailin, ela fechou discretamente as cortinas de seda. Era consciente de que era objeto de certa curiosidade entre os soldados, mas não podia permitir que a contemplassem ousadamente como se tratasse de uma prostituta vulgar.

O Hipódromo podia albergar quarenta mil pessoas, e era uma imitação do Circo Máximo de Roma. Entretanto, nunca tinha servido de cenário para jogos tão cruéis como os de Roma nem

tinha visto o martírio de inocentes. Tinha sido construído pelo imperador romano Septimo Severo, mas remodelado pelo grande imperador bizantino Constantino I. As diversões que oferecia eram variadas: desde perseguição de animais, teatro e gladiadores até corridas de carros, procissões religiosas, cerimônias civis e a tortura pública de prisioneiros famosos. Entrava-se no Hipódromo apresentando um passe especial que eram entregues gratuitamente de antemão às pessoas. O público se sentava, sem distinção de classes, nas escadarias de mármore branco.

No centro do Hipódromo havia uma fileira de monumentos, formando uma spina[13]. A spina indicava a divisão entre o sulco de ida e o de volta da corrida. Entre os monumentos se encontrava a coluna da Serpente, trazida a Constantinopla do templo de Apolo em Delfos pelo Constantino I.

A antiga coluna, feita de serpentes de bronze entrelaçadas, tinha sido um presente de trinta e uma cidades gregas no ano 479 a.C. Comemorava a vitória dos gregos sobre os persas e foi apresentada aos deuses em sinal de gratidão. Outro monumento que destacava era o obelisco egípcio que Teodosio tinha colocado sobre uma base esculpida. Estava esculpido pelos quatro lados com cenas da vida imperial, incluída una do próprio Teodosio no camarote imperial com sua família e seus amigos íntimos, contemplando os jogos.

A leiteira de Cailin foi conduzida através de uma porta privada à areia da parte oriental. Aspar desmontou e a ajudou a descer do veículo. Sabia que todos os homens da cavalaria estavam ansiosos por ver a mulher que se falava que tinha conquistado seu coração. Primeiro apareceu uma sandália de ouro com joias incrustadas. Os olhos se abriram de par em par e os soldados intercambiaram olhadas, a maioria não isenta de inveja, e quando o primeiro patrício do Império entrou com sua bela e jovem amante no Hipódromo, um comprido assobio de admiração ressonou entre eles.

Aspar sorriu, igual a qualquer menino com um brinquedo novo, mas Cailin o arreganhou em voz baixa.

—Que vergonha, meu senhor! Não tem que se mostrar tão agradado consigo mesmo, como se tivesse feito algo digno de elogio. Todos esses jovens soldados estão se perguntando se foi seu poder, sua riqueza ou sua habilidade como amante o que te permitiu conseguir uma amante jovem e bonita. Não é algo do que sentir-se orgulhoso. Uma mulher decente estaria envergonhada.

—Mas você não se considera uma mulher decente. —brincou ele. —Estes jovens soldados, como você chamou, me invejariam ainda mais se conhecessem a apaixonada e lasciva mulher em que se converteu. Tenho as costas cheia de arranhões que testemunham seu delicioso desejo recém recuperado, meu amor. Ah, sim, faz bem em se ruborizar! —Riu. —Mas me alegra que seja tão desavergonhada comigo.

Ela tinha avermelhado, mas não pôde reprimir a risada. A satisfação que demonstrava Aspar por ter conseguido derreter o gelo que havia nela a fazia feliz.

—É você um desavergonhado, meu senhor. —replicou. —Pavoneia-se como um peru com a

[13] *Uma formação bifurcada parecida com a ponta da língua de uma cobra.*

cauda estendida e desfruta me exibindo ante esses jovens. —Afogou uma risadinha. —Todos puseram cara de assombro quando me viram... Tem tão má fama que não te acreditavam capaz de atrair a uma mulher bonita? Deveriam te conhecer como eu.

—Se o fizessem, meu amor, me chamariam com um nome diferente e teria eleito a Joviano como amante. —disse rindo.

—Meu senhor! —A risada se apoderou de Cailin.

Ele a fez subir por uma escada explicando que esse era o caminho aos dois camarotes privados do Hipódromo, além do imperial.

—O camarote do patriarca está à direita do imperador, e o do primeiro patrício do Império está a sua esquerda. Vim logo para que ninguém estorve nossa entrada. Não queria que a multidão me fizesse deter ante o imperador. Entraremos discretamente no camarote e nos prepararemos para receber a nossos convidados. O imperador não chegará até que a corrida esteja a ponto de começar. Esta manhã haverá quatro corridas e pela tarde outras quatro. No intermédio nos oferecerão outras diversões e Zeno virá com nossos criados para nos trazer o almoço.

—Nunca vi uma corrida de carros. —disse Cailin. —Quem intervirá hoje? Em Corinio havia um anfiteatro para jogos, mas papai nunca nos levou. Dizia que os jogos eram cruéis.

—Alguns o são —admitiu Aspar, —mas hoje não haverá gladiadores, conforme me disseram. Haverá atores, lutadores e diversões mais civilizadas. Em Constantinopla temos quatro equipes de carros: os Vermelhos, os Brancos, os Azuis e os Verdes. Participarão os quatro e as paixões que levantam entre o público às vezes são aterradoras. Fazem-se apostas e às vezes tem brigas entre os partidários de uma equipe e seus rivais. No camarote estará a salvo.

—Qual é sua equipe favorita, meu senhor? —perguntou Cailin.

—Os Verdes. —respondeu. —São os melhores, e depois os Azuis. Os Vermelhos e os Brancos não são nada, embora tentem.

—Então eu também irei a favor dos Verdes. —disse Cailin.

Tinham chegado a um pequeno patamar onde a escada se bifurcava em dois, e tomando os três degraus da direita entraram no camarote de Aspar. Uma marquise de tecido dourado com raias púrpuras formava o teto do camarote. Havia cômodas cadeiras de mármore com almofadas de seda e bancos ao redor, todos com uma boa visão da areia. Os degraus do público começavam a encher-se, mas ninguém se fixou neles, e uma rápida olhada mostrou a Cailin que o grupo imperial e os importantes personagens religiosos ainda não se encontravam em seus respectivos camarotes.

—Não há degraus para entrar no camarote do imperador. —comentou a Aspar. —Como se acessa a ele?

—Há umas escadas que vai diretamente ao camarote de um túnel que discorre por debaixo dos muros do palácio. —respondeu ele. —Isso permite a nosso imperador sair depressa em caso necessário. Sempre me pareceu um excelente lugar para uma emboscada, mas realmente não se poderia fazer nada para evitá-lo.

—Cailin!

Uma moça tinha entrado no camarote atrás deles.

Cailin se voltou e reconheceu a Casia com um aspecto particularmente radiante, vestida com sedas escarlates e douradas. Cailin as estendeu as mãos em gesto de bem-vinda. Perguntou-se como se sentiria ao ver de novo a Casia, que sempre tinha sido boa com ela.

—A fortuna te sorriu, conforme me disseram. —disse. —Me alegro que tenha vindo.

—Minha senhora Casia. —saudou Aspar com um sorriso, e Cailin sentiu uma pontada de ciúmes. Os olhos de Aspar eram muito afetuosos e tinham um brilho de cumplicidade.

—Meu senhor, me alegro de voltar a vê-lo. Tenho uma dívida de gratidão com você por me apresentar ao príncipe. Não tinha intenção de comprar minha liberdade de Vila Máxima até o ano próximo, mas quando o príncipe me ofereceu seu favor, surpreendi a meus amos e me liberei deles para aproveitar a generosidade do príncipe.

Casia sorriu com afeto e se acomodou junto ao Cailin.

Aspar inclinou a cabeça de novo e disse:

—Então os dois estão contentes com o acordo e eu me alegro, Casia. Mas confio em que ainda é bastante sensata para pensar em seu futuro. Os príncipes frequentemente são volúveis.

Casia riu alegremente.

—Sou uma mulher frugal, meu senhor. Se Joviano e Focos tivessem tido alguma ideia do que economizei durante os três anos que estive com eles, teriam posto um preço mais elevado. Entretanto não sabiam e obtive um preço muito acessível. A casa onde resido também é minha. Insisti nisso, e Basilico foi generoso. Não vou terminar meus dias nas ruas como uma tola.

—Não me agradaria que fosse assim. —respondeu ele.

Não havia tempo para que Cailin perguntasse a seu amante, pois o resto de convidados começou a chegar ao camarote e foram apresentados. Belizário, o afamado ator clássico, e seu atual amante, o ator cômico Apolodoro, foram os primeiros. Elegantemente embelezados com dalmáticas brancas e douradas, e ambos bastante engenhosos, ao princípio intimidaram a Cailin. Ela não estava acostumada a homens dessa classe, mas Casia conversava correntemente com eles, trocando intrigas e insultos como se os conhecesse de toda a vida. Anastásio, o grande cantor bizantino, chegou e falou em sussurros, o qual, conforme Aspar explicou a Cailin, era seu costume. Anastásio falava pouco, pois reservava sua gloriosa voz para o canto.

O entalhador de marfim Juan Andronico, e o escultor Arcádio chegaram quase ao mesmo tempo. O primeiro era um homem tímido, mas de natureza afável e cortês. O outro era justamente o contrário, um tipo atrevido com um olhar ainda mais atrevido.

—A Casia reconheço, ou seja que esta beleza etérea tem que ser a que querem que imortalize, meu senhor. —Arcádio olhou Cailin com fixidez. —O corpo que vejo, —prosseguiu, despindo-a mentalmente— é tão formoso como o rosto, evidentemente. Farão que meu verão seja esplêndido, senhora, pois nada amo mais que esculpir uma mulher adorável.

Aspar sorriu divertido quando Cailin se ruborizou.

—Pareceu-me que era um tema perfeito para seu estilo clássico, Arcádio —disse. —É Vênus renascida.

—Sem dúvida gostarei mais do trabalho que me incumbiu, meu senhor, do que com todos

os Santos que ultimamente estive esculpindo. —admitiu o escultor.

De repente a multidão lançou uma ovação e os presentes no camarote de Aspar se voltaram para ver o imperador e seu séquito entrar em seu camarote. Leão tinha um rosto severo e sereno, mas nem sequer com sua elegante vestimenta se podia dizer que fosse distinto ou régio. Esta foi a primeira impressão que teve Cailin do monarca de Bizâncio, e teve que recordar-se que Aspar tinha eleito a esse antigo membro do pessoal de sua casa para a glória, devido a outras qualidades. A imperatriz, entretanto, era diferente. Era uma estrela que resplandecia ao redor da acalmada lua de seu marido. O resto do grupo real estava formado por homens e mulheres entre os quais só o rosto de Basilico era familiar. O clérigo, vestido de negro, já tinha ocupado seu lugar antes que chegasse o grupo imperial, mas Cailin tinha estado muito ocupada com seus convidados para fixar-se nele.

Ao cabo de uns minutos, Aspar disse a Cailin:

—Olhe!

De pé sobre um assoalho de mármore colocado diante de seu camarote, o imperador Leão levantou uma dobra de sua túnica dourada e púrpura e fez o sinal da cruz três vezes; para os degraus centrais e depois para as da direita e a esquerda: benzeu a todos os presentes no Hipódromo. Logo colocou a mão na túnica e tirou um lenço branco que, conforme sussurrou Aspar a Cailin, chamava-se mappa. Deixou cair o quadrado de seda branca em sinal de que dessem começo os jogos.

As portas da muralha do Hipódromo se abriram e o primeiro dos quatro carros que foram competir saiu à areia. O público estalou em gritos. Os cavaleiros, que controlavam cada um quatro cavalos, estavam vestidos com túnicas de pele curtas e sem mangas, firmemente sujeitas com cinturões cruzados de pele. Nas panturrilhas levavam perneiras também de pele. Todos tinham excelente constituição física e muitos eram atrativos. As mulheres chamavam gritos e agitavam as cintas coloridas de sua equipe favorita, e os cavaleiros, rindo felizes, sorriam e saudavam com a mão.

—Não deveriam permitir que as mulheres assistissem aos jogos. —se ouviu o patriarca murmurar sombriamente em seu camarote. —É indecente que estejam aqui.

—As mulheres assistiam aos jogos em Roma. —observou um jovem sacerdote.

—E olhe o que aconteceu em Roma. —espetou o patriarca enquanto os outros clérigos assentiam mostrando seu acordo.

—Alguém de vocês esteve alguma vez nas corridas? —perguntou Arcádio a Cailin e Casia, e quando elas responderam com uma negativa, disse: —Então explicarei isso. A ordem em que os carros se alinham se torna a sortes no dia anterior. Cada cavaleiro tem que dar sete voltas à pista. Veem essa plataforma que á junto à spina onde está o prefeito com a antiquada toga? Veem os sete ovos de avestruz sobre o soalho? Serão retirados um a um à medida que se cubra cada volta da corrida. Normalmente se concede uma pequena palma de prata ao ganhador de cada corrida, mas como hoje se comemora a fundação de nossa cidade entregará uma coroa de louro aos ganhadores de todas as corridas, menos as duas últimas. Haverá uma competição feroz entre os Verdes e os Azuis por levar o maior número de coroas. Olhem! Já saem!

Os carros troaram em torno da pista. Em poucos momentos os cavalos jogavam espuma pela boca e o suor escorregava pelos flancos. Seus cavaleiros os conduziam com um descuidado abandono que Cailin nunca tinha visto. Ao princípio parecia que a pista era o bastante larga para os quatro carros, mas logo foi evidente que para ganhar os cavaleiros tinham que desviar-se de um lado e a outro, lutando para adiantar-se a seus rivais. Das rodas saltavam faíscas quando os carros chocavam entre si, e os cavaleiros utilizavam o látego não só em seus cavalos, mas também nos outros condutores que se interpunham em seu caminho.

A multidão vociferou acaloradamente quando o carro dos Verdes deu a volta final sobre uma roda, quase caindo, mas o dos Azuis o interceptou, colocando-se adiante repentinamente, e cruzou a linha de meta em primeiro por pouca distância. Ambos os carros se detiveram e os cavaleiros das equipes Azul e Verde se encetaram em uma violenta briga a murros. Foram separados e abandonaram a pista amaldiçoando-se aos gritos, enquanto os carros para a seguinte corrida se alinhavam e saíam.

As corridas de carros fascinaram Cailin. Celta de alma, sempre tinha admirado os bons cavalos; e os que essa manhã corriam eram os melhores tinha visto.

—De onde são esses magníficos animais? —perguntou a Aspar. —Nunca tinha visto cavalos tão bons. São melhores que os da Britania, e parecem bravos. Sua velocidade e segurança são elogiáveis.

—Vêm do Oriente —respondeu ele, —e custam uma fortuna.

—Ninguém os cria em Bizâncio, meu senhor? —perguntou ela.

—Que eu saiba não, meu amor. Por que pergunta?

—Não poderíamos destinar uma parcela de terra para, em lugar de cultivar grão, fazer crescer pasto para criar cavalos como esses? Se valem tanto, sem dúvida reportariam grandes benefícios. O mercado para estas bestas seria enorme, e seria mais acessível e menos arriscado para as equipes de carro que importar os do Oriente. Se criássemos nossos próprios cavalos, os veriam crescer desde que nascessem e inclusive escolheriam logo aos que parecessem prometedores. —concluiu Cailin. —O que opina, meu senhor?

—É uma brilhante ideia! —exclamou Arcádio com entusiasmo.

—Teríamos que encontrar um semental excelente, ou dois, para criação, e necessitaríamos ao menos uma dúzia de éguas para começar. —pensou Aspar em voz alta. —Teria que ir a Síria para escolher os animais. Não permitiríamos que ninguém dali se inteirasse de nossos projetos. Os sírios se orgulham de seus bons cavalos e seu vantajoso mercado de exportação. Provavelmente poderia obter éguas jovens em diferentes locais fingindo que as quero para as damas de minha família, que se divertem cavalgando quando estão no campo. Normalmente —observou Aspar, —as mulheres não montam a cavalo.

—Os Verdes ganharam a segunda corrida enquanto vocês conversavam. —informou Casia. —Os Azuis se queixam de que houve armadilhas, pois os Vermelhos e os Brancos se esforçaram em interceptar o carro da equipe Azul em cada giro e acabou em último.

Entre cada uma das quatro corridas da manhã havia um pequeno entretenimento com

mímicos, acrobatas e, finalmente, um homem com um grupo de divertidos cachorrinhos que saltavam através de aros, davam cambalhotas e dançavam sobre as patas traseiras ao som de uma flauta. Estes intervalos eram breves, mas houve outro mais comprido entre as corridas da manhã e as da tarde. Então o camarote do imperador se esvaziou, e também o do patriarca.

—Aonde vão? —perguntou Cailin.

—A um pequeno banquete que se oferecerá para Leão e seus convidados. —respondeu Aspar. —Olhe ao redor, meu amor. Todo mundo trouxe comida; e aí está Zeno com o almoço para nossos convidados. Como sempre, velho amigo, é pontual.

—É evidente que gosta muito de Aspar. —disse Casia em voz baixa ao Cailin enquanto preparavam o almoço. —Foi muito afortunada, jovem amiga, ao encontrar esse homem. Há rumores que se casaria contigo se pudesse, mas não conte com isso.

—Não conto. —disse Cailin. —Não me atrevo. Cheguei a amar Aspar, mas algo no mais fundo de mim me adverte do perigo. Às vezes posso passar por cima dessa vozinha interna, mas em outras ocasiões me martela e me assusta tanto que não posso dormir. Aspar não sabe. De todos os modos não quero inquietá-lo. Ele me ama, Casia, e é muito bom comigo.

—Tem medo porque a última vez que amou a um homem foi cruelmente separada dele, Cailin. Mas isso não voltará a ocorrer. —Aceitou a taça de vinho que Zeno oferecia e bebeu um sorvo. —Ah, de Chipre! Delicioso!

Um guarda imperial entrou no camarote.

—Meu senhor general. —saudou. —O imperador solicita que se unam a sua mesa.

—Agradeça ao imperador. —disse Aspar, irritado. Leão sabia que tinha convidados. —Diga que seria descortês por minha parte abandonar meus convidados, mas que se me necessitar logo o atenderei.

O guarda se inclinou e girou para partir quando Cailin disse:

—Espera! —Agarrou as mãos de Aspar e o olhou. —Vai, meu senhor, por favor, embora só seja por mim. Por muito amável que seja sua negativa, insultará ao imperador. Eu me ocuparei dos convidados até que volte. —Deu-lhe um beijo na bochecha. —Agora vai, e se mostre educado e complacente.

Aspar se levantou a contra gosto.

—Irei só por você, meu amor. Não quer que ofenda a Leão, entretanto seu convite me ofende porque não tem em conta a você nem a quem me acompanha.

—Eu não existo para o imperador, e tampouco Casia. Quanto aos outros, são artesãos e atores. Às vezes os convidam, às vezes não. —disse Cailin com um leve sorriso. Tinha aprendido bastante sobre os costumes da sociedade bizantina. —Agora vai, quanto antes parta antes retornará.

—Tem mais educação que a maioria dos que estão na corte. —disse Arcádio, arqueando uma escura sobrancelha. —Acaso não é o que parece?

Cailin sorriu com serenidade.

—Sou o que sou. —respondeu.

Arcádio riu entre dentes, e ao ver que não surrupiaria nada voltou sua atenção ao excelente

presunto que tinha em seu prato. Saberia o que interessava no verão, quando ela posasse para ele.

Pouco depois de que Aspar tivesse abandonado o camarote, entrou outro guarda imperial, que fez uma inclinação de cabeça a Cailin e anunciou:

—Senhora, deve vir comigo, tenha a bondade.

—O que quer? —perguntou ela. —E quem te envia?

O guarda era jovem e se ruborizou ante as perguntas de Cailin.

—Senhora —disse com esforço, —não posso dizê-lo. Trata-se de um assunto privado.

Antes que Cailin pudesse voltar a falar Casia se inclinou para frente, permitindo ao jovem uma boa visão de seu peito.

—Conhece-me, jovem? —perguntou com um ronrono. —Sabe que é muito atraente?

Arcádio reprimiu um sorriso. Casia teria a informação que queria ao cabo de em momento, a julgar pela expressão do jovem guarda.

—Não, senhora, não a conheço. —respondeu, nervoso, incapaz de apartar os olhos dos brancos seios da mulher. —Deveria conhecer?

—Sou a amiga especial do príncipe Basilico, jovem, e se não diz à senhora quem te enviou, contarei a meu príncipe sua grosseria e direi que me violou com seus perversos olhos castanhos. E agora fala!

O jovem guarda elevou o olhar com expressão culpada. Se avermelhou e murmurou:

—A imperatriz, senhora. —Logo olhou ansioso a Cailin e acrescentou: —Não pretende machucá-la, senhora. É uma boa mulher.

Casia e Arcádio puseram-se a rir, com o que outros convidados do camarote levantaram a vista de sua comida com curiosidade.

Cailin ficou em pé.

—Como todos sabem com quem estarei, não há nada que temer. Irei contigo.

Alisou as rugas de sua estola e seguiu ao guarda.

Aos pés da escada havia uma pequena porta, oculta tão habilmente que Cailin antes não a tinha visto. O guarda pressionou a parede em um ponto determinado e a porta se abriu e deixou ao descoberto um segundo lance de escadas que desciam. Cailin as baixou cautelosa, atrás do jovem soldado. Entraram no que Cailin intuiu era o corredor principal que conduzia ao camarote imperial. O túnel estava bem iluminado com tochas e vários metros mais adiante o guarda se deteve, pressionou de novo a parede e outra porta se abriu. Ante eles apareceu uma habitação e dentro dela uma mulher, que se voltou.

—Adiante —disse com voz baixa e bem modulada. —nos espere fora, Juan. —ordenou ao guarda. —Fez bem.

A porta se fechou atrás de Cailin, quem se inclinou reverencialmente ante a Verina.

—Não parece uma prostituta. —disse a imperatriz.

—Não o sou. —respondeu Cailin.

—Entretanto viveu vários meses em Vila Máxima e participou do que, conforme disseram,

era um dos espetáculos mais libertinos jamais vistos nesta ou qualquer outra cidade. Se não é uma prostituta, o que é exatamente?

—Meu nome é Cailin Druso e sou bretã. Minha família descende de uma grande família romana. Meu antepassado Flavius Druso era tribuno da Décima Quarta Legião Gemina e chegou a Britania com o imperador Claudius. Meu pai era Gayo Druso de Corinio. Faz quase dois anos, era esposa e mãe, fui raptada e vendida como escrava. Fui trazida a esta cidade com um carregamento de escravos. Joviano Máxima me comprou por quatro folies, senhora. O que fez comigo já sabem. Meu senhor Aspar me resgatou dessa vergonhosa atividade e me libertou — acabou Cailin com orgulho.

Verina estava fascinada.

—Tem aspecto de patrícia e fala bem. —disse. —Vive como amante de Aspar, não é verdade, Cailin Druso? Dizem que ele te ama não só com seu corpo, mas também com seu coração. Não o acredito capaz de semelhante debilidade.

—O amor é uma debilidade, majestade? —perguntou Cailin.

—Para os que estão no poder, sim. —respondeu a imperatriz. —Os que estão no poder nunca têm que ter nenhuma debilidade que possa ser utilizada contra eles. Sim, o amor por uma mulher, pelos filhos, por algo, é uma debilidade.

—Entretanto seus sacerdotes ensinam que o amor conquista tudo. —replicou Cailin.

—Assim, não é cristã? —perguntou Verina.

—O padre Miguel, que foi enviado pelo patriarca, diz que ainda não estou preparada para me converter ao cristianismo. Diz que faço muitas perguntas e não tenho a humildade que corresponde a uma mulher. O apóstolo Paulo, dizem, declarou que as mulheres deviam humilhar-se ante os homens. Temo-me que eu não sou o bastante humilde.

Verina pôs-se a rir.

—Se a maioria de nós não fôssemos batizados ainda crianças, nunca o faríamos, também por falta de humildade, Cailin Druso, mas deve se batizar se quer ser a esposa de Aspar. O general dos exércitos orientais não pode ter uma esposa pagã. Não tolerarão. Com certeza pode enganar a este padre Miguel e fazê-lo acreditar que aprendeu a ser humilde.

A esposa de Aspar? Cailin não podia ter ouvido bem à imperatriz.

Verina viu sua expressão de surpresa e adivinhou sua causa.

—Sim. —disse à perplexa moça. —Ouviu bem. Disse: “a esposa de Aspar”, Cailin Druso.

—Disseram que é impossível que eu alcance essa posição, majestade. —repôs Cailin devagar. Tinha que pensar. —Disseram que em Bizâncio existe uma lei que proíbe os matrimônios entre a nobreza e os atores. E que o tempo que passei em Vila Máxima negaria meu nascimento patrício.

—Para mim é importante —respondeu Verina— conservar a boa disposição e o apoio do general Aspar. É certo que chegou aqui como escrava e serviu de entretenimento em um bordel, Cailin Druso, mas é patrícia. Não tenho nenhuma dúvida com respeito a sua linhagem. Te observei esta manhã. Sua atitude é culta e não cabe dúvida de que recebeu uma boa educação. Acredito que o que me disse de sua família é certo. O tempo que passou em Vila Máxima foi breve. Os que

conhecem esse fato permanecerão calados ou eu me encarregarei de que o façam quando se converter em esposa de Aspar. Quer ser sua esposa?

Cailin assentiu lentamente e perguntou:

—O que quer de mim, majestade? Semelhante favor terá um preço, sei.

Verina sorriu com malícia.

—É esperta, Cailin Druso, ao pensar isso. Muito bem. Eu ajudarei a sossegar as objeções que se expressem contra suas bodas com Aspar se você, em troca, me garantir que ele me ajudará em tudo. E tem que jurá-lo sobre a relíquia da cruz que estará comigo em caso de que e necessite. Sei que pode convencê-lo para que o faça em troca de minha ajuda.

O coração do Cailin pulsava com violência.

—Não é fácil falar com ele desse assunto. —disse. —Tentarei dentro de uns dias, majestade, mas como poderei comunicar meu êxito ou meu fracasso? Pois agora nem sequer existo no que se refere a seu mundo; do contrário me teriam convidado a seu banquete, não só a Aspar, que foi separado de mim para que você e eu pudéssemos nos reunimos em segredo sob as muralhas do Hipódromo.

—É muito estimulante ter a alguém que fale franco e sinceramente —disse a imperatriz. —Aqui, na corte de Bizâncio, todo mundo fala com duplo sentido; e os motivos frequentemente são tão complexos que resultam incompreensíveis. Fala com seu senhor, e dentro de uns dias irei uma tarde, por mar, visitar general em sua vila de verão. Se alguém se inteira de minha visita, acreditará que simplesmente tenho curiosidade e não provocará nenhum escândalo. Leão é um homem muito honrado e eu sou muito leal. Se souber de minha excursão, suporá naturalmente que me arrastaram minhas companhias, hipótese que eu não corrigirei. Já aconteceram antes coisas assim.

Sorriu com ar significativo.

—Farei tudo o que possa por você, majestade. —disse Cailin.

A imperatriz riu.

—Não me cabe dúvida de que fará, querida. Ao fim e ao cabo, a futura felicidade de ambas depende de seu êxito, e eu sou um mal inimigo, garanto; mas temos que retornar. Se permanecer muito tempo ausente do banquete notarão minha ausência. —Verina se aproximou da porta e a abriu, dizendo: —Juan, acompanha à senhora a seu camarote, e logo ocupa seu posto como antes. Adeus, Cailin Druso.

Cailin inclinou a cabeça e saiu da habitação. Enquanto seguia ao guarda pelo túnel e a escada, em sua mente se formavam redemoinhos os acontecimentos dos últimos minutos. Ao entrar no camarote foi acossada por uma Casia ansiosa.

—O que queria? —perguntou em um sussurro, e Arcádio se inclinou para ouvir a resposta de Cailin.

—Tinha curiosidade. —disse com um sorriso. —Sua vida tem que ser muito aborrecida para ter tanta curiosidade por conhecer a amante de Aspar.

—OH! —exclamou Casia decepcionada, mas Arcádio se deu conta de que Cailin não tinha contado tudo. Era evidente que ia desfrutar de um verão muito interessante.

Na areia, meia dúzia de lutadores divertia a incansável multidão desfilando fazendo malabarismos com várias bolas de cores. Foram seguidos por uma procissão maravilhosa de animais exóticos. Aspar retornou ao camarote e se sentou junto a Cailin, rodeando-a com um braço. Casia olhou ao Arcádio com um leve sorriso e ele sorriu a sua vez.

—Oooohhh! —chiou Cailin. —Nunca tinha visto bestas como essas! O que são? E as que têm listras?

—As grandes bestas cinzas com o nariz largo se chamam elefantes. —respondeu Aspar. —A história conta que o grande general cartaginês Aníbal cruzou os Alpes no lombo de elefante e ganhou muitas batalhas. Os gatos com listras são tigres. Procedem da Índia, uma terra longínqua ao leste de Bizâncio. Os cavalos listrados são zebras.

—Essas criaturas altas e com manchas, meu senhor, e essas graciosas bestas com corcundas, o que são?

—As primeiras são girafas. Procedem da África, mas todas estas agora vivem no zoológico imperial. Os países estrangeiros sempre nos dão de presente bestas estranhas para nosso zoológico. Os outros animais são camelos.

—São magníficos —exclamou ela, com olhos reluzentes de infantil excitação. —Nunca tinha visto bestas assim. Na Britania temos cervos, coelhos, lobos, raposas, texugos, ouriços e outras criaturas correntes, mas nenhuma como os elefantes.

—Ah!—suspirou Arcádio exageradamente. —Ver Bizâncio de novo através dos maravilhosos olhos violetas de Cailin Druso.

—Olhos violentos? Quem tem olhos violentos? —perguntou Apolodoro, o comediante.

—Violeta, cômico desavergonhado! —espetou Arcádio. —Cailin Druso tem os olhos de cor violeta. Olha-os! São muito formosos.

—Os olhos das mulheres nunca dizem a verdade. —observou Apolodoro perversamente.

—Não é certo! —negou Casia.

—Você diz a verdade quando olha aos olhos de um homem? —perguntou o comediante. —As cortesãs são famosas por sua sinceridade.

—E os atores são? —replicou Casia com mordacidade.

Anastásio, o cantor, afogou a risada para ouvir esta resposta. Era o primeiro som que Cailin acreditava ter haver ouvido desde que tinha entrado no camarote.

—O imperador já volta. —anunciou Juan Andronico, o entalhador de marfim. Também ele tinha falado pouco desde que se reuniu com eles.

Cailin aproveitou a oportunidade para falar com ele.

—Na vila há uma de suas encantadoras peças — disse. —Uma Vênus rodeada por um grupo de Cupidos alados.

—Trata-se de uma de minhas primeiras peças. —admitiu o entalhador, sorrindo com acanhamento. —Agora me dedico principalmente a obras religiosas para as Igrejas. É um mercado muito lucrativo, e é minha maneira de devolver o dom que Deus tão generosamente me deu, senhora. Agora estou fazendo um presépio para o imperador.

—Posso entrar? —perguntou o príncipe Basilico, deslizando-se discretamente no camarote

do general. —Casia, meu amor! Está para se comer! E o farei, mais tarde.

E lançou um beijo.

—E sua esposa Eudoxia, meu amigo? Não deveria envergonhá-la. -- recriminou Aspar com seriedade.

—Seu amiguinho está de guarda no camarote imperial. —explicou Basilico com um sorriso. —Quer ter tempo para paquerar com ele, e se eu estiver a seu lado não pode fazê-lo. Além disso, Flavia e Justino Gabras também estão no camarote do imperador. Olhe. Estão no fundo. Não sei por que Leão permite sua presença, embora provavelmente são convidados de minha irmã. Na verdade são um casal temível, Aspar. Contaram-me que suas festas são tão depravadas que os habitantes de Sodoma e Gomorra se ruborizariam. E o pior é que são muito felizes. Flavia encontrou um companheiro digno dela. São o casal perfeito.

—Muito bem, fique, mas seja discreto. —advertiu Aspar.

—Me alegro em vê-lo, meu senhor. —saudou Cailin, sorrindo.

—Senhora, cada minuto que passa é mais formosa. —respondeu galante o príncipe. —Adivinho que é feliz e ele também. —Então Basilico se voltou para Casia. —Que encantadora está, querida. O escarlate e dourado te faz bem. Teremos que ver como ficam os rubis com ouro sobre sua suave e branca pele, né?

As corridas recomeçarem. Pela manhã, os Verdes tinham ganho duas corridas, os Azuis uma e os Vermelhos a última. Agora a equipe dos Brancos ganhou a primeira corrida da tarde e logo os Azuis obtiveram uma segunda vitória, com o que empataram com a equipe Verde. Mas o dia ia ser para os Verdes. Ganharam as duas últimas corridas e receberam das mãos do próprio Leão um aurigarión (um emblema de ouro), um casco de prata e um cinturão de prata. A multidão, que já estava rouca de tanto gritar, renovou suas aclamações e os jogos se concluíram formalmente quando o camarote imperial ficou vazio.

De repente, os que estavam nos assentos mais próximos a Aspar distinguiram as cintas verdes que este levava e ficaram a fazer coro:

—Aspar! Aspar! Aspar!

Uma expressão de irritação cruzou fugazmente o rosto de Aspar. Voltou-se e saudou com um gesto da mão, à multidão que o aclamava, o suficiente para satisfazê-los, mas não o bastante para inspirar maiores mostra de admiração.

—Que político é. —zombou Basilico. —Este pequeno incidente será comunicado a Leão, é obvio, adornado com exageros, e o pobre homem se sentirá dividido entre a gratidão que sente por você e o temor de que algum dia o destrone.

O príncipe riu.

—Leão sabe que prefiro ser um cidadão corrente antes que imperador. —disse Aspar. —Se alguma vez o duvidasse, se tranquilizaria em seguida. Francamente, se me permitisse me retiraria.

—Você não. —disse Basilico com um amplo sorriso. —Você morrerá a serviço de Bizâncio. Casia, meu anjo, tem algum delicioso jantar preparado para mim? Irei contigo.

—Não vai ao palácio para assistir ao banquete? —perguntou Aspar a seu amigo. —Sei que antes disse que não, mas não é obrigatória sua presença?

—Não me sentirão falta, meu amigo —replicou o príncipe. —Além disso, o patriarca está convidado. Rezará tanto, momentos antes de comer, que quando o fizerem a comida estará danificada. —terminou com uma gargalhada.

—Eu me ocuparei melhor dele, meu senhor —disse Casia, —e seu jantar será de seu gosto, verdade, meu príncipe?

Os olhos do Basilico brilharam com malícia. Casia se voltou para Cailin.

—Posso te visitar algum dia? Estou muito contente de que me tenham incluído em seu grupo de hoje. Nós duas percorremos um comprido caminho desde nossos dias em Vila Máxima.

—Claro que pode, —respondeu Cailin sinceramente. —estive muito só desde que deixei Vila Máxima, embora agora tenha uma jovem escrava saxã que me faz companhia. Eu adoro escutar suas fofocas, Casia. Parece saber tudo o que ocorre em Constantinopla. Mas em realidade sou mais feliz no campo.

—O campo é agradável para ir visitar —disse Casia, —mas eu nasci em Atenas e prefiro a cidade. E Basilico gosta de falar em grego comigo. Está muito helenizado para ser bizantino.

Cailin se despediu de todos os convidados e Arcádio prometeu que iria logo a Vila Mare para iniciar seu trabalho. Casia montou em sua leiteira junto com Basilico e se afastaram entre a multidão que saía do Hipódromo. Cailin subiu a sua leiteira.

—Tenho que ir ao palácio a ver o imperador. —disse Aspar, inclinando-se para falar em seu ouvido. —Enviarei à cavalaria para que te escolte até em casa e me reunirei contigo assim que possa.

—Não preciso de soldados depois de cruzar as portas da cidade, meu senhor. O caminho está livre de perigos e é muito concorrido de dia. Ajudariam a me abrir passo entre a multidão, mas não quero que sigam, eu rogo.

—Muito bem, meu amor. Enviarei um mensageiro se tiver que me atrasar. Me espere se puder, Cailin.

—O que queria antes o imperador, meu senhor? —perguntou ela.

—Minha presença, nada mais. É sua maneira de exercer sua autoridade, e eu obedeço porque isso o tranquiliza. —disse Aspar. —O convite ao banquete, quando sabe que me desagradam os banquetes, não é mais que outra prova. A Igreja sempre está jogando veneno no ouvido de Leão porque minhas crenças não são ortodoxas. Obedecendo-o pontualmente, as mentiras do patriarca parecem tolas. Leão não é estúpido. Tem medo, sim, mas é inteligente. A imperatriz é quem me preocupa.

—Por quê?

—É ambiciosa. Muito mais que Leão. Verina gostaria de ter um filho que seguisse os passos de Leão. Não têm mais que duas filhas. Não sei se conseguirá ter esse filho varão. Leão prefere a oração ao prazer, parece.

—Se isso for uma virtude, meu senhor, e é necessária para; um imperador, na verdade você jamais será imperador. —disse Cailin rindo. —Você prefere o prazer à oração. Parece-me que nunca te vi rezar ao deus cristão nem a nenhum outro deus.

Como resposta, ele a beijou nos lábios lenta e ardorosamente. Ela correspondeu movendo a

língua picaramente dentro de sua boca enquanto ele deslizava uma mão sob sua túnica para acariciar um seio. O mamilo se endureceu imediatamente e Cailin gemeu brandamente.

Aspar apartou os lábios e sorriu com malícia a Cailin.

—Irei assim que possa, meu amor. —prometeu, retirando a mão, não sem antes dar um leve beliscão no mamilo.

Ela conteve o fôlego e o deixou escapar lentamente, e disse:

—Esperarei meu senhor, e estarei preparada para cumprir suas ordens.

CAPÍTULO 12

—Viu como a olhava? —perguntou Flavia Estrabo a seu marido, Justino Gabras. —A ama! Realmente a ama! —Seu rosto refletia o aborrecimento que sentia.

—E a você o que importa? —replicou ele. —Você nunca o amou. Não deveria se importar que a ame.

—Não se trata disso! Não seja estúpido, Justino! Não vê quão embaraçosa é sua descarada paixão? Não me deu seu amor, mas o deu a essa putinha! Serei o bobo de todos meus conhecidos. Como se atreve a levar essa prostituta aos jogos e sentar-se com ela em seu camarote para que todos vejam? Embora ninguém soubesse quem é ela, virtualmente toda Constantinopla conhece Casia, especialmente agora que é amante do príncipe Basilico. Muito próprio de Aspar rodear-se de artesãos, atores e prostitutas!

—Não está particularmente atraente quando se zanga, minha querida esposa. —brincou Justino Gabras. —Saem manchas na pele. Seria melhor que controlasse seu gênio, sobretudo quando estamos em público. —inclinou-se por diante da jovem escrava que se achava entre os dois, aproximou o rosto da Flavia e a beijou. —Não quero falar mais deste assunto, meu amor, e se voltar a mencionar seu ex-marido desatará minha ira. E já sabe o que ocorre quando explodo. —Passou uma mão pelo corpo da escrava. —Nos concentremos em diversões mais agradáveis, como nossa pequena e encantada Leah. Não é encantadora, querida? E está tão ansiosa por receber nossos tenros cuidados... Verdade que sim, Leah?

—OH, sim, meu senhor. —respondeu a moça, arqueando-se para ele. —Desejo suas carícias.

Justino Gabras sorriu preguiçosamente a aquela bonita e submissa criatura. Então, ao ver que sua esposa ainda não estava satisfeita, disse com aspereza:

—Terá sua vingança, Flavia. O que prefere? Um golpe rápido que permita a Aspar nos devolver isso. Ou esperar o momento oportuno e então destruir aos dois? Quero que se sinta satisfeita, querida. Escolhe agora e resolvamos este assunto que já começa a me aborrecer.

—Sofrerá? Quero que sofra por me haver rechaçado.

—Se esperar o momento oportuno e me deixa planejá-lo devidamente, sim, sofrerá. A vida de Aspar se converterá em um inferno, prometo, mas tem que ter paciência, Flavia.

—Bem. —acessou ela. —Esperarei o momento propício, Justino. Embora esteja impaciente por destruir Aspar, sua habilidade para o mal é infinita. Confio nesse domínio da perversidade que possui. Agora, me diga, quem dos dois possuirá primeiro a Leah? —Flavia olhou à moça e sorriu. —

Realmente é encantadora, meu senhor. Não é virgem, verdade?

—Não, não é. Me agradaria que tomasse você primeiro, Flavia. Eu gosto de vê-la com outra mulher. Faz muito bem, devo admitir, e é mais tenra com uma de seu próprio sexo que com os homens jovens que tanto gosta e aos que, entretanto maltrata.

Ela sorriu com picardia.

—Os homens —disse— têm que ser castigados pelas mulheres, mas as mulheres devem ser mimadas por seus amantes de ambos os sexos. Uma mulher mimada se entrega mais que uma maltratada, Justino.

—Então Aspar deve mimar muito a essa Cailin. —respondeu ele com crueldade. —Ele a olhava com olhos de amor, e seu olhar era correspondida por essa adorável e bela jovenzinha. Se a ama como você crê, asseguro que também o ama.

—E saber isso —disse ela, estranhamente tranquila— fará que nossa vingança seja muito mais doce, Justino, meu amor, não é certo?

Ele pôs-se a rir.

—É tão perversa como eu, Flavia. Pergunto-me o que pensaria de você sua amiga a imperatriz se conhecesse seu verdadeiro caráter. Sentiria medo? Algum dia a terei em minha cama, juro-o! Está a pronta para a rebelião, já sabe. Leão virtualmente a tem esquecida e passa todo o tempo que deveria estar fodendo com ela rezando de joelhos por um herdeiro, ou isso ao menos dizem os rumores da corte.

À tarde seguinte, um pequeno grupo formado pelo irmão da Verina, esta e duas donzelas de confiança zarpou no iate imperial para uma breve excursão pelas costas ocidentais da cidade e desfrutando do incipiente verão. Era uma tarde perfeita para isso, e o seu não era o único navio de vela que sulcava as águas azul-esverdeadas do Propontis aquela tarde. Havia suficiente brisa para impulsionar brandamente a nave. O sol brilhava calidamente em um céu espaçoso. Basilico tinha navegado neste pequeno mar interior desde que era menino e conhecia bem a costa e seus correntes. Sua habilidade permitia que não levassem um capitão que mais tarde poderia ser subornado para obter informação. As duas mulheres que acompanhavam à imperatriz teriam morrido por ela. Sua lealdade era tanta, que podia confiar-se em que não falariam nem sob tortura.

Cailin ignorava quando acudiria a imperatriz a Vila Mare, mas sabia que só demoraria uns dias em aparecer. Não gostava de guardar secretos de Aspar e por isso falou com ele na manhã seguinte a sua visita ao Hipódromo. Ele a escutou com atenção, e enquanto contava a reunião secreta que tinha mantido com a Verina e seu resultado, seu rosto ficou sério.

—Seja o que seja o que deseja de mim —disse, —deve ser muito importante para ela.

—Está de acordo em apadrinhar nossas bodas se o concede. —disse Cailin. —Mesmo assim, temo que poderia te induzir a fazer algo indesejável.

—Não posso fazer nada que possa qualificar-se de traição. —respondeu ele. —Minha honra sempre foi minha maior defesa, meu amor. Embora te quero muito e te desejo como esposa, não comprometerei minha honra, Cailin. Entende-o, verdade?

—Não poderia te amar, Flavio Aspar, se não fosse um homem de honra. —assegurou ela. —

Recorda que me educaram na tradição do antigo Império Romano. A honra ainda era o mais importante quando meu antepassado chegou a Britania com Claudius, e assim foi no transcurso dos séculos, meu senhor. Não te pediria nada desonroso. Mesmo assim, escutar o que a imperatriz tenha que dizer não pode nos causar nenhum dano.

—A escutarei. —prometeu ele. —Se Verina quer empreender alguma ação reprovável, possivelmente possa dissuadi-la disso.

Entretanto, a missão da imperatriz não era reprovável. Sua origem se achava, mas bem em seus temores, como explicou a Aspar na intimidade do jardim enquanto Cailin e as criadas permaneciam no átrio, com o Basilico para distraí-las. Verina estava pálida e era evidente que não tinha dormido bem. Movia-se inquieta entre as flores, puxando as pontas da túnica com nervosismo. Aspar a seguia e a incentivou a falar.

—Cailin mencionou seu encontro no dia dos jogos. —disse ele. —Não dissimule comigo, senhora. O que quer de mim?

—Preciso saber se, em caso de crise, você apoiaria minha posição. —declarou a imperatriz com voz suave.

—Serei franco, senhora. Esta falando de traição?

Verina empalideceu ainda mais.

—Não! —exclamou. —Não me expliquei bem. A situação me resulta perturbadora. OH, como o diria?

—Claramente. —disse ele. —Tudo o que me diga ficará entre nós, senhora. Garanto isso. Se não se trata de traição, não têm nada que temer de mim. O que a preocupa tanto que procura minha ajuda em segredo?

—Trata-se de alguns dos sacerdotes que rodeiam meu marido —disse Verina. —Incitam-no a acreditar que eu sou a responsável pelo fato de que não tenhamos um filho. Eu quero um filho! Mas como posso o ter se Leão não visita minha cama? Nunca foi um homem excessivamente apaixonado, e nos últimos anos deixou por completo de visitar minha cama. Os sacerdotes se converteram em seus melhores confidentes. Exortam-lhe a rezar mais e a dar esmolas para que Deus nos dê um filho, mas se meu marido não une seu corpo ao meu, não haverá filho. Inclusive levei a Casia, a cortesã amante de meu irmão, ao palácio, em segredo, para que me ensinasse suas artes eróticas. Queria as utilizar para seduzir a meu marido, mas não serve de nada. —disse a imperatriz com lágrimas nos olhos. —Agora esses mesmos sacerdotes aconselham a meu marido que me encerre em um convento para o resto de meus dias, para que possa agarrar uma nova esposa jovem, que daria o filho que eu não posso dar, dizem os sacerdotes. Já não sou uma menina, meu senhor, mas ainda sou capaz de conceber um filho se me dá a oportunidade. Esses perversos clérigos realmente pretendem dar a meu marido uma esposa que esteja em dívida com eles e que espione para eles.

—O que é exatamente o que quer que faça? —perguntou Aspar.

—Leão o teme e o respeita. O temor procede de que você o colocou no elevado posto que ocupa e o respeito nasce dos muitos anos que esteve a seu serviço. Às vezes se pergunta se seria capaz de tomar seu trono. Encontra-se muito cômodo sentado nele. Os sacerdotes enchem sua

cabeça com palavras cruéis sobre você, Flavio Aspar. —prosseguiu Verina. —Dizem que deseja governar através dele, e que se não puder fazê-lo, o derrubará e ocupará o trono.

—Eu não desejo ser imperador. Em seus momentos de sensatez Leão tem que ser consciente disso. Se tivesse querido ocupar o trono imperial, o teria feito. Não tinha mais que renunciar a minhas crenças árias em favor das práticas ortodoxas e me teriam apoiado suficientes membros da Igreja para colocar a coroa imperial em minha cabeça.

—Sou consciente disso, e por isso fui a você. Seus motivos são honrados e sua lealdade é a Bizâncio, não a uma facção ou indivíduo. Me ajude a conservar meu lugar ao lado de meu marido, apesar da perversidade dos que os rodeiam. Se me ajudar e proteger contra meus inimigos, ocuparei-me de que Leão permita que se case com Cailin Druso.

Aspar fingiu considerar sua oferta, embora já tinha decidido ajudá-la. O imperador devia a Flavio Aspar seu posto. Se sua esposa estava unida a ele, melhor. Sua própria posição se veria fortalecida. Era pouco provável que Leão concebesse um filho com alguma mulher. Não tinha estômago para isso. Preferia jejuar e rezar em lugar de enredar-se no matagal da paixão. Aspar suspeitava que o imperador, no fundo, estaria encantado de ver-se livre desse dever. Verina sempre tinha sido uma esposa fiel. Preferiria o velho e conhecido a algo novo e núbil.

"Não —pensou Aspar; —não quero ser imperador. Quero que o seja meu filho." Se Leão e Verina estavam em dívida com ele, ele teria poder para promover um noivado entre seu filho menor, Patrício, e a princesa imperial mais jovem, Ariadna, ao cabo de uns anos. Primeiro o matrimônio, e depois convenceria a Leão de que nomeasse herdeiro ao Patrício.

—Apoiarei sua causa, senhora. —disse, por fim Aspar à imperatriz, quem suspirou aliviada. —Esses sacerdotes ultrapassam suas obrigações. Seu único dever é cuidar do bem-estar espiritual do imperador. Falarei pessoalmente com o patriarca de minha inquietação por seu comportamento. Sei que posso confiar em que ponha fim a esse assunto. Na verdade me surpreende que os escolhidos para guiar Leão espiritualmente abusem de sua posição. Não terá que permiti-lo. Fez muito bem em solicitar minha ajuda, senhora.

Segura já de que sua causa era justa, Verina se ergueu com orgulho e disse:

—Por minha parte, cumprirei minha promessa. Demorarei um pouco de tempo, mas me ocuparei de que se permita formalizar sua relação no seio da Igreja. Têm minha palavra, e sabe que é válida.

—Obrigado, senhora.

—Não —replicou ela, —sou eu quem deve agradecer, Flavio Aspar. Oxalá houvesse em Bizâncio mais homens como você a seu serviço.

Quando a imperatriz e seu grupo haviam partido de volta a Constantinopla, Aspar passeou com Cailin pelos jardins, onde não era provável que ninguém os ouvisse. Explicou exatamente o que Verina queria dele e disse que tinha aceito ajudar à imperatriz em troca de que ela os ajudasse.

—Deve fazer um esforço para agradar ao padre Miguel para que te batize. — disse Aspar. — Quando se tomar a decisão em nosso favor, não quero que exista nenhum impedimento a nosso matrimônio. Uma esposa ortodoxa batizada será um ponto favorável para mim. Há mais coisas em

jogo do que pode imaginar, meu amor.

Não perguntou do que se tratava. Cailin sabia que Aspar diria no momento oportuno.

—Muito bem. —acessou ela. —Deixarei de fazer perguntas difíceis ao padre Miguel e aceitarei mansamente o que me diga com a humildade de uma boa mulher cristã. Embora as regras e normas impostas pela Igreja me parecem estúpidas, tenho que admitir que eu gosto das palavras de Jesus Nazareno. É uma das poucas coisas às que encontro sentido. —Estreitou a Aspar com seus braços. —Quero ser sua esposa, Flavio Aspar. Quero ser mamãe de seus filhos e passear pelas ruas de Constantinopla com orgulho e ser a inveja de todos porque sou sua.

Depois de passear pelos jardins foram até a praia, onde tiraram a roupa e se meteram ao quente mar. Ele a tinha ensinado a nadar e Cailin adorava a liberdade da água. Rindo, pulou entre as ondas até que ao fim ele a levou até a borda e fez amor apaixonadamente no mesmo lugar onde tinha reavivado a paixão da jovem. Seus gemidos de prazer se mesclaram com os grasnidos das gaivotas que revoavam. Depois, jazeram saciados e satisfeitos, deixando que o sol secasse seus corpos.

O vigésimo aniversário do Cailin já tinha passado. O verão transcorreu em uma sucessão de comprimentos e ensolarados dias e noites calorosas e apaixonadas. Cailin jamais tinha imaginado que um homem pudesse ser tão viril, em especial um homem da idade de Aspar, e, entretanto o desejo deste não se esgotava.

Basilico vinha com regularidade visitá-los com a Casia, e quando Aspar brincava com seu amigo por sua súbita afeição ao campo, Basilico afirmava:

—Com este calor a cidade é um forno, e ouvi rumores de que há uma praga. Além disso, aqui têm espaço mais que suficiente para nós.

Em segredo, Basilico também levava notícias da Verina.

Aspar tinha visitado patriarca para expressar seu desagrado ante qualquer plano para deslocar à imperatriz pelo assunto do herdeiro. Outra esposa não serviria de nada, disse Aspar ao religioso. A culpa era de Leão, que preferia uma existência ascética e sem complicações que permitia governar com mais sabedoria que se estivesse afligido pelos assuntos carnais. Havia muitos homens aptos para suceder a Leão, mas um imperador sábio e pio era uma estranha bênção sobre o Bizâncio. A imperatriz, disse Aspar ao patriarca, lhe servia. Ela, era virtuosa e devotamente leal, queria proteger a seu marido das más influências. Perturbar a paz de seu espírito, observou Aspar, era perverso, injusto e ímpio.

Basilico informou que os sacerdotes que rodeavam ao imperador tinham sido outros que pareciam ocupar-se só da vida espiritual do imperador. A imperatriz se sentia aliviada e agradecida de que tivessem retirado à espada de Damocles que pendia sobre sua cabeça. Enviou recado, através de seu irmão, de que cumpriria sua promessa. Tinha iniciado sua campanha para influenciar Leão favoravelmente em relação às bodas entre o primeiro patrício do Império e Cailin Druso, uma jovem viúva patrícia procedente da Britania que logo ia ser batizada na fé cristã ortodoxa.

Em princípios do verão, Aspar foi enviado ao Adrianópolis, pois o governador da cidade tinha

dificuldades com duas facções rivais que ameaçavam com a anarquia. Uma delas estava composta por cristãos ortodoxos e a outra por cristãos arianos. Aspar, um ariano que servia a um governador ortodoxo possuía a capacidade de mover-se facilmente entre estes dois mundos religiosos e era a pessoa idônea para estabelecer a paz. Flavio Aspar era respeitado por ambas as religiões.

—Oxalá pudesse te levar comigo, —disse a Cailin na véspera de sua partida, —mas em um assunto como este tenho que poder me mover com agilidade e sem nenhum impedimento. Esses fanáticos brigam pelas coisas mais absurdas e se alguém não contiver sua ira se perderão muitas vidas.

—Eu seria um estorvo. —admitiu ela. —Sem mim pode atuar de maneira decisiva, e é possível que tenha que fazê-lo, meu senhor. Matar e causar destruição por uma questão religiosa é uma loucura, mas acontece com frequência.

—Será uma esposa perfeita para mim. —observou ele com admiração.

—Por quê? —repôs ela com picardia. —Porque compartilho sua paixão, ou porque não me queixo quando deve partir?

—Pelas duas coisas. —respondeu ele com um sorriso. —Tem uma habilidade inata para entender às pessoas. Sabe quão magra é a linha pela que devo caminhar entre essas facções fanáticas de Adrianópolis e não me distrai de meu dever. Os que se opõem a nosso matrimônio logo reconhecerão que estavam equivocados e que Cailin Druso é a esposa adequada para Aspar.

—Não posso te distrair de suas obrigações? —Fingiu sentir-se ofendida e se colocou sobre ele e o olhou com olhos acesos. Passou a língua pelos lábios em gesto sedutor, lentamente. Seus olhos se escureceram com a paixão e se acariciou os peitos até que os mamilos ficaram eretos. —Não posso distraí-lo por uns minutos, meu senhor?

Ele a observou com os olhos entrecerrados e um leve sorriso nos lábios. Sabia que seu amor por ela era o que a fazia descarada, e sem dúvida isso redundava em benefício dele. Cailin era tão jovem e tão formosa, pensou, acariciando suas costas. Às vezes, quando a olhava, perguntava-se se quando fosse velho o amaria ainda, o medo retorcia suas vísceras. Então ela sorria e o beijava docemente e, tranquilizado, Aspar se convencia de que Cailin sempre o amaria, pois era honrada e leal por natureza. Agarrou-a pela cintura e a levantou ligeiramente para permitir que seu membro endurecido se erguesse.

—Me distrai continuamente, meu amor. —grasnou enquanto baixava ao Cailin lentamente sobre seu sexo. Logo a penetrou quase com rudeza e a beijou apaixonadamente, em seguida lhe fez dar a volta para penetrá-la por trás. —Está condenada a passar o resto de seus dias me distraindo, Cailin. —gemeu ele ao ouvido da jovem enquanto investia com lentidão uma e outra vez. —Adoro-te, meu amor, e logo será minha para toda a eternidade! Minha esposa! Minha vida! A doce e luminosa metade de minha alma escura!

—Amo-te, Flavio Aspar... —disse ela meio soluçando, e logo se abandonou ao mundo de cálidas sensações que provocava.

Sentia frio e calor ao mesmo tempo, e era tanto seu amor que o coração palpitava e parecia elevar-se. Mas se seu lugar estava no coração e nos braços dele, por que tinha medo? Logo

chegou ao topo do prazer e Cailin exalou um leve grito e seus temores logo se dissiparam na segurança dos amantes braços de Aspar. Ela se aconchegou feliz contra ele e adormeceu.

Quando despertou pela manhã, ele já tinha partido. Nellwyn levou uma bandeja com iogurte recém feito, damascos amadurecidos, pão recém preparado e uma jarrinha de mel.

—O mestre Arcádio pergunta se hoje posará para ele. Diz que quase terminou e poderá partir no fim de semana se você cooperar. Acredito que está ansioso por retornar a Constantinopla. O verão terminou e fala todo o momento dos jogos de outono.

—Diga que o verei dentro de uma hora. —indicou Cailin à criada. —Quero que a estátua esteja terminada e montada em seu pedestal no jardim antes que retorne meu senhor. Será meu presente de bodas para ele.

—Jamais vi nada igual. —admitiu Nellwyn. —É tão formosa, senhora. Acreditava que só os deuses eram retratados assim.

—A estátua representa a Vênus, a antiga deusa do amor. Eu simplesmente posei em lugar da deusa para Arcádio.

Cailin tomou o café da manhã e, depois de banhar-se, reuniu-se com o escultor no estudo deste. Nellwyn tirou sua túnica e Cailin ocupou seu lugar. O escultor trabalhou um momento, passando os olhos da estátua de argila que havia modelado à própria Cailin. Quando viu que ela começava a cansar-se, parou. Cailin colocou a túnica antes de sair e ambos sentaram-se ao sol e tomaram suco de laranja recém espremido e um pouco de bolo de sésamo que Zeno tinha servido.

—Sentirei falta de sua companhia. —disse Cailin ao Arcádio. —Eu gosto de suas perversas intrigas e aprendi muito das pessoas com as que me relacionarei quando estiver casada com Aspar.

—Sua vida não será fácil. —respondeu ele. —Os que estão na corte a evitarão até que a conheçam, e inclusive quando conhecerem seu verdadeiro valor alguns seguirão dando as costas. Só estarão ansiosos por cultivar sua amizade devido à influência que têm sobre Aspar ou porque esperam seduzi-la como têm feito com outras tantas, e deve ir com cuidado com eles. Sua virtude, à luz das falações que a rodeiam, verdadeiramente os fará enlouquecer.

—Que paradoxais são os bizantinos. —disse Cailin. —Abraçam uma religião que prega a bondade e, entretanto o mal abunda entre vocês. A verdade é que não entendo a sua gente.

—Nossa sociedade é simples. —observou Arcádio. —Os ricos desejam o poder e mais riquezas para sentir-se invencíveis, e por isso se comportam como outras pessoas não se atreveriam a fazê-lo. São mais cruéis, e mais carnais, e como sua fé promete o perdão se arrependerem, fazem-no de vez em quando, desfazendo-se de seus pecados para seguir pecando. Isto não ocorre só em Bizâncio, Cailin. Todas as civilizações alcançam seu apogeu em algum ponto de seu desenvolvimento. Os menos ricos imitam aos ricos; e os pobres se mantêm em seu lugar graças a uma forte burocracia e um dirigente benéfico que permite entrada grátis nos jogos. O pão e o circo, minha querida menina, mantêm aos pobres controlados, salvo nos estranhos tempos em que a praga, a fome ou a guerra interferem com a atividade dos governantes. Quando isso acontece, nem sequer os imperadores estão a salvo em seu trono. —Riu entre dentes. —Como vê,

sou um cínico.

—Quão único desejo —disse Cailin— é me casar com meu amado senhor, e se os deuses quiserem, lhe dar um filho. Viverei aqui, no campo, educarei a meus filhos e serei feliz. Não quero participar das intrigas de Bizâncio.

—Não poderá escapar delas, querida. Aspar não é um nobre sem importância que possa retirar-se a um imóvel no campo. Este idílio que viveu não poderá seguir uma vez que estejam casados. Terá que aceitar seu lugar na corte como esposa do primeiro patrício do Império. Siga meu conselho, querida moça, e não se alie com nenhuma facção por muito sedutoramente que a incitem a isso; e o farão, esteja segura. Deve permanecer neutra, como faz Aspar. Ele só é leal à própria Bizâncio.

—Minha lealdade é para Aspar. —declarou ela com firmeza.

—Isso está bem. Sim, querida menina, vejo que não se deixará seduzir pelos cantos de sereia da corte. É muito inteligente. Agora voltemos para assunto de a imortalizar. —acrescentou com uma risadinha. —É escandalosamente sensual para ser tão prática.

—Me fale desses jogos que o incitam a retornar à cidade, Arcádio. —pediu Cailin para retomar sua pose. —Acreditava que só havia jogos em maio, o dia da comemoração. Não sabia que também se celebravam em outras épocas. Haverá corridas de carros?

—Durante o ano se celebram jogos várias vezes —respondeu ele, —mas estes em particular estão patrocinados pelo Justino Gabras para celebrar suas bodas com a ex-esposa de Aspar, Flavia Estrabo. Não pôde organiza-lo antes porque na primavera tudo se centrava nos jogos de maio. Logo fará muito calor. Assim Justino Gabras pensou que seus jogos podiam coincidir com o aniversário do sexto mês de suas bodas com a Flavia. Haverá corridas pela manhã e gladiadores pela tarde. Dizem que Gabras pagou para que haja lutas a morte.

—Nunca vi gladiadores. Lutam com espadas e escudos, não? O que são lutas a morte?

—Bom, querida, vejo que há outra área de sua educação que terei que completar. As lutas de gladiadores começaram na antiga Campânia e Etruria, de onde procedem nossos antepassados. Os primeiros gladiadores eram escravos que eram obrigados a lutar até a morte para diversão de seus amos. Estes combates, ao final, chegaram a Roma, mas durante muitos anos só se celebravam nos funerais de homens distintos. Pouco a pouco começaram a ser patrocinados por particulares, e o imperador Augusto financiou alguns dos chamados “espetáculos extraordinários”. À larga se programaram lutas de gladiadores com regularidade nos jogos públicos de dezembro, nas Saturnalias, enquanto os políticos e outros que desejavam o apoio público ofereciam combates de gladiadores grátis em outras épocas. O povo adorava a excitação e o sangue destes jogos. No princípio, os gladiadores eram cativos tomados na guerra que preferiam a morte a converter-se em escravos. Eram lutadores treinados. Entretanto, quando a paz romana se impôs em quase todo mundo, o número de cativos diminuiu e se fez necessário treinar a homens que não eram soldados. Muitos criminosos eram sentenciados a converter-se em gladiadores, mas mesmo assim, não havia suficientes para satisfazer a grande demanda que então existia. Muitos homens inocentes foram acusados de pequenas ofensas e condenados à areia. Os primeiros cristãos foram sacrificados porque não havia muitos criminosos ou cativos. Quando não havia

suficientes homens, enviava-se a mulheres e inclusive meninos para que brigassem.

—Que horrível! —exclamou Cailin, mas Arcádio prosseguiu, impassível.

—Havia escolas de gladiadores em Cápua, Prenesta, Roma e Pompeia, assim como em outras cidades. Algumas, eram propriedade de ricos nobres que dessa maneira treinavam a seus próprios lutadores, mas outras eram propriedade de homens que comercializavam com gladiadores. As escolas eram dirigidas muito estritamente, porque seu fim era assegurar um fornecimento regular de lutadores competentes e preparados. Os professores eram duros, mas treinavam bem a seus alunos, e com esmero. Controlava-se a dieta. A cada dia faziam ginástica e recebiam lições de peritos em armas. Com o tempo, entretanto, era impossível conseguir suficientes homens para treinar, inclusive entre os cativos e criminosos. Os gladiadores de hoje em dia são homens livres que escolheram essa vida.

—Não posso imaginar o motivo de tal eleição. —observou. —Parece terrível. Mas que armas utilizam? E como brigam?

—Normalmente se enfrentam em pares, embora no passado os combates fossem entre um grupo de homens contra outro grupo. Normalmente ficavam poucos. Os gladiadores profissionais se dividem em três grupos: samnitas, que vão muito armados; trácios, que vão pouco armados; e os lutadores com rede. As armas destes são sua grande rede, suas adagas e uma lança.

—Ainda não me explicou o que é um combate a morte. —assinalou Cailin.

—Os combatentes brigarão até a morte, a menos, é claro, que Gabras conceda clemência ao perdedor de cada combate. Conhecendo Justino, duvido que o faça. Será mais popular se der ao povo um espetáculo sangrento.

—Que terrível. —disse Cailin com um estremecimento. —Não acredito que eu goste desses combates de gladiadores, sabendo que alguém morrerá.

—Isso acrescenta sal ao espetáculo. —explicou Arcádio. —Nessas circunstâncias os combatentes sempre resultam em magníficos lutadores.

—Surpreende-me que haja homens livres que concordem em brigar nessas condições. —observou Cailin. —Saber que poderia morrer é uma perspectiva espantosa. —estremeceu outra vez.

—Mas sempre existe a possibilidade de que não matem a um. Além disso, os honorários para um combate a morte são mais elevados que para um combate corrente. Me disseram que o atual campeão, invencível, um homem conhecido como o Saxão, tem que brigar nos jogos de Gabras.

—Lamento por ele. —disse Cailin. —Se for invencível, todos outros se esforçarão por derrubá-lo. Enfrentará um grande perigo.

—É certo, mas será um combate mais emocionante. Pode descer Cailin, e se vestir. Terminei. —Deu um passo atrás para admirar sua obra. —Já está; acredito que é uma de minhas melhores obras. —disse com fingida modéstia. —Aspar deveria estar agradado e me pagar a tempo por meus esforços.

—E a base? —perguntou Cailin. —Quero que a coloquem no jardim, diante do mar, antes que Aspar retorne de Adrianópolis.

—Tenho um aprendiz na cidade trabalhando no pedestal, querida minha. O mármore é único, uma mescla de rosa e branco. Desconheço seu lugar de procedência. O encontramos atirado sob uns velhos objetos na parte traseira de meu estúdio, mas quando o vi soube que era a peça perfeita para nossa Vênus. Deve ver isto.

Cailin tinha posto a túnica e se aproximou para contemplar sua estátua. A jovem Vênus, como Arcádio gostava de chamá-la, elevava-se com o corpo ligeiramente curvado, um braço ao lado e o outro levantado, a palma estendida como se protegesse os olhos do sol. O cabelo estava recolhido no alto da cabeça, mas aqui e ali alguns cachos se curvavam em torno do esbelto pescoço e delicadas orelhas. Havia um débil sorriso no rosto. Sua cara e forma eram antigas e serenas.

—É formosa. —opinou Cailin, francamente cativada pela habilidade do escultor. Quase podia ver bater o pulso na base da garganta da jovem Vênus. Cada unha das mãos e dos pés era perfeita em seu detalhe, e havia mais.

—Sua singela comemoração é louvor mais que suficiente. —disse ele. Via a admiração por seu talento e sua arte nos olhos de Cailin. A simplicidade daquela jovem resultava estimulante, pensou Arcádio. Se fosse uma mulher da corte, teria se queixado de que não tinha captado sua verdadeira essência e logo teria tratado de diminuir seus honorários. Bom, tinha sido um trabalho mais que agradável. No dia seguinte retornaria à cidade e começaria uma série de seis figuras para o altar de uma nova igreja que se construía em Constantinopla. —Quando o pedestal estiver terminado, querida, virei eu mesmo instalar a estátua. Acredito que Flavio Aspar estará muito satisfeito com o que conseguimos.

Depois de sua partida no dia seguinte, Cailin descobriu que sentia falta da companhia do escultor, que tinha resultado um companheiro encantador e muito divertido. Nellwyn era uma moça doce, mas simples. Cailin não podia falar de temas profundos com ela. Simplesmente não os entendia. Mesmo assim, era agradável e Cailin se alegrava de sua presença.

A colheita foi boa na fazenda de Flavio Aspar, e enquanto Cailin caminhava pelos campos com Nellwyn, saudando os operários, voltou a considerar a possibilidade de que Aspar criasse cavalos para as corridas de carros. Os arrendatários do imóvel já cultivavam feno e grão para o gado. Grande parte dos pastos eram igualmente adequados para os cavalos. Se Aspar necessitava ainda mais terras, possivelmente poderia obter dos proprietários, carregados de impostos, cujas propriedades limitavam com a sua. Exporia a ideia de novo quando retornasse.

Casia foi visitá-la para ficar uns dias e levou notícias da cidade.

—Basilico me jurou que Leão dará seu consentimento para suas bodas quando Aspar retorne. Os esforços do general em Adrianópolis, ao parecer estão resultando satisfatórios. Leão não terá que diminuir seu tesouro imperial para recompensá-lo. —disse rendo. —Arcádio já terminou sua estátua?

—Faz umas semanas. Logo voltará para instalar o pedestal no jardim. Quero que esteja terminado antes que Aspar retorne. Você gostaria de vê-la?

—Claro que sim! —respondeu a formosa cortesã, rindo. —Acredita que mencionei só de passagem? Morro de curiosidade.

—Arcádio a chama A Jovem Vênus. —explicou Cailin ao descobrir a estátua no estúdio do artista. —O que te parece?

Casia ficou fascinada e por fim disse:

—Te captou perfeitamente, Cailin. Sua juventude, sua beleza, essa doce inocência que aparece em seu rosto apesar de tudo o que sofreu. Sim, Arcádio captou sua essência e se não fosse sua amiga me sentiria muito ciumenta. —Agarrou as mãos de Cailin e, dando um forte apertão, acrescentou: —Logo, não poderemos continuar nossa amizade.

—Por quê? Porque vou ser a esposa de Aspar e você é a amante do Basilico? Não, Casia, não seguirei seus cruéis jogos. Continuaremos sendo amigas apesar de minha mudança de posição social.

Os adoráveis olhos da Casia se encheram de lágrimas e logo disse:

—Jamais tinha tido uma amiga até que te conheci, Cailin. Espero que seja como você diz.

—Eu tampouco tive uma amiga, Casia. Antonia Porcio fingia sê-lo, embora sempre soube que não o era. As amigas não se traem. Sei que nós nunca o faremos. Agora me conte os últimos falatórios da cidade. Sinto falta do bate-papo do Arcádio.

Saíram do estúdio e se dirigiram à praia, onde se sentaram na areia e Casia contou as últimas notícias da cidade.

—A esposa do Basilico, Eudoxia, por fim seduziu a seu jovem guarda. É o mesmo que trouxe a imperatriz aqui. Sua semente é muito potente e a pobre Eudoxia ficou grávida virtualmente em seguida, apesar de seus esforços para evitá-lo, conforme disseram. Basilico ficou furioso. Ela queria abortar, mas ele não permitiu. Enviou-a para casa de seus pais, nos subúrbios de Éfeso.

—Não sei como se atreve a ser tão exigente, considerando a relação que tem contigo. —comentou Cailin com um leve sorriso.

—Parece injusto —coincidiu Casia, —mas tem que recordar que existem regras diferentes para os homens e as mulheres. Basilico foi muito benévolo com a Eudoxia porque ela é uma boa esposa e boa mãe. Não é como Flavia. Por isso, permitiu que desfrutasse dessa pequena diversão. Entretanto, ficar grávida foi um descuido por parte da Eudoxia e provocou uma grande vergonha ao Basilico. Eudoxia tinha que ter pensado nas consequências quando atuou de maneira tão leviana. O menino nascerá no começo do verão e será dado em adoção a uma boa família. A pobre Eudoxia ficará em Éfeso até que nasça. Não me importa. Basilico agora é livre de passar mais tempo comigo. Seus filhos virtualmente são maiores e não o necessitam.

—Pergunto-me o que pensam de sua mãe. —O filho do Basilico conhece a verdade e queria matar ao pobre guarda. Basilico explicou que não se pode matar a um homem por aceitar o que se oferece livremente. Quanto às filhas do príncipe, não sabem, ou ao menos ele espera que não saibam. Disseram que sua mãe foi a Éfeso para cuidar dos avós, que estão doentes, e Basilico as enviou ao convento da Santa Bárbara para que estejam a salvo até que retorne sua mãe. Sozinhas, quem sabe que travessuras poderiam fazer. As meninas têm muita criatividade.

—De onde é? —perguntou Cailin enquanto contemplavam a água. —De Atenas, acredito que ouvi dizer em uma ocasião. Onde está isso?

—É uma cidade junto ao mar Egeu, ao sul de Constantinopla. Nasci em um bordel que era propriedade de minha mãe. Meu pai era oficial do governo destacado nessa cidade. Lembro que não era muito apreciado por ali. Quando morreu, fecharam o negócio de minha mãe. Eu só tinha dez anos, mas me venderam como escrava. Não sei o que aconteceu a mamãe e meu irmão pequeno. Me trouxeram para Constantinopla e me comprou Joviano para Vila Máxima. Tive muita sorte. Já sabe quão bem nos tratam os meninos em Vila Máxima. Ensinam a ler e escrever e a fazer somas singelas. Aprendemos boas maneiras e a agradar aos homens e mulheres que frequentam o estabelecimento. Quando tive treze anos minha virgindade foi leiloada. Joviano e Focos nunca tinham recebido, nem receberam depois, uma oferta tão elevada por uma virgindade. —disse com orgulho. —Como tinham me ensinado muito bem a agradar aos homens, e como parece que possuo um talento inato para isso, fiz-me muito popular. Joviano me advertiu que selecionasse a quem dava prazer, pois tinha o direito de rechaçar a qualquer homem. Resultou um excelente conselho. Quanto mais exigente parecia, mais se desesperavam os homens por me possuir e mais predispostos a pagar o preço mais elevado. Consegui reunir alguns presentes magníficos de meus agradecidos amantes. —Sorriu. —Então chegou Basilico, e ao cabo de pouco tempo queria dele mais que uma visita ocasional a minha cama. Insinuei se isso seria possível. Ofereceu-se a me dar de presente uma casa em um bom distrito, e assim comprei minha liberdade de Vila Máxima.

—Quantos anos tem? —perguntou-lhe Cailin.

—Um mais que você.

Cailin ficou surpreendida. Parecia mais velha, mas não era para menos.

—Quanto tempo manterá ao príncipe como amante? —perguntou. —Quero dizer... bom... está acostumada a ter vários amantes. Não te aborrece ter só um?

Casia pôs-se a rir. Se essa pergunta tivesse sido feita por outra pessoa teria se ofendido, mas sabia que Cailin, só tinha curiosidade.

—Com um amante já é suficiente. —respondeu. —Quanto a sua outra pergunta, estarei com o Basilico enquanto isso satisfaça aos dois. Ele e eu nunca nos casaremos como você e Aspar. Eu não sou patrícia.

—Ser patrícia não me protegeu do mal. —replicou Cailin com voz suave. —Embora em outro tempo me queixasse que a fortuna não me sorria, equivocava-me. Perdi a meu marido e meu filho, mas encontrei a Aspar. OH, Casia! Ele quer ter filhos, na sua idade!

Casia se estremeceu ligeiramente.

—Melhor você, querida amiga, que eu. Não sou muito maternal. Felizmente meu príncipe está satisfeito com os esforços de sua esposa para produzir descendentes... quando são deles.

Afastaram-se da praia e foram sentar-se junto ao lago do átrio, onde tomaram vinho doce e desfrutaram dos bolos de mel que a esposa de Zeno, Ana, tinha preparado para elas.

—A cidade —disse Casia— transborda de excitação pelos jogos que Justino Gabras organiza no Hipódromo dentro de uns dias. Fez vir gladiadores para celebrar combates a morte. Mal posso esperar!

—Arcádio me contou. —respondeu isso Cailin. —Me alegro de não ter que vê-lo. Parece-me algo terrível!

—Não é. —disse Casia. —Se acostumaria a isso. É magnífico ver os bons gladiadores, mas na atualidade escasseiam. A Igreja não aprova, mas com certeza o patriarca e seus capangas estarão ali, em seu camarote, com a mesma sede de sangue que todos outros. —Riu. —São tão hipócritas! Lamento que não vá. Terei que me sentar nos degraus, mas não perderia esses jogos por nada do mundo. Brigará o Saxão. Dizem que nunca perdeu um combate. Parece que não teme à morte, e seus outros apetites são igualmente insaciáveis, dizem.

Casia ficou na Vila Mare três dias. No dia antes de partir, chegou Arcádio com uma carreta em que trazia o pedestal para A Jovem Vênus e vários fornidos ajudantes que transladariam a estátua do estúdio a seu lugar no jardim. As duas mulheres contemplaram, fascinadas, como conduziam a obra de arte, fazendo esforços por não rir ao ver o escultor ir de um lado a outro dando ordens iradas aos trabalhadores. Por fim A Jovem Vênus estava colocada sobre sua base de mármore rosa e branco, de cara ao mar. Arcádio exalou um suspiro de alívio.

—Bom —disse, —o que acham? Casia estava visivelmente impressionada e assim o expressou. Cailin se limitou a beijar ao escultor na bochecha, o que o fez ruborizar de prazer.

—É maravilhosa. —coincidiu com elas.

—Fica conosco esta noite. —convidou Cailin.

—Sim —disse Casia. —Pode voltar para a cidade pela manhã em minha leiteira, comigo. Será uma viagem mais agradável que voltar na carreta com seus operários, que cheiram a cebola e suor.

Arcádio sentiu um calafrio para ouvir esta descrição tão gráfica e exata.

—Ficarei. —disse, e deu ordens a seu capataz para que levasse aos homens e retornasse a Constantinopla. Logo voltou com as mulheres e disse: —Os gladiadores chegaram ontem. Desfilaram pela cidade com toda pompa, como se isso fosse necessário para estimular o interesse pelos jogos. O povo já fervia de excitação. Não posso dizer quantas mulheres se deprimiram ao ver o campeão. Francamente, é a peça masculina mais magnífica que jamais vi. Seria uma lástima que o matassem, mas até agora ninguém conseguiu.

Casia e Arcádio, pessoas de cidade até a medula, conversaram animadamente toda a noite, enchendo os ouvidos de Cailin com toda classe de fofocas. Embora fosse divertido, Cailin se sentiu aliviada quando por fim pôde deitar-se. Pela manhã se despediu de seus convidados. Perguntou-se se teria que envolver-se nos assuntos da corte uma vez que ela e Aspar estivessem casados. Talvez Arcádio se equivocasse.

Pela tarde, nadou no quente e tranquilo mar e se tombou nua na praia, secando-se ao sol outonal. A paz que reinava era maravilhosa e Cailin desfrutou dela. Ficou adormecida e quando despertou se sentia cheia de renovadas energias e desejando que Aspar estivesse em casa de novo.

CAPÍTULO 13

Aspar retornou a Vila Mare na última hora da noite seguinte e levou Cailin à cama imediatamente. Ao amanhecer, quando tiveram satisfeito seu desejo, relaxaram-se e contou o

resultado de sua missão.

—Cheguei a Constantinopla ontem pela tarde —disse— e imediatamente me apresentei ante Leão. As dificuldades em Adrianópolis foram superadas. Nessa cidade volta a reinar a paz, embora não sei por quanto tempo. Tenho pouca paciência com os que discutem sobre o credo e o clã. Que tolos são!

—São a maioria —assinalou Cailin, —mas estou de acordo contigo, meu amor. As pessoas acreditam que a vida é um quebra-cabeça profundo e difícil, mas não é. Une-nos um fio: nossa humanidade. Se deixássemos a um lado nossas diferenças e tecêssemos nosso destino com esse fio, não existiriam mais enfrentamentos.

—É muito jovem para ser tão sensata. —brincou ele, beijando-a levemente. —Você gostaria de saber qual é minha recompensa por este recente serviço a Bizâncio?

Sorriu e a olhou com um brilho malicioso nos olhos.

O coração do Cailin se desbocou. Mas não se atreveu a formular a pergunta e se limitou a assentir.

—Em primeiro de novembro te batizará o próprio patriarca, na capela privada do palácio imperial. —anunciou Aspar. —Logo nos casará. Leão e Verina serão nossas testemunhas formais. Terá que adotar um nome bizantino, é obvio.

Cailin afogou um grito. Assim, era certo.

—Ana Maria. —conseguiu dizer. —Ana em lembrança de sua boa esposa, a mãe de seus filhos, e Maria pela mãe de Jesus.

—Escolheu bem. —disse ele. —Todo mundo aceitará, mas eu não deixarei de te chamar Cailin, meu amor. Para o mundo será Ana Maria, a esposa de Flavio Aspar, mas eu me apaixonei pela Cailin e seguirei amando-a toda a vida.

—Custa-me acreditar que o imperador e o patriarca ao fim tenham dado seu consentimento —disse Cailin com lágrimas nos olhos.

—Nenhum dos dois é tolo, meu amor. —assinalou Aspar. —Sua apresentação à sociedade bizantina não foi o que se diz convencional —sorriu, —e, entretanto Leão e a Igreja sabem que sua conduta desde que te comprei e libertei foi muito mais circunspeta que a da maioria das mulheres da corte, em especial à luz do atual escândalo que rodeia a esposa do Basilico, Eudoxia. Quanto a mim, dei a vida por Bizâncio, e se em meus últimos anos não posso ter o que desejo, do que servirei ao Império?

—Disse isso a eles? —perguntou Cailin, surpreendida de que tivesse falado com tanta franqueza ante o imperador e o patriarca.

—Sim, disse. —respondeu Aspar, e logo riu entre dentes. —Só fiz uma insinuação, meu amor. Minha grande vantagem sobre o imperador é que não há outro soldado de minha capacidade que possa comandar os exércitos do Império. Se me retirasse da vida pública... —Voltou a sorrir. —Deixei-o a sua imaginação. Leão não demorou a decidir-se e convenceu ao patriarca. O imperador aprendeu recentemente o valor de uma esposa leal e virtuosa. Então, ao ter conseguido o que meu coração desejava, vi-me obrigado a assistir a um banquete, por isso cheguei tarde ontem à noite. Sentiu minha falta, meu amor?

—Terrivelmente —respondeu ela, —mas não estive sozinha. Arcádio terminou a estátua. Já está instalada no jardim: é meu presente de bodas para ti. Também me deu alguns conselhos sobre a corte. Não me encantarei por nenhuma facção, prometo isso.

—Quer ir à corte? —perguntou ele, surpreso.

—Em realidade, não. —respondeu Cailin. —Arcádio disse que terei a obrigação de ir quando for à esposa do primeiro patrício do Império, mas preferiria seguir aqui no campo.

—Então seguirá aqui. — assegurou ele. —Arcádio não é mais que um velho fofoqueiro. É obvio, terá que aparecer em ocasiões solenes, quando eu me veja obrigado a assistir, mas se quer levar uma vida tranquila, sem dúvida poderá fazê-lo. Te darei filhos para que os eduque, e te ocupar de mim será a primeira de suas obrigações, naturalmente. Terá os dias muito atarefados. —brincou ele, passando a mão sobre o ombro.

—Quero criar cavalos para as corridas de carros. —anunciou ela. —Já falamos disso.

—Te ofereço filhos que criar e pede cavalos!

Fingiu estar ofendido, mas Cailin sabia que não estava. Empurrou-o sobre os travesseiros e beijando, acariciando seu peito.

—Sou uma mulher inteligente, meu senhor. Posso fazer as duas coisas: educar seus filhos e criar seus cavalos. Os celtas têm boa mão para os cavalos.

—É uma desavergonhada que sempre sai com a sua. —disse ele, e a pôs de costas, colocou-se em cima e a esfregou com o membro. —Quantos sementais necessitará? —perguntou, esfregando-se lentamente sobre ela, agradado ao ver que a paixão começava a acender-se em sua mulher. Quanto tinha sentido sua falta!

—Só necessito este semental, meu doce senhor, —disse ela, acoplando seu corpo ao de Aspar enquanto ele a acariciava, —mas dois campeões iriam bem para a manada de éguas que reuniremos. Oooohhh...! —suspirou quando ele a penetrou brandamente. Por todos os deuses! Tinha sentido muito mais sua falta do que acreditava!

Ele cessou seus movimentos e ficou imóvel dentro dela, acariciando os pequenos seios com as mãos. Queria prolongar aquele interlúdio. Do primeiro momento em que a havia possuído, havia-se sentido jovem outra vez. Essa sensação não tinha diminuído nos meses que estavam juntos. Com a Ana existia respeito. Com a Flavia não tinha existido nada. Mas Cailin... com Cailin tinha encontrado tudo! Jamais tinha sonhado que fosse possível semelhante amor entre duas pessoas.

—Está segura de que isso é o que quer? —perguntou-lhe ele. —Somente viu as corridas de carros uma vez.

Palpitou dentro dela, e para Cailin era quase impossível pensar em nada mais.

—Surpreende-me que ninguém o tenha pensado... —conseguiu articular. —Ooohhh, meu amor, volta-me louca!

—Não mais do que você a mim. —gemeu ele, e logo, incapaz de conter-se por mais tempo, inclinou-se, beijou-a e a investiu com deliberada ferocidade até que ambos alcançaram o topo do prazer.

Quando Aspar foi capaz de falar de novo, disse:

—Amanhã assistiremos aos jogos de outono. Volte a observar as corridas, e logo, se ainda o desejar, faremos os preparativos para criar cavalos de corridas.

—Mas esses jogos são patrocinados pelo novo marido da Flavia. —observou Cailin, surpreendida. —Estará bem que nos vejam ali?

—Toda Constantinopla assistirá, —disse Aspar, —incluídos todos os ex-amantes da Flavia, pode estar segura. Flavia e Justino Gabras se sentarão no camarote imperial com Leão e Verina. Ao menos não estaremos junto a eles, meu amor.

—Posso convidar Casia? Sentiu-se decepcionada quando disse que não ia assistir a esses jogos, e disse que se veria obrigada a sentar-se nos degraus com a plebe. Não penso deixar de me relacionar com ela.

—Me decepcionaria se o fizesse. —respondeu ele. —Sim, pode convidar a Casia. O povo murmurará, mas não me importa.

—Não quero ver as lutas dos gladiadores. —disse Cailin. —Casia me disse que serão a morte. Não suportaria ver morrer a um pobre homem só porque não foi tão rápido ou hábil como seu oponente. Parece-me cruel por parte do marido da Flavia pedir sangue.

—O sangue agrada à plebe. —declarou Aspar. —Tem que ver um combate, Cailin. Talvez não se horrorize tanto como acredita. Se verdadeiramente te desagradar, partirá com discrição. Não podemos desprezar a nosso desprezível anfitrião.

Cailin enviou um mensageiro a Casia aquela mesma manhã, convidando-a a unir-se a eles em seu camarote no dia seguinte, quando se iniciavam oficialmente os jogos. A resposta da Casia foi uma aceitação encantada.

No dia seguinte Cailin se levantou cedo, pois os jogos começavam às nove e as corridas durariam até meio-dia. Tinha preparado seu vestido com grande esmero. Sua estola, com o decote baixo e mangas rodeadas, era de suave fio branco. A parte baixa das mangas e o amplo bordado inferior, assim como a larga franja que cobria a metade superior da saia, estavam tecidos em fios de ouro puro e seda verde esmeralda. A estola se atava à cintura com um largo cinturão de pele com uma capa de pó de ouro e esmeraldas que faziam jogo com o colar e os complicados pendentes. Devido à época do ano, Cailin necessitaria de um casaco, mas não queria tampar seu vestido. Tinha uma capa semicircular de seda verde brilhante, que se grampeava no ombro direito com um broche de ouro com uma esmeralda ovalada. Sandálias de pele douradas cobriam seus pés e o vestido se completava com uma banda de seda adornada com joias ao redor da cabeça, da que pendurava um véu dourado.

Aspar, embelezado com traje de cerimônia cor púrpura com bordados de ouro chamado “túnica palmata”, que vestia com uma toga de lã púrpura com bordados de ouro, assentiu satisfeito quando a viu.

—Provocará muitos falatórios hoje, meu amor. Está magnífica.

—Você também, meu senhor—respondeu ela. —Está seguro de que não despertaremos os ciúmes imperiais? Vi ao imperador e você, meu senhor, tem um aspecto bem mais régio que ele.

—Essa opinião não a compartilhará com ninguém mais. —advertiu Aspar. —Leão é um bom administrador, precisamente o imperador que Bizâncio necessita.

—Leão é o imperador de Bizâncio —disse, —mas você é o que governa meu coração, Flavio Aspar. Isto é o único que me importa, meu amado senhor.

E o beijou na boca com ternura, sorrindo com os olhos.

Ele pôs-se a rir.

—OH, Cailin, você não só governa meu coração, temo, mas também minha alma. É doce e pícara, meu amor!

Casia e Basilico já esperavam no Hipódromo. Ao vê-lo entrar no camarote com o primeiro patrício do Império, a multidão começou a fazer coro seu nome:

—Aspar! Aspar! Aspar!

Ele se adiantou e saudou com a mão, agradecendo as aclamações com um sorriso. Logo se retirou à parte posterior do camarote para que o público se acalmasse. À direita do camarote imperial o patriarca e seu séquito observavam.

—Ele não os incita. —observou o secretário do patriarca.

—Ainda não. —respondeu o patriarca. —Algum dia, acredito que o fará. Mesmo assim, é um homem estranho e é possível que me equivoque.

De repente o Hipódromo estalou em um frenesi de gritos quando o imperador e a imperatriz, junto com o patrocinador dos jogos e seus convidados, entraram no camarote imperial. Leão e Verina receberam a comemoração da multidão com sorridente elegância, e logo apresentaram a Justino Gabras, que foi aclamado ruidosamente enquanto saudava com uma mão lânguida.

Ao ouvir as trompetistas, Leão se adiantou e executou o ritual que abria os jogos. Quando o lenço caiu de seus dedos, as portas do estábulo se abriram para deixar sair os carros da primeira corrida. A multidão respirava fervorosamente às quatro equipes.

—Olhe isso. —disse Flavia com indignação. —Como se atrevem Aspar e Basilico, a trazer para suas prostitutas a nossos jogos?

—Os jogos são para todos, querida. —replicou Justino Gabras, olhando Cailin avidamente.

"Que magnífica criatura —pensou. —Quanto eu gostaria de dispor dela embora só fossem uns minutos."

—Não me parece correto que o primeiro patrício do Império exiba a sua amante publicamente. —insistiu Flavia.

—OH, Flavia —disse Verina com uma risadinha, —seu ciúmes me surpreendem, em especial dado que nem você nem Aspar se suportavam quando estavam casados.

—Não se trata disso. —replicou Flavia. —Aspar não deveria exibir-se em público com uma mulher de moral tão reprovável.

—Por isso, ele nunca foi visto contigo, querida? —perguntou seu marido, zombador, e para mortificação da Flavia, Leão e Verina puseram-se a rir.

Ela rompeu em pranto.

—Meu Deus! —exclamou Justino Gabras. —Não suporto as emoções exageradas das mulheres que estão em época de criação. —Tirou uma parte de seda branco da túnica e o entregou a sua esposa. —Seque seus olhos, Flavia, e não faça ridículo.

—Está esperando um filho? —perguntou Verina surpreendida, mas então pensou que isso explicava a gordura que ultimamente Flavia exibia.

Esta fez um gesto de assentimento e sorveu pelo nariz.

—Dentro de quatro meses. —admitiu.

Todos felicitaram ao Justino Gabras.

—Poderia ser pior. —assinalou este. —Se a garota fosse a esposa de Aspar, teria preferência ante ti na corte. Em sua atual situação é inofensiva.

Verina não pôde resistir à tentação que tinha ao alcance da mão. Sorriu com falsa doçura.

—Temo que é exatamente o que vai ocorrer, meu senhor. O imperador e o patriarca autorizaram Aspar a se case com Cailin Druso.

Flavia empalideceu.

—Não pode permiti-lo! —exclamou. —Essa jovem não é mais que uma prostituta!

—Flavia —repôs Verina com calma, —inquieta-se por nada. Admito que sua apresentação em sociedade não foi nada convencional, mas passou muito pouco tempo em Vila Máxima. Seus antecedentes são melhores que os de todas nós. Comporta-se com uma modéstia que ganhou inclusive o elogio de seu primo, o patriarca. Será uma esposa excelente para Aspar e, me acredite, com o tempo todo o resto ficará esquecido, em especial se você segue provocando escândalos como o da primavera passada. Você é muito mais puta, e também a metade das mulheres da corte, que a pequena Cailin Druso.

A imperatriz sorriu e agarrou a taça de vinho que do robusto criado.

Antes que Flavia pudesse responder, seu marido beliscou seu braço.

—Fecha a boca. — sussurrou. —Não importa.

—Não te importa! —espetou Flavia zangada. —Jamais darei preferência a essa puta presunçosa. Jamais!

—OH, Flavia —disse a imperatriz, —não se preocupe. Olhe! Os Verdes ganharam duas corridas seguidas esta manhã. —voltou-se para seu marido. —Deve-me um novo colar de ouro, meu senhor, e um bracelete.

—OH, a odeio! —resmungou Flavia. —Quanto eu gostaria de me vingar dela.

—Bom, agora não pode fazê-lo, querida. —sussurrou seu marido. —Como amante de Aspar tinha certa vulnerabilidade, mas como esposa, Flavia, é inviolável. Olha-a! Modesta e formosa. Logo será famosa por suas boas obras. E será uma mãe modelo, não me cabe dúvida. Não vejo nenhum defeito. Se o tivesse, poderíamos encontrar uma maneira de danificar a felicidade de Aspar, mas não é assim. Terá que aprender a conviver com esta situação. Não quero que se preocupe sem necessidade ou perderá meu filho. Se isso ocorrer, Flavia, te matarei com minhas próprias mãos. Me entendeu?

—O menino significa tanto para você, meu senhor?

—Sim! Nunca tive um filho legítimo.

—E eu, meu senhor? Não significo nada para você, além de ser a fêmea que te dará seu herdeiro?

—É a única mulher para mim, Flavia. Disse isso muitas vezes, mas se te agrada ouvi-lo dizer

de novo, bem. Nunca tinha pedido a uma mulher que se casasse comigo. É você quem quero, mas também quero ter um filho, querida. Tome cuidado de que seu mau gênio não danifique uma relação perfeita.

Ela voltou os olhos para a pista, sabendo que Justino tinha razão e odiando isso. Não se atreveu a voltar o olhar para o camarote de Aspar, pois não podia suportar ver seu ex-marido e Cailin juntos.

As corridas de carros por fim terminaram. O intervalo entre as corridas e os jogos duraria uma hora. Nos três camarotes, os criados serviram um ligeiro almoço a seus amos. Quando quase tinham terminado de comer, apareceu um guarda imperial no camarote de Aspar.

—O imperador e a imperatriz receberão agora seus leais respeitos, senhor, e também os da sua senhora. —disse, inclinando a cabeça em leve reverencia.

—Não tinha me dito isso.—reprovou Cailin a Aspar, indicando a Zeno que se aproximasse com uma bacia de água perfumada para lavar as mãos. Se secou depressa com a toalha de linho que o ancião entregou.

—Não sabia que nos receberia hoje. —respondeu ele. —É uma grande honra, meu amor. Este é o reconhecimento de nossa relação! Não podem voltar atrás, Cailin!

—Está muito formosa —sussurrou Casia a sua amiga. —estive observando Flavia. Os ciúmes a consomem. É uma grande vitória para você, amiga minha. Saboreia-a!

Aspar e Cailin seguiram ao guarda até o camarote imperial onde se ajoelharam ante o imperador e a imperatriz. “Formam um casal perfeito. —pensou Verina enquanto seu marido os saudava. —Nunca tinha visto um homem mais velho e uma moça que se encaixem tão bem. Quase estou ciumenta do amor que se professam.” A voz de Leão a tirou de seus pensamentos.

—E minha esposa também dá a bem-vinda, minha senhora, verdade, Verina?

—Claro que sim, meu senhor. —respondeu a imperatriz. —Contribuirão com brilho a nossa corte, senhora. Disseram que é da ex-província da Britania. É uma terra brumosa, ou isso me informaram.

—É uma terra verde e fértil, majestade, mas possivelmente não é tão ensolarada e luminosa como Bizâncio. A primavera aqui chega antes e o outono mais tarde que na Britania.

—E sente falta de sua verde e fértil terra, senhora? —perguntou a imperatriz. —Têm família ali?

—Sim. —respondeu Cailin. —Às vezes sinto falta da Britania, majestade. Ali era feliz, mas —acrescentou com um doce sorriso— também sou feliz aqui com meu amado senhor, Aspar. Em qualquer lugar que ele esteja será meu lar.

—Bem dito! —aprovou o imperador, sorrindo a Cailin.

Quando o casal retornou a seu camarote, Leão comentou:

—É encantadora. Acredito que Aspar é um homem muito afortunado.

Justino Gabras estreitou a mão de sua esposa como advertência, pois se deu conta de que estava a ponto de estalar.

—Respira fundo, Flavia —sugeriu com suavidade— e controla seu mau gênio. Se formos separados da corte por culpa de seu comportamento, lamentará enquanto viva, juro!

A raiva pouco a pouco desapareceu do rosto e do pescoço da Flavia, que tragou saliva e assentiu.

—Jamais voltarei a ser feliz até que consiga me vingar de Aspar. —sussurrou.

—Deixa-o, querida —aconselhou ele. —Não há maneira.

—Essa vaca gorda terá uma apoplexia. —zombou Casia maliciosamente no camarote de Aspar. —Está vermelha de ira. O que terá dito o imperador e a imperatriz para que se zangue tanto?

—Não tem motivo para estar zangada conosco. —respondeu Cailin, e contou à conversa que tinham mantido com o casal real.

De repente se ouviu um ressonar de trompetistas e Casia exclamou com excitação.

—OH, os jogos estão a ponto de começar! Ontem fui visitar minha amiga Mara em Vila Máxima e vi os gladiadores. Justino Gabras alugou a vila para todo o tempo que dure sua estadia. Não está permitida a entrada ao público. Disse que queria que seus gladiadores desfrutassem do melhor enquanto estivessem em Constantinopla. Joviano está na glória com todos esses bonitos jovens ao redor, e Focos, me disseram, está realmente satisfeito, tão elevado é o preço que Gabras pagou. Espera até ver o campeão que chamam o Saxão. Jamais vi a um homem mais bonito. Castor, Pólux e Apolo empalidecem a seu lado. Ooooh! —exclamou. —Aí estão!

Os gladiadores entraram na areia e desfilaram até chegar ao camarote imperial, onde se detiveram. Com as armas levantadas, saudaram o imperador e a seu generoso patrão com uma exclamação lançada ao uníssono:

—Os que vão morrer te saúdam!

—Esse é o Saxão. —indicou Casia assinalando ao mais alto do grupo. —Não te parece muito bonito?

—Como pode sabê-lo? —brincou Cailin. —Essa viseira virtualmente oculta suas feições.

—É certo —admitiu Casia, —mas terá que me acreditar. Tem o cabelo como o ouro e os olhos azuis.

—Muitos saxões são assim. —observou Cailin.

Aspar se inclinou para elas e disse:

—Os primeiros combates serão com armas romanas, meu amor. De momento não haverá derramamento de sangue e poderá fazer uma ideia da habilidade que requer.

—Parece-me que preferirei isso ao que vem depois. —respondeu Cailin. —Todos têm que lutar até que só um deles sobreviva?

—Não. —respondeu ele. —Só se disputarão seis combates a morte. Isso é o que Gabras combinou. Hoje se celebrará dois, amanhã outros dois e outros dois no último dia dos jogos. O Saxão, que é o campeão, brigará hoje e no último dia. Seu principal rival é um homem chamado o Huno, que combaterá os três dias. Se sobreviver aos dois primeiros dias, provavelmente enfrentará ao Saxão no último dia. Será um bom espetáculo.

—Parece-me horrendo que alguém deva morrer. —insistiu Cailin. —São homens jovens. Vai contra os ensinos da Igreja permitir esta barbaridade, e entretanto ali estão o patriarca e todos seus sacerdotes, em seu camarote do outro lado do imperador, desfrutando do espetáculo.

Aspar agarrou sua mão.

—Cala, meu amor, vão ouvir. — advertiu. —A morte forma parte da vida.

A batalha tinha começado na areia. Homens jovens com pequenos escudos e espadas curtas brigavam encarniçadamente. A multidão se entusiasmava com a exibição, mas ao final começaram a cansar-se.

—Que venha o Saxão! Que venha o Huno! —gritava a multidão.

Logo soaram as trompetistas e os lutadores abandonaram correndo a areia. Entraram os cuidadores e alisaram o terreno. O silêncio envolveu o Hipódromo durante vários minutos. De repente se abriu a porta dos Gladiadores e apareceram dois homens. A multidão prorrompeu em gritos de excitação.

—É o Huno. —informou Aspar. —Brigará com um trácio.

—Não leva armadura. —disse Cailin.

—Não necessita mais que ombreiras de pele, meu amor. Luta com rede, adaga e lança; os que lutam com a rede são os gladiadores mais perigosos.

O trácio, com capacete e perneiras em ambas as pernas, levava um pequeno escudo e uma espada de folha curva. A Cailin pareceu injusto, até que os dois homens começaram a brigar. O Huno lançou sua rede, mas o trácio a esquivou, saltou atrás de seu oponente e tentou lhe cravar a faca. O Huno, apartou-se a tempo e só recebeu um arranhão. Os homens brigaram vários minutos enquanto a multidão respirava a gritos. Por fim, quando Cailin tinha começado a pensar que exageravam a ferocidade desses combates, o Huno deu um salto e, com um hábil movimento do pulso, estendeu sua rede. O trácio ficou apanhado na rede. Desesperado, tentou cortá-la com a espada enquanto a multidão gritava cada vez mais forte, sedenta de sangue. O Huno cravou sua lança no chão, tirou sua adaga e se lançou sobre o outro homem. Foi tão rápido que Cailin nem sequer estava segura de havê-lo visto, mas o chão arenoso se manchou de sangue quando o Huno cortou a garganta de seu oponente e logo se elevou vitorioso, agradecendo os gritos da multidão.

Era um homem de estatura media, compleição robusta e completamente calvo, salvo por um acréscimo negro que levava sujeita com uma trança de couro. Deu a volta à arena com grandes passos, aceitando o que considerava seu direito. Enquanto o fazia saíram quatro cuidadores e dois deles se levaram a rastros o corpo sem vida do trácio pela porta da Morte; os outros dois arrojaram areia nova sobre o sangue e a alisaram.

Cailin estava assombrada.

—Foi tão rápido... —murmurou. —O trácio nem sequer teve tempo de gritar.

—Os gladiadores não são cruéis entre eles. —observou Aspar. —São amigos ou conhecidos, pois vivem, comem, dormem e fornicam juntos. Os combates a morte hoje em dia são estranhos, e Justino Gabras deve ter pago muito. Ou possivelmente estes gladiadores são homens se desesperados a quem nada importa.

—Quero retornar a casa. —disse Cailin com voz suave.

—Agora não pode ir! —exclamou Casia. —O último combate do dia está a ponto de começar e é o do campeão. O Huno é um aficionado comparado com o Saxão. Se houver muito sangue, não olhe, mas tem que vê-lo sem capacete. É como um deus, asseguro isso! —disse Casia

entusiasmada.

Aspar riu e, voltando-se para o Basilico, disse:

—Acredito que se estivesse em seu lugar me preocuparia com Casia. Está fascinada por esse gladiador.

—É um homem muito belo, —se defendeu Casia antes que o príncipe dissesse algo —mas sei que normalmente os homens como o Saxão só podem oferecer um corpo e um rosto formoso. Não têm nada mais, nem engenho nem cultura. Depois de desfrutar de uma boa trepada, é agradável ficar convexo e conversar, não é certo, meu senhor?

Basilico assentiu em silêncio, mas seus brilhavam os olhos.

—OH, olhem! —exclamou Casia. —Aí estão os combatentes. Eu não gostaria de ser o pobre diabo que brigará com o Saxão. Sabe que não tem nenhuma possibilidade.

—Que triste para ele. —disse Cailin. —Que terrível tem que ser saber que está frente à morte neste dia tão formoso.

Casia pareceu afligida, mas em seguida se animou e disse:

—Bom, sempre cabe à possibilidade de que tenha sorte e vença ao campeão. Não seria emocionante? De qualquer modo, será um bom espetáculo, disso pode estar segura.

O Saxão e seu oponente foram armados ao modo samnita: capacete com viseira, uma grossa surripia no braço direito e uma perneira na perna esquerda, um grosso cinturão, escudos largos e espadas curtas. Saudaram o imperador e a seu amo e imediatamente começaram a brigar. A seu pesar, Cailin estava fascinada, pois aquele combate parecia mais igualado que o anterior.

Ouvia-se o entrechocar das armas e o fragor da luta corpo a corpo. Cailin se deu conta de que em realidade o combate não era tão igualado. O rival do Saxão não estava a sua altura quanto à habilidade. O campeão saltava e efetuava uma série de manobras e movimentos espetaculares para agradar à multidão. Por duas vezes o outro homem ficou descoberto, mas o saxão preferiu fazer uma finta para distrair a atenção. Por fim a multidão começou a dar-se conta e começou a gritar com indignação, ávida de sangue.

—Não é seu estilo. —observou Basilico. —Ele tenta dar um bom espetáculo, mas o povo quer sangue. Bem, agora terão, acredito. Deveriam ter reservado o Saxão para o último dia, em lugar de fazê-lo brigar dois dias antes. É evidente que Gabras queria amortizar o dinheiro investido.

O combate deu um novo giro, pois o Saxão começou a atacar a seu oponente com vigor enquanto este lutava desesperadamente para salvar sua vida. Entretanto, o campeão não queria alongá-lo mais. De forma implacável o fez retroceder até o outro lado da areia, recebendo poucos golpes e protegendo-se destramente com seu escudo. O Saxão dava golpe atrás de golpe até que por fim o homem caiu ao chão, exausto.

Rápido e misericordioso, o Saxão cravou sua espada no coração do outro gladiador. Logo cruzou a areia, aclamado pela multidão, até situar-se diante do camarote do imperador, onde saudou este com a arma ensanguentada.

—Tire o capacete, Saxão. —pediu Justino Gabras, —para que o imperador possa ver sua cara quando te felicitar por sua vitória.

O Saxão fez e disse:

—Não existe vitória quando se luta contra um homem mais fraco, senhor. Entretanto, dentro de dois dias brigarei com o Huno. Trarei sua cabeça em uma bandeja de prata, e então aceitarei suas felicitações por um combate bem disputado.

—Não teme à morte? —perguntou com ar majestoso o imperador.

—Não, majestade. —respondeu o Saxão. —Perdi tudo o que era querido para mim. O que é a morte se não uma fuga? Entretanto, os deuses querem que eu siga vivendo.

—Não é cristão, Saxão?

—Não, majestade. Adoro a Odin e a Tor. Eles são meus deuses. Mas os deuses não se preocupam com os homens insignificantes como eu, do contrário teriam realizado o desejo de meu coração.

Cailin contemplava ao saxão como hipnotizada. Não ouvia o que dizia, mas sabia o que estava falando. "Não pode ser", pensou. Parecia-se com o Wulf, mas simplesmente não podia ser. Wulf se encontrava na Britania, em suas terras, com uma nova esposa e filhos. Esse homem não podia ser Wulf Punho de Ferro, e, entretanto... Tinha que ouvir sua voz, vê-lo de perto.

—Já te disse que o Saxão era uma criatura gloriosa. —murmurou Casia. —Inclusive suarento e coberto de pó é formoso, verdade? Cailin! Cailin!

Casia puxou a manga de sua amiga.

—O que? O que diz, Casia? O que aconteceu? Não te escutava, sinto muito. Estava distraída.

Casia riu entre dentes.

—Já vejo, e sei o porquê.

Cailin sorriu.

—Sim, é muito bonito, —disse, recuperando o controle de si mesmo, —mas mesmo assim eu não gosto destes combates.

—General Aspar, —interrompeu um guarda que entrou no camarote, —o imperador quer falar com você um momento.

Aspar se apressou a sair do camarote. Quando retornou vários minutos depois, disse a Cailin:

—Chegaram uns emissários de Adrianópolis. Parece que existe a ameaça de que volte a estalar a guerra entre as facções religiosas. Vou tratar de encontrar uma solução aqui, no palácio, com Leão esta noite. Importa-se de retornar sozinha a casa, meu amor?

Cailin fez um gesto de negação. Na realidade sentiu alívio. Necessitava de tempo para pensar. A semelhança entre o Saxão e Wulf era assombroso, embora o cabelo do primeiro era mais claro que os cachos de Wulf.

—Fique com leiteira. —disse a Aspar. —Na hora de retornar necessitará transporte. Eu irei com a Casia a sua casa e depois sua leiteira me levará a Vila Mare.

—Claro que sim. —acessou Casia. —Cailin sempre é prática, meu senhor. Basilico jantará comigo?

—Não posso. —respondeu pesaroso. —Minha irmã insiste em que esta noite lhe faça companhia, pois recebe em sua casa ao patriarca. Possivelmente me reunirei contigo mais tarde, meu amor. Você gostaria?

—Não. —disse Casia. —Acredito que não, meu senhor. Se não pode jantar comigo, me dedicarei a recuperar sonho. Não durmo muito quando está comigo. —acrescentou com ar sugestivo, suavizando assim sua negativa. Levantou-se e deu um breve beijo na boca. —Vamos, Cailin. Será difícil abrir caminho entre a multidão agora que todo mundo parte.

—Boa sorte, meu senhor. —desejou Cailin a Aspar.

Ele se inclinou, agarrou seu rosto entre as mãos e roçou os lábios com os seus.

—Quando a olho, meu amor —disse, —meu sentido do dever fraqueja.

—Não me engane. —disse Cailin com um sorriso. —O Império é seu primeiro amor, sei bem. Mas estou disposta a te compartilhar com Bizâncio, meu amadíssimo esposo.

Sorriu.

—É a melhor de todas as mulheres que jamais conheci Cailin. Sou um homem afortunado por ter seu amor.

—Tem sorte de ter seu amor. —disse Casia a Cailin quando saíram do Hipódromo em sua ampla e cômoda leiteira.

—Por que recusou que o príncipe fosse a sua casa mais tarde? —perguntou Cailin a sua amiga. —Parece-me que te ama de verdade.

—Não quero me apegar ao Basilico como uma lesma. —respondeu Casia. —E tampouco quero que confie sempre em meu amor por ele. Sou sua amante, não sua esposa. Não aceitarei só uma parte da noite. Quero-a completa. Seguro que sabia de antemão que esta noite teria que estar com sua irmã, mas não me disse isso. Supôs que estaria disponível para ele, mas não estou.

Ao ver que Cailin não respondia, Casia disse:

—Ouviu o que disse? O que ocorre, Cailin? Leva um bom momento distraída.

Cailin exalou um suspiro. Precisava confiar em alguém e Casia era sua única amiga.

—É o Saxão. —disse.

—Ah, sim, é uma besta esplêndida! —exclamou Casia.

—Não é isso.

—Então o que é?

—Acredito que o saxão é Wulf Punho de Ferro.

—Que era seu marido na Britania? Está segura? Por todos os deuses!

—Não estou segura, Casia, —repôs Cailin nervosa, —mas tenho que sabê-lo. Nos casamos porque ele estava cansado de lutar e queria instalar-se. Minhas terras o atraíram para mim. Sempre pensei que Wulf estava na Britania, nessas terras. Inclusive supus que tinha tomado outra esposa e tinha um filho. Tenho que saber se o Saxão é ele. Tenho que saber como é!

—OH, Cailin, está abrindo uma caixa da Pandora. —advertiu Casia. —E se for Wulf Punho de Ferro? O que fará? Ainda o ama? E Aspar?

—Não sei, Casia. Não tenho respostas. Só sei que tenho que averiguar se é ou se meus olhos me enganaram. —Parecia tão intranquila que Casia sentiu compaixão por ela. —OH, o que vou fazer? —murmurou Cailin e pôs-se a chorar.

—Bom —disse Casia, —teremos que satisfazer sua curiosidade, não? —Abriu as cortinas da leiteira, apareceu e chamou o portador principal: —Vá a Vila Máxima, Pedro!

Cailin conteve um grito.

—OH, não, Casia! É uma loucura! E se alguém me vê? Recorda que vou casar-me com Aspar.

—Quem nos verá? —replicou Casia. —Joviano e Focos fecharam Vila Máxima a sua clientela regular. Eu entrarei e você fica na leiteira com as cortinas fechadas. Procurarei Joviano e ele saberá como inteirar-se de se o saxão é seu Wulf Punho de Ferro. Seremos discretos e você estará mais a salvo que em sua própria casa. —assegurou Casia. —Logo poderá retornar a Vila Mare e te sentir como uma tola, pois é muito improvável que esse gladiador seja seu homem.

—Mas e se for? —insistiu Cailin ansiosa.

Casia ficou séria.

—Nesse caso, amiga minha, terá que decidir o que é o que quer: um belo e selvagem saxão que, como é óbvio, não tem uma moeda e está disposto a arriscar sua vida na areia, ou um homem rico e culto, o primeiro patrício do Império. Eu de você, Cailin Druso, retornaria a Vila Mare imediatamente. Se um homem como Flavio Aspar me amasse, daria graças a Deus cada manhã ao despertar pelo resto de meus dias. Acredito que está louca ao tentar assim o Destino. Direi ao Pedro que dê a volta. Irei contigo e te farei companhia esta noite. Esse saxão não pode ser Wulf Punho de Ferro.

—Tenho que sabê-lo, Casia. Vê-lo de longe me encheu de dúvidas. Se não as dissipar, como poderei jurar lealdade a Aspar? E se o Saxão não é Wulf, mas algum dia Wulf aparece na soleira de minha porta? E se ainda o amo?

—Que os deuses não o permitam, tola criatura! —exclamou Casia.

A leiteira avançou pela Mese e logo por uma série de ruas secundaria. As duas mulheres guardaram silêncio. Casia retorcia a malha de seu vestido com seus magros dedos. Sempre lamentava ser tão impulsiva. Cailin não era quão única abria a caixa da Pandora. Respirou fundo. Daquilo não ia sair nada. Cailin, afligida de uma crise pré-nupcial, via fantasmas. O Saxão resultaria um perfeito desconhecido. Mesmo assim, Casia deu um salto nervoso quando a leiteira foi depositada no chão e Pedro, o portador principal, apartou as cortinas para anunciar que estavam no pátio de Vila Máxima. Cailin deu um apertão a Casia no braço para lhe dar ânimos. Esta fez um gesto de assentimento.

—Irei procurar ao Joviano. Fique aqui e não abra as cortinas para nada. Deixa que pensem que a leiteira está vazia. —Desceu do elegante veículo. —Pedro, não mencione a ninguém que tenho companhia. Não demorarei muito.

—Muito bem, senhora. —respondeu ele. Casia cruzou pressurosa, o magnífico átrio da vila. Um criado se adiantou e seus olhos se abriram de par em par quando reconheceu a jovem.

—Boa tarde, Miguel. —saudou Casia. —Avisa ao amo Joviano de minha presença. Esperarei aqui. Esteve nos jogos? —perguntou em tom jovial. —Não te pareceu maravilhoso o Saxão?

Miguel esboçou um leve sorriso. Casia tinha bom olho para os cavalheiros, e era evidente que não o tinha perdido. Ele inclinou a cabeça respeitosamente.

—Em seguida, senhora. Peço que enviem um refresco enquanto espera? Faz calor para ser outono. Um pouco de vinho frio, possivelmente?

—Não, obrigado. —declinou Casia. —Só posso ficar o tempo justo de falar com o amo

Joviano.

Sentou-se em um banco de mármore, vendo partir o criado e rogando que Joviano não demorasse para aparecer. Por todos os deuses! Por que tinha sugerido ir ali?

Joviano saiu ao átrio ao cabo de um minuto, mas, para inquietação da Casia, não ia sozinho. Amaldiçoou a si mesma em silêncio.

—Casia, meu céu! —Beijou-a em ambas as bochechas. —O que te traz por aqui? Surpreende-me vê-la.

—Também eu estou surpreso. —interveio Justino Gabras. —O príncipe Basilico veio contigo?

—Não. —respondeu Casia com doçura, recuperando a compostura. —Concedo certos favores ao príncipe, senhor, mas não sou de sua propriedade. Tampouco ele interfere em minhas amizades, muitas das quais são de muitos anos. —voltou-se para o Joviano. —Podemos falar a sós?

Antes que Joviano pudesse responder, Gabras disse:

—Segredos, carinho? Surpreende-me. Que segredos pode ter uma prostituta? Acreditei que todo o relacionado contigo era já de conhecimento público.

Casia sentiu crescer a ira em seu interior.

—Pergunto-me quanto demorará, meu senhor, para que morda sua língua e morra envenenado. —espetou. —Joviano, onde podemos falar?

—Não tão depressa. —atravessou Gabras, rindo. —Quero conhecer seus segredos. Não te deixarei a sós com Joviano.

Joviano olhou vacilante a Casia e ela se encolheu de ombros.

—Muito bem. Se quer sabê-lo, meu senhor, vim olhar mais de perto aos gladiadores. Satisfeito?

Justino Gabras soltou uma gargalhada.

—Todas as mulheres são iguais. —disse. —Uma olhada, diz? Isso é tudo, Casia? Acredito que o que realmente quer é provar suas espadas. Qual deles você gosta? O Saxão? O Huno? Se fosse residente desta casa, esta noite poderia escolher entre eles.

—Os homens fornidos e suarentos com grandes pênis e mente infantis não se destacam precisamente como amantes. —espetou Casia com rudeza. —Entretanto, seus corpos são formosos e eu gosto da beleza, meu senhor. De nosso camarote no Hipódromo não se via bem, por isso vim a Vila Máxima. Possivelmente escolhi um mau momento. Voltarei amanhã.

Joviano, assombrado pelas palavras da Casia, por fim conseguiu falar.

—Sim, querida, será muito melhor, —coincidiu. —foi um dia comprido e estão a ponto de desfrutar de uma boa comida e da diversão que só Vila Máxima pode proporcionar. Volta amanhã e apresentarei a todos. Inclusive poderá vê-los nos banheiros. —O que pretendia Casia? Aquele comportamento não era próprio dela. —Te acompanharei a leiteira.

—Obrigado, querido Joviano. —disse ela com um sorriso.

—E eu acompanharei a ambos. —declarou Justino Gabras.

—Não é necessário, meu senhor. —repôs Casia.

—Insisto. —disse Justino Gabras sorrindo.

Quando chegaram à leiteira, Casia disse:

—Voltarei pela manhã, Joviano, para admirar esses formosos corpos.

De repente, Justino Gabras se inclinou e apartou as cortinas da leiteira. Seus olhos se exageraram e agarrou Cailin pelos ombros.

—Vá, vá! O que temos aqui? A futura esposa de Flavio Aspar deve visitar seu lar? Também veio ver os gladiadores, minha pequena? Gosta de reviver os velhos tempos?

Cailin se liberou dele e cravou um olhar gelado.

—Equivoca-se, —disse Casia. —depois dos jogos chamaram Aspar ao palácio e eu me ofereci para levar Cailin a Vila Mare, mas antes quis ver de perto a esses homens maravilhosos. Cailin não queria vir, e como veem, ficou na leiteira, virtualmente escondida. Se Aspar-se inteira não nos deixará ser amigas!

—Se Aspar-se inteira o mais provável é que anule as bodas. —declarou Justino Gabras com ar divertido.

—Não acredito, meu senhor. —disse Cailin. —Não tenho feito nada mau, e meu senhor Aspar sabe que não minto. Se conto a verdade me acreditará.

—Provavelmente, —admitiu Justino Gabras, —mas e a corte imperial? E o patriarca? Estão ansiosos por acreditar no pior de ti, Cailin. —Riu. —Hoje mesmo dizia a minha esposa que agora é inviolável. Mas me parece que estava equivocado.

—Quem acreditará que hoje estivemos aqui? —perguntou Casia. —Tendo em conta quem é sua esposa, meu senhor, supõem que alguém acreditará em suas histórias? —Apartou-o e agarrou a mão de Cailin. —Vamos, tenho que te levar a Vila Mare antes que anoiteça. Ficarei passando a noite contigo.

—Não se movam!

Justino Gabras aferrou o outro braço de Cailin com força. Já tinha ideado um plano perverso para desacreditá-la.

—Joviano! —pediu ajuda Casia. —Joviano não pode ajudar, queridas amigas. —disse Gabras. —O que esperam que faça por vocês? Vieram por vontade própria, eu não as obriguei. Mas agora ficarão e divertirão a meus convidados.

—Meu senhor Gabras —suplicou Cailin, —por que faz isto? Por quê odeia tanto a meu senhor Aspar?

—Não conheço o bastante bem ao Flavio Aspar para odiá-lo, —respondeu ele com frieza, —mas estou cansado de ouvir minha esposa gemer que quer vingar-se por seu matrimônio sem amor. Não, não me diga que não o amava. Já o repete ela mesma suficientes vezes, mas seu ódio para Aspar é muito forte, é a outra cara do amor, Cailin Druso. Seguro que já sabe. A cólera da Flavia é tanta que temo por meu filho. E quero ter esse filho! Até este momento não pude dar a minha esposa o que afirma desejar ardentemente. Sua estupidez ao vir aqui me deu uma oportunidade que jamais tinha esperado ter. —Sorriu com crueldade. —Amanhã a esta hora, Flavia terá sua vingança e poderá descansar tranquila.

—Deixe ela ir e eu entreterei a seus convidados como deseja. —propôs Casia. —Mas solte Cailin, rogo, meu senhor Gabras! Joviano, não diz nada?

—Não posso te ajudar. —respondeu Joviano, e os olhos se encheram de lágrimas. —Me mataria se tentasse, verdade, meu senhor? Embora me atrevesse a procurar ajuda, quando Aspar chegasse aqui seria muito tarde. Não deveria ter vindo esta noite, Casia, e sem dúvida não deveria ter trazido para Cailin.

—Miguel! —Justino Gabras chamou o criado, que acudiu em seguida. —Me ajude a encerrar a nossas convidadas até que estejamos preparados para elas.

Arrastou a Cailin ao átrio enquanto ela lutava em vão para escapar de suas fortes mãos.

—Nos deixe partir! —gritou Casia enquanto Miguel a arrastava atrás deles.

—E encerra aos portadores dessa puta! —ordenou Justino a gritos ao Joviano.

—Senhora, peço desculpas por isso. —disse Miguel a Cailin quando a introduziu em uma habitação sem janelas, escassamente mobiliada, atrás da Casia. Fechou a porta e elas ouviram girar ruidosamente a chave.

—Me perdoe! —pediu Casia jogando-se nos braços de Cailin. —Sou uma idiota por te haver sugerido vir aqui! Que os deuses ajudem às duas!

—Eu tenho tanta culpa como você. —repôs Cailin. —Se tivesse deixado correr o assunto do Saxão em lugar de insistir, não nos acharíamos neste apuro. O que acredita que pretende fazer?

—É evidente. Gabras nos entregará a seus gladiadores. Não me importa. Sou uma prostituta e estou acostumada a acolher homens entre minhas coxas, mas você, minha pobre amiga!

Rompeu em pranto, para assombro de Cailin, pois Casia não era uma mulher dada às lágrimas.

—Não chore. —a consolou Cailin. Era estranho, mas não sentia nada, nem sequer medo.

—Gabras difundirá este incidente por toda Constantinopla. —soluçou Casia. —Basilico jamais me perdoará!

—Você o ama? —perguntou Cailin, surpreendida de novo.

Casia assentiu.

—Ai, sim, que os deuses me ajudem! Ele não sabe, é obvio. Não é a classe de homem ao que se possa confiar um sentimento assim, por desgraça. Jamais aceitará ver-se envergonhado por mim. Não voltarei a vê-lo nunca mais! Arruinei não só sua vida, mas também a minha!

—Possivelmente possamos escapar. —consolou Cailin.

Casia, esgotadas suas lágrimas, olhou a sua amiga e meneou a cabeça.

—Como? Esta habitação não tem janelas, e só uma porta, que está fechada com chave. Virão por nós e isso será o fim. Não há escapatória, Cailin. Aceita-o.

CAPÍTULO 14

Ambas as amigas não tiveram que esperar muito. Quatro escravos foram buscá-las e as levaram para os banhos, onde as banharam e lubrificaram seus corpos com azeites perfumados. A encarregada dos banhos esfregou os cachos castanho avermelhados de Cailin e o comprido e espesso cabelo negro azulado da Casia até secá-lo. Depois os perfumaram, a Casia fizeram uma trança e logo puseram uma coroa de flores sobre a cabeça. Não ofereceram roupa, e elas

compreenderam que seria inútil pedi-la.

Foram acompanhadas a uma grande habitação que se abria aos formosos jardins da vila. Justino Gabras estava sentado, vestido agora com uma curta túnica branca, em uma cadeira de mármore negro. Os gladiadores se achavam reunidos ante ele. Não havia nenhuma outra mulher na habitação. Ao ouvi-las entrar, todos os olhos se voltaram com avidez. Os guardas as obrigaram a avançar e Justino Gabras estendeu os braços para agarrar suas mãos e as sentar em seu colo. Acariciou seus peitos e beliscou seus mamilos.

—Comeram bem, meus amigos? —perguntou aos gladiadores. —Agora tenho um pequeno presente para vocês. Estas duas mulheres são as prostitutas mais exclusivas de Bizâncio. São bonitas como coelhinhos, verdade? Vamos jogar a uma coisa. Soltaremos estes dois coelhinhos nos jardins e vocês, a manada de sabujos mais famintos que jamais vi, as perseguirá. Elas se esconderão de vocês, não é assim minhas belezas? Mas alguém as encontrará, e o afortunado obterá prazer toda a noite. Entretanto, neste jogo não há perdedores. O resto poderão escolher de entre as outras mulheres desta casa. O que acham?

Os gladiadores aclamaram com olhos lascivos ao Justino Gabras.

—Pelos deuses do Inferno, —exclamou o Huno em voz alta, —põe-nos isso difícil. As duas são autênticas belezas.

—Qual prefere? —perguntou-lhe Gabras.

—Não estou seguro. —respondeu o homem que lutava com rede. Voltou-se para seu companheiro. —O que opina você, Punho de Ferro? A qual prefere?

—A que apanhe. —respondeu o Saxão, e seus olhos pousaram nos de Cailin.

Casia olhou a sua amiga. Cailin estava pálida como a cera. Seus grandes olhos violetas refletiam dor e assombro. “É ele?”, perguntou Casia movendo os lábios. Cailin assentiu. “Se alguém agarrar a Cailin —pensou Casia, —tem que ser o Saxão.” Olhou ao Huno e lhe dedicou seu sorriso mais sedutor.

—É tão bom fora da areia como nela? —perguntou com um ronrono. —Se for, me alegrará que me apanhe em sua rede.

Para surpresa da Casia, o Huno se ruborizou enquanto seus companheiros soltavam gritos de júbilo. Ou seja, que era tímido. Mas suas descaradas palavras tinham deixado claro a todos que escolhia a ele. Nenhum de outros se atreveria a ir atrás dela, pois por muito tímido que pudesse ser, o Huno a quereria. Não se enfrentariam com ele por uma mulher, ela sabia. Casia se fixou no assombro com que o saxão olhava a Cailin. Agora tinha que assegurar-se de que sua amiga seria para ele.

—Cailin Druso —disse, —tem alguma preferência entre estes arrumados homens? Acredito que o Saxão está muito bem.

—Eu também acredito. —respondeu Cailin, pois tinha captado o jogo da Casia.

—Ou seja, que não é melhor que as demais. —disse sorrindo Justino Gabras. —Alguém pode me explicar por que todas as mulheres nascem putas?

Não viu a palidez que tinha adquirido o semblante do gladiador saxão, nem como apertava os lábios nem o brilho de fúria que relampejou em seus olhos ao ouvir estas palavras.

Sem esperar resposta, Justino Gabras apartou às duas mulheres de seu colo.

—Voltem para jardim e se escondam, minhas belezas. Contarei até cinquenta e depois soltarei a esta luxuriosa matilha. Movam-se, putas!

As duas mulheres abandonaram correndo a habitação, cruzaram a sala das colunas de mármore e saíram ao jardim, iluminado pela luz do crepúsculo. Quando tinham percorrido um trecho juntas, Casia se deteve e disse:

—Se esconda, Cailin, e não saia a menos que veja o Saxão.

Logo partiu por um atalho de erva. Cailin entrou nos jardins e finalmente subiu aos ramos de um pé de pêssego. Era pouco provável que a alguém ocorresse procurá-la ali acima.

—Cinquenta! —ouviu gritar ao Justino Gabras.

Os gladiadores começaram a revistar os jardins, procurando ruidosamente às duas mulheres. Ao cabo de uns minutos Cailin ouviu a áspera voz do Huno que gritava triunfante:

—Apanhei um coelhinho, amigos! —E o tímido grito de falsa surpresa da Casia.

A caça por Cailin se fez mais intensa, mas ela se sentia a salvo entre os ramos da árvore. Inclusive via alguns homens abaixo, procurando-a entre os arbustos, atrás das fontes e entre as decorativas estátuas. “Jamais me encontrarão”, pensou, mas depois o que faria? Como poderia escapar de Vila Máxima sem sua roupa e sem uma leiteira? De repente o ramo sobre a que estava cedeu e Cailin caiu ao chão proferindo um grito. Dois homens apareceram enquanto ela ficava em pé desesperadamente. Uma pontada de dor atravessou seu tornozelo direito, mas ela fez um esforço por permanecer em pé.

—Parem! —ordenou aos dois homens.

—Não tenha medo, ovelhinha. —ouviu dizer uma voz, e logo: —É minha, grego! Se a tocar te mato!

—Nenhuma mulher vale tanto para arriscar-se a morrer, Wulf Punho de Ferro. —disse o homem chamado grego, e desapareceu na escuridão.

—Seriamente é a prostituta mais exclusiva de Bizâncio, Cailin Druso? —perguntou Wulf.

—Não, —respondeu ela com suavidade —mas será melhor que me trate como se fosse. Seu anfitrião é meu inimigo mortal.

—Pode andar ou se machucou muito?

—Torci-me o tornozelo ao cair da árvore, —respondeu ela, —mas não quebrei. De todos os modos, terá que me levar nos braços e lutarei para escapar de você. Justino Gabras acharia estranho que não o fizesse.

—Por quê?

—Falaremos disso quando estivermos em um lugar privado. Vamos! Me agarre antes que venha alguém e se pergunte por que não estamos encetados em uma apaixonada batalha.

Ele se aproximou e acariciou seu rosto.

—Antonia disse que tinha morrido, e também nosso filho.

—Suspeitava que tivesse feito. —disse Cailin.

—Quero saber a verdade.

—Wulf, por favor! —suplicou-lhe. —Agora não! Gabras virá por nós. É um homem muito

perigoso.

As perguntas formavam redemoinhos na cabeça de Wulf. Como podia estar viva? E por que se encontrava em Bizâncio? Em seus olhos leu que tinha medo de verdade. Agarrou-a em seus braços e a jogou ao ombro. Ela ficou a chiar e a golpear com os punhos enquanto ele a conduzia pelo jardim em direção ao lugar onde os outros esperavam.

—Me deixe em paz! Me solte, bruto! —gritava Cailin. O sangue subia à cabeça e começava a sentir-se enjoada.

—Assim que o outro coelhinho por fim foi apanhado. —disse Gabras, que apareceu em seu campo de visão. —Deu trabalho, querida. Onde estava?

—Em uma árvore. —respondeu o Saxão. —Jamais a teria encontrado, mas o ramo em que estava cedeu.

—Quero ver como a possui. —disse Justino Gabras. —Aqui e agora! —sustentava uma taça de vinho.

—Só faço atuações públicas na areia. —repôs Wulf Punho de Ferro com calma.

—Quero ver esta mulher humilhada. —insistiu Gabras.

"Este homem é perigoso", pensou Wulf, e replicou:

—Pela manhã haverei possuído a esta mulher de todas as maneiras possíveis, algumas das quais nem sequer você imaginou, meu senhor. Se não estiver morta, será incapaz de arrastar-se para sair da habitação onde estaremos esta noite. —voltou-se para o Joviano Máxima. —Quero uma habitação sem janelas para que não incomode a ninguém com seus gritos. Tem que dispor de um bom colchão, e também quero vinho. E um látego. Frequentemente tem que recordar às mulheres suas obrigações, e esta é muito rebelde. É evidente que não sabe qual é seu lugar, mas o aprenderá! Os saxões gostam das mulheres dóceis e complacentes.

—Pelos deuses é todo um homem! —exclamou Justino Gabras com um sorriso que iluminou suas feições. —Dê o que pede, Joviano Máxima! Essa puta está em boas mãos.

Uns momentos mais tarde foram acompanhados à mesma habitação onde Cailin e Casia tinham sido encerradas antes. Agora, entretanto, a habitação continha uma grande cama sobre um soalho, várias mesas baixas, uma jarra de vinho e duas taças, dois abajures que ardiam com azeite perfumado, um alto abajur de chão e, aos pés do colchão, o látego que Wulf tinha pedido.

Joviano, que os tinha acompanhado pessoalmente, parecia nervoso, e Wulf sorriu com ar perverso.

—Fecha a porta. —pediu. —Quero falar contigo.

Joviano acessou com nervosismo.

—Diga ao Gabras que te ameacei se não nos concedia absoluta intimidade. —disse Wulf.

—O que quer de mim, gladiador?

—Saber a natureza do perigo que Justino Gabras é para Cailin Druso.

—Utilizará o que ocorreu, o que ocorrerá esta noite, para desacreditá-la ante a corte imperial e o patriarca, que proibirá então seu matrimônio com o general Flavio Aspar. Isso é o que pretende Gabras. O resto pode contar a própria Cailin, se quiser escutá-la.

—É Wulf Punho de Ferro, meu marido. —sussurrou Cailin.

—Que ele é...? —exclamou assombrado Joviano Máxima. —É verdade isso que diz, Cailin?

—Por essa razão vim aqui, Joviano. —admitiu ela. —Quando o vi na areia não estava segura. Tinha que me certificar antes de jurar minha fidelidade a Aspar. Wulf e eu temos que falar, e logo eu ficarei nesta habitação até amanhã. Entretanto, quando amanhecer, terá que me ajudar a retornar a Vila Mare. E também a Casia. Se nos movermos com habilidade, podemos impedir que o príncipe Basilico se inteire do incidente. Ela o ama.

Joviano fez um gesto de assentimento, ainda não reposto da surpresa.

—Sim, e o príncipe ama a Casia tanto como ela a ele, mas não pode dizer isso para ela. Contou-me isso uma vez em que tinha bebido de mais. Pela manhã o direi. Isso a consolará, suponho. Agora devo deixá-los ou Gabras suspeitará.

A porta se fechou atrás o Joviano, e Wulf colocou a barra de madeira que protegeria sua intimidade. O coração do Cailin pulsava depressa. Verdadeiramente era Wulf! Com mãos trementes serviu duas taças de vinho e bebeu nervosa, enquanto ele se voltava e agarrava sua taça.

A bebeu de um gole e disse sem rodeio:

—Assim vai se casar. Tem aspecto de ter prosperado e de ser amada.

—E você, que me queria por minhas terras, não demorou em abandoná-las. Disse-me que estava farto de brigar, mas possivelmente um gladiador ganha mais dinheiro, e não cabe dúvida de que tem maiores privilégios que um soldado. —replicou Cailin.

Tinha sido uma loucura ir ali, e mais ainda acreditar que ainda ficava algo entre eles.

—Como chegou ao Bizâncio? —perguntou ele.

—No porão de escravos, desde a Marsella —respondeu Cailin com aspereza. —Tive que cruzar a pé toda Gália para chegar até aqui. Antes disso, passei um tempo drogada em uma pocilga para escravos em Londres. —Bebeu um sorvo de vinho. —Acredito que nosso filho vive, mas não sei o que fez Antonia com ele. Alguma vez tentou averiguá-lo?

—Ela me disse que você e o menino tinham morrido no parto. —explicou ele, e passou a contar o que tinha ocorrido quando foi à vila da Antonia a procurá-la.

—E nossos corpos? —perguntou irada Cailin. —Nem sequer exigiu ver nossos corpos?

—Disse-me que os tinha incinerado; inclusive me deu uma caixinha com suas supostas cinzas. Enterrei-as com sua família. —terminou com ar indefeso. —Acreditei que o teria querido assim.

O macabro humor deste comentário surpreendeu Cailin e riu.

—Suspeito que enterrou uma caixinha com cinzas de madeira ou de carvão. —disse, apurando sua taça e servindo-se mais.

—Como é que conhece o Joviano Máxima? —perguntou ele.

—Ele me comprou no mercado de escravos e me trouxe aqui—respondeu ela com frieza. —Está seguro de que quer saber mais?

"Não é a mesma Cailin que conheci e amei", pensou Wulf. Mas como ia sê-lo? Fez um lento gesto de assentimento e escutou, e sua expressão foi passando da ira à dor e a compaixão enquanto relatava sua terrível peripécia. Quando terminou, ele guardou silêncio um comprido

momento e logo perguntou:

—Permitiremos que Antonia Porcio destrua a felicidade que desfrutávamos Cailin?

—OH, Wulf, nosso tempo passou. Eu acreditava que ficaria com as terras de minha família, que teria tomado outra esposa e que teria outro filho. Como poderia imaginar que voltaríamos a nos encontrar aqui, em Bizâncio, ou em qualquer outro lugar do mundo?

Cailin suspirou e baixou a cabeça para ocultar as lágrimas que tinham ido a seus olhos.

—Ou seja, que refez sua vida? —perguntou ele com amargura.

—O que podia fazer? —soluçou ela. —Aspar me resgatou deste Hades de seda e me deu a liberdade. Acolheu-me em sua casa e me amou. Ofereceu-me o amparo de seu nome apesar de tudo. Aprendi a amá-lo, Wulf!

—E esqueceu o amor que compartilhamos, Cailin? —perguntou com rancor e a atraiu bruscamente a seus braços. —Esqueceu como eram as coisas entre nós, ovelhinha? —Beijou-a na sobrancelha. —Quando Antonia me disse que você e o menino tinham morrido fiquei destroçado. Não podia acreditá-lo, mas como já disse, ela me entregou o que afirmou serem suas cinzas. Retornei para casa e as enterrei. Tratei de seguir adiante, mas você estava em todas as partes. Sua essência impregnava a casa e as terras. E sem você não havia nada. Nada tinha significado para mim se você não estava Cailin. Uma manhã despertei. Agarrei o capacete, o escudo e a espada e parti. Não sabia aonde ia, mas sabia que tinha que me separar de sua lembrança. Vaguei pela Gália e me dirigi a Itália. Em Cápua conheci uns gladiadores em um botequim. Ingressei na escola que há ali e quando comecei a brigar logo me converti em campeão. Não temia à morte. Esse temor é o maior inimigo do gladiador, mas eu não o tinha. Por que teria? O que tinha para perder que não tivesse perdido já, exceto minha vida, que para mim não tinha já nenhum valor?

—E conseguiu escapar de minha lembrança com seus combates, com uma jarra de vinho ou nos braços de outras mulheres?

—Sempre permaneceu comigo, Cailin. Em meus pensamentos e em meu coração. Não pude escapar de você.

Estreitou-a entre os braços, aspirando seu perfume e esfregando a bochecha contra sua cabeça. A pedra em que o coração dela se converteu começou a esmigalhar-se.

—O que quer de mim, Wulf? —perguntou com ternura.

—Nos reencontramos, minha doce ovelhinha. Não poderíamos recomeçar? Os deuses têm feito possível este reencontro.

—Com que fim? O que ganharíamos com isso?

Levantou seu rosto levemente e sua boca a beijou com suavidade. Seus lábios eram quentes e muito suaves, e quando o beijo se fez mais apaixonado, o coração de Cailin esteve a ponto de partir-se em dois. Ainda o amava! Mas também amava a Aspar! O que podia fazer?

—Já não sei o que está bem e o que está mal. —disse. —OH, basta, Wulf. Não posso pensar.

—Não o faça! —exclamou ele. —Me diga que não me ama, Cailin, e te ajudarei a escapar de Vila Máxima agora mesmo. Irei de Constantinopla e jamais voltará a ver-me. Possivelmente seria melhor assim. Nosso filho está perdido para sempre, e a vida que leva aqui é melhor para ti. A capital da civilização te sinta bem, ovelhinha. Já conhece o duro destino que nos espera na

Britania.

Entretanto, apesar de suas palavras, retinha-a entre seus braços como se não pudesse soltá-la.

Cailin guardou silêncio durante o que pareceu uma eternidade e logo disse:

—Wulf, pode que o menino ainda esteja vivo. De algum jeito o sinto. Que classe de pais seríamos se nem sequer fôssemos buscá-lo?

—E esse Flavio Aspar, o homem com quem tem que se casar? O que há entre vocês não é suficiente para que fique com ele?

—Há muitas coisas entre nós, —respondeu ela com calma. —mais do que pode imaginar. Abandonarei muitas coisas para retornar a Britania contigo, Wulf, mas ali também nos esperam muitas coisas. Estão nossas terras, das quais estou segura que Antonia se apropriou de novo, e a esperança de recuperar nosso filho. A terra não significa muito para mim. Importa-me muito mais o amor de Aspar. Entretanto, nosso filho inclina a balança em seu favor. Uma vez, faz muito tempo, nos prometemos em matrimônio. Esse matrimônio não seria reconhecido pelos que se acham no poder em Bizâncio, já que não se celebrou no seio de sua Igreja, mas os votos que fizemos em nossa terra são sagrados. Não vou negá-los agora que sei que vive. Sou uma Druso de Corinio, e me ensinaram que cumprir nossas promessas não só quando nos convém, mas também sempre.

—Eu não sou um dever a cumprir. —replicou ele, ofendido.

Cailin percebeu seu tom e sorriu.

—Não. Wulf, não é um dever, a não ser meu marido, a menos que prefira renunciar agora aos votos que nos fizemos mutuamente na casa de meu avô naquela longínqua noite de outono. Entretanto, recorda que se me negar, nega também a nosso filho.

—Está segura do que diz, ovelhinha?

—Não, Wulf, não estou. —respondeu ela com sinceridade. —Aspar foi muito bom comigo. Eu o amo e sei que o machucarei se abandoná-lo; mas também quero você, e nosso filho.

—E se não podermos encontrá-lo?

—Então haverá outros. —respondeu Cailin com suavidade.

—OH, Cailin... —sussurrou ele. —Quero te amar como nos amamos em outro tempo.

—Isso se espera de nós, não? A porta está trancada e nos deixarão em paz até amanhã, mas deve tirar essa túnica curta. Pelos deuses! Deixa pouco à imaginação e prefiro vê-lo sem ela.

Quando os dois estiveram nus a vacilante luz dos abajures, Cailin o contemplou com avidez. Tinha esquecido muitas coisas, mas de repente suas lembranças reviveram em sua mente. Esticou o braço e acariciou uma cicatriz curva que tinha no peito.

—Isto é novo. —observou ela.

—Fizeram-me isso na escola de Cápua, —disse Wulf e estendeu o braço direito para ela, —e esta nos jogos da primavera em Ravena, no ano passado. Achava-me bloqueando por um homem que lutava com rede, e ele esgrimiu sua adaga. Morreu bem.

Cailin se inclinou e beijou a cicatriz do braço.

—Nunca mais voltará para a areia, Wulf. Te perdi uma vez, e não quero te perder de novo.

—Não há nenhum lugar seguro. —assinalou ele. —Sempre espreita o perigo, minha amada.

Então agarrou seu rosto com as duas mãos e a beijou nos lábios, nos olhos e nas bochechas. Sua pele era tão suave... Ela murmurava em voz baixa, a cabeça arremessada para trás, o pescoço tenso. Lambeu ardentemente sua garganta, detendo seus dedos na base do pescoço para sentir o pulso que batia.

—Te amo, ovelhinha.—sussurrou. —Sempre te quis.

De repente Cailin pareceu inflamar-se de desejo e cobriu de beijos com seus lábios e sua língua. Roçou a cicatriz do peito com sua boca e ele gemeu como se doesse. Ela se ergueu e se olharam profundamente nos olhos durante o que pareceu uma eternidade. Não havia palavras para expressar o que sentiam. A seguir Cailin acariciou seu membro brandamente, deslizando os dedos para trás para roçar com a mão seus testículos.

—Vai me aleijar, carinho. —disse ele.

—Não é nenhum novato —repôs ela— e não estaria mal que pusesse em prática as coisas que aprendi para nosso mútuo prazer.

Ficou de joelhos ante ele e beijou seu ventre e suas coxas; logo colocou seu membro na boca e se aplicou até que ele suplicou que parasse e a pôs em pé para beijá-la apaixonadamente.

Guiou-a até o soalho e tombaram no colchão, os corpos entrelaçados, sem deixar de beijar-se. Ela já não era a moça tímida que Wulf tinha conhecido. Suas mãos eram atrevidas e o acariciavam com perícia. Não sabia se sentia surpresa ou prazer, mas ao final cedeu ao último. Tinha perdido uma esposa jovem e doce e tinha recuperado uma mulher apaixonada. A acolheu em seus braços, e começou a acariciar seu corpo e ela se aconchegou junto a ele ronronando como uma gatinha, respirando e a seguir gemendo brandamente à medida que se excitava.

Acariciou com ternura os peitos e se inclinou para lamber os mamilos. O sabor dela o excitava e seguiu lambendo a suave pele, percorrendo seu corpo inteiro com a língua: entre os seios, pela garganta, até o ventre.

Cailin gemia e quase soluçava.

—Sabe agradar uma mulher como eu te agradei?

—Sim. —respondeu ele com voz rouca, e baixou sua cabeça para chegar a sua pequena jóia e chupá-la profundamente.

—Aahhh...! —exclamou ela arqueando o corpo.

Estava ficando louca e percebia que ele sabia. Então Wulf se colocou sobre ela e a penetrou lenta e ardentemente, até o mais profundo. Continuando, descansou um momento enquanto seu membro viril pulsava em seu interior. Logo agarrou seu quadril e investiu ritmicamente até que seus gemidos ressonaram nos ouvidos do Wulf. As pálpebras de Cailin se fechavam, mas se obrigou a manter os olhos abertos e olhar Wulf à cara enquanto a possuía.

Ele fez com ternura, beijando seu rosto, murmurando palavras de amor e desejo no seu ouvido. Ela estava saciada e, entretanto queria mais. Tinha esquecido a paixão que tinha existido entre eles, mas agora ele tinha reavivado o fogo que havia nela e seguiu fazendo ao longo de toda a noite, em que fizeram amor muitas vezes, incapazes de sentir-se saciados durante um momento.

Esgotados ao fim, sumiram-se em um frágil sono que ao pouco foi perturbado por um golpe

na porta da câmara.

Wulf ficou em pé de um salto. O abajur do chão e um dos pequenos abajures de azeite se apagaram. Wulf desobstruiu a porta e a abriu. Ante eles apareceram Casia e Joviano.

—O que querem? —grunhiu.

—Justino Gabras mandou procurar Flavio Aspar. —chiou Joviano com voz horrorizada. Cailin gritou da cama:

—Minha roupa, Joviano! Tenho que me vestir agora mesmo e, por piedade, encontra algo respeitável que Wulf possa colocar para conhecer o general.

—Eu tenho sua roupa, Cailin. —disse Casia. —Veem comigo!

—O que disse ontem a noite foi sério? —perguntou Wulf.

—Sim. —respondeu Cailin com um sorriso. —Retornaremos a Britania para reclamar nossas terras e recuperar nosso filho. Claro que disse a sério!

Seguiu Casia com passo rápido.

—Está louca! —disse Casia pouco depois, enquanto a ajudava a vestir-se. —Renunciará a ser a esposa de Aspar e tudo o que Bizâncio pode te oferecer por esse saxão? Nenhum homem é tão maravilhoso na cama!

Cailin riu.

—Ele sim, mas não se trata disso, Casia. Wulf é meu marido e temos um filho ao que perdemos. Mas certamente o recuperaremos na Britania.

—É uma loucura. —repetiu Casia. —Como retornarão a Britania? De onde tirarão o dinheiro? As probabilidades de encontrar a seu filho são mínimas, Cailin. Não pensou em Aspar? Vai destruí-lo.

Cailin exalou um profundo suspiro.

—Acha que não sei? O que você faria se te encontrasse apanhada entre o amor de dois homens? Não posso ter aos dois, ou seja, tenho que me decidir por um, por mais doloroso que seja.

Uma escrava entrou e disse:

—Flavio Aspar e o príncipe Basilico esperam no átrio, senhoras.

—Basilico? OH, por todos os deuses! —gemeu Casia.

Quando chegaram ao átrio, encontraram Justino Gabras com eles, e também estavam Joviano e Wulf.

—Veem? —exclamou Justino. —O que disse? Quando se nasce puta nada pode remediá-lo. Surpreendeu-me vê-las chegar ontem à noite e ficar para entreter aos gladiadores como só elas sabem fazê-lo.

—Com que facilidade move sua língua viperina, Justino Gabras! —disse Cailin com frieza.

—Nega que passou a noite nos braços deste saxão, ou que Casia a passou com o Huno?

—Nega que nos obrigou a fazê-lo, nos despojando de nossa roupa e nos obrigando a nos esconder nos jardins até que nos apanharam e fomos entregues como troféus aos gladiadores?

—Eu não as trouxe aqui pela força. —replicou Gabras. —Vieram por vontade própria, mas quando mostra sua luxuriosa conduta diz que as violaram.

—Silêncio! —bramou Flavio Aspar. Cailin conteve o fôlego, pois nunca o tinha visto tão zangado. Ele a atravessou com o olhar. —Veio aqui por vontade própria ontem?

—Foi minha culpa! —exclamou Casia. Achava-se ao bordo das lágrimas, o que surpreendeu aos homens que a conheciam.

O semblante de Aspar se suavizou um pouco.

—Me conte a verdade, carinho. —disse voltando-se para Cailin. —Você nunca mentiu para mim.

—Nem o farei agora, meu senhor. —respondeu ela com aprumo. —Ontem, nos jogos, pareceu-me reconhecer a um dos gladiadores. Confiei minhas dúvidas a Casia e ela pensou que devíamos vir a Vila Máxima para que eu visse esse homem mais de perto e determinar assim se realmente o conhecia.

—Ela estava receosa para vir. —interveio Casia. —Estava muito preocupada porque se alguém nos via os prejudicaria.

—Não necessito que me defenda, Casia. —advertiu Cailin a sua amiga com serenidade. —Meu senhor me conhece muito bem.

—E quando viu este gladiador de perto, Cailin Druso, era realmente o homem que acreditava que era? —perguntou Aspar.

—Sim, meu senhor, temo que sim. O gladiador ao que se conhece por Saxão é meu marido, Wulf Punho de Ferro —disse Cailin, e enquanto os dois homens digeriam aquela surpreendente revelação, ela passou a explicar o que tinha acontecido a ela e a Casia nas mãos de Justino Gabras.

Quando concluiu sua história, Casia interveio rapidamente:

—O Huno não me possuiu, príncipe. Parece que não aguenta muito vinho. Meu plano era embebedá-lo e golpear sua cabeça, mas depois de tomar três taças do melhor vinho de Chipre do Joviano pôs-se a roncar como um urso depois de uma farra.

Era evidente que Basilico desejava acreditar em Casia. O alívio se refletiu em seu semblante quando Wulf disse:

—Provavelmente diz a verdade, senhor. Estes últimos meses vivi com o Huno e é certo que não aguenta bem o vinho.

—E você, Cailin Druso? —perguntou Aspar. —Também embebedou ao Saxão?

Cailin viu a dor que aparecia em seus olhos, embora fizesse um esforço por ocultá-la, e jurou em silêncio que Gabras não obteria esta vitória sobre Flavio Aspar.

—Wulf e eu passamos a noite conversando, meu senhor. Tínhamos muitas coisas para contar, verdade, Wulf?

O Saxão compreendeu o que pretendia Cailin e se perguntou se Flavio Aspar engoliria a mentira que ele ia confirmar.

—Cailin diz a verdade, meu senhor. Tínhamos que pôr em claro muitas coisas.

—Mentem! —exclamou Justino Gabras. —É impossível que tenha passado a noite com ela e não tenham feito amor!

—Pensa que sou um jovenzinho, miserável réptil, que tem que colocar a espada em todo buraco que se apresenta? Me chamar de mentiroso, Gabras, é buscar a morte!

Justino Gabras empalideceu e deu um passo atrás.

—Agiu mal, Gabras. —disse o príncipe Basilico. —Agora vá daqui, e se chegar a meus ouvidos uma só palavra deste escândalo, ocuparei-me pessoalmente de que tenha um fim do mais desagradável. Não tem verdadeiros amigos em Bizâncio, e se quer ver nascer a seu filho deve esquecer tudo o ocorreu aqui.

—Não o castigará? —perguntou Casia, aliviada de não ser o alvo da irritação de seu amante. —Olhe tudo o que provocou!

Basilico pôs-se a rir.

—Está casado com a Flavia Estrabo e isso já é suficiente castigo.

Quando Justino Gabras se voltou para partir, Focos Máxima surgiu de entre as sombras.

—Um momento, meu senhor Gabras. Fica a questão da fatura. Acredito que seria melhor resolvê-la hoje. Esta manhã criou poderosos inimigos e a duração de sua vida já não é segura.

Agarrou o braço de Justino e partiu com ele.

Joviano, olhando às cinco pessoas que se achavam em seu átrio, perguntou-se o que ia acontecer a seguir. Não teve que esperar muito.

Aspar agarrou Cailin pela mão.

—Conta-me tudo. —disse.

—Tenho que retornar a Britania, meu senhor. —respondeu ela indo ao grão, mas havia lágrimas em seus olhos.

—Com que facilidade me deixa, meu amor. —repôs ele com dor e amargura.

—Não. —replicou Cailin. —Não é fácil te abandonar, pois te amo, mas refleti muito sobre o que tenho que fazer. Aos olhos de sua Igreja ortodoxa não estou casada e, portanto sou livre de me casar contigo, Aspar. Mas sob as antigas leis matrimoniais da Britania sou a esposa do Wulf. Em uma ocasião a imperatriz me disse que o amor nos que se acham no poder era uma debilidade. Não acreditei meu senhor, mas agora acredito. E se o saxão não tivesse sido Wulf? O que teria feito ao saber que me tinham violado? E se o incidente houvesse me tornado louca? O próprio Gabras tinha a intenção de me possuir, sei. Como se teria sentido ao inteirar-se de que a mulher a que ama e tinha intenção de fazer sua esposa tinha sido humilhada desse modo? Seu valor para o Império teria terminado, meu senhor, se isso tivesse acontecido. Eu sou seu ponto débil, Flavio Aspar. Seus inimigos podem chegar até você e te fazer mal através de mim, através dos filhos que teria te dado. Fui uma tola ao acreditar que poderíamos levar uma vida aprazível como a que levaram meus pais em seu país. Você é importante para Bizâncio, meu amor, e sua utilidade ainda não chegou a seu fim. Além disso —sorriu, —você gosta bastante ungir imperadores. Criar cavalos e cultivar feno e cereais teria te aborrecido. Devo te abandonar, meu amado senhor, se quero te salvar de seus inimigos. Não há outro modo, e no fundo sabe que é certo. Wulf e eu possuímos terras na Britania que devemos reclamar, e um filho perdido que queremos encontrar. Não posso voltar às costas a isso, embora me encontro dividida entre os dois. Uma vez disse que a Fortuna não era boa comigo, mas foi muito, pois que outra mulher foi tão amada por dois homens tão maravilhosos? É possível, me acredite, que uma mulher ame a dois homens.

—Jamais teria podido me impedir de te amar, Cailin —disse Aspar com tristeza, —mas se

acha que deve me abandonar, não serei um obstáculo em seu caminho. —Desejava suplicar que ficasse com ele, dizer que ela não representava nenhum perigo para ele; e que em caso contrário se arriscaria se isso significava tê-la a seu lado. Mas disse: —Leve Nellwyn contigo. Britania é sua pátria também, e eu não saberia o que fazer com ela se a deixasse aqui. Constantemente me recordaria a você.

—Sim, levarei Nellwyn.

—Ordenarei ao Zeno que prepare suas coisas e as envie aqui com a moça. A menos que queira voltar para Vila Mare e fiscalizar você mesma essa tarefa, meu amor.

—Não posso levar nada, meu senhor. —disse Cailin. —Dadas as circunstâncias, não estaria bem.

—Não seja tola. —espetou a prática Casia. —Necessita roupa! Irei a Vila Mare e prepararei tudo. É certo que não necessita seus vestidos mais elegantes, mas deveria levar uma capa grossa, algumas estolas singelas, camisas e sandálias, pois terá que andar muito antes de chegar a sua Britania.

Joviano, que tinha permanecido calado, falou.

—Focos e eu temos um pequeno navio mercante que partirá para Marsella com a maré da tarde. Não é luxuoso, mas os levará a Gália em poucas semanas. Posso conseguir um lugar, se o desejarem.

—É uma excelente ideia. —disse Aspar. "Será melhor que isto termine quanto antes." pensou. —Não esqueça recolher as joias, Casia.

—Não! —exclamou Cailin. —Não posso levar isso!

—Seria perigoso levar objetos de valor. —observou Wulf.

—As necessitará para começar de novo na Britania, Wulf Punho de Ferro. —disse Aspar dirigindo-se a ele pela primeira vez. —O dinheiro não compra a felicidade, mas serve para comprar muitas outras coisas, incluídos ganho e lealdade. Cailin e Nellwyn podem costurar as joias em suas capas. Ocuparei-me de que também disponha de uma bolsa de moedas.

—Meu senhor... —Wulf não sabia o que dizer.

—Te ordeno que dela cuide, Saxão. —disse Flavio Aspar com aspereza. —Me entendeu? Jamais lhe faltará nada!

Wulf assentiu e se perguntou se, Cailin tivesse eleito a Aspar, ele teria sido tão amável. Não estava seguro.

Joviano partiu para ocupar-se de encontrar um lugar no casco de navio, o qual dispunha de uma pequena cabine de madeira na coberta, que o capitão e seu segundo de bordo compartilhavam a menos que houvesse algum passageiro que pagasse. Quando isso acontecia, o capitão e seu segundo dormiam em redes na coberta. O navio nunca viajava longe da costa durante muito tempo, pois não era o bastante grande para levar as provisões necessárias.

Joviano fez subir seis barris de água fresca a bordo especialmente para os três passageiros. Também se ocupou de que houvesse uma cabra que desse leite, uma jaula de galinhas, várias caixas de pão, quatro queijos e fruta. O casco de navio ia levar cilindros de tecido de Constantinopla até a Gália. Também havia alguns luxos escondidos entre o tecido para que

escapassem aos olhos do agente de alfândegas, embora este estivesse bem subornado para fazer a vista grossa.

Casia foi se despedir no navio e entregou um maço de coisas que tinha preparado, que incluía roupa, um pente, umas botas, as joias e outros objetos. Nellwyn estava atônita ante o giro dos acontecimentos, e entusiasmada por retornar a Britania.

As posses do Wulf eram poucas e logo tinham sido recolhidas. Os outros gladiadores ainda dormiam e provavelmente não sentiriam falta do Saxão até o dia seguinte, quando não aparecesse para celebrar seu combate.

—O povo terá uma grande decepção quando descobrir que o grande campeão invencível desapareceu. —observou Joviano. —Tentaremos fazer que Gabras seja responsável por isso. Pode ser que se voltem contra ele e possivelmente o incendeiem no palácio. Ah, as possibilidades são ilimitadas. Querida Casia, não acredito que amanhã vamos aos jogos.

—Eu só teria ido ver o Saxão. —disse Casia com um leve sorriso. Logo se voltou para o Cailin e a abraçou: —Sentirei falta de sua amizade e doçura. Que os deuses a protejam, querida amiga. Quando os ventos invernais amaldiçoem esta cidade, pensarei em sua volta a sua amada Britania. Ainda imagino uma terra selvagem, e te considero uma louca por ir pra lá! —Sorveu pelo nariz.

—E eu sentirei falta de suas maneiras irreverentes e sua franqueza. —disse Cailin. —Mas no inverno não estarei de retorno na Britania. Possivelmente na primavera. Adeus, querida Casia. Que os deuses a favoreçam.

Voltou-se para Aspar, que permanecia em silêncio, agarrou sua mão e a levou aos lábios e a beijou.

—Se lamentar um só momento dos que vivemos jamais te perdoarei, Flavio Aspar. Nosso amor é real e é verdadeiro; mas o destino quis que fossemos em direções distintas. Jamais o esquecerei, meu amado senhor.

—Sua lembrança será indelével. —respondeu ele. —Jamais te esquecerei, Cailin Druso. Você me ensinou a amar e não estou seguro que possa perdoar isso. Possivelmente seja melhor não saber amar que sofrer pela perda do amor. Que Deus te acompanhe, meu prezado amor. —concluiu, e a beijou meigamente nos lábios provocando lágrimas em Cailin.

—Maldito seja, Aspar. —sussurrou.

—Nasci sob o signo do escorpião, meu amor. Mordo quando estou ferido. Agora vai antes que me arrependa de ser tão nobre.

O navio zarpou do porto do Bosforo, deu a volta ao extremo da cidade e passou diante do palácio imperial. O dia era claro e a água reluzia a seu passo pela Torre de Mármore que assinalava o fim das muralhas da cidade. A embarcação sulcava as ondas, empurrada por uma fresca brisa.

Wulf passou um braço pelos ombros de Cailin e a atraiu para si.

—Espero que nenhum dos dois lamente.

—Não acredito. —disse ela, e quando a nave passou diante de Vila Mare, lançou um silencioso adeus a Flavio Aspar.

Seu amado senhor sobreviveria, pensou, e voltou seu rosto à proa do navio. O vento jogava seus cachos à cara. Pela primeira vez em muito tempo sabia quem era. Era Cailin Druso, uma

bretã, descendente de um tribuno romano e uma multidão de antepassados celtas, e se dirigia para casa. A Britania!

CAPÍTULO 15

Britania, 457

Demoraram quarenta dias para chegar de Bizâncio à cidade de Marsella, na Gália. O navio saiu pelo Helesponto e cruzou o mar da Tracia passando pela frente do monte Áthos e entrou no mar Egeu, avançando pela costa grega além de Delos e as Cicladas. Quando chegaram a Mitanni, o capitão se aproximou de Cailin e Wulf e disse:

—O amo Joviano me instruiu que siga suas instruções. Posso navegar ao norte ao longo da costa grega e logo cruzar até a Itália no estreito que as separa, ou navegar em linha reta pelo mar Jônico até a Sicilia e economizar a metade de tempo. O tempo é bom e seguirá assim, mas estaríamos vários dias sem avistar terra. Às vezes se desatam tormentas de improviso; mas mesmo assim eu os levaria a salvo a Marsella. —Sorriu e explicou: —Obtenho uma percentagem dos benefícios da carga.

—Navega em linha reta para a Sicilia. —indicou Wulf. —Queremos chegar a Britania antes da primavera.

Durante quase sete dias não viram terra, mas por fim a ponta da bota da Itália e Sicilia, com suas acidentadas montanhas, apareceu no horizonte à esquerda e direita. O navio cruzou o estreito da Messina em águas do mar Tirreno. Detiveram-se várias vezes para repor água, mas o capitão preferia ancorar em trechos desertos da costa para não ter que pagar taxas portuárias.

—Os alfandegários são verdadeiros ladrões. Sempre afirmam que encontraram contrabando no navio, em especial se estiver de passagem. Então confiscam a carga. Miúdos patifes! —exclamou indignado.

Percorreram a costa da Itália pela Temesa, Nápoles, Ostia, Pisa e Génova. Ao fim se aproximavam de seu destino e Cailin sentiu um grande alívio. Queria tomar um banho e supunha que em Marsella haveria banhos públicos.

O primeiro dia a bordo tinha repassado a roupa que Casia tinha preparado para ela, e para sua surpresa encontrou duas bolsinhas de moedas. Uma continha vinte solidus de ouro e a outra estava cheia de folies de cobre. As mostrou ao Wulf e ele assentiu em silêncio.

—Há uma tábua solta sob meu catre. — disse ela em voz baixa. —Esconderei debaixo, mas sempre terá que haver alguém na cabine para que não nos roubem. Isto e minhas joias são tudo o que temos para prosseguir o caminho quando chegarmos, e quando estivermos na Britania necessitaremos do que fique para recomeçar. Confio no capitão, mas os dois marinheiros me dão calafrios. Eu não gosto da maneira que olham a Nellwyn.

—Nellwyn é uma formosa garota. Se não for com cuidado, os cães a comerão. É sua escrava. Fale com ela. Não me corresponde fazê-lo.

—Por que parece irritado? —perguntou-lhe ela. —É como um velho gato com as unhas

cortadas. Não se alegra que tenhamos nos reencontrado?

—Não posso acreditar em nossa boa fortuna. —respondeu ele com sinceridade. —Achava que estava morta e te recuperei. Decidiu retornar a Britania comigo em vez de se casar com um homem rico e poderoso. Entretanto, não estivemos sozinhos desde que nos reencontramos, e não é provável que o estejamos em meses! É bela, Cailin, e te desejo.

—Terá que aprender a ter paciência. —disse ela e sufocou uma risadinha maliciosa. —E eu também.

Quando por fim entraram no porto da Marsella, o capitão disse que normalmente havia caravanas de mercadores que viajavam pelos caminhos romanos da Gália para a costa da Britania. Wulf encontraria viajantes na estalagem A Flecha Dourada.

—Não vá sozinho, senhor. Há muitos bandidos e têm uma esposa para proteger. Um homem corpulento e forte como você será bem acolhido em qualquer grupo. E se as mulheres estão dispostas a ajudar nas tarefas, muito melhor.

Wulf deu as graças ao capitão por seu conselho e, com as bolsas de moedas e as joias de Cailin bem guardados, o trio abandonou o navio. Cailin e Nellwyn foram vestidas como mulheres humildes e cobriam a cabeça com o capuz da capa. Seguiram ao Wulf pelas buliçosas ruas do porto até a estalagem, onde Wulf perguntou pelas caravanas que partiam para a costa norte da Gália.

—Dentro de uns de dias sairão várias, senhor. —respondeu o hospedeiro. —Aonde vão? Viaja sozinho?

—Precisamos chegar ao Gesoriaco. —respondeu Wulf. —Minha esposa e sua criada viajarão comigo. Viemos de Bizâncio.

—E vão a Britania, suponho. —observou o hospedeiro.

Wulf assentiu.

—Sou um homem corpulento, como pode ver. —disse ao hospedeiro. —E servi nas legiões. Sou bom com a espada e minha esposa e sua criada sabem cozinhar. Não seremos nenhum estorvo.

—Podem pagar? —Não pareciam mendigos, mas, naqueles dias, nunca se sabia.

—Se for um preço razoável. —respondeu Wulf. —Nossa passada por Bizâncio nos custou caro. Nosso serviço não será suficiente? Se devemos pagar, espero receber comida em troca.

—Estão com sorte. —disse o hospedeiro. —Há uma grande caravana de mercadores que parte amanhã para o Gesoriaco. Parte do grupo ficará em outras cidades com o passar do caminho, mas a caravana principal se dirige à costa norte. Conheço o patrão, um tipo corpulento de cabelo vermelho que nestes momentos está bebendo em meu pátio. Sempre vai bem um homem a mais. Digam que Pablo os recomenda. Regateiem vocês mesmo.

—Agradeço, senhor. —disse Wulf. —Pode me alugar uma habitação para minha esposa, sua criada e eu para esta noite? E precisamos saber onde estão os banhos públicos. Depois devo comprar cavalos para a viagem.

—Não disponho de habitações privadas, mas as mulheres podem colocar um catre no celeiro com as outras. Você terá que dormir aqui, como todos os homens.

Enquanto Cailin e Nellwyn se banhavam, Wulf foi ao mercado e comprou dois cavalos para

elas. Um era um animal castrado de cor castanha, forte e bonito, e o outro uma robusta égua negra o bastante forte para transportar a ambas as mulheres em caso de necessidade. Retornou à casa de banhos onde Cailin e Nellwyn o esperavam. Seu prezado tesouro e os cavalos permaneceram a seu cargo enquanto Wulf tirava os quarenta dias de navegação da pele. Logo retornaram juntos à estalagem, onde Wulf se apresentou ao patrão da caravana, que se chamava Garhard. Logo os dois homens ficaram de acordo, pois Garhard era um homem de decisões rápidas. Custaria dois folies a cada um. Wulf ajudaria a proteger a caravana e as duas mulheres cozinhariam. Em troca, viajariam seguros e poderiam comer da panela comum.

—Se quiserem vinho, tragam. —indicou Garhard. —E tragam seus pratos e colheres. Além disso, não quero que as mulheres se prostituam por umas moedas; isso causa problemas entre os homens.

—As mulheres são minha esposa e sua criada. —assinalou Wulf. —Não se prostituirão, e se seus homens as olharem de soslaio ou falarem de modo desrespeitoso, terão que haver-se comigo.

—Bem. Partimos ao amanhecer.

Apressaram-se a retornar ao mercado, onde Cailin comprou pratos e colheres de madeira e uma taça que compartilhariam. Viu uma mulher que vendia colchões e comprou três, assim como umas mantas.

—Deveríamos ter uma carroça. —disse Cailin a seu marido. —A égua pode puxá-la, e guardaremos nela nossas coisas. Não podemos levá-lo tudo. Você está acostumado a dormir no chão, mas Nellwyn e eu não. E necessitaremos provisões de água, um braseiro e carvão. Estamos quase no inverno, Wulf, e quanto mais ao norte vamos, mais frio fará. Um carro nos oferecerá amparo frente ao mau tempo e os animais selvagens.

Ele pôs-se a rir.

—Viveu como uma jovem rainha em Bizâncio e acreditava que tinha esquecido estas questões práticas, mas vejo que não. Vem, vamos comprar o que considerar necessário.

Partiram justo antes da alvorada. As duas mulheres conduziam a pequena carroça coberta de tecido. Tinham metido ali todas suas posses, junto com provisões extras para complementar a panela comum. As peles de água penduravam do carro.

A caravana viajou pelos caminhos romanos passando pelo Arélate, Luguduno, Augustoduno e Agendico para chegar a Durocortoria (Reims). Tomaram o caminho que torcia ligeiramente mais ao norte, cruzando Samarobriva (Amiens) e chegando por fim ao Gesoriaco (Boulogne-sul-Mer), um antigo porto naval. Tinham demorado muitas semanas em chegar a seu destino. Estavam já em meados de fevereiro.

Acertaram seu seguinte passo com um comerciante costeiro. Cruzariam as trinta milhas marinhas que separavam a Gália da Britania até o porto do Dubris (Dover). Quando saía o sol na Gália, que agora ficava atrás deles, chegaram a Britania a manhã de 20 de fevereiro.

Cailin não pôde conter o pranto.

—Acreditava que jamais voltaria a ver minha terra natal. —disse entre soluços.

—Viajamos mais de quatro meses —observou Wulf. —Você não gostaria de descansar uns

dias, agora que voltamos a estar na Britania?

Cailin fez um gesto de negação.

—Não! Quero chegar em casa quanto antes.

O carro dava tombos no caminho de Londres. Cailin olhou ao redor, recordando pouco de sua última visita. Em outro tempo aquele lugar a teria impressionado, mas agora parecia insignificante em comparação com Constantinopla. Tomar o caminho em direção oeste para Corinio a embargou de felicidade.

Quando chegaram à cidade de origem de sua família, Cailin emudeceu de assombro. Corinio, em outro tempo uma cidade próspera, achava-se quase em silêncio e deserta. As ruas estavam cheias de escombros e os edifícios em mal estado. No anfiteatro cresciam ervas daninhas entre os assentos de pedra, gretados e quebrados. Muitas casas estavam fechadas e vazias.

—O que ocorreu? —perguntou ao Wulf.

Ele meneou a cabeça.

—Não sei. Possivelmente sem um governo central a cidade não pode manter-se. Olhe ao redor. A maioria das pessoas que se vê pelas ruas é anciã. Certamente ficam porque não têm aonde ir. Entretanto o mercado prospera; parece ser o único que se conserva.

—Mas quase todos os produtos são comestíveis. —observou ela. —O que aconteceu com o comércio e a olaria?

—As pessoas tem que comer. —disse ele. —Quanto ao resto, não sei. —encolheu seus ombros. —Vamos, ovelhinha, ficam dois dias de viagem antes de chegar a nossas terras. Não podemos nos entreter. Teremos que lutar com Antonia Porcio, estou seguro. Sem dúvida ficou com nossas terras outra vez. Pelo resto, sua família dobunia se alegrará de saber que está viva.

Seu carro avançou pelo caminho do Fosso até que por fim viraram por um atalho apenas visível. Chovia quando acamparam aquela noite. Se aconchegaram no carro, ouvindo a chuva golpear o teto de lona. O pequeno espaço estava agradavelmente esquentado, como durante todo o inverno, graças ao pequeno braseiro que Cailin tinha insistido em comprar. Virtualmente não tinham visto ninguém desde sua saída de Corinio, mas Wulf insistiu em montar guarda.

—Não podemos nos arriscar agora. —disse. —Partiremos antes que amanheça. Com um pouco de sorte chegaremos em casa no meio da tarde.

No dia seguinte voltou a chover e, abaixada no banco do carro, conduzindo a égua, Cailin se deu conta de que tinha esquecido a úmida e fria que podia ser a primavera bretã. Quase sentiu falta dos dias sempre ensolarados de Bizâncio, mas mesmo assim se sentia contente de estar em casa, decidiu. Voltava a estar rodeada de terra conhecida. De repente subiram uma colina e Cailin deteve o carro para contemplar as terras de sua família pela primeira vez em quase três anos.

Wulf soltou uma maldição.

—A casa foi incendiada! —exclamou. —Maldita Antonia! Pagará por isso, juro-o!

—Pergunto-me por que Bodvoc não a impediu. —disse Cailin.

—Não sei, mas logo o averiguarei. Teremos que recomeçar desde zero, ovelhinha. Sinto muito.

—Não é tua culpa, Wulf. Sobreviveremos a isto como sobrevivemos a tudo o que o destino

nos proporcionou.

Enquanto desciam pela colina, Cailin observou que os campos estavam sem arar e as árvores frutíferas não tinham sido podadas. O que tinha acontecido ali? Deteve o carro ante o que tinha sido sua casa. Os danos, para seu alívio, não eram tantos como tinha parecido. O telhado de palha tinha ardido, mas ao entrar viram que as grossas vigas do teto só estavam chamuscadas. As fossas para o fogo estavam intactas e alguns de seus móveis, danificados, mas reparáveis, ainda se encontravam ali. Entretanto tinham desaparecido muitas coisas, incluídas as portas de carvalho da entrada. Mesmo assim, poderiam aproveitá-la.

—O primeiro que teremos que fazer é reparar o telhado. —disse Wulf.

—Não poderemos fazê-lo sozinhos. —repôs Cailin e suspirou. —Teremos que ir ver a Antonia e recuperar nossas propriedades, assim como os escravos e servos e encarar a questão de nosso filho. Antonia é a única que tem a resposta a esse mistério, e não me deterei até que ela diga.

—Vamos primeiro a ver os dobunios. —sugeriu ele. —Eles saberão o que ocorreu. Acredito que é mais sensato que saibamos antes de enfrentar Antonia Porcio. É evidente que fez algo com Bodvoc e Nuala, do contrário eles teriam protegido nosso lar.

—Ocultaremos o carro dentro da casa. —sugeriu Cailin. —Podemos levar os cavalos à aldeia de meu avô. Se alguém passasse por aqui não verá nada diferente se o carro está escondido.

—Não me deixem aqui só. —rogou Nellwyn. —Tenho medo.

—Você e eu montaremos a égua juntas. — tranquilizou Cailin. —A casa está inabitável, mas a repararemos.

Conduziram à égua negra dentro da casa, soltaram-na do carro e empurraram este contra um rincão em penumbra, fora da vista de qualquer um que entrasse na casa em ruínas. Logo as duas mulheres montaram o animal. Cailin ia adiante, sujeitando as rédeas, e Nellwyn atrás, obstinada à estreita cintura de sua ama. Wulf guiou à égua fora da casa e montou seu animal.

Partiram para as colinas, cruzaram as pradarias e os bosques e chegaram à aldeia dobunia de Berikos.

Ao aproximar-se da fortificação da colina comprovaram imediatamente que ocorria algo. Não havia guardas apostados e ninguém saiu para recebê-los. A aldeia estava deserta, e depois de uma rápida inspeção compreenderam que fazia algum tempo que se achava assim.

—O que ocorreu? —perguntou Cailin, assustada.

Wulf meneou a cabeça.

—Há outras aldeias. Recorda como chegar a elas? Os dobunios não podem ter desaparecido da face da terra nos dois anos e meio que saímos da Britania. Têm que estar em alguma parte.

—Sei que há outras aldeias, mas nunca as vi. —disse ela. —Passei aqui todo o tempo. Não obstante, têm que estar perto, pois o território de Berikos não era muito extenso. Sigamos adiante. É provável que tropecemos com alguém.

—De acordo. —aceitou ele, e reataram a marcha cavalgando devagar para o nordeste em busca de sinais de vida.

A princípio a paisagem parecia deserta, mas ao fim começaram a ver sinais de vida: gado

pastando, um rebanho de ovelhas em um prado e, por fim, um pastor do qual se aproximaram.

—Há alguma aldeia dobunia perto daqui, amigo? —perguntou Wulf.

—Quem é? —repôs o pastor.

—Sou Wulf Punho de Ferro. Esta é minha esposa Cailin Druso, neta de Berikos, sobrinha de Epilos, prima de Corio. Estivemos fora algum tempo, e ao retornar encontramos deserta a fortificação da colina de Berikos. Onde estão todos?

—Encontrarão nossa aldeia do outro lado da colina. —indicou o pastor, sem responder tampouco a esta nova pergunta. —Epilo está ali.

Cavalgaram pela colina e por trás, de um pequeno e aprazível vale, achava-se a aldeia dobunia. Uns guardas apostados em pontos estratégicos contemplaram em silêncio seu passo e sua entrada no centro da aldeia. Wulf desmontou e baixou primeiro a sua esposa e logo a Nellwyn. Olharam ao redor, e quando Cailin baixou o capuz, deixando sua cara ao descoberto, uma mulher com dois meninos obstinados a suas saias afogou um grito e exclamou:

—Cailin! Realmente é você? Disseram que tinha morrido!

—Nuala! —Cailin correu a abraçar a sua prima. —Realmente sou eu e voltei para casa. Como está Bodvoc? E Ceara, e Maeve? E o que aconteceu com Berikos? Esse velho diabo ainda se aguenta ou Epilo se converteu em chefe dos dobunios?

—Bodvoc morreu. —respondeu Nuala com pesar. —Morreu na epidemia de peste do ano passado que levou a tantos dos nossos. Ceara, Maeve e nosso avô entre eles. Perdemos a quase todos os nossos anciões e a muitos meninos. Corio sobreviveu e nem eu nem meus filhos a contraímos, apesar da enfermidade de Bodvoc. Estes são meus filhos. Comio é o maior; é o que levava em meu ventre no dia de minhas bodas. A menina é Morna. Veem, Epilo quererá vê-la. — separou-se de Cailin e disse: —Te saúdo, Wulf Punho de Ferro.

—Te saúdo, Nuala. Lamento a morte do Bodvoc. Era um bom homem. Agora entendo por que não estavam nas terras que lhe demos. Uma mulher só com dois filhos não poderia com tanta responsabilidade.

—Mal tivemos tempo de nos assentar nessas terras, Wulf —repôs ela. —Antonia Porcio nos arrebatou isso assim que partiram. Disse que as terras dos Druso de Corinio eram de seu ex-marido e que agora pertenciam a ela e seu filho. Bodvoc considerou que não podia enfrentá-la.

Seguiram Nuala à casa do pai dela. Epilo, já sabendo de sua chegada, saiu para saudar os viajantes.

—Disseram-nos que tinha morrido ao dar a luz, Cailin. —disse. —E pouco depois Wulf desapareceu. O que te ocorreu, sobrinha? Veem, sente-se junto ao fogo. Traz vinho para nossos convidados. Quem é esta bonita moça que vai contigo?

—É Nellwyn, tio. —disse Cailin sorrindo. —É minha criada e viajou conosco desde Bizâncio, onde me encontrava.

Cailin narrou suas aventuras e as do Wulf a seus parentes e a outros que tinham ido à casa.

—Nossa casa está parcialmente queimada. —concluiu. —O que ocorreu enquanto estávamos fora, e por que está vazia a fortificação da colina de Berikos?

—Morreu tanta gente na aldeia de Berikos por causa da praga —explicou Epilo, —que não

era prático permanecer ali. Antonia Porcio tem um novo marido, que não é celta nem bretão-romano. É saxão e se chama Ragnar Lança Potente. Agora há muitos saxões que vêm instalar-se nesta região. Inclusive esta aldeia já não é completamente dobunia. Alguns saxões vivem aqui e estão se casando com nossos filhos. Nuala tem um por marido. —Convidou a um jovem loiro de aspecto agradável e olhos azuis a dar um passo à frente. —Este é Rio de Vinho, meu genro. Me alegro de que sejamos parentes. É um bom marido para minha filha e um bom pai para meus netos.

—Te saúdo, Rio de Vinho, marido da Nuala. —disse Wulf.

—Te saúdo, Wulf Punho de Ferro. —respondeu o jovem.

—Me fale de Lança Potente —pediu Wulf ao Epilo, inclinando-se com interesse. —Que classe de homem é?

—Pelo que vi e sei—disse Epilo, —é um valentão. Chegou faz uns meses com um grupo de bandidos como ele. Mataram a tudo o que ficou em seu caminho, saqueando e incendiando tudo o que encontravam a seu passo. Suponho que assim é como se incendiou sua casa. Chegou à vila da Antonia. Trazia duas esposas consigo, mas também fez sua esposa a Antonia, embora só os deuses saibam por que. Antonia vive com as outras mulheres, seu pai e os muitos filhos que sempre parecem rodeá-la. Este saxão está consolidando seu domínio nas terras circundantes, exigindo lealdade e fortes tributos. Ainda não encontrou nossa aldeia neste vale, mas supomos que logo o fará. Seremos obrigados a aceitá-lo como chefe supremo se quisermos sobreviver. Não há alternativa.

—Sim há. --disse Wulf. —Podem aceitar a mim como chefe supremo, Epilo. Nuala diz que a praga atacou aos muito anciões e os muito jovens. Isso significa que a maioria de homens aos que treinei faz anos ainda estão vivos. Se ficarem as minhas ordens, poderemos vencer a ameaça de Ragnar Lança Potente. Poderão viver em paz sob meu amparo. Somos parentes, Epilo, e não abusarei daqueles a quem jurei defender. Os tempos em que agora vivemos são diferentes dos que conhecemos em outra época. Sua aldeia e as outras aldeias próximas necessitam um homem forte que as proteja. Podem escolher entre mim ou Ragnar Lança Potente.

—Escolhemos a você, é obvio —disse Epilo. —Sabemos que é um homem justo e honrado que não nos tratará mal nem a nossas famílias. Como podemos te ajudar?

—Primeiro tenho que falar com os homens. Devem familiarizar-se logo com as habilidades da luta. Possivelmente hajam alguns homens novos na aldeia que queiram unir-se a nós.

—Eu o farei. —se ofereceu Rio de Vinho. —Sou ferreiro e posso fazer e reparar armas para vocês. Farei o que seja para pôr a aldeia a salvo de Ragnar Lança Potente.

—Bom! —exclamou Wulf, sorrindo ao jovem. —Vá falar com os outros saxões que vivem nesta aldeia. Diga que não se trata de saxões contra celtas, mas sim do que está bem contra o que está mau.

Rio de Vinho assentiu.

—Aqui não existem facções entre saxões e celtas. —disse, e todos estiveram de acordo. —Simplesmente somos gente que tratamos de viver juntos e em paz.

—Precisarei reparar o telhado de minha casa e não posso fazê-lo sozinho —disse Wulf, —e

tenho que construir um muro de proteção ao redor.

—Nós o ajudaremos. —ofereceu Epilo. —Procurarei ajuda nas outras aldeias da zona. É pouco provável que Ragnar Lança Potente saiba que estamos reparando a casa. Poucas vezes vai ali, pois é muito supersticioso e acredita que a casa está habitada pelos fantasmas da família de Cailin. Suponho que Antonia contou a história das terras e ele tirou suas próprias conclusões.

—Se Antonia contou essa história, fez de propósito e com um fim.—interveio Cailin. —Pergunto-me qual é.

Pernoitaram na aldeia de Epilo. Quando amanheceu, se surpreendeu ao ver pelo menos uma centena de homens jovens, alguns dos quais reconheceram, recém os chegados. Wulf nomeou a Corio e Rio de Vinho os segundos no comando. Os que já tinham recebido treinamento nas artes da guerra treinaram aos jovens. Outro grupo de vinte homens foi a cavalo com o Wulf, Cailin e Nellwyn a sua casa. Levaram suficiente palha para o telhado e puseram mãos à obra quase imediatamente. Epilo tinha enviado um carregamento de provisões. Cailin e Nellwyn preparavam comidas singelas que satisfaziam aos trabalhadores antes de adormecerem cada noite no chão da casa. Quando não estavam ocupadas ante o fogo, Cailin e sua escrava limpavam o pó e os escombros da casa, junto com uma jovem raposa que tinha decidido instalar ali sua toca, e numerosos ratos de campo. O mobiliário que podia reparar-se era separado.

Cada manhã ficavam a trabalhar até a saída do sol, até que vários dias depois a casa voltou a ter teto. Rio de Vinho chegou com Nuala e se ocupou de reparar os móveis.

Um dia, Cailin se sentou em um banco fora da casa com sua prima.

—Seu pai gosta de seu novo marido; parece um bom homem. —observou.

—Não é Bodvoc —admitiu Nuala, —mas nunca haverá outro como ele. Rio de Vinho me ama cegamente e é muito bom. Embora a vida já não é excitante para mim, ao menos não sou desventurada. Recorda a velha pitonisa que na feira de Beltane, faz anos, disse-me que teria dois maridos e muitos filhos? Bom, tinha razão. Bodvoc e eu engendramos dois meninos antes que ele morresse. —levou-se a mão ao ventre em gesto protetor. —Rio de Vinho e eu nos casamos em dezembro passado, no solstício. E já espero nosso primeiro filho.

—É afortunada. —disse Cailin. —Eu ignoro o que ocorreu ao filho que tive com o Wulf antes que me raptassem. Nem sequer sei se era menino ou menina.

—Terá outros. —a animou Nuala.

—Será difícil se Wulf e eu não podemos ter um pouco de intimidade. —repôs Cailin com um sorriso irônico. —Nosso reencontro foi rápido e em seguida abandonamos Bizâncio. Navegamos durante quarenta dias em um pequeno navio mercante, sem nenhuma possibilidade de estar a sós. Logo viajamos por toda Gália com um grupo de mercados e Nellwyn a nosso lado constantemente. Uma vez na Britania, viajamos sempre juntos até chegar a casa. Estivemos tão ocupados reparando os danos causados por esse maldito Ragnar... Simplesmente não temos tempo, Nuala. Sei que o teremos, mas quando? Quanto ao menino perdido, se estiver vivo queremos recuperá-lo. É sangue de nosso sangue e tem uma herança da qual sentir-se orgulhoso.

—Compreendo como se sente. —observou Nuala. —Se o pequeno Comio e Morna fossem arrebatados, faria o impossível por recuperá-los.

—Olhe, na ladeira desta colina há um cavaleiro. —disse Cailin de repente a sua prima. —Sabe quem é?

Nuala aguçou a vista e respondeu:

—Não sei, mas poderia ser um dos homens de Ragnar. Sim, acredito que poderia sê-lo, pois deu a volta e se vai. Será melhor que digamos a seu marido.

Wulf e os outros homens estavam colocando portas de carvalho novas na casa quando Cailin e Nuala falaram do cavaleiro que tinham visto na colina.

—Ainda não tivemos tempo de construir a cerca, mas ao menos podemos fechar a porta —disse Wulf. Voltou-se para Rio de Vinho. —O que opina? Retornará com um grupo armado?

—Provavelmente era um caçador que passava ali por acaso. —respondeu Rio de Vinho. —Em todo caso acredito que somos suficientes para enfrentá-los, meu senhor. Advertirei aos homens que estejam em guarda até que vejamos o que ocorre. Nuala, entra em casa. Não me agradará que esteja fora se ocorrer um ataque.

—Te chamou de "meu senhor". —observou Cailin em voz baixa a seu marido, depois que Nuala obedecesse Rio de Vinho.

—Vários homens começam a fazê-lo. —disse Wulf. —É normal. Sou seu chefe, ovelhinha. Tenho intenção de ser o chefe supremo destas terras e de todas ao norte e a leste do território que em outro tempo foi dobunio, se puder mantê-las. Tenho direito a isso. O primeiro problema que tenho que solucionar é Ragnar Lança Potente. Se quiser pode ficar com o território do sul e o oeste mas estas terras são nossas e brigarei por elas.

—Eu estarei a seu lado, meu senhor esposo. —disse Cailin.

Ele a rodeou com um braço.

—Sobreviveremos a isto, e deixaremos um valioso legado a nossos filhos. Ninguém voltará a nos tirar nossas terras.

—E conseguiremos que Antonia Porcio nos conte o que ocorreu a nosso filho. Não pari um filho tão grande para ficar rasgada. Há algo que não consigo recordar referente a estes últimos momentos, Wulf. Lembro claramente ter ouvido o pranto de um menino são, mas há algo mais... Sei que nosso filho está vivo!

—Se estiver, o encontraremos. —prometeu Wulf.

No alto da colina apareceu uma dúzia de homens a cavalo que iniciaram a descida. À frente ia um corpulento homem com capacete e uma longa lança.

—Estarei a seu lado. —disse Cailin, prevendo a objeção de seu marido. —Jamais temi a nenhum homem, e menos ainda em nossas próprias terras.

Ele guardou silêncio, mas se sentiu orgulhoso de tê-la por esposa. Era uma mulher forte que tinha sobrevivido à escravidão e sem dúvida conceberiam filhos fortes e sãos.

Os cavaleiros desciam a colina sem descanso. Ragnar Lança Potente observou ao silencioso casal enquanto se aproximava. O homem era um guerreiro, estava seguro, não era um granjeiro saxão ao que pudesse intimidar facilmente. A mulher era formosa, mas tampouco era uma mulher saxã. Uma bretã, provavelmente, e uma mulher orgulhosa a que custaria submeter. Ela permaneceu ao lado do homem sem demonstrar nenhum temor, quase em atitude desafiante.

Tinha um corpo do qual gostaria de desfrutar, pensou, e a expressão de sua cara indicava que era uma mulher que conhecia e desfrutava com a paixão.

Quando os cavaleiros se detiveram ante Wulf e Cailin, seu chefe disse com voz dura e profunda:

—Está invadindo uma propriedade que não te pertence.

—Você é o selvagem que tentou queimar minha casa? —perguntou Wulf com frieza. —Se o for, deve-me uma compensação e a quero agora.

Não era a resposta que Ragnar esperava. Olhou furioso a seu antagonista e espetou com ferocidade:

—Quem é?

—Sou Wulf Punho de Ferro e esta é minha mulher, Cailin Druso. Quem é você e o que faz em minhas terras?

—Sou Ragnar Lança Potente e estas terras são minhas. —replicou. —Protejo-as para uma de minhas esposas, Antonia Porcio.

—Estas terras não pertencem a Antonia Porcio —respondeu Wulf— e nunca pertenceram. São propriedade da família Druso de Corinio, que as recebeu em herança. Minha esposa Cailin é o único membro sobrevivente dessa família. Estas terras são dela. Eu as protejo por ela. Estivemos em Bizâncio e ao retornar encontramos minha casa meio destruída, meus pertences roubadas ou destroçadas e meus escravos desaparecidos. Suponho que tudo isto foi sua obra, ou me equivoco? —concluiu Wulf, olhando com dureza ao homem.

—Espera que eu acredite? —replicou Ragnar. —Não sou tolo. Por que ia acreditar em você?

—Ainda vive o velho Antonio Porcio? —perguntou Wulf.

—Sim, vive em minha casa. —respondeu Ragnar.

—E ainda está lúcido?

—Sim. Por que pergunta?

—Porque ele pode confirmar a verdade de minhas palavras. Irei contigo agora. Comprovará que digo a verdade.

—Está bem. Quero que esclareçamos este assunto quanto antes. —respondeu com aspereza.

Ragnar examinou os trabalhos de restauração da casa. O que viu causou uma grande impressão. Sabia que aquele Wulf Punho de Ferro não teria investido seu tempo e esforço para nada. Não parecia a classe de homem que corria riscos desnecessários, e o fato de que conhecesse Antonio Porcio por seu nome fazia Ragnar intuir que dizia a verdade. Por que Antonia tinha mentido?

Wulf e Cailin reapareceram a cavalo, rodeados por uma dúzia de homens armados.

—Estes homens nos escoltarão. —disse Wulf com o semblante sério. —Não sei o que posso encontrar.

Ragnar fez um gesto de afirmação.

—Não me ofende, mas tem minha palavra de que não receberá nenhum dano de minha parte no dia de hoje. Sou um homem de honra. Vamos !

Deu meia volta em seu cavalo e se afastou com o pequeno grupo de capangas atrás. Enquanto cavalgavam, Ragnar se perguntou no que mais tinha mentido Antonia. No ano anterior tinha cruzado como um tornado aquelas terras. Como a tinha encontrado desprotegida, tinha reclamado à mulher e suas propriedades para ele. Tinha outras duas esposas. Harimann e Perahta, ambas saxãs. Eram esposas abnegadas. Cada uma tinha dado um menino e uma menina. Antonia também tinha dois filhos, um menino e uma menina. Não queria converter-se em sua esposa, mas ele a tinha violado diante de seu pai e criados no átrio de sua casa, com o que foi impossível seguir negando-se.

Antonia era uma mulher estranha, e se dava ares de grandeza, mas além de suas terras não tinha nenhum valor salvo uma coisa: nunca tinha conhecido ele uma companheira de cama mais ávida e apaixonada. Enquanto Harimann e Perahta eram complacentes, Antonia era veemente e possuía os instintos de uma hábil prostituta. Tolerava-a só por isso. Agora, entretanto, começou a perguntar-se se tinha feito um mau negócio. Suas habilidades na cama mereciam as dores de cabeça que estava a ponto de causar?

No lugar onde antes se ergueu a vila da Antonia com toda sua glória agora só havia ruínas. Perto, tinham construído uma nova casa, rodeada por uma cerca de pedra. Entraram por umas portas feitas com as velhas portas de bronze da vila.

—Seus homens são bem-vindos em minha casa. —disse Ragnar.

—Assegurou que estaremos a salvo. —repôs Wulf. —Ficaram para fora salvo a três como amostra de minha boa fé. Corio e Rio de Vinho, venham comigo.

—Sim, meu senhor! —responderam os dois homens ao uníssono.

Isso impressionou ao Ragnar. Os homens do Wulf evidentemente eram muito leais, e não só havia saxões, mas também celtas.

Entraram em um grande vestíbulo. Havia várias fossas para o fogo, mas a ventilação era escassa e a fumaça enchia a estadia. Duas mulheres corpulentas e bonitas, com longas tranças loiras e meninos pequenos a seus pés, estavam sentadas tecendo e conversando.

—Antonia! Vem aqui! —chamou Ragnar com forte voz.

—Em seguida, meu senhor —respondeu ela, e se aproximou com um falso sorriso de bem-vinda. O odiava e odiava tudo o que ele representava.

—Conhece esta gente, Antonia? —perguntou ele sem preâmbulos.

Antonia olhou Cailin e logo ao Wulf. Levou a mão ao peito e empalideceu. O coração começou a palpitar desbocadamente. Custava respirar e ofegava como um peixe fora da água. Jamais havia sentido tanto medo como nesse momento, pois ante ela se encontrava seu pior pesadelo. Como tinham sobrevivido? Não importava. Tinham sobrevivido a sua vingança e agora, evidentemente, deviam cobrar a sua. Retrocedeu um passo soltando um agudo chiado.

—Bruxa malvada! —exclamou Cailin, surpreendendo aos homens ao dar um salto para a Antonia. —Não esperava voltar para ver-me nesta vida, verdade? Mas aqui estou, Antonia, sã e salva! Agora me diga onde está meu filho! Quero a meu filho! Sei que você o tem!

—Não sei do que está falando... —gemeu Antonia.

Wulf disse com os olhos cintilantes de ira.

—Como mentiu quando me disse que Cailin tinha morrido no parto de um filho que a tinha esmigalhado e que também tinha morrido. E mentiu quando disse que tinha incinerado seus restos. Encontrei a minha esposa em Bizâncio por azar quando se dispunha a casar-se com outro homem. Maldita seja, Antonia! Desejo te matar agora mesmo! Sabe quanta dor nos causou? E uma vez mais tentou roubar nossas terras, mas não o conseguirá, como tampouco conseguiu no passado.

—Eu te fiz mal, Wulf? —perguntou de repente Antonia jogando fogo pelos olhos. —Saber que Cailin tinha morrido te causou uma dor insuportável? Me alegro de que assim foi. Me alegro muito! Agora conhece a dor que me causou quando matou a meu Quinto. Queria que sofresse. E queria que Cailin também sofresse. Se não tivesse retornado de sua tumba a primeira vez, você não teria matado a meu marido e eu não teria perdido a meu segundo filho. Toda minha tristeza devo a vocês, e agora estão aqui de novo para me prejudicar. Malditos sejam! Odeio aos dois!

—Me devolva a meu filho, puta! —espetou Cailin furiosa.

—Que filho? —perguntou Antonia com cinismo. —Não tem nenhum filho, Cailin. O menino morreu ao nascer.

—Não acredito. Eu ouvi meu filho chorar antes que suas ervas me deixassem inconsciente. Devolva-me ele.

—Faz o que pede, Antonia. Dê a menina.

Antonio Porcio tinha entrado no recinto e se aproximou dela. Parecia ter envelhecido muito, seu passo era lento e tinha o cabelo branco como a neve, mas foram seus olhos tristes o que comoveu Cailin. O ancião agarrou a mão do Cailin.

—Disse-me que tinha morrido e que Wulf não queria ao bebê. —disse. —Afirmou que o criaria por bondade, mas agora vejo que não há bondade no coração de minha filha. É negro por causa da amargura e do ódio. A menina tem a cor da pele de seu marido, mas as feições são suas. Cada dia se parece mais com você, e ultimamente Antonia começou a odiá-la por isso.

—Uma menina? —sussurrou Cailin, e de repente exclamou, dirigindo-se a seu marido: —Isto é o que disse ela, Wulf! Agora recordo. A última coisa que ouvi antes de ficar inconsciente no dia em que nasceu sua filha foi a Antonia dizer: “Sempre quis ter uma filha.” Temos uma filha, Wulf! Me dá ela víbora. Me entregue minha filha!

Harimann, a primeira esposa do Ragnar, aproximou-se com uma menina pequena da mão.

—Esta é sua filha, senhora. Chama-se Aurora. É uma menina boa, embora Antonia lhe bata.

Cailin se ajoelhou e agarrou à garotinha em seus braços. Faltavam vários meses para seu terceiro aniversário, mas era alta. Levava a túnica feita farrapos e o cabelo loiro sujo e enredado. Tinha uma expressão assustada nos olhos, e na bochecha exibia um hematoma. Cailin olhou a Antonia e disse:

—Pagará caro por isso. —Logo abraçou à tremente menina e por fim a deixou no chão para poder olhar seus olhos. —Sou sua mamãe, Aurora. Vim para te levar longe daqui. Não tenha medo.

A menina se limitou a olhar fixamente a Cailin com grandes olhos.

—Por que não fala? —perguntou Cailin.

—Às vezes o faz —respondeu Harimann, —mas sempre tem medo, pobrezinha. Nós tratamos que suavizar a demoníaca raiva da Antonia para Aurora, mas isso só a enfurecia mais. Está muito débil. Antonia regulava seu alimento. Nós procurávamos lhe dar de comer às escondidas. Entretanto, o filho da Antonia nos delatava. Então ela batia na menina. Ultimamente não queria aceitar a comida que dávamos por medo a ser castigada. O menino também abusa dela.

—Vejo que Quinto se parece muito a seu pai. —observou Cailin com desdém. —Tem motivos para estar orgulhosa, Antonia. —voltou-se para Antonio Porcio. —Não pode fazer nada para impedir esta ignomínia, senhor?

—Tentei,—respondeu o ancião, —mas sou velho, Cailin Druso, e minha estadia nesta casa depende da boa vontade de minha filha.

—Diga a Ragnar Lança Potente que as terras são minhas. —indicou.

—Farei, Cailin —respondeu ele e se voltou para seu genro saxão. —As terras que reclama são de sua família e lhe pertencem. Antonia não tem nenhum direito de ficar com elas, e ela me dizia que as conservava para Aurora, mas agora sei que não é certo.

Ragnar assentiu com a cabeça.

—Então, assunto resolvido. —disse.

—Assunto resolvido. —repetiu Wulf. Inclinou-se e agarrou à menina em seus braços. —Sou seu papai, Aurora. Quer me dizer “papai”, pequena?

A menina assentiu; seus olhos eram enormes e azuis.

Ele sorriu.

—Eu gostaria de ouvi-lo, minha filha. —Inclinou a cabeça, como se escutasse com atenção.

—Papai —sussurrou a menina timidamente. Wulf deu um beijo na bochecha. —Sim, céu, sou seu papai, e jamais permitirei que ninguém volte a te machucar. —dirigiu-se a Cailin e a seus dois acompanhantes e disse: —Vamos para casa.

—Não ficarão para passar a noite? Tenho um hidromel muito bom. —ofereceu Ragnar com jovialidade. —E no fogo está assando um porco.

—Obrigado, mas não. —respondeu Wulf. —A última vez que abandonei minha casa vieram uns selvagens e a incendiaram. Não quero correr mais riscos.

—Ainda fica a questão de nossos escravos. —expôs Cailin.

—Tem razão. —disse seu marido.

—Eu posso separar os servos dos Druso de Corinio dos da Antonia. —se ofereceu o ancião Porcio.

—Então faça —atravessou seu genro— e se ocupe de que sejam devolvidos quanto antes. Não quero que existam disputas entre Wulf Punho de Ferro e eu. Ao fim e ao cabo vamos ser vizinhos.

Quando Wulf e Cailin tinham partido, Antonia espetou furiosa a seu marido:

—Foi um tolo por não matá-los, Ragnar. Wulf não é nenhum covarde e não deixará que lhe roube nem um metro de terra. Terá sorte se não ficar com as nossas!

Ragnar soltou uma forte bofetada que a fez cambalear.

—Jamais volte a mentir para mim, Antonia —disse. —Da próxima vez te matarei. Quanto ao Wulf Punho de Ferro, com o tempo conseguirei suas terras e também a sua esposa. Sua beleza me faz arder o sangue.

Antonia se levou a mão à dolorida mandíbula.

—Te odeio.—gemeu. —Algum dia te matarei, Ragnar!

Ele soltou uma gargalhada.

—Não tem valor para fazê-lo, Antonia. E se tivesse, o que seria de você depois? Quem protegerá a você e estas terras? O próximo homem poderia não se importar que viva ou que morra. Não é nenhuma beleza. Seu rosto reflete sua amargura e cada dia é menos atraente.

—Lamentará suas cruéis palavras. —advertiu ela.

—Tome cuidado —respondeu ele—para que eu não te jogue na rua, e também a seu choroso filho e seu velho pai. Não te necessito, Antonia. Conservo-te porque me diverte na cama, mas ao final inclusive esse teu encanto pode desaparecer.

Ela o olhou furiosa e saiu da casa. Cruzou o pátio, dirigiu-se para as portas e se deteve. Viu Wulf e a seu grupo ao longe e amaldiçoou em voz baixa. Pagariam. Todos pagariam.

—Alguém está nos observando. —disse Cailin enquanto cavalgavam.

Wulf se voltou um momento e disse:

—É Antonia.

—Nos odeia. —repôs Cailin. Beijou a cabecinha de Aurora, que ia sentada diante dela sobre a égua negra.

—Não temo o veneno da Antonia —assinalou ele, —a não ser ao Ragnar. Não acredito que fique satisfeito até que consiga as terras de volta. É um homem feroz, mas eu conterei sua cobiça.

—Esperará que plantemos os campos e colhamos o grão antes de nos atacar.—interveio Rio de Vinho. —Mas isso nos dará tempo para reforçar nossas defesas.

—Por que teria que esperar tanto? —perguntou Cailin.

—Porque se atacar depois da colheita poderá destruir o grão e o feno, nos condenando assim e os animais a morrer de fome o próximo inverno.

—Tão perverso é? —quis saber Cailin.

—Ainda não sabemos, ovelhinha, —disse Wulf, —mas saberemos. Também cabe a possibilidade de que Ragnar se alie com outro guerreiro.

—Não acredito. —opinou Rio de Vinho. —Acredito que para ele será uma questão de orgulho te derrotar sem ajuda.

—Talvez. —Wulf sorriu com malícia. —Temos uma vantagem que nosso amigo Ragnar desconhece: nossas aldeias na colina. Nos próximos dias decidirão se formos defendê-las, e logo poremos em prática nossos planos para repelir o ataque de Ragnar.

—Terá que matá-lo, e também a Antonia. —disse Cailin com crueldade.

—Sabe com segurança? Sua voz interior diz isso?

Ela assentiu.

—Assim é, meu senhor.

—Então, assim se fará, —conveio ele com tom sombrio, —mas esperaremos a que Ragnar

dê o primeiro passo. De acordo?

—Sim, meu senhor! —responderam com entusiasmo seus homens.

CAPÍTULO 16

As aldeias nunca haviam possuído nome. Nos tempos passados se conheciam simplesmente pelo nome de quem mandava, o que com frequência provocava confusões. Agora Wulf decidiu que cada aldeia necessitava um nome que não trocasse com cada novo chefe. Os bretões já não eram um povo nômade.

A antiga fortificação de Berikos na colina foi recolonizada e chamada Branddun, colina da almenara, pois como se achava em um ponto elevado seria o lugar onde construir almenaras para acender fogo. A aldeia do Epilo se converteu em Braleah, que significava pradaria da saia da ladeira, e em realidade tinha uma muito bonita, como descobriram a manhã de sua volta. As outras duas aldeias foram denominadas Denetum, porque agora pertencia aos proprietários do vale, e Orrford, porque estava situada junto a um arroio cujas águas pouco profundas era um perfeito lugar de cruzamento para o gado. A casa se chamava Caddawic, que significava propriedade do guerreiro.

Wulf e os homens das aldeias estabeleceram um acordo. Em troca de reconhecê-lo como chefe supremo, ele os guiaria e protegeria. Todas as terras no passado reclamados pelos celtas dobunios agora foram cedidas a Wulf e seus descendentes. Os habitantes das aldeias receberiam os direitos de utilizar os campos comuns, os jardins da cozinha e de pastar seus animais nos pastos comuns.

Seus lares pertenciam eram deles, mas não a terra. Tinham direito a possuir gado, cavalos, porcos, aves de curral, gatos e cães. Trabalhariam três dias por semana para seu chefe supremo realizando diversas tarefas. Cuidariam de seus campos e seu gado. Os que possuíam alguma habilidade especial, como o toneleiro, os que concertavam telhados e os ferreiros, também contribuiriam com seus esforços. Todos dedicariam certo tempo ao treino de armas para a defesa das terras.

Se chegasse uma guerra, Wulf os comandaria. Ele seria pai, juiz, guerreiro e amigo para todos eles. Era diferente de tudo o que eles tinham conhecido jamais, mas para Epilo e outros parecia a melhor maneira de viver naquele mundo submetido a constantes ameaças. Precisavam estar unidos e de um general forte a quem outros homens ambiciosos respeitassem e temessem.

As mulheres, entre elas Cailin, plantavam os campos. Ocupavam-se do grão enquanto crescia e dos animais enquanto os homens construíam defesas para as aldeias. As defesas da casa deixaram para o final, pois sabiam que Ragnar tinha apostado um homem para espiar na colina. Acalmaram ao marido da Antonia dando uma falsa sensação de segurança, já que a casa não estava defendida por barreira alguma. Ragnar não sabia que cada uma das aldeias próximas estava se preparando para defender-se em caso de que ele as descobrisse, como com o tempo ocorreria. Em meados de verão por fim retirou seu espião, decidindo que seu tempo podia ser aproveitado melhor em outra parte que vagabundeando na colina. A casa de Wulf seria sua quando ele

decidisse apoderar-se dela, gabava-se Ragnar ante suas esposas.

Antonia, com o corpo machucado por uma recente surra que seu marido havia dado, meneou a cabeça com pesar. Estava segura de que estava grávida. Isso ao menos mitigaria um pouco a irritação de Ragnar para ela, o que daria tempo para pensar. Seu marido saxão ia perder tudo se ela não intervinha no assunto. Ragnar não era um homem muito preparado, mas sim bem como um touro. E também teria que pensar em seu querido Quinto, o filho. As terras que Ragnar afirmava ter conquistado em realidade eram de Quinto. Não podia permitir que aquele saxão prepotente as roubasse.

Enquanto isso, quando Ragnar retirou seu espião, Wulf e seus homens começaram a construir uma defesa ao redor da casa. Era um aterro que coroaram com um muro de pedra. Sobre o muro dispuseram pequenas torres de madeira que ofereciam uma excelente visão do vale circundante. Rio de Vinho trabalhava longas horas em sua ferraria fazendo portas para as muralhas com sólido carvalho velho, de trinta centímetros de grossura e revestidas de ferro forjado.

Sempre havia barulho na casa, que se encontrava cheia de homens do Wulf. Havia muito trabalho para fazer, e ainda mais que vigiar. Como senhora do lugar, era obrigação de Cailin dar instruções. Parecia não ter tempo para si mesma, nem intimidade alguma.

Um dia, em uma tentativa por procurar uma pausa, subiu a escada que conduzia à água-furtada. Não era um lugar espaçoso, pois só cobria uma terceira parte da casa. Havia quatro espaços para dormir nas paredes de pedra, desprovidos de roupa de cama, pois ela e Wulf dormiam lá embaixo, com todos outros.

Cailin suspirou, recordando os primeiros dias de seu matrimônio, quando ele mal podia esperar para reunir-se na cama com ela. Desde aquela maravilhosa noite em Bizâncio não tinham tido ocasião de copular. Wulf parecia totalmente absorvido pela tarefa de levantar as defesas da casa. Deitava-se tarde, cansado, e jamais despertava. Ela tinha tentado esperar que ele voltasse várias vezes, mas era inútil. Também ela estava esgotada, pois suas jornadas eram longas e começavam cedo.

Um raio de sol penetrava por uma das duas estreitas janelas, iluminando parcialmente a água-furtada e Cailin começou a visualizá-la como a tinha imaginado. Seu tear estaria junto a uma janela para aproveitar a luz. Haveria uma mesa retangular de carvalho com duas cadeiras para comer em privado. Os espaços para dormir estariam vazios, exceto quando eles os usassem. Com o tempo sua família compartilharia essa estadia, mas não ao princípio. Desse momento desfrutariam de sua intimidade!

Uma ideia foi a sua mente. Por que não adicionavam agora mesmo a estadia? Tinha o tear, e o mobiliário se achava em um rincão da casa, abaixo, acumulando pó. Cailin se aproximou de duas estreitas janelas feitas com membrana animal e as abriu. Penetrou um ar quente que a estimulou imediatamente. Deixou as janelas abertas e voltou a baixar ao piso principal. Viu seu primo Corio à mesa comendo pão com queijo e chamou.

—Corio, vem me ajudar.

Ele ficou em pé.

—O que necessita prima?

Cailin explicou, e rapidamente Corio, com ajuda de vários homens jovens, tinham subido o tear, a mesa, as cadeiras e a roupa de cama à água-furtada.

—Leva também o braseiro. —indicou ela, entregando o aquecedor de ferro com o que tinham viajado através da Gália.

Ele sorriu com picardia.

—Não acredito que necessite, pois Wulf parece a ponto de explodir. —Riu entre dentes. —Se der a oportunidade, prima, não necessitará do braseiro de carvão.

—Nesta casa não há nenhum segredo? —perguntou ela com as bochechas ruborizadas. Todo mundo sabia que ela e Wulf não copulavam?

—Muito poucos. —respondeu Corio agarrando o braseiro. —Mas se insistir, prima, —disse sorrindo com ar malicioso, —levarei o braseiro para cima.

Quando os homens tinham acabado as tarefas, Cailin subiu à água-furtada. Corio tinha mais sensatez que ela. Ocupou-se de que subissem também os baús em que guardava seus objetos pessoais. Trocou a posição do tear e seu tamborete para desfrutar da luz adequada. A mesa não estava centrada, pensou Cailin, e a colocou corretamente com as cadeiras ao redor.

Adicionou no espaço para dormir feno fresco e o mesclou com raminhos de lavanda, pétalas de rosa e ervas aromáticas. Colocou o leito de plumas, com seu lençol de algodão, em uma capa de seda azul que tinha confeccionado para isso. Era um luxo, mas quem saberia, além deles? Cavou o leito de plumas e o colocou sobre o feno. Tirou o pequeno abajur de alabastro do nicho do espaço para dormir e a encheu de azeite perfumado, colocou uma nova mecha e voltou a deixar o abajur em seu lugar. Aos pés do espaço para dormir estendeu uma pele de raposa. Agora o espaço estava preparado para seus ocupantes.

Cailin percorreu a estadia com o olhar. Embora necessitasse cortinas nas paredes e mais móveis para ser verdadeiramente confortável, de momento teriam que conformar-se com o que havia. Ao menos estava habitável. Embora a intimidade não fosse algo muito apreciado pelos saxões, Cailin estava acostumada a ela, pois a tinham educado assim. Wulf acharia agradável, pensou sorrindo. Então ouviu que a chamava lá debaixo. Cailin desceu e apressadamente para saudar seu marido.

—Terminamos as defesas para a casa. —anunciou ele com orgulho. —Acabamos de colocar as portas.

—Os celeiros dentro das muralhas também estão terminados —disse ela, —e a colheita está quase toda dentro. Hoje não irei aos campos porque estou ocupada em outras coisas. —Contemplou o aspecto desarrumado de seu marido. —Necessita um banho. Esta fedendo.

—Estou muito cansado para ir até o arroio me banhar. —replicou ele. —Deixa, ovelhinha. Tomarei banho amanhã.

—Agora, —insistiu ela com um tom que não tinha ouvido nunca, —e não em um arroio gelado. Sente-se junto ao fogo e bebe um pouco de cerveja enquanto eu preparo tudo. Passei a maior parte do dia preparando a água-furtada para torná-la habitável. Não voltarei a dormir aqui

embaixo, Wulf. Se Aurora tiver que ter um irmão, temos que dispor de um pouco de tempo para estarmos sozinhos. O povo já murmura! O mundo não acabará porque você e eu procuremos nossa intimidade cada noite.

—Nossa filha não teria que dormir também na água-furtada? —perguntou ele com ar peralta, elevando uma espessa sobrancelha.

—De momento Aurora ficará abaixo —respondeu Cailin com seriedade, —aos cuidados de Nellwyn.

Dirigiu-se ao outro extremo da habitação e deu instruções aos criados.

Ele observou com assombro como entravam rodando uma grande tina de carvalho. Nunca tinha visto nenhuma, e supôs que ela a tinha encomendado ao toneleiro. Cailin era muito previdente, pensou. Um banho quente iria bem. Os criados masculinos começaram a ir e vir com cubos de água fumegante que jogavam na grande tina. Demoraram mais de meia hora em enchê-la a satisfação de Cailin. Enquanto eles faziam isto, ela preparou sabão e outros artigos necessários para o banho. Logo fez um gesto ao Wulf, que se levantou e se aproximou aonde ela esperava dando golpezinhos no chão em gesto de impaciência.

—Tire a roupa. —disse ela, e logo ordenou aos criados que colocassem um biombo ao redor da banheira. À medida que ele tirava os objetos ela ia colocando em um montão. Quando esteve completamente nu, Cailin as passou por cima do biombo à mulher encarregada de lavar a roupa.

A uma ordem de Cailin, Wulf se meteu docilmente na banheira. Mas se surpreendeu ao ver que ela também tirava a roupa e se metia na banheira com ele.

—Vejo que está disposta a fazer que meu banho seja uma experiência agradável. —disse ele com picardia.

—Estou disposta a fazer que seu banho seja muito completo. —replicou ela com seriedade. —Não será fácil. O melhor é um banho romano, mas melhor isto que nada. —Agarrou seu raspador e começou a limpar a sujeira do pescoço, dos ombros e do peito suarentos do Wulf. A água da banheira mal ocultava seus peitos, mas o corpo do Wulf ficava exposto de cintura para acima.

Ele alargou o braço, colheu com suas grandes mãos os arredondados seios de Cailin e começou a brincar com eles enquanto ela realizava sua tarefa.

—Temos que nos banhar cada dia. —murmurou ele, inclinando-se para beijar o lóbulo da sua orelha.

Ela soltou uma risadinha.

—Se comporte, Wulf Punho de Ferro. Como posso te banhar bem se me distrair?

—Realmente te distraio ovelhinha? —repôs ele, acariciando sua orelha com a língua. Colocou uma mão sob a água e deu um leve beliscão na nádega direita.

Ela olhou com um brilho nos olhos violáceos.

—Está-me distraindo muito, meu senhor —disse, —e não deve fazê-lo se quiser que termine de te banhar. Recorda que se não terminar, nunca chegaremos à água-furtada, onde nos espera nosso espaço para dormir recém-preparado, assim como comida e vinho em abundância. Quando estivermos na intimidade dessa câmara, e tenhamos retirado a escada para subir, ninguém poderá

chegar até nós. —apertou-se contra ele com ar sugestivo. —Não deseja estar a sós comigo Wulf, esposo meu? —Passou a língua pelos lábios e deu um beijo rápido.

Os olhos azuis do Wulf a olharam com paixão.

—Termina sua tarefa, ovelhinha. —disse. —Faz tempo que Aurora necessita um irmão, e se não terminar logo começaremos o trabalho aqui mesmo, nesta tina.

Cailin sorriu sedutoramente e sem mais começou sua esfregar a pele com sabão. Banhou-o e logo mandou que saísse da banheira e secasse enquanto ela se lavava. Wulf tinha uma túnica limpa preparada que apenas cobria suas coxas. Cailin saiu da tina, secou-se sob o olhar ardente de seu marido e colocou uma larga camisa.

—Temos que ter um lugar especial onde nos banhar. —disse ela. —É muito chato que os criados estejam mudando constantemente esta tina tão grande. Você gostaria, meu senhor? Eu mesma cuidarei disso.

—Sim, eu gosto. É agradável lavar-se com água quente. Há certas coisas de nossa antiga civilização que eu gosto. Faremos construir uma casa para banhos ao lado da casa principal, onde a tina pode estar fixa, e haverá um fogo para esquentar a água. —Agarrou suas mãos. —Vamos, eu gostaria de ver a água-furtada.

A casa parecia estranhamente deserta quando se dirigiram à escada. Wulf subiu atrás de Cailin e, uma vez que estava na água-furtada, inclinou-se e retirou a escada. Logo fechou a escotilha e deixou a escada em cima dela. Quando deu a volta, inspecionou a estadia com um olhar. As últimas luzes do entardecer penetravam pelas duas estreitas janelas e viu as estrelas que começavam a despontar no firmamento.

—Tem fome? —perguntou Cailin. Havia comida na mesa. —Trabalhou duro.

—Mais tarde. —respondeu ele. —Estará conservada. —tirou a túnica e indicou com um gesto que fizesse o mesmo.

Cailin se despiu e observou com voz suave:

—Tem fome de outra coisa.

—Esperei muito tempo, —disse ele, —mas ao te ver assim agora, ovelhinha, dou-me conta de que não posso esperar nem um instante. Temo que não estou para delicadezas.

Cailin viu que quase tremia e que seu órgão masculino estava ereto e ansioso. Acariciou-o com suavidade e ele se estremeceu.

—Te ensinarei um prazer que aprendi em Bizâncio —disse ela. —De certo modo, é similar a algo que fizemos quando esperava Aurora.

Surpreendeu-se ao descobrir que o desejava tanto como ele a ela, apesar de não ter realizado nenhum jogo preparatório. Agarrou a mão de seu marido e o conduziu ao espaço para dormir, mas em lugar de entrar nele, Cailin se ajoelhou sobre o leito e disse:

—Encontra meu canal de mulher, meu amor. Me penetre deste modo e experimentará um grande prazer.

Notou procurava completamente e sentiu a ponta de seu membro, úmida e palpitante. As grandes mãos do Wulf agarraram seu quadril com firmeza e a penetrou, gemendo agradando ao dar-se conta de que tinha penetrado nela mais que nunca. Por um momento se limitou a desfrutar

da sensação de calor e dureza. Logo, incapaz de evitá-lo, começou a contrair e soltar as nádegas, investindo com crescente ímpeto em Cailin, notando que seu canal feminino se expandia para ajustar-se a seu membro suarento e palpitante. Afundou os dedos na suave pele de Cailin e apertou com força para obter mais dela.

Ajoelhada, Cailin arqueou o corpo, elevando os quadris de modo que ele pudesse penetrá-la ainda mais. Quando o fez afogou um grito, pois tinha esquecido o bem dotado que estava Wulf, logo as rítmicas investidas do ardente membro começaram a excitá-la com frenesi. Gemeu quando encheu seu canal, assombrada com o tórrido calor que Wulf emitia. O fogo que ele provocava a fez exalar um leve grito. A simultânea culminação de sua paixão explodiu quase com tanta rapidez como tinha começado. Ele desabou sobre ela, gemendo de alívio.

Cailin quase se asfixiava no leito de plumas sob o peso do Wulf, mas conseguiu apartar-se. Ficou de costas e imóvel para que seu coração acalmasse seus frenéticos batimentos. Por fim disse com suavidade:

—Quase tinha esquecido o amante maravilhoso que é. Restaurou minha memória admiravelmente.

Ele levantou a cabeça e disse:

—Garanto que não voltará a esquecê-lo, ovelhinha.

Ela se inclinou e deu um leve puxão em uma mecha de cabelo.

—Não esquecerei, —prometeu com fingida seriedade, —mas em troca tem que me prometer que nunca deixará que voltem a me raptar.

Apartou-se a um lado e indicou ao Wulf que se estendesse junto a ela, a acolhendo em seus braços com a cabeça sobre seu peito.

—Jamais te deixarei partir, Cailin. —murmurou ele. —Jamais!

Voltaram a fazer amor, desta vez de um modo mais suave. Agarrou seu rosto nas mãos e a beijou apaixonadamente quando chegaram à cúspide do prazer. Logo, esgotados, ficaram adormecidos.

Despertaram em plena noite sentindo-se esfomeados. Cailin tinha subido cordeiro assado, pão, queijo, maçãs e vinho. Compartilharam o festim e voltaram para espaço de dormir, onde se beijaram, acariciaram e se amaram um pouco mais.

A felicidade que tinham recuperado ao reencontrar-se logo se transmitiu a todos os habitantes da casa.

Aurora, que antes era tão reservada e parecia sempre assustada, agora era uma menina feliz que ria e era adorada por seus pais. Suas desagradáveis lembranças estavam se apagando de sua mente, graças a sua tenra idade, e seu terceiro aniversário foi celebrado com um grande festejo e muita animação. Aurora não era esperada até o final de agosto, mas tinha eleito nascer no dia dezenove desse mês.

O dia de seu terceiro aniversário amanheceu claro e quente. A colheita de grão estava armazenada nos celeiros no interior do recinto murado. Os trabalhadores se preparavam para recolher maçãs para elaborar cidra.

De repente o vigia gritou:

—Cavaleiros na colina!

Imediatamente, as portas de Caddawic se fecharam e foram trancaram. Os cavaleiros desceram pela colina lentamente enquanto na casa chamavam o Wulf para que baixasse e acudisse em seguida a um bom ponto de observação do muro.

Os olhos azul escuro de Ragnar Lança Potente se entrecerraram de irritação quando viu as defesas recém construídas em torno da casa. Muito tarde, compreendeu seu engano ao retirar a seu espião. Quando se achou mais perto observou que o muro que rodeava Caddawic era muito resistente. E os campos ao redor da casa tinham sido colhidos. Mas onde estavam os celeiros? No interior daquelas malditas muralhas suspeitou, e a salvo dele. Ragnar não era um homem de grande intelecto, mas sabia que recuperar aquelas terras não ia ser uma empresa fácil. Ao levantar a vista viu Wulf sobre o muro, observando.

Ragnar sorriu e com voz ensurdecedora disse:

—Bom dia, Wulf Punho de Ferro! Não terá fechado suas portas para mim, verdade? Somos vizinhos e deveríamos ser amigos.

—Os amigos não aparecem ao amanhecer com um grupo de homens armados, —replicou Wulf. —me diga o que quer Ragnar Lança Potente.

—Só é uma visita de cortesia. Não abrirá as portas para que possa entrar amigo?

—Não somos amigos. —repôs Wulf com frieza. —Se deseja entrar em Caddawic pode fazê-lo, mas tem que deixar a sua tropa fora de meus muros. Somos uma comunidade pacífica e não queremos problemas.

—Muito bem. —acessou Ragnar, decidindo que tinha que dar uma olhada no interior de Caddawic se queria apoderar-se dela mais adiante. Desmontou e entregou as rédeas a seu ajudante.

—Meu senhor, —disse o homem, que se chamava Haraldo, —não confie.

—Não se preocupe. —contradisse seu amo. —Se estivéssemos na posição contrária, não confiaria, mas Wulf Punho de Ferro é um homem de palavra.

A porta se abriu para que Ragnar entrasse e logo baixaram as fortes grades de ferro impedindo a entrada a todo intruso. Ragnar observou que as portas estavam forradas de ferro. Caddawic estava bem defendida. O poço se achava no centro do pátio, e havia vários celeiros afastados dos muros.

—Isto é virtualmente inexpugnável, —disse Wulf como resposta aos pensamentos do Ragnar quando se reuniu com ele. —comeu? Entra na casa, Ragnar.

As portas da casa também eram de sólido carvalho e tinham tiras de ferro com compridos pregos de ferro. Os dois homens entraram na casa. Não era como a sua, suja e cheia de fumaça, observou Ragnar. A fumaça dos fossos para o fogo saía diretamente por vários buracos feitos no teto. As esteiras que cobriam o chão estavam limpas e cheias de ervas aromáticas que exalavam sua fragrância quando eram esmagadas pelos pés. Vários cães bem alimentados se aproximaram para cheira-lo e retornaram a seu lugar junto ao fogo. Os dois homens se sentaram ante a mesa. Em seguida os servos, calados e com aspecto de satisfação, começaram a servir, trazendo fontes de comida e jarras de cerveja.

Os olhos do Ragnar se abriram de par em par ao ver a variedade de comida que ofereciam. Em sua casa não se alimentavam daquele modo. Havia uma sopa densa e quente, pão recém-feito, ovos duros, truta à brasa, presunto, manteiga doce, queijo duro e um prato cheio de maçãs e pêras.

—Esperava convidados? —perguntou a seu anfitrião.

—Não —respondeu Wulf. —Minha esposa sempre serve uma boa mesa, a sua não?

—Não com tanta variedade. —admitiu Ragnar, e se serviu generosamente de tudo o que ofereciam.

Enquanto comiam reinou o silêncio. Quando terminaram e os criados limparam a mesa, Wulf disse:

—Se tem intenção de retomar estas terras, tire da sua cabeça. Pertencem-me.

—Só enquanto possa retê-las. —disse Ragnar sorrindo.

—Reterei-as mais tempo de que vai durar sua vida. —foi a fria resposta do Wulf. —Esta casa e as terras ao norte e ao leste são minhas. E o seguirão sendo. Busca as terras do sul.

—Conquistou as terras dos dobunios? —perguntou Ragnar surpreso.

—Juraram-me lealdade. —disse Wulf com um leve sorriso. —Enquanto você passava os meses do verão conspirando e planejando, eu os passei fazendo coisas. Vá para casa e diga a Antonia Porcio que abandone seus ambiciosos planos. Custa-me imaginar por que a tomou por esposa. É uma mulher malvada. Se não sabia, está advertido. Não me cabe dúvida de que quer estas terras para seu filho Quinto e fará o que seja para obter seu objetivo. Inclusive destruirá você se puder.

—Parece conhecer muito bem a minha esposa. —disse Ragnar com secura.

—Antonia roubou a minha filha e vendeu a minha esposa como escrava, e depois me disse que as duas tinham morrido. Ofereceu-se para mim, despindo-se no átrio de sua vila e me oferecendo seus seios. Encontrei-a particularmente desagradável.

—Às vezes é —admitiu Ragnar, —mas também é a melhor fêmea que jamais tive. Garanto isso.

—Então te felicito por sua boa fortuna, mas mesmo assim aconselho que vá com cuidado. Não há necessidade de brigarmos. Há terra mais que suficiente para todos. Fica no sul e haverá paz entre nós.

Seu convidado fez um gesto de assentimento e disse:

—Onde está sua esposa, Wulf? Espero que não esteja doente.

—Não, mas se está ocupando dos preparativos para celebrar o dia do nascimento de nossa filha. É a primeira vez que podemos celebrá-lo juntos. Como sabe, nem sequer sabíamos que tínhamos uma filha até uns meses.

Ragnar avermelhou.

—Isso não foi culpa minha. —se desculpou. —Eu acreditei na Antonia quando me disse que a menina era dela. É loira como ela. Além disso, por que não ia acreditar?

—Não te acho responsável por isso. — tranquilizou Wulf.

—Bem, tenho que ir. —disse Ragnar ficando em pé. A atitude do Wulf começava a irritá-lo.

—Obrigado pela comida. E terei em conta suas palavras.

Quando Ragnar abandonou Caddawic, seus pensamentos eram um pouco confusos. Wulf Punho de Ferro tinha dado um bom conselho. As terras do sul eram ricas, e as pobres almas que as cultivavam não poderiam resistir à força de seu poderio. Aquelas terras poderiam ser suas com poucas perdas de vidas por sua parte. Não temia à morte nem à batalha, mas na Britania havia algo que o fazia desejar a paz mais que a guerra. Não entendia, mas tampouco o fazia infeliz.

Entretanto, Antonia não o viu desse modo.

—Por que se conformar com menos do que pode possuir? —espetou com desdém.

"Em favor dela, pensou, terei que dizer que não tinha medo de sua ira." Sabia-se a salvo enquanto avançava sua gestação. Ele não bateria numa mulher que levava a um filho em seu ventre, embora os deuses sabiam que essa mulher em particular o mortificava profundamente. Suas duas esposas saxãs também eram mulheres fortes, mas possuíam certa doçura. Antonia era amargamente dura de coração e só mostrava doçura para seu filho. O moço, pensou Ragnar, era uma covarde doninha que se escondia sempre atrás das saias de sua mãe.

—O que quer de mim? —perguntou ele irritado. —Por que vou brigar com o Wulf por suas terras quando as do sul são ricas e mais fáceis de conquistar? Possivelmente espera que Wulf me vença e assim recupere o controle dessas terras para seu filho? Tire essas ideias da cabeça, esposa. Logo meu irmão e sua família se reunirão conosco. Se morrer de morte não natural, Gunnar virá para me vingar e para ficar com estas terras para ele e nossos filhos.

Antonia ficou atônita. Era a primeira vez que ouvia falar de seu irmão, mas acostumada como estava ao engano, ocultou sua surpresa com um doce sorriso.

—Não havia me dito que tinha um irmão, Ragnar, nem que viria reunir-se conosco. Tem esposas e filhos? Quando chegará? Tenho que preparar uma bem-vinda adequada.

A gargalhada do Ragnar ressonou em seu espaço para dormir.

—Por Odin, Antonia, é hábil, mas te conheço. Não esperava que eu tivesse família, mas os saxões são bons criadores, como testemunha seu ventre. —disse, dando uns tapinhas no estômago. —Tinha um plano, mas agora tramará outro hábil plano para substituí-lo. Muito bem, se isto te diverte, faz. As mulheres grávidas são dadas a estas coisas, e me parece inofensivo.

Baixou a cabeça e beijou um roliço ombro. O pelo do peito roçou seus seios.

Antonia acariciou sua barba com ar pensativo. Odiava-o, mas era o homem mais viril que jamais tinha conhecido.

—Não seja tolo, Ragnar —disse por fim. —Toma as terras do sul. A final de contas, Wulf Punho de Ferro te deu um bom conselho. Inclusive eu o admito. Engana a seu inimigo e dê uma falsa sensação de segurança, e quando menos espera te aproprie também de suas terras. Por que conformar-se sendo um proprietário menor quando poderia ser um rei?

Quando pronunciou estas palavras, o menino que levava em seu seio deu umas fortes patadas e Ragnar sentiu o movimento sob a mão que apoiava no ventre da Antonia.

—É um presságio —disse quase com temor. —por que o menino se pôs tão inquieto em seu ventre, Antonia? Seguro que é um sinal de alguma classe.

—Nosso filho sabe que digo a verdade, esposo meu. —disse ela. —Ou possivelmente são os

deuses que falam através do bebê.

"Que é idiota", pensou Antonia. Se os deuses existissem, e francamente Antonia não estava segura de que assim fosse, por que foram preocupar se com um homem tão estúpido e supersticioso como aquela besta que jazia a seu lado?

—Meu irmão e sua família chegarão dentro de uns dias. —disse ele por fim. —Só tem uma esposa e nunca pôde ter mais, mas agora, é obvio, isso trocará. É mais jovem que eu, mas teve seu primeiro filho com sua esposa quando tinha quatorze anos. Tem oito filhos vivos. Seis varões.

—Que estupenda família. —disse Antonia com secura, pensando que já vivia muita gente naquela horrível casa que tinha construído para substituir a sua formosa vila, a vila que ele tinha destruído. Dez pessoas mais aumentariam o barulho e a sujeira. Pelos malditos deuses! Sentia falta de seu banho, com seu adorável vapor rejuvenescedor e sua deliciosa água quente. Quanto zombavam dela as outras esposas de Ragnar quando insistia em lavar-se em uma pequena banheira de carvalho cheia de água quente. Mas não se importava. Apostaria a que puta da Cailin Druso possuía melhores instalações de banho! —Ragnar. —disse a seu marido, que já quase dormia.

—O que quer? —grunhiu ele.

—Se Caddawic estiver realmente tão bem fortificada que não pode ser tomada pela força, teremos que pensar em outra maneira de tomá-la.

Ele meneou a cabeça.

—Não há maneira. Esse maldito Punho de Ferro a construiu muito bem e é inexpugnável. Inclusive têm o fornecimento assegurado de água. Não sou homem que admita facilmente a derrota, Antonia, mas Caddawic não pode ser conquistada. Simplesmente não pode!

—Me deixe te contar uma história dos tempos antigos, Ragnar —disse Antonia com paciência, mas ele a fez calar com um gesto.

—Em outro momento, mulher. —grunhiu e a atraiu para si. —Tenho outras coisas pensadas para você e preciso dormir. Pela manhã poderá me contar sua fábula, mas agora quero fodê-la.

—Suas necessidades são tão elementares... —vaiou ela brandamente enquanto ele a penetrava com brutalidade. —Se for tão bom guerreiro como amante, esposo meu, não te custará tomar Caddawic uma vez eu tenha ensinado como... Aaaahhh, sim, Ragnar! Sim, assim...!

Caddawic. Ragnar pensava na casa enquanto investia infatigavelmente em Antonia. As terras eram boas, a casa sólida e Cailin um presente delicioso. Mal a tinha visto, mas não podia tirá-la da cabeça. Que fogo interior tinha! Ele imaginava que seria forte e doce como suas esposas saxãs e lasciva como Antonia. Era uma combinação perfeita e ele estava decidido a possuí-la. Entretanto, havia tempo. Nem ela nem Wulf Punho de Ferro iriam a nenhuma parte. Tinham deixado bem claro que a terra era tudo para eles. Teria tempo mais que suficiente para conquistar as terras do sul. Para estabelecer a seu irmão e sua família em uma propriedade próxima. Para encontrar a Gunnar uma segunda esposa com um bom dote. OH, sim, havia muito tempo.

Chegou o outono e Nuala deu a Rio de Vinho um filho são e robusto ao que chamaram Varre. O nome significava porta entre dois lugares. Nuala o considerou adequado, pois Varre na

verdade era uma ponte entre a antiga Britania e a nova Britania. Cailin esteve presente no parto e se maravilhou do tamanho do menino e de quão forte sugava do peito de sua mamãe quando o aproximaram para que se alimentasse.

—Logo você também terá um filho —brincou Nuala. —Seguro que você e Wulf não passam um momento na água-furtada falando, prima. —Soltou uma risadinha. —Eu não o faria!

—Acaba de parir e fala como uma desavergonhada. —disse Cailin fingindo escandalizar-se. —Para sua informação, Wulf gosta de me olhar quando trabalho no tear, Nuala. E, é obvio, também cantamos.

Nuala pareceu surpreendida.

—Brinca! —exclamou.

—Garanto que é verdade.—replicou Cailin com calma.

—Claro que é. —interveio Wulf, que tinha ouvido as palavras de sua esposa. —Quando estamos juntos na água-furtada, Cailin me enfeitiça e canta canções apaixonadas melhor do que possa imaginar.

Nuala pôs-se a rir, compreendendo que estavam tirando o sarro. O bebê ao que amamentava agarrou soluço e ficou a gemer.

—OH, olhe o que têm feito com Varre! —arreganhou, de repente maternal e carinhosa. —Já está, coraçãozinho. Não se inquiete.

Nas festas de inverno, Cailin anunciou que levava outro filho em seu ventre, para júbilo de todos. Nasceria, disse, depois do Beltane.

—E é um menino, —assegurou ao Wulf, —estou segura.

—Como sabe? —perguntou ele sorrindo.

Ela encolheu de ombros.

—Simplesmente sei. —respondeu. —As mulheres intuem estas coisas, não é assim? —voltou-se para as outras mulheres presentes em busca de apoio, e todas assentiram. —Vê?

Chegou o inverno e as terras que rodeavam a casa ficaram brancas e silenciosas. Os dias eram curtos e passavam rápido. Nas longas noites se ouvia uivar aos lobos ao redor de Caddawic, e os sabujos da casa respondiam inquietos ao notar a presença dos predadores depois das portas de ferro e carvalho.

Wulf e Cailin estavam sozinhos, pois outros tinham retornado a suas respectivas aldeias depois da festa de inverno. Cailin sentia falta da Nuala. Nellwyn, embora doce e leal, não era uma companhia interessante para conversar junto ao fogo. Entretanto Aurora a adorava e tacitamente, a ex-escrava de Cailin se converteu na babá da menina. Cailin não se importava, pois em realidade não necessitava uma donzela pessoal. Sua mãe a tinha educado para ser uma pessoa útil que podia fazer as coisas por si mesma. Agora, como ama de Caddawic, era responsável pelo bem-estar de todos os que estavam a seu cargo.

Por fim os dias começaram a ser mais longos e o ar mais quente. A neve se derretia rapidamente e a terra pouco a pouco ia se esquentando. Brotaram campainhas, narcisistas, violetas e outras flores silvestres. Cailin se alegrou de descobrir vários grandes ramos que cresciam perto das tumbas de sua família. A lápide de mármore não se deteriorou, e agora era pouco

provável que se fizesse. Rezava simplesmente: FAMÍLIA DE GAYO DRUSO DE CORINIO. Cailin a olhou e suspirou, levando-a mão ao ventre inchado em gesto protetor. Seus pais e irmãos, teriam mimado muito a seus filhos!

—Este filho que levo em meu ventre é um varão. —disse. —Oxalá estivessem aqui para ver quando nascesse! Chamará-se Royse. Aurora está muito entusiasmada com o bebê. OH! —Cailin levantou o olhar quando um braço a rodeou pelos ombros. —Wulf, me assustou!

—Sente falta da sua família, verdade? Eu nem sequer recordo a minha mãe. Frequentemente me pergunto como era.

—Até que os assassinaram, eram toda minha vida. —respondeu Cailin. —Não posso evitar me perguntar como teria sido minha vida se não tivessem morrido. Meus pais, é obvio, não teriam mudado, mas meus irmãos sim. Agora seriam homens adultos e com família. Quanto teria desfrutado minha avó com seus bisnetos! Parece que a quem mais sinto falta é da Brenna... Tudo isto deve soar muito estranho.

—Lamento não tê-los conhecido. —disse ele. Logo retornaram juntos a casa, onde sua filha correu para abraçá-los.

Avançada a primavera, uma manhã abriram as portas do muro e encontraram a uma jovem encolhida no chão. Avisaram ao Wulf e a Cailin.

—Por todos os deuses! —exclamou Cailin. —Esta menina foi açoitada cruelmente! Está morta? Como veio a Caddawic?

A moça gemeu e se deu a volta o suficiente para revelar umas formas mais amadurecidas do que aparentava. Era miúda e magra, mas evidentemente maior do que tinha parecido ao princípio.

Cailin se ajoelhou e tocou seu braço.

—Ouve-me, moça? O que te aconteceu?

A garota abriu os olhos lentamente. Eram de cor verde pálido e sua expressão era de total confusão.

—Onde estou? —sussurrou tão baixo que Cailin teve que inclinar-se para ouvi-la.

—Está em Caddawic, a propriedade do Wulf Punho de Ferro. Quem é? De onde vem e quem te maltratou com tanta crueldade? —Trocou de postura, pois faltava um mês para dar a luz e estava incômoda.

A moça pareceu vacilar e as lágrimas escorregaram por seu bonito rosto.

—Como se chama? —insistiu Cailin.

A moça pareceu pensar um momento e logo disse:

—Aelfa... Meu nome é Aelfa! Recordo-o! Meu nome é Aelfa!

—De onde vem?

A moça pareceu vacilar também e ao cabo disse:

—Não sei senhora... —Mais lágrimas escorregaram por suas bochechas.

—Pobre menina —disse Wulf. —A surra que lhe deram sem dúvida deve ter feito que perdesse a memória. Com o tempo irá recordando.

—Levarei ela para casa. —disse Corio, que no dia anterior tinha chegado de Braleah.

Com cuidado levantou a garota em braços e quando esta apoiou a cabeça em seu peito, uma estranha expressão cruzou o rosto do jovem. Nenhuma mulher tinha conquistado ainda o coração de Corio.

Entraram com a moça na casa, onde Cailin a examinou com atenção. Além dos machucados parecia estar bem, salvo pela perda de cor. Cailin a fez entrar na tina e banhou ela mesma à moça. O cabelo da Aelfa era suave, de uma cor dourado pálido, quase prateado. Vestiu-a com uma túnica e uma camisa de sua medida. Quando a levaram a mesa, todos comprovaram que Aelfa não era uma moça simplesmente bonita, a não ser uma beleza. Corio ficou encantado vendo-a comer.

—Está enfeitiçado. —sussurrou Cailin a seu marido.

—Como estaria eu se não tivesse conhecido você, ovelhinha. —respondeu ele.

Esta resposta desconcertou Cailin. Não se acreditava capaz de sentir ciúmes, mas sentiu. Olhou de esguelha à garota. “Eu sou tão adorável como ela quando não tenho aspecto de porca a ponto de ter porquinhos —pensou. —Não sei por que os homens se voltam loucos quando veem uma fêmea bonita e indefesa.”

Quando Aelfa terminou de comer, Wulf perguntou:

—Se recorda de algo mais que possa nos ajudar a averiguar de onde é? Seguro que sua família está preocupada.

—Possivelmente é uma escrava fugida. —sugeriu Cailin.

—Não leva colar. —replicou Wulf. —Viu alguma marca de propriedade em seu corpo?

Cailin negou com a cabeça.

—Não consigo recordar nada sobre mim. —disse Aelfa com uma voz doce e melodiosa. —OH, tenho medo! Por que não posso recordar?

—Já o fará. — disse Cailin, vendo que Aelfa se dispunha a chorar de novo. Os homens já estavam bastante embevecidos sem necessidade de lágrimas. —Não tinha trabalho nos campos? —perguntou Cailin a seu marido. —Não se preocupe pela Aelfa. Ficará comigo e estará a salvo. Corio, seu pai não quer que o ajude em casa? Alegra-nos que tenha vindo nos visitar, mas vá e não volte até o Beltane.

—Todas as mulheres são tão impacientes quando estão a ponto de parir? —perguntou Corio a Wulf quando saíam da casa. —Nunca tinha visto Cailin perder os estribos. —Logo se despediu de seu primo e disse: —Não parece que Aelfa é a criatura mais deliciosa do mundo? Parece que me apaixonei por ela. É possível, Wulf?

Wulf pôs-se a rir.

—Sim, é. —admitiu. —Se me inteirar de algo mandarei um recado.

Mas Aelfa seguia sem recordar nada de sua vida, além de seu nome. Wulf acreditava que era de nobre berço, e queria alojá-la na água-furtada, não embaixo. Cailin, estranhamente pouco caridosa, negou-se.

—A água-furtada só é para o amo e sua família. —disse com aspereza. —Aelfa não é da família. Estará bem embaixo. Além disso, alojá-la conosco provocaria rumores desagradáveis.

Para quem? Quis perguntar ele, mas a expressão de Cailin era tão severo que se absteve. Devia ter em conta que o nascimento do menino estava próximo e Cailin estava ansiosa de que

nascesse.

—Você é o ama desta casa. —a tranquilizou, e se surpreendeu ao ver que Cailin o olhava furiosa. Nunca a tinha visto daquele modo. Quando estava grávida de Aurora não se zangava com tanta facilidade.

—A moça tem que ficar. —disse Cailin. —Vai contra as leis da hospitalidade joga-la de Caddawic devido às misteriosas circunstâncias de sua chegada. Não obstante, não é da família e não permitirei que a trate como a tal, e ainda menos que isso seja mal interpretado.

Ele se viu obrigado a ceder e Aelfa se instalou na rotina de suas vidas. Era cortês e agradável com todos, mas a Cailin parecia que era mais com os homens. Não sabia o que a fazia recear Aelfa, mas sua voz interior era forte. Muito tempo atrás tinha aprendido a não sossegá-la, nem sequer quando não compreendia o que advertia. Cailin sabia por suas experiências passadas que tudo seria revelado em seu momento. Até então permaneceria alerta e em guarda. Sua família e tudo o que ela amava voltava a estar ameaçado. Alguma vez poderiam desfrutar de autêntica paz? Desesperou-se em silêncio.

No outro lado da casa, Aelfa estava sentada no chão com Nellwyn, rindo enquanto jogavam com Aurora. Formavam um quadro encantador, embora isso fosse precisamente o que Aelfa pretendia, pensou Cailin com cenho franzido, perguntando-se por que os outros não podiam ver na moça à conspiradora que era. No seu devido tempo, aquela vozinha a aconselharia sabiamente. Ao seu devido tempo.

CAPÍTULO 17

Jamais haveria uma celebração de Beltane sem que Cailin recordasse a tragédia sobrevinda a sua família. A alegria do festival sempre estaria manchada de tristeza. Quando ela e Wulf retornaram a Britania no ano anterior, a festa tinha ficado postergada para eles, estavam muito ocupados reconstruindo suas vidas. Este ano, entretanto, era diferente. Os campos já exibiam o verdor da nova colheita. Havia um ar de nova esperança que ela não recordava ter sentido em toda sua vida.

O tempo estava perfeito, e a pesar do iminente nascimento de seu filho, Cailin se levantou cedo para recolher ramos floridos para decorar a casa. Levou Aurora e, a sua volta, observou Nellwyn e Aelfa vadiando perto das portas da casa e paquerando com os homens que estavam de guarda. Chamou com aspereza a Nellwyn para que levasse a Aurora e chamou a atenção de Aelfa por sua ociosidade. Logo entrou pressurosa na casa e ouviu risadas a suas costas; pensou que provavelmente tinham sido provocadas por alguma grosseria dita pela Aelfa.

Cailin não compreendia por que a moça não tinha recuperado a memória. Não estava ferida tão gravemente quando a encontraram. Em realidade, nem a cabeça nem a cara tinham recebido nenhum golpe. Tinham-na tratado com grande bondade durante as semanas que levava vivendo com eles. Cailin suspeitava que a jovem sabia muito bem quem era sua gente e de onde procedia, mas não queria revelá-lo por medo de que a jogassem de seu cômodo lugar em Caddawic, pois obviamente esta era melhor que todas as demais moradas. Cailin se deu conta de que não queria

que Aelfa permanecesse muito tempo em Caddawic. Se a garota não podia ou não queria recordar, terei que encontrar um marido em uma das aldeias antes que o verão terminasse. Cailin estava disposta a dar um dote, mas Aelfa tinha que partir.

—Mamãe! Mamãe! Fogo!

Aurora, aconchegada nos braços de sua mãe, assinalou com seus dedinhos as fogueiras do Beltane que elevavam suas chamas do outro lado das colinas.

—Sim, Aurora, já vejo. —respondeu Cailin.

—Que bonito. Olhe o papai!

Cailin sorriu enquanto Wulf saltava o fogo, rindo, e logo outros homens e mulheres o seguiram.

—Salta, mamãe! —pediu Aurora.

—Não, preciosa, este ano não. —sorriu Cailin. —Estou muito gorda. O ano que vem. —prometeu.

Aelfa saltou as chamas e Cailin teve que admitir, embora a contra gosto, que era formosa. Os homens formavam redemoinhos ao seu redor como abelhas em um pote de mel. Corio tinha vindo da aldeia Braleah só para vê-la, mas Aelfa não parecia atraída por ele, para decepção do jovem. Os dois favoritos da Aelfa eram soldados, Alberto e Branhard, que competiam por sua atenção. A Cailin doía ver a expressão de dor em Corio, mas também sabia que podia ter a alguém melhor que Aelfa se realmente desejava uma esposa. Observou, meio divertida e meio incomodada, que Aelfa desaparecia na escuridão com um de seus admiradores e pouco depois retornava para voltar a partir com o outro.

—Tem a moral de um pássaro, —disse Cailin a Wulf. —antes que termine a noite fará com que esses dois briguem.

—É jovem e estamos no Beltane. —respondeu ele sem dar importância.

—Pelo que vi esta noite, temos que encontrar um marido para ela, e quanto antes melhor. —repôs Cailin com seriedade. Por todos os deuses! Falava como uma anciã! O que ocorria com ela?

—Suspeito que tem razão, ovelhinha. —respondeu ele, para surpresa dela. —É uma donzela muito encantadora para deixá-la correr livremente muito tempo. Não posso discutir com meus homens por uma moça bonita. A discórdia é uma debilidade que não podemos nos permitir. Ragnar seguiu o conselho que dei e está expandindo seu território para o sul. Seu irmão Gunnar se uniu a ele. Não me cabe dúvida de que, incitado pela Antonia, será tolo o suficiente para voltar seus olhos a nossas terras em algum momento. Devemos permanecer fortes.

Aurora, meio dormida, pesava nos braços de Cailin.

—Nellwyn. —chamou à babá, —Leve Aurora e a deite. —Logo se voltou para seu marido. —Pergunta ao Orrford se há algum jovem que procure esposa. Se faz Aelfa escolher entre o Albert e Branhard, brigarão por ela. Não está apaixonada por nenhum dos dois, mas joga com eles. Corio está apaixonado por ela, mas não é a mulher adequada para ele. É melhor que a enviemos longe de Caddawic e Braleah. Desse modo, nenhum de seus admiradores daqui poderá vê-la muito tempo, se é que a vê alguma vez. Quando terminar o verão, Aelfa tem que estar casada.

—Percorrerei todas as aldeias. —disse Wulf. —Mas esperarei que nasça o filho que me prometeu, ovelhinha. Irei pessoalmente procurar o jovem adequado para que Aelfa se case em Orrford.

—Bem. —assentiu Cailin, mas apesar de estar de acordo sua voz interior não se calava. Seguiu estando em guarda sem saber por que.

Royse, filho de Wulf nasceu o décimo nono dia de maio. Diferente de sua irmã, sua entrada neste mundo foi rápida e fácil. Cailin despertou antes da alvorada e comprovou que tinha rompido a bolsa d'água. Ao cabo de poucos minutos sentiu as primeiras dores do parto, e quando o céu começava a iluminar-se com o novo dia, o bebê nasceu, chorando, o rosto avermelhado e agitando os bracinhos. Nellwyn assistiu a sua ama durante o parto, mas Aelfa se deprimiu ao ver o sangue e teve que ser retirada da estadia.

O filho de Cailin e Wulf era forte e são do primeiro momento. Chupava avidamente os peitos de sua mamãe e sempre parecia faminto. Como lhe tinha sido negada a primeira infância de sua filha, Cailin desfrutava com sua maternidade. Entretanto, sensível aos sentimentos de Aurora, fazia à menina participar no cuidado de seu irmão para que não se sentisse abandonada. Como irmã maior, Aurora, que faria quatro anos no verão seguinte, o fazia admiravelmente, indo procurar sua mamãe ao menor pranto de seu irmão, ajudando a vesti-lo, e o vigiando com Nellwyn.

—Tem muita paciência com ele. —observou Cailin. —Será um menino mimado, temo. Já a conhece.

—Viu como é forte? —observou Wulf com orgulho. —Algum dia será um homem muito corpulento. Possivelmente mais que eu.

Quando Royse tinha seis semanas e Cailin se recuperou completamente do parto, Wulf partiu para visitar suas aldeias. Antes de partir, chamou Aelfa em sua presença e a de Cailin. Ela se aproximou com ar submisso, particularmente bonita com uma túnica de cor azul pálida que se confeccionou com um tecido que Cailin tinha dado pelo Beltane.

—No que posso servi-lo, senhor? —perguntou.

—Ainda não recuperou a memória, moça? —perguntou.

Os olhos verde pálido da Aelfa se nublaram.

—Ai, meu senhor, não... tentei recordar, mas não posso. OH, o que será de mim?

—É hora de que se case. —respondeu Wulf.

—Me casar? —Aelfa pareceu sobressaltar-se. Evidentemente era algo que nem sequer tinha pensado. —Se casaria comigo?

Cailin vaiou furiosa. Que descaramento tinha aquela puta!

—Eu não. —respondeu ele, um pouco desconcertado também pela pergunta. —Amanhã irei visitar as aldeias que me pertencem. Como não recorda nada de si mesma, e não nos inteiramos que se perdeu nenhuma moça enquanto esteve conosco, decidimos que é hora de que inicie uma nova vida. Como senhor destas terras, seu bem-estar é minha responsabilidade... portanto, buscarei um bom marido e se casará o mais rápido possível. Espero que antes que termine o verão.

—Mas eu não quero um marido. —protestou Aelfa. —E se já tenho um, meu senhor. E se for assim?

—É assim, Aelfa? Tem marido? —Fulminou-a com o olhar. —Possivelmente fugiu de um marido que te pegou com um amante e te deu uma surra por sua infidelidade.

—Não o recordo, meu senhor. —insistiu ela com teimosia.

—Então —disse Wulf sorrindo com ar bondoso, —acredito que o melhor é que te encontremos um bom homem e comece uma nova vida. De acordo?

Aelfa permaneceu calada um comprido momento, e por fim disse:

—Sim, meu senhor, mas não poderia se casar você comigo?

—Com uma esposa tenho o suficiente, —respondeu ele contendo a risada, —verdade, ovelhinha?

Olhou Cailin com ternura.

—Nunca necessitará outra. —assinalou ela com calma. Quando Nellwyn se inteirou do destino da outra moça, queixou-se com sua ama:

—Por que Aelfa terá um marido e eu não? Não a servi bem, minha ama?

—Mais que bem, Nellwyn. —a tranquilizou Cailin. —Pode ter um marido assim que o escolha, a menos, claro, que prefira que meu senhor e eu escolhamos um bom homem para você. Aelfa está sozinha no mundo e necessita nossa ajuda; mas você, Nellwyn, sempre me teve, é razoável que deseje um marido e darei isso por seu leal serviço.

—Quando Aelfa chegou —repôs Nellwyn, —pensei que era agradável, mas não é, minha senhora. Brinca com os homens para que se distraiam.

—Sei. —declarou Cailin. —Por isso sugeri a meu senhor que encontrasse um marido em Orrford.

—Orrford? —Nellwyn riu entre dentes. —Está longe, minha senhora, e não é muito grande. Há muitas vacas. Mais que pessoas, acredito.

—Seriamente? —Cailin elevou uma sobrancelha.

—Terá que trabalhar muito. —prosseguiu Nellwyn. —A vida é dura em Orrford, e quando estiver casada não poderá paquerar com outros.

—Tem razão. Os maridos se ofendem se uma esposa paquera com outros homens, Nellwyn. Aelfa terá que ser uma esposa muito boa e digna, não te parece? —Sorriu a sua criada.

Nellwyn emitiu uma risadinha e disse:

—Não acredito que Aelfa goste disso nem de Orrford, minha senhora. Finge ser submissa e modesta ante você e meu senhor, mas tem uma língua afiada e às vezes suja. Me parece que não é o que pretende parecer. Entretanto nunca me falou que seu passado. Nem sequer fala em sonhos.

—Logo Aelfa deixará de nos preocupar. —disse Cailin para tranquiliza-la. —No final do verão terá partido daqui para reunir-se com um marido.

—Boa viagem! —exclamou Nellwyn. —Não lamentarei vê-la partir, minha senhora.

De repente Cailin intuiu algo.

—Você gosta de Alberto ou Branhard? —perguntou à moça.

Nellwyn se avermelhou intensamente.

—OH, minha senhora! Como o soube? É Alberto, mas o muito tolo não se fixa em mim porque só tem olhos para Aelfa, embora ela jogue com ele. Os dois estão confusos por sua perversa conduta, mas amo Alberto.

—Para o Samhain a terá esquecido, prometo. —disse isso Cailin. —Então veremos se aceita casar-se contigo.

Os olhos azuis de Nellwyn se encheram de lágrimas.

—OH, minha senhora, obrigado! Seria uma boa esposa para o Alberto. Seria. O muito tolo!

Sim, pensou Cailin depois de sua conversa com Nellwyn, quanto antes partisse de Caddawic, melhor. Mesmo assim, sua consciência não a deixava em paz. Estava sendo justa, jogando aquela puta aos braços de algum pobre moço inocente? Mas Wulf conhecia os defeitos da Aelfa e escolheria ao homem adequado. Corrigir a conduta da Aelfa seria tarefa do noivo. Cailin esperava que fosse forte o bastante para isso.

Fazia uma semana que Wulf tinha partido quando, uma tarde, Aelfa desapareceu. “Escapou?”, perguntou-se Cailin.

Entretanto, Aelfa reapareceu antes que se fechassem as portas aquela noite. Quando foi interrogada a respeito de seu paradeiro, disse que tinha estado recolhendo frutos.

—Mas não trouxe nenhum. —observou Cailin com aspereza.

—Não os encontrei, minha senhora.

—Mente. —disse Nellwyn quando ela e sua ama fizeram sua ronda para certificar-se de que tamparam todos os fogos e trancando a porta e se certificando que tudo estava em ordem. —Não levou nenhuma cesta, minha senhora. Como podia recolher frutos sem uma cesta onde jogá-los?

—Não podia. —coincidiu Cailin. —É mais que provável que tenha ido se reunir com um amante na colina, a muito descarada.

—Alberto e Branhard se olhavam com bastante raiva na hora do jantar, minha senhora. —informou Nellwyn.

—Aí está a resposta. Essa garota está inimizando aos dois, mas não sei com que fim.

Cailin subiu à água-furtada onde Aurora e Royse já dormiam. Tirou o bebê do berço e o alimentou antes de deitar-se. Não podia imaginar uma vida melhor que a que tinha. Wulf, seus filhos, Caddawic... Às vezes olhava o velho chão de mármore do que tinha sido o lar de sua infância e as lembranças afloravam a sua mente. Ultimamente tinha acontecido com frequência, e descobriu que já não era doloroso. A maioria de suas lembranças eram boas, e apesar de todo o acontecido essas lembranças não podiam ser arrebatados. Sempre os possuiria, e dessa maneira sempre teria a sua família com ela.

Cailin dormiu e não ouviu que a tranca da porta era retirada com sigilo. Aelfa abriu e logo a fechou absolutamente silêncio. Ficou na soleira um comprido minuto, escutando os ruídos da noite, e logo pôs-se a correr descalça pelo pátio até a casa do vigilante. A lua minguante conferia um resplendor prateado a sua figura. Levava um pequeno odre de vinho na mão. Ao chegar, Aelfa entrou depressa na casinha, fechando a porta sem fazer ruído. Um sorriso zombador cruzou seu

rosto ao ver o homem que dormitava na cadeira do rincão. Que fraco era, e sem dúvida carecia de sentido de dever.

Aelfa se ajoelhou a seu lado e beijou ao Banhard na boca, despertando-o com um sobressalto.

—Não queria ver-me? —murmurou com ar sedutor, e os olhos dele se abriram de par em par ao ver a nudez da moça. —trouxe um pouco de vinho do barril do amo. Não sentirão falta. —lhe tranquilizou, e lhe entregou o odre cheio. —Bebe.

Beijou-o pela segunda vez.

—Aelfa... —disse ele com voz afogada. —Não deveria estar aqui. Onde está sua roupa? E se vier alguém?

—Alberto não faria tantos melindres. —cravou Aelfa. —Hoje se encontrou comigo na colina e tentou me possuir. Eu lutei e me neguei, pois é você, Branhard, a quem realmente desejo. Que Alberto fique com a Nellwyn, que está louca por ele. —Suas pequenas mãos pinçaram sob a túnica do homem. —Você sim é um homem de verdade! Sei que é! —Beijou-o com força. —Não me deseja, Branhard, meu forte guerreiro?

Aelfa passou sua língua pelos lábios sedutoramente.

Branhard se deu conta, para sua surpresa, de que estava contendo o fôlego. Soltou-o com um lento vaio quando as mãos da jovem aferraram seu membro viril e ficaram a brincar com ele. Ela era mais hábil do que jamais teria acreditado. Fechou os olhos e um intenso prazer como jamais havia sentido alagou seu ser. Os dedos miúdos da Aelfa o acariciavam lentamente, entretendo-se. Logo apartou a túnica que cobria o membro e começou a esfregar com rapidez. Ele começou a sentir uma urgente necessidade.

—Aelfa... —gemeu, colocando a mão no cabelo e atraindo-a para si. —Desejo-te, Aelfa!

Reprimindo a risada, tirou a capa e a estendeu no chão da casinha. Tombou-se sobre ela, abriu as pernas e disse com voz rouca:

—Vem, foda-me com essa sua grande verga, Branhard! Me deseja tanto como eu a você! Ninguém nos verá. Todos estão deitados e podemos satisfazer nosso prazer. Tanto como desejemos!

Ele não teria podido deter-se embora tivesse querido. Aelfa era formosa e estava louca por ele. Nenhum homem em seu são julgamento rechaçaria o oferecimento da Aelfa. Com um leve grito caiu sobre ela, empurrando seu enorme órgão no úmido e quente canal dela; investiu quase com violência enquanto a jovem respirava, murmurando umas suaves enxurradas de obscenidades extraordinariamente excitantes. Ele estava assombrado de que aquela jovem conhecesse aquelas palavras, mas isso o fazia sentir-se menos culpado por possuí-la com tanto frenesi.

Se excitava mais e mais, e sua luxúria não conhecia limites. Ele não parava de investir enquanto Aelfa se retorcia e gemia debaixo dele. Por fim não pôde conter-se mais e sua paixão estalou violentamente dentro do corpo palpitante da moça. Desabou sobre ela com um grunhido de satisfação.

—Pelo Odin, moça, é a melhor! Jamais vi nada melhor, juro-o!

Seu fôlego de cebola a invadiu.

—Se levante, bruto —disse, —está-me esmagando.

Ele rodou sobre si.

—Onde está o vinho que trouxe? —pediu, sentindo-se depravado e controlando mais a situação. —Bebamos juntos e depois a foderei outra vez se estiver de humor. Estará, não é verdade? —disse com um sorriso impudico. —Jamais conheci a uma mulher como você, Aelfa. É uma dessas que nunca têm o bastante, verdade?

Recostou-se na cadeira e recompôs sua vestimenta. Logo atraiu a jovem para si e beliscou seus mamilos. A roupa que sempre levava nunca tinha insinuado que tivesse seios tão belos.

"Estúpido asno em zelo", pensou Aelfa enquanto sorria. Levantou o odre de vinho e fingiu beber antes de entregar-lhe.

—Mmm, está bom. —disse.

Ele bebeu e um pouco de líquido escorregou pela espessa barba loira.

Branhard deixou que o doce e fresco vinho descesse pela garganta. Era a melhor bebida que jamais tinha provado. Wulf Punho de Ferro vivia bem. Devolveu o odre a Aelfa e ficou a brincar com seus grandes peitos.

—É a melhor fodedora que jamais conheci, puta, —disse a modo de elogio, —e sua vagina é a melhor que jamais investi. Juro isso! Sabe realmente como dar prazer a um homem, Aelfa. Mal posso acreditar, mas estou preparado para te possuir outra vez. Por trás, moça —disse, tirando o membro de debaixo da roupa e empurrando a jovem ao chão.

O que faltava em sutileza compensava com resistência e força bruta, pensou Aelfa enquanto fingia estar arrebatada pela paixão. Tinha obtido prazer com ele à primeira vez, mas agora não podia permitir-se esse luxo. Quando a luxúria do homem voltou a explodir e ele se apartou exausto, ofereceu uma vez mais o odre, sorrindo, enquanto ele bebia longos sorvos de vinho. Desta vez, em poucos instantes Branhard ficou inconsciente. Aelfa suspirou de alívio. Em realidade os entusiasmados cuidados daquele homem a tinham deixado dolorida. Um terceiro encontro com ele sem dúvida a teria deixado em carne viva.

Incorporou-se e, depois de muito esforço, conseguiu arrastar o corpo inerte até a cadeira. A cabeça do Branhard caiu sobre o peito. Tinha aspecto de estar dormindo. Aelfa partiu da casinha e retornou correndo à casa. Ao entrar, apressou-se a ir deitar-se. A casa se achava em silêncio e os únicos sons que se ouviam eram os roncos de seus moradores.

Aelfa se vestiu e voltou para a casinha do vigilante, onde Branhard seguia inconsciente. Sentou-se no chão, onde ninguém a veria, e esperou o amanhecer. Então ficou de pé, se espreguiçou e se dirigiu diretamente às portas do muro de Caddawic. Lentamente e com dificuldade empurrou a robusta barra que trancava as portas. No alto, o céu se ia iluminando com rapidez. O suor, devido em parte ao exercício e em parte ao temor de ser descoberta, escorregava pelas suas costas. Quando por fim conseguiu retirar a tranca, a porta se abriu a um nutrido grupo de homens armados.

—Tio —disse Aelfa com ar pícaro, —bem-vindo a Caddawic.

—Tem-no feito muito bem, sobrinha —disse Ragnar Lança Potente, e quando entrou com

sigilo, seguido de seus homens, no pátio, perguntou: —Onde está a ama da casa? E quanto falta para que Wulf Punho de Ferro retorne?

—Cailin dorme na água-furtada com os meninos. —respondeu Aelfa. —Quanto a seu marido, retornará dentro de uns dias.

—Assegura este lugar. —indicou Ragnar a seu segundo no mando, Haraldo, e logo se voltou para a Aelfa. —Vá procurar Cailin e os meninos, moça. E também quero comida.

—Muito bem, tio Ragnar.

Entrou pressurosa na casa e então se deu conta, muito tarde, de que Cailin sempre retirava a escada de acesso à água-furtada de noite. Não havia outro modo de entrar na estadia. Quando Ragnar entrou na casa, explicou o problema.

—Não importa. —disse ele. —Uma hora ou outra tem que baixar, e eu estarei esperando-a. Cailin é uma mulher da mais apetitosa.

—A deseja? —perguntou Aelfa com surpresa. Parecia que Cailin era muito estirada e virtuosa para seu luxurioso tio. Também era muito velha, pois tinha mais de vinte anos.

—Não se deixe enganar por seu ar digno e suas maneiras, moça, —repôs ele. —debaixo de todo isso há uma mulher, e uma mulher apaixonada, asseguro isso.

Dormindo e surpreendidos os habitantes de Caddawic foram despertados e levados a presença de Ragnar. Fora, os homens armados foram rodeados, amarrados e obrigados a entrar na casa, incluído o semiconsciente Branhard.

—Agora este lugar é meu por direito de conquista. —anunciou Ragnar com voz potente. —Não serão machucados se obedecerem meus desejos. Se tentam se rebelar, morrerão. Agora, comecem o dia como o fariam normalmente, e que alguém me traga comida. Estou morto de fome!

Por um momento o olharam, meio dormindo e sem saber o que fazer. Como tinha acontecido? Como tinha entrado Ragnar em Caddawic? Pensavam todos.

—De momento obedecerão ao Ragnar. —disse Cailin. —Não quero que ninguém seja machucado. —Estava preciosa em sua túnica verde escura adornada com fios de ouro. Voltou-se para Ragnar e perguntou com tom altivo: —Como entrou?

Ragnar a devorava com os olhos. Era uma beleza, e aquela noite a teria debaixo!

—Graças a um cavalo da Tróia —respondeu ele. —Conhece a história? Antonia me contou.

Cailin assentiu.

—Conheço bem. —declarou ela, e então compreendeu. Seu olhar percorreu a habitação e encontrou o que procurava. —Aelfa —disse. —Aelfa foi seu cavalo de Tróia, verdade? Quem é?

—A filha maior de meu irmão Gunnar. Tem quinze anos e é muito ardilosa. —respondeu ele, rindo.

—Aelfa nos traiu. —explicou Cailin a sua gente. —É sobrinha do Ragnar Lança Potente.

Branhard soltou um potente rugido.

—Puta! —gritou, e se jogou ante Cailin. —Senhora, deve me perdoar! Desejava-a e ela sabia. Ontem à noite foi para mim, quando fazia guarda, e me ofereceu seu corpo. Logo me deu de beber vinho com alguma substância narcótica. Por minha culpa tomaram a casa! Me perdoe!

—É um tolo, Branhard, mas se levante e se ocupe de seus deveres. O fato, feito está, embora não é provável que escape a algum castigo quando meu marido retorne.

Branhard ficou em pé. Sua tez tinha empalidecido. Parecia a ponto de vomitar.

—Obrigado, senhora. —conseguiu dizer.

Cailin compreendeu agora por que Aelfa tinha posto sua atenção no pobre Branhard e o desventurado Alberto: tratava-se dos dois homens atribuídos ao barraco de guarda. Alternavam-se para a vigilância da noite. Aelfa não se importava com nenhum dos dois, e o pobre Alberto teria podido ser sua vítima se aquela noite tivesse estado de guarda. Só foi a má sorte que fez com que fosse o Branhard.

—Como se comunicou Aelfa contigo? —perguntou Cailin ao Ragnar quando se sentaram à mesa e a casa recuperou algo parecido à normalidade. —Notava que havia algo estranho, mas não sabia o que era.

Ele olhou ansioso para onde os criados que apareceriam com a comida. Ragnar recordava muito bem a boa mesa de Cailin.

—Tinha um homem na colina, observando, desde dia em que acharam à garota na porta. —explicou a Cailin, e bebeu um bom gole da espessa cerveja negra que tinham servido. —Jamais provei nada melhor. —resmungou com um sorriso.

—Então foi ontem. —disse Cailin lentamente. —Ontem pela tarde ficou em contato com seu homem, quando saiu, aparentemente para recolher frutos, mas não levou nenhuma cesta. Soube que mentia, mas não podia saber o motivo de sua mentira.

A comida começou a chegar. Ragnar tirou sua faca do cinturão e cortou duas grosas fatias de presunto. Serviu-se de vários ovos duros e uma fogaça de pão.

—Mais cerveja! —ordenou ao criado que o servia, e logo perguntou a Cailin: —Onde estão seus filhos? Ouvi dizer que teve um varão faz poucas semanas. A puta da Antonia perdeu a meu filho depois do solstício. Também era um varão. É má criadora, mas você será boa para mim. Sabia que vou fazê-la minha esposa, Cailin? Te desejei desde a primeira vez que te vi. Minhas mulheres saxãs são boas criaturas, leais e trabalhadoras, como vacas leiteiras. Antonia é uma víbora, mas às vezes um pouco de veneno é agradável. Entretanto, você, minha raposa de cachos castanhos, me agradará mais que todas elas.

—Tenho marido. —repôs ela com calma. Não tinha medo daquele fanfarrão. Não teria podido apoderar-se de Caddawic se não ser com traição, e seria expulso dali.

—Matarei Wulf Punho de Ferro. —fanfarroneou Ragnar.

—Acredito que antes ele matará você.—replicou Cailin.

—E seus filhos? —perguntou de novo. —Onde estão?

—Se foram.

—Não pode ser! —rugiu furioso, pois os meninos eram a arma que tinha intenção de empregar contra ela. —Como é possível que se foram? —As veias de seu pescoço palpitavam.

—Você entrou em Caddawic mediante uma vil estratagema, Ragnar. —disse. —Eu estava acordada quando entrou na casa. A princípio acreditei que era meu marido que retornava. Abri a porta para olhar abaixo e te vi. Acabava de amamentar a meu filho e despertei a minha filha. Vesti

aos dois e, enquanto você fanfarroneava e rugia tratando de infundir medo a minha gente, eu baixei meus filhos, entreguei-os aos cuidados de minha criada Nellwyn e vi que cruzavam as portas. Seus homens estavam tão ocupados tratando de intimidar aos meus que nem se deram conta de que Nellwyn passava junto a eles. Agora se encontram a salvo a caminho de Braleah. Não acredito que possa alcançá-los. —concluiu Cailin, rindo levemente.

—Braleah? O que é isso? —grunhiu.

—Uma das aldeias que pertencem a Caddawic. —respondeu ela. —Não pensaria que estávamos sozinhos, verdade? Caddawic tem quatro aldeias. Não poderá se apropriar delas, até em caso de que as encontrasse. Nellwyn dará o sinal de alarme e Wulf virá com muitos homens para te jogar daqui. Eu de você terminaria de comer e retornaria a casa em seguida.

—Que mulher! —respondeu ele, sorrindo. —Embora seguisse seu conselho, deveria te levar comigo, Cailin. Não só é bonita e forte, mas sim pensa como um guerreiro. Não acredito que eu gostaria de semelhante traço em nenhuma outra mulher, mas em você e fica bem, putinha. Pelo Odin, fica muito bem!

Cailin bebeu um sorvo de vinho e comeu pão, presunto e queijo. Não tinha nada mais que dizer a Ragnar. Por fim se levantou e saiu da estadia.

—Detenho-a, senhor? —perguntou Haraldo, nervoso.

—As portas estão vigiadas? —perguntou Ragnar.

—Sim, senhor!

—Então deixe-a, estúpido. Aonde irá que não possa encontrá-la? Suponho que se ocupará de suas tarefas diárias e nada mais.

Assim foi, mas Cailin também efetuou a ronda de Caddawic para tranquilizar a cada membro da casa e infundir ânimos.

—O que faremos, minha senhora? —perguntou Alberto com nervosismo. Era consciente de quão próximo ao desastre que ele mesmo tinha estado.

—Não resista, —aconselhou ela, como havia dito a outros, —a menos que sua vida se veja ameaçada. Cumpre com suas obrigações diárias como faria normalmente. Wulf logo chegará e jogará daqui a esse estúpido do Ragnar. Não tema. Nellwyn dará o alarme e Ragnar já não desfruta de sua única vantagem, a surpresa.

Cailin prosseguiu seu caminho. A primeira hora da tarde reuniu às mulheres e disse:

—Não permitirei que ninguém cometa abusos com vocês. Se escondam no porão, debaixo do celeiro maior. Façam assim que possam, e não esqueçam de levar odres com água. Não saiam até que seja de amanhã, quando eu vá buscá-las. Depressa!

—Mas e você, senhora? —perguntou uma das servidoras.

—Não me passará nada. —a tranquilizou Cailin.

Ela já tinha decidido o que faria. Se não podia impedir que Ragnar levasse a cabo sua lasciva intenção, devia matá-lo.

Seus seios começavam a doer e fez uma careta de irritação. O leite começava a gotejar pelos mamilos e a manchar sua túnica. Royse tinha mamado pela última vez a primeira hora da manhã. Nellwyn teria encontrado uma babá para ele em Braleah, e Cailin sabia que teria que fazer algo

para desfazer-se de seu leite.

Cailin agarrou pão e uma parte de queijo. Os criados teriam colocado vários jarros de água na água-furtada, como era habitual. Ao entrar na casa, Cailin observou que Ragnar não se achava ali. Contendo uma risadinha subiu à água-furtada, recolheu a escada e assegurou a tampa. Não havia nenhuma outra escada que levasse até ali. Estaria a salvo durante um tempo. Tirou a túnica e suspirou ao ver sua empapada camisa. Também a tirou e espremeu o leite de seus inchados seios em um recipiente. Imediatamente se sentiu melhor; logo se lavou e pôs uma roupa limpa.

Começou a ouvir o ruído de atividade no piso de baixo. Tinha dado ordens a seus criados de que servissem a comida da noite como de costume, e que não negassem aos intrusos nada relativo a comida e bebida. Tinham que manter ao Ragnar e seus homens o mais satisfeitos possível até que Wulf retornasse. Cailin não tinha dúvida de que seu marido chegaria, e então recuperaria Caddawic. Ninguém ia roubar suas terras. Ela tinha nascido ali, como antes tinham feito dez gerações de sua família. E seus filhos seguiriam vivendo ali. Ninguém voltaria a arrebatar o que era deles! Nem Ragnar Lança Potente nem Antonia Porcio. Ninguém!

—Senhora? Está na água-furtada? —ouviu Ragnar perguntar. —Eu gostaria que se reunisse comigo à mesa. Desça.

—Encontro-me mal. —respondeu Cailin. —A excitação do dia foi muito para mim. Devo descansar. Recentemente dei a luz e ainda estou muito débil.

—Se sentirá melhor se comer. Isso te ajudará a recuperar suas forças. Desça, minha querida putinha. Te darei pedacinhos de carne de meu próprio prato e vinho doce para acalmar sua inquietação. — disse com tom doce.

Cailin reprimiu a risada.

—Não acredito, Ragnar. Estou melhor só. —respondeu, e a seguir efetuou uma série de ruídos bastante convincentes para dar a impressão de que tinha arcadas e estava a ponto de vomitar. —Ooohhh... —gemeu.

—Possivelmente tenha razão e esteja melhor só. —coincidiu ele, nervoso, e ouviu que se afastava da escotilha. —Te verei amanhã.

Nada desviava mais de suas intenções a um homem luxurioso que uma mulher a ponto de descarregar o conteúdo de seu estômago em seu colo, pensou Cailin com um sorriso de malícia. Agarrou uma parte de pão e cortou um pouco de queijo. Logo se lavou com água fria e se sentou para tecer.

Quando a luz tinha desaparecido do céu e já não via o que fazia, permaneceu sentada em silêncio escutando os ruídos do piso de abaixo. Os homens estavam se embebedando. Sabia pela hilaridade, as exclamações e os cantos que se ouviam. De vez em quando ouvia romper-se algum objeto, e se zangava. Naqueles tempos resultava difícil obter boas peças de baixela. Entretanto, ao cabo de um momento o alvoroço diminuiu e por fim a casa ficou em silêncio.

Satisfeita de que os intrusos dormissem embebedados, Cailin se levantou e se espreguiçou. Estava esgotada por causa da tensão do dia. Com as últimas forças que ficavam, empurrou dois baús até a escotilha para sentir-se mais protegida. As janelas eram muito estreitas para que alguém entrasse por elas. Perguntou-se o que tinha acontecido com Aelfa. Aquela puta tinha sido

a única mulher à vista aquela noite. Cailin tirou a túnica e se deitou em seu espaço para dormir. Quanto demoraria Wulf em retornar? Perguntou-se, e logo caiu em um sonho inquieto.

Despertou automaticamente, como sempre, e se aproximou da janela para olhar pra fora. O céu já começava a iluminar-se e viu fumaça procedente da padaria. Voltava a ter os seios cheios e de novo espremeu seu leite. Lavou o rosto, urinou e se vestiu rapidamente. Apartou os baús, abriu a escotilha e colocou a escada para descer.

Observou Ragnar e seus homens pulverizados pelo chão em um profundo sono induzido pelo álcool. Não havia nem rastro de Aelfa, mas aquela puta já não a preocupava. A casa era uma confusão de bancos e mesas derrubados, baixela quebrada e vômitos. Cailin franziu o nariz com repugnância. Terei que trocar as esteiras imediatamente. A porta da casa não estava trancada e saiu ao pátio. Embora as portas do muro estavam fechadas, não viu ninguém de guarda.

Dirigiu-se às cozinhas, entrou e perguntou ao padeiro:

—Onde estão os homens? No pátio não há ninguém.

—Não sei, senhora. —respondeu nervoso. —Não saí daqui desde que chegaram os intrusos. Aqui me sinto mais seguro.

—Sim,—coincidiu Cailin, —assim é. Não tema, Wulf retornará logo e jogará a esses homens de Caddawic.

Cailin saiu das cozinhas e se dirigiu a toda pressa ao celeiro.

—Saiam. —indicou às criadas. —Os invasores estão bêbados na casa. Agora não há perigo.

As mulheres saíram do porão e ficaram ante sua ama. Ela as examinou com atenção. Duas eram jovens e muito bonitas. Ainda se achavam em perigo, mas as outras, velhas e mais feias, não estariam a menos que os homens estivessem muito bêbados e excitados. Enviou às duas donzelas mais bonitas às cozinhas.

—Digam ao padeiro que ficarão com ele. Ali estarão a salvo. Se algum homem de Ragnar entra, mantenham a cabeça encurvada e os olhos baixos, e se tiverem que olhar de frente, façam alguma careta para parecer feias. Pode ser seu único amparo. Agora partam. O pátio está vazio e não há perigo. Ao parece que nossos homens desapareceram.

As duas moças se afastaram correndo e Cailin instruiu ao restantes das mulheres:

—Realizem suas tarefas com normalidade. Se Wulf não vier hoje, esta noite terão que voltar a se esconder aqui. Eu não poderei vir buscá-las quando for o momento oportuno. Terão que se proteger. É tudo o que posso fazer para mantê-las longe das garras do Ragnar.

Os intrusos por fim despertaram e saíram da casa cambaleando para fazer suas necessidades. Cailin e suas mulheres varreram a casa para eliminar os restos de porcaria e vômitos. Colocaram esteiras novas, mescladas com ervas aromáticas. Serviram a comida da manhã, mas poucos a comeram antes que fosse retirada.

Ragnar se sentou à mesa com uma grande taça de vinho na mão.

—Onde estão seus homens? —perguntou ao Cailin.

—Não sei. Acreditei que você os tinha encerrado em alguma parte. Se conheciam uma maneira de escapar, estou zangada por não me terem levado com eles. —concluiu, e seu tom irritado o convenceu mais que suas palavras de que dizia a verdade.

Ragnar assentiu.

—Muito bem. Vejo que suas mulheres retornaram.

—Mandei que passassem a noite em um lugar seguro. —respondeu Cailin com aspereza. —Não quero que ninguém viole às mulheres que estão a meu serviço. Onde está Aelfa? Não a vi em toda a manhã.

—Vai se casar com o Haraldo no Lug. Provavelmente estão em algum lugar desafogando-se. Aelfa é uma moça muito apaixonada.

—Tem a moral de uma galinha. —observou Cailin.

—Sim, assim é —coincidiu Ragnar com uma gargalhada. —adverti ao Haraldo que será má esposa para ele, mas está decidido a possuí-la, e o que posso fazer? Meu irmão deu sua permissão para que se casem.

O resto do dia transcorreu mais lentamente que nunca. Quando começou a escurecer. Cailin viu com satisfação que as mulheres haviam tornado a desaparecer. E ela se apressou a subir à água-furtada antes que Ragnar pudesse encontrá-la. Tinha os seios a ponto de explodir e o leite já começava a empapar sua roupa. Recolheu a escada, fechou e pôs os pregos na escotilha. Arrastou os baús como na noite anterior e suspirou, aliviada. Despiu-se, pegou a bacia e espremeu o leite que tanto dor provocava. Onde estava Wulf? Se não chegava logo seu leite acabaria por secar. Então teria que entregar seu precioso Royse à outra mulher para que o amamentasse.

—O que faz?

A voz do Ragnar a deixou gelada de medo. Seus olhos se exageraram quando o viu sair do espaço para dormir.

—Como chegou aqui? —perguntou.

O coração pulsava com violência.

—Encontrei a escada. —respondeu ele, e ela se amaldiçoou em silencio por não havê-la escondido. —O que faz? —repetiu ele, repassando seu corpo com olhar lascivo.

Então Cailin recordou que estava nua ante aquele homem, mas não podia fazer nada para evitá-lo. —Tenho que espremer o leite de meus seios —disse, —já que meu filho não está aqui para nutrir-se com ele. —Falou com voz fria e sem refletir emoção alguma.

Um lento sorriso iluminou o rosto de Ragnar. Aproximou-se de Cailin e rodeou sua cintura com suas grandes mãos. Levantou-a e a colocou de modo que seus seios ficavam sobre a cara. Logo abaixou ligeiramente e ficou a chupar seus mamilos.

Para aquilo Cailin era uma violação de sua intimidade tão grande como a que estava segura se produziria a seguir.

—Não! —exclamou em vão. Retorceu-se desesperadamente, mas não pôde separar a boca que se aferrava a seu peito.

Quando teve esvaziado um seio, Ragnar a olhou com um sorriso.

—Eu gosto de seu sabor —disse. —Dizem que se um homem tomar o leite dos seios de sua amante, volta-se mais potente que nenhum outro homem. —Logo sua ávida boca se fechou ao redor do outro mamilo. Quando tinha sugado até a última gota de leite, levou-a a espaço para dormir e a arrojou bruscamente sobre o leito de plumas. Horrorizada, o viu despir-se. —Nunca

possui a nenhuma mulher completamente nua.

Presa do pânico, Cailin tratou de escapar. Ragnar riu ao ver seus esforços. Sujeitou-a com uma mão e a montou escarranchado, sentando-se sobre seu peito.

—Abre a boca. —ordenou, e quando ela negou com a cabeça, apertou seu nariz até que, como não podia respirar, Cailin abriu a boca para aspirar ar. Ao fazê-lo, colocou seu membro. —Se me morder —advertiu— farei que arranquem todos e cada um de seus dentes. —E acreditou. —Chupa-a, puta, tão a gosto como eu te chupei. — ordenou.

Ela tentou menear a cabeça, mas ele se limitou a sorrir, alargou o braço para trás, encontrou a pequena joia de Cailin com os dedos e a beliscou cruelmente. Cailin lançou um grito de dor e, vencida, começou a cumprir o desejo d Ragnar.

—Ah, sim... minha pequena puta —gemeu ele enquanto lhe excitava. —É mais hábil do que imaginava.

Fechou os olhos com prazer.

Cailin levou os braços por cima da cabeça sem deixar de lamber e chupar o membro do Ragnar. Uma mão começou a apalpar com sigilo a palha sob o leito de plumas. Movia-se com cuidado, aterrada se por acaso chamava a atenção dele. Onde estava? Ele teria encontrado ele?

—Basta! —rugiu Ragnar, retirando seu palpitante membro da boca da jovem. —Esta coisinha quer encontrar seu lugar!

Começou a escorregar para baixo para acoplar-se com ela.

Cailin não encontrava! Seus dedos procuravam desesperadamente. Tinha que estar ali! Devia fazer algo para atrasar as intenções daquele bruto.

—OH, meu senhor. —disse com fingida complacência. —Não me dará um pouco do mesmo prazer que eu dei a você? OH, por favor! Eu necessito!

Uma sonora gargalhada ressonou na estadia.

—Terá o que deseja, minha putinha! Não te decepcionarei!

Separou suas pernas com brutalidade e afundou a cabeça entre elas.

Cailin tratou de bloquear a sensação que produzia a repulsiva língua do Ragnar. Frenética, procurou na palha e quando encontrou a adaga que procurava a afiada folha produziu um corte na mão. Sentindo alívio, Cailin agarrou a arma sem fazer caso da ferida.

—Ooohhh! Assim...! —gemeu, recordando que ele sem dúvida esperava dela alguma reação a seus obscenos esforços. —OH, eu gosto...! Estou pronta para ti, meu senhor!

Sem dizer uma palavra, Ragnar se situou em cima dela.

—OH, me beije! —pediu Cailin, e quando ele se inclinou para fazê-lo, cravou a adaga várias vezes nas costas.

Com um grunhido de surpresa, o homem caiu de lado. Estava ferido, mas não mortalmente.

—Maldita puta! —grunhiu. —Pagará pelo que tem feito!

Cailin ficou escarranchada sobre ele, agarrou sua cabeça pelo cabelo e com um movimento rápido cortou seu pescoço. A expressão de assombro desapareceu de seus olhos tão depressa que Cailin nem sequer estava segura de tê-la visto realmente. Desceu do espaço para dormir e ficou de pé, tremendo, contemplando ao homem morto, sem saber com certeza se na verdade estava.

Durante um comprido momento teve medo de que saltasse em cima dela, mas não foi assim. Estava morto. Morto seriamente. Tinha matado ao Ragnar Lança Potente. Tinha matado a um homem.

Cailin soluçou silenciosamente de puro alívio. Quando por fim se acalmou, se deu conta de que estava coberta do sangue daquele homem. Sentiu um calafrio de repugnância e, obrigando-se a fazer algo, cruzou a água-furtada, jogou água em uma bacia e se lavou com frenesi até que por fim se viu limpa de novo. Lavar-se e colocar roupa limpa contribuíram para que se sentisse um pouco melhor. Evitou olhar para onde Ragnar jazia morto em um atoleiro de sangue. Sentou-se junto a seu tear, dormindo de vez em quando devido ao esgotamento, até que os pássaros começaram a cantar à luz do amanhecer. Cailin despertou de repente e recordou o ocorrido a noite anterior.

O que ia fazer? Quando os homens do Ragnar descobrissem que tinha matado a seu chefe, e sem dúvida descobririam, a matariam. Jamais voltaria a ver o Wulf e a seus filhos. Lágrimas de nervosismo começaram a escorregar pelas bochechas. Não! Não permitiria que a matassem como a um coelhinho assustado.

Possivelmente poderia fugir de Caddawic antes que o cadáver de Ragnar fosse descoberto. Era muito cedo e não se ouvia ninguém no piso de abaixo. Podia baixar e esconder a escada da água-furtada. Todos suporiam que Ragnar estava descansando dos excessos da noite. Despertaria às outras mulheres e juntas cruzariam as portas com uma desculpa ou outra.

Não! Aquilo não sairia bem. Eram muitas para não levantar suspeitas. Não podia deixar às outras mulheres ali, pois seriam o alvo da ira dos homens do Ragnar. Iria procurar às duas garotas que se esconderam nas cozinhas e se reuniriam com as outras mulheres no porão do celeiro. Sim! Aquele plano era melhor. Ali ninguém as encontraria, e não tinha dúvida de que Wulf chegaria logo.

Cailin apartou os baús que cobriam a escotilha, correu o ferrolho e baixou. Fechou a escotilha com sigilo e, uma vez abaixo, retirou a escada. Onde podia escondê-la? Jogaria-a no poço! Jamais poderia voltar para a água-furtada. Não depois do que tinha acontecido ali naquela noite. Uma mão segurou com força seu ombro e Cailin lançou um grito de terror.

—Ovelhinha! Sou eu!

Ela se voltou, com o coração pulsando com violência, e viu Wulf. Atrás dele, os homens do Ragnar estavam encadeados e rodeados pelos homens de Caddawic.

—OH, Wulf! —exclamou com um soluço, desabando-se em seus braços. Ao cabo de uns instantes se recuperou e perguntou: —Como entrou em Caddawic? Os muros não estavam vigiados pelos homens do Ragnar?

—Entramos pelo mesmo lugar pelo que nossos homens saíram na outra noite. Há uma pequena escotilha em um barraco de vigilância. Conduz a um estreito túnel que há sob nossas defesas. Enviei Corio por mais homens. Na outra noite saíram por esse túnel. Então me explicaram com detalhe as defesas do Ragnar. Viemos por aí.

—Como é que eu não conhecia a existência desse túnel? —perguntou Cailin. —Tive que esconder às mulheres no porão sob o celeiro para as manter a salvo. Por que não me disse isso?

—Corio enviou Alberto em sua busca, ovelhinha, mas tinha desaparecido. Alberto não pôde fazer outra coisa que ir com outros. —explicou Wulf, mas Cailin não queria resolver o tema.

—Poderia ter dito às mulheres —insistiu, esquecendo que ela mesma as tinha oculto. —Tive que me encerrar na água-furtada para escapar às desagradáveis cuidados do Ragnar, teria gostado de me ter passeando pela casa e fazendo de amável anfitriã desse porco selvagem? —Estava furiosa.

—Mas ontem à noite não escapou a meu tio. —disse Aelfa mesquinhamente, com um desagradável sorriso no rosto. —Tem bastante bom aspecto, considerando a noite tão ativa que deve ter passado debaixo de meu tio.

—O matarei se te tocou! —exclamou Wulf.

—Eu já fiz.—declarou Cailin, e Aelfa empalideceu. —Não me violou, meu senhor, embora tentou.

—Como pode matar um homem tão corpulento? —perguntou seu marido. —Cailin dizia a verdade? perguntou-se.

—Cortei seu pescoço. —respondeu sem inflexão na voz.

—Com o que? —perguntou ele. Por todos os deuses, estava tão pálida...

—Minha voz interior não deixava de me falar. —começou. —Não sei por que o fiz, mas quando partiu para visitar as aldeias pus uma adaga debaixo do leito de plumas de nosso espaço para dormir. Quando ele me montou escarranchado, encontrei-o e o matei. Havia tanto sangue, Wulf! Jamais poderei voltar a dormir lá acima. Jamais! —rompeu em pranto.

Ele a consolou com carinho e quando ela se recuperou, disse:

—Tenho notícias, ovelhinha, e boas. —Então viu a mancha que se estendia em sua túnica e perguntou assustado: —Está ferida?

Cailin baixou o olhar e riu fracamente.

—Necessito do Royse. —disse. —Meus peitos transbordam de leite.

—Nellwyn o trará em seguida —disse ele, e a rodeou com um braço amoroso. —E também a Aurora.

—Quanto se querem, —observou Aelfa com um sorriso zombador, —mas o que será de nós? Eu gostaria de sabê-lo.

—Parece-me que recuperou a memória. —disse Wulf tratando de brincar.

Entraram na casa e se sentaram à mesa. Aelfa os seguiu, mas se situou ao lado do Haraldo.

—Nunca a perdeu, —disse Cailin. —me deixe te contar uma história que aprendi de menina. Nos tempos antigos, um rei grego chamado Menelau tinha uma formosa rainha que se chamava Helena. O rei era velho, mas amava a sua esposa. A rainha, entretanto, era jovem e se apaixonou por outro homem, mais jovem e arrumado, Paris. Fugiram à cidade do pai dele, Tróia. Estalou uma guerra entre a Tróia e vários poderosos estados gregos pela ofensa a Menelau e para recuperar Helena. Entretanto, Tróia era considerada inexpugnável. Umas muralhas enormemente altas a rodeavam, e havia bom fornecimento de água e comida. Durante muitos anos os gregos a sitiaram, mas não puderam tomá-la. Por fim concordaram com uma trégua e, em gesto de paz, ao partir os exércitos gregos deixaram um enorme cavalo de madeira sobre rodas para os troianos.

Os cidadãos de Tróia abriram as portas da cidade e levaram o cavalo. Todo o dia celebraram sua vitória sobre Menelau e seus aliados. Na escuridão da noite, quando todos dormiam, o exército grego, que se tinha oculto no ventre do cavalo troiano, saiu e tomou a cidade da Tróia sem mostrar clemência. Mataram a todos e destruíram a cidade. Aelfa foi o cavalo de Tróia do Ragnar. Deixou-se apanhar e fingiu não recordar nada de si mesma, só seu nome, para ganhar nossa simpatia. Logo se dedicou a seduzir nossos dois vigilantes porque não sabia qual deles estaria de guarda na noite que tinha planejado deixar entrar em seu tio e a seus homens em Caddawic.

—Alberto e Branhard me contaram o acontecido. —disse Wulf. —Perdoei aos dois. Aprenderam uma valiosa lição. —Olhou para os homens do Ragnar. —Agora tenho que decidir o que fazer com estes homens. Mato ou mostro clemência?

—Clemência, senhor! —gritaram os homens ao uníssono. —Clemência!

Cailin se inclinou e sussurrou algo a seu marido. —O irmão do Ragnar, Gunnar, acreditará que tirará proveito da morte de seu irmão; mas acredito que sua filha Aelfa é ambiciosa. Quererá as terras de seu tio para Haraldo, que será seu marido. Não há nenhuma maneira de inimizar a estes dois homens? Se estão ocupados brigando entre si não terão tempo para preocupar-se conosco. E não esqueçamos a nossa velha amiga Antonia Porcio. Essas terras eram suas antes que Ragnar as arrebatasse. Não acredito que Antonia esteja disposta a abandonar seus sonhos para seu filho Quinto, ainda.

Wulf sorriu.

—Verdadeiramente Flavio Aspar e Bizâncio perderam uma valiosa estrategista, ovelhinha. —Logo se voltou para seus prisioneiros com expressão feroz. —Ragnar Lança Potente morreu. —disse. —Haraldo Espada Rápida, me jura lealdade? Se o fizer, não me oporei a que fique com as terras de Ragnar. Acredito que é o herdeiro natural de seu amo. Seus filhos são muito jovens.

—E meu pai? —perguntou Aelfa. —Ele é irmão de Ragnar. Não deveria herdar as terras de meu tio?

—Por que quer que seu pai tenha o que poderia ter seu marido, Aelfa, Filha de Gunnar? Se Haraldo não reclamar as terras do Ragnar para si mesmo, jamais terá nada de sua propriedade. Se for o bastante forte para protegê-las de seu pai, por que tem que se importar? Não deseja ser uma grande senhora?

—Sou bastante forte para conservar essas terras. —se gabou Haraldo com voz potente, e se voltou para os outros homens. —Estão comigo? —perguntou, e todos gritaram seu assentimento. Haraldo se voltou de novo para Wulf e disse: —Então te jurarei lealdade, senhor, e manterei a paz entre nós. Aelfa, o que diz?

—Aceito! Faz tempo que decidimos você e eu, Haraldo, e se estava disposta a te aceitar quando não possuía terra, sem dúvida não te rechaçarei quando está a ponto de se converter em um grande senhor com propriedades.

—Então —disse Wulf, —libero a todos!

Os homens aclamaram com estrépito.

Beberam cerveja e brindaram pela paz entre o Wulf Punho de Ferro e Haraldo Espada Rápida. Depois começaram a se preparar para partir. Wulf chamou o Haraldo e disse:

—Tome cuidado com a Antonia. As terras que agora reclama pertenceram a sua família durante muitas gerações. Possivelmente poderia tomá-la como segunda esposa para mantê-la longe de outro homem que pudesse tentar conseguir essas terras através dela.

—Obrigado pelo conselho. —disse Haraldo. —Talvez não seja má ideia. Ragnar sempre dizia que tinha mau gênio, mas que fodia melhor que ninguém. Dadas as circunstâncias, devo me casar com ela ou matá-la. Pensarei.

—Será melhor que se case —aconselhou Wulf. —Ela e Aelfa brigarão constantemente e não se meterá em seus assuntos.

Haraldo riu.

—Possivelmente tenha razão. —declarou. —Sim! Com certeza tem!

Quando partiram a manhã começava a recuperar a normalidade, Wulf agarrou sua esposa da mão e a fez sair à luz estival. Passearam juntos entre o grão que madurava.

—Este incidente me tem feito compreender que não podemos ficar em Caddawic — disse. —É muito fácil atacá-la neste estreito vale. As colinas também nos constrangem. Encarreguei que construam uma nova casa no Branddun. Está situada sobre uma colina e o inimigo não poderá nos surpreender. Seguiremos cultivando estes campos e as hortas que em outro tempo pertenceram a sua família, mas já não viveremos aqui, ovelhinha. Se importaria muito?

Cailin negou com a cabeça.

—Não. —disse. —Embora tenha muitas lembranças felizes dela, a casa em que cresci já não existe. A terra está empapada do sangue de minha família e agora também do Ragnar. Não acredito que pudesse permanecer aqui embora me pedisse isso, meu senhor.

Ele assentiu, pormenorizado, e Cailin prosseguiu: —Em minha infância, os caminhos que os romanos construíram para unir as cidades que tinham erguido na Britania ficaram inseguros. Houve um tempo, que não está em minha memória, mas sem dúvida sim estava na de meu papai, em que esses caminhos eram seguros; mas quando as legiões partiram, com eles partiu também o modo de vida que tínhamos conhecido durante séculos. Ninguém teria se atrevido a atacar a propriedade do Gayo Druso de Corinio ou do Antonio Porcio nesse longínquo passado. Agora os tempos mudaram, Wulf, e seu povo é um povo diferente. Para sobreviver devemos mudar, e acredito que podemos fazê-lo sem sacrificar os valores que apreciamos. Você não é como Ragnar ou Haraldo. É um tipo de saxão diferente. Seus pés, como meus, não estão atados ao passado. Também você sonha com um futuro que a maioria nem sequer pode imaginar. Irei ditosa contigo a Branddun! Em Caddawic não fica mais que lembranças. Apagarei de minha mente as más e as deixarei para trás. As boas levarei sempre em meu coração. OH, Wulf! Estivemos a ponto de nos separar para sempre mais uma vez, mas os deuses permitiram que nos reuníssemos e nos amássemos de novo. Sou tão ditosa!

—Mamãe! —Aurora se aproximava correndo pelo campo para eles, ondeando ao vento seu sedoso cabelo dourado e suas perninhas roliças. —Mamãe!

Atrás ia Nellwyn com Royse.

Cailin agarrou sua filha em braços e a cobriu de beijos.

—Senti falta de você, carinho. — disse. —Você sentiu falta da mamãe?

—Os homens maus se foram? —perguntou Aurora com nervosismo.

—Se foram para sempre e nunca voltarão, prometo.—respondeu Cailin abraçando-a.

—Quando partiremos para Branddun? —perguntou Wulf a sua esposa, o coração cheio de amor por aquela valente mulher que era sua companheira.

—Hoje mesmo! —exclamou Cailin. —Ordena que os homens recolham nossas coisas da casa. Queimaremos tudo o que possamos e destruiremos o resto. Acabou.

—Aonde vamos? —perguntou Nellwyn quando chegou junto a eles.

Cailin agarrou Royse dos braços de sua criada elogiando sua valentia. Logo se sentou no chão e levou seu filho ao peito, enquanto Wulf explicava a Nellwyn o que tinham decidido. Quando terminou, e enquanto Royse chupava com ansiedade, Cailin disse a Wulf:

—Nellwyn necessita um marido. Quer que seja Alberto. Se ocupará disso, meu senhor?

—Farei —respondeu ele, —e de boa vontade! Sua lealdade salvou a vida de nossos filhos, Nellwyn. Não há recompensa suficiente. Alberto é um homem muito afortunado e assim o direi.

Wulf deu a ordem de esvaziar a casa e, quando começavam a fazê-lo, subiu à água-furtada. Ragnar jazia de costas, nu e branco como a neve. Havia sangue por toda parte. Wulf voltou à cabeça do homem. Seus olhos estavam totalmente abertos e havia neles uma expressão de surpresa. A ferida o tinha surpreendido. Ragnar tinha o pescoço talhado de orelha a orelha. Como o tinha feito Cailin? Sua delicada ovelhinha não parecia capaz de semelhante ato selvagem, mas não podia negar a evidência. Era sem dúvida uma ferida mortal, e não precisamente a classe de morte que um homem escolheria. No melhor dos casos, um homem morria na batalha.

No pior, de velho em sua cama. Morrer às mãos de uma frágil mulher era vergonhoso. Não haveria Valhalla para Ragnar. Provavelmente vagaria pelos subúrbios desse lugar para toda a eternidade. Cailin tinha razão. Seria difícil dormir e fazer amor no lugar onde Ragnar tinha tentado violá-la e onde o tinha matado.

—A casa já está vazia? —perguntou.

—Sim, meu senhor —respondeu uma voz. —Estamos preparados para incendiá-la.

—Me passem uma tocha —pediu Wulf. —Começaremos por aqui.

Quando foi entregue a tocha, prendeu fogo ao espaço para dormir onde jazia Ragnar. Logo jogou a tocha de um lado e, uma vez abaixo, ordenou a seus homens que jogassem fogo ao resto do edifício.

Saiu da casa em chamas e encontrou Cailin esperando, montada já em sua égua. Aurora ia sentada diante de sua mãe e Nellwyn na carroça, com o Royse em seus braços. Wulf olhou a sua esposa e ambos intercambiaram um olhar de silenciosa compreensão. Então ele olhou a seus filhos e sorriu. Aurora e Royse e os filhos que viriam depois eram um futuro prometedor. Já não tinha nada que temer. Acontecesse o que acontecesse, os anos vindouros se veriam cheios com seu amor e a esperança de um novo mundo.

Wulf montou seu cavalo e sorriu a sua esposa, e Cailin sorriu por sua vez. Com o apoio do amor de Wulf, pensou Cailin, poderia fazer frente a qualquer obstáculo e vencê-lo.

—Te quero. —disse com voz suave, e se emocionou quando ele respondeu:

—Eu também te quero ovelhinha.

Juntos se afastaram do sombrio passado e empreenderam o caminho para um radiante futuro.

FIM

SOBRE A AUTORA

Nascida em Manhattan, Bertrice Small viveu ao leste do Long Island durante 31 anos, lugar que adora. Sagitariana, casada com um pisciano, suas grandes paixões são a família, seus mascotes, seu jardim, seu trabalho e a vida em geral.

É autora de 41 novelas, 36 delas históricas, 3 de fantasia e 2 de romance contemporâneo, além de 4 histórias curtas de temática erótica. Os livros do Bertrice figuraram no mais alto das listas de vendas, sendo a autora uma habitual do *New York Teme*, o *Publishers Weekly*, o *USA Today*, e o *Los Angeles Teme*.

Recebeu numerosos prêmios entre os que se destaca o Romantic Teme por toda sua carreira em 2004, um Silver Pen, um Golden Leaf e vários Romantic Teme concedidos pelos leitores. Bertrice Small é uma autora muito envolta com a comunidade literária e é membro, entre outros, do The Authors Guild, Romance Writers of America, PÃO, e PASIC, uma seção do RWA dedicada a ajudar a novos escritores.

